

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO TECNOLÓGICO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO**

EDITE KRAWULSKI

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO
PSICÓLOGO: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício
cotidiano do trabalho**

FLORIANÓPOLIS, 2004

EDITE KRAWULSKI

**CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO
PSICÓLOGO: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício
cotidiano do trabalho**

**Tese apresentada junto ao
Programa de Pós-Graduação
em Engenharia de Produção
da Universidade Federal de
Santa Catarina, Área de
Concentração Ergonomia,
como requisito parcial à
obtenção do título de Doutor.**

ORIENTADORA: PROF^a. DR^a. ZULEICA MARIA PATRÍCIO

FLORIANÓPOLIS, 2004

TERMO DE APROVAÇÃO

EDITE KRAWULSKI

CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO: vivendo as “metamorfoses do caminho” no exercício cotidiano do trabalho

Por decisão unânime, esta tese foi julgada adequada e aprovada em sua forma final para a obtenção do grau de Doutor em Engenharia de Produção, área de concentração Ergonomia, no Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 09 de dezembro de 2004.

Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini
Coordenador do Programa de Pós-Graduação

Banca Examinadora:

Profª. Drª. Zuleica Maria Patrício
Orientadora – UFSC/Unisul

Profª. Drª. Maria Chalfin Coutinho
Moderadora - UFSC

Profª. Drª. Marilu Diez Lisboa
Instituto do Ser - SP

Profª. Drª. Leila Amaral Gontijo
PPGEP - UFSC

Profª. Drª. Maria da Graça Corrêa Jacques
UFRGS

Profª. Drª. Dulce Helena Pena Soares
UFSC

Dedico esta tese aos meus pais, que, embora nunca tenham freqüentado a academia, sempre valorizaram a busca do saber. Com tal atitude, inculcaram-me o gosto pelo estudo e estimularam-me a iniciar e levar a cabo tão difícil e maravilhosa empreitada.

AGRADECIMENTOS

Diversas são as pessoas e instituições que contribuíram direta ou indiretamente no processo de elaboração desta tese. Cabe externar agradecimentos:

à Universidade Federal de Santa Catarina, pela concessão do afastamento para formação que permitiu desenvolver este estudo com qualidade de vida;

à Prof^ª. Dr^ª. Zuleica Maria Patrício, grande orientadora, ser humano sensível, pesquisadora competente, pela sapiência de suas orientações e pela solidariedade em dividir seus livros e seu vasto conhecimento, sempre;

ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, na pessoa do Prof. Francisco Fialho, orientador anterior, pela acolhida em seu quadro discente;

ao Paulo Renato, marido, pelo carinho, apoio, cumplicidade, compreensão e, principalmente, pela retaguarda na condução de nossos filhos e de nosso espaço privado;

ao Paulo Vitor, filho, pelas tantas visitas ao escritório com seu sorriso sincero de menino, mesmo quando a intenção era saber se podia usar o computador...;

à Jéssica, por todos os beijos trazidos ao chegar da pré-escola, e pelos desenhos maravilhosos produzidos para a mãe doutoranda – sem dúvida um jeito de estar mais perto dela...;

aos irmãos Cris, José Francisco, Tininha e Elvira, pelo interesse e estímulo à produção do trabalho, mesmo de longe;

aos colegas do Núcleo Transcriar, pela amizade e solidariedade, especialmente àqueles mais abertos a trocas: Adolfo, Ana Helena, Eliane, Auristela, Tetê, Suely...;

ao Gaspar e à Maria Cristina Bonazzina, pelas contribuições e sugestões quando da apresentação do Pré-Projeto desta tese em Banca Solidária ao Núcleo Transcriar;

aos Professores Maria da Graça Jacques, Maria Chalfin Coutinho e Álvaro Lezana, pelas contribuições e sugestões quando do Exame de Qualificação do Projeto desta tese;

à Suely Grosseman, pela ajuda objetiva e sugestões em parte deste trabalho;

ao Conselho Regional de Psicologia – 12^a Região, pela receptividade e abertura para fornecer informações sobre a clientela-alvo deste estudo;

à Dulce, à Carmen, ao Silvio, ao Roberto, à Cida, à Maria, à Denise, ao Tuto, ao Edmilson, ao Mauro e à Juracy, colegas de docência do Departamento de Psicologia, pelo interesse e apoio ao meu trabalho;

aos dezesseis psicólogos que aceitaram participar do estudo, pela espontaneidade de seus depoimentos e pelo aprendizado em que se tornou o processo de levantamento de dados;

à Karine e à Beatriz, auxiliares de pesquisa, pela dedicação, seriedade e ética no trabalho de transcrição de dados;

a tantos “amigos da vida” – Lúcia Helena, Carla, Adolfo, Eliane, Cacá, Marisa, Clesar, Donato, Augusto, Sabrina, Lauro, entre eles – que cotidianamente se interessaram pelo processo de doutoramento e, muitas vezes sem saber, ajudaram muito, com a presença, um e-mail, um toque, uma dica, uma pergunta, uma palavra, um puxão de orelhas ou um gesto de afeto...;

ao José Renato, pela atenção e minuciosidade no trabalho de revisão do texto;

aos componentes da banca, pela disponibilidade em participar na avaliação desta tese, e pela qualidade das reflexões trazidas na sessão de defesa;

por último, mas por primeiro, ele o sabe, a Deus, sem o qual nada disso teria sido possível!

**Perguntam-me pela felicidade. Respondo: o que faz a
diferença é se aquilo que fazemos como trabalho é feito ou
por obrigação de profissão ou amor de vocação.**
(Rubem Alves, 2003)

RESUMO

KRAWULSKI, Edite. **Construção da identidade profissional do psicólogo: vivendo as “metamorfozes do caminho” no exercício cotidiano do trabalho.** 2004. 206 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Considerando a preponderância do lugar ocupado pelo trabalho no processo de viver dos trabalhadores e na construção da sua identidade profissional, esta tese teve como objetivo compreender como o psicólogo constrói sua identidade profissional, a partir de suas vivências enquanto ser humano trabalhador e dos significados que atribui à sua profissão. Mediante uma abordagem qualitativa, com trabalho de campo, do tipo multicase, no período de setembro de 2003 a abril de 2004, a pesquisa utilizou como técnicas de levantamento de dados a entrevista semi-estruturada e, complementarmente, registros gráficos livres. Os participantes foram trabalhadores psicólogos do município de Florianópolis, de ambos os sexos, que se encontram no exercício da profissão, nas suas diversas áreas de intervenção, com mais de cinco anos de formados. No processo de análise houve a identificação de categorias referentes ao significado de ser psicólogo, à escolha pela Psicologia como profissão, às vivências profissionais da trajetória e ao significado dessa trajetória na construção da identidade profissional. Ser psicólogo significa ajudar as pessoas, atuando em relações interpessoais específicas que permitam conhecer e compreender sua essência e seu comportamento. Escolher Psicologia decorreu de elementos da história pessoal, da detenção de características, capacidades e habilidades, do gosto em lidar com pessoas e, até, da expectativa de resolução dos próprios problemas. A trajetória profissional foi iniciada pela busca por inserção no mercado de trabalho, que se apresentou como um momento de dificuldades, principalmente relacionadas à insegurança e ao despreparo para atuar, no qual se constatou a insuficiência do preparo acadêmico. Foram buscadas pelos trabalhadores as seguintes “ferramentas” de apoio: supervisão, psicoterapia e cursos de formação. O cotidiano de trabalho em Psicologia é caracterizado pela diversidade de tarefas e pela dualidade cansativo, pesado e “insano”, por um lado, e gratificante, rico e desafiador, por outro. A trajetória de trabalho significou a possibilidade de dar maior consistência à identidade profissional, a partir dos elementos de base do momento da escolha, da formação acadêmica, dos estágios e da própria experiência pessoal. Do processo de análise, reflexão e síntese dessas categorias emergiram como temas “os impasses entre o querer ser, o saber, o fazer e o saber-fazer” e “o fazer transformando o ser”. A análise permitiu compreender o processo de construção da identidade profissional do psicólogo na perspectiva do desenvolvimento e transformação do ser trabalhador pelo seu fazer. Essa transformação, que se expressa no modo como a profissão “impregnou” a vida pessoal dos psicólogos, produzindo modificações em sua percepção de mundo, em seus valores e na própria postura diante da vida, foi um processo que envolveu um movimento constante de construir-desconstruir-reconstruir significados da profissão, e que implicou reconhecer e assimilar as “metamorfozes” ao longo do percurso profissional. Os dados encontrados podem constituir-se em elementos de reflexão às agências formadoras e aos Conselhos Profissionais, inclusive de outras profissões. Para a Ergonomia, esses dados podem indicar a necessidade de ser mais bem considerada a questão da identificação entre o trabalhador e a atividade profissional que desenvolve, como forma de aprofundar sua apreensão de questões a respeito da relação homem-trabalho.

Palavras-chave: psicologia. Trabalho. Identidade profissional

ABSTRACT

KRAWULSKI, Edite. **The construction of the professional identity of the psychologist:** living the “metamorphosis of the way” in the daily performance of the work. 2004. 206 f. Dissertation (Doctorate in Production Engineering) – Program of Post-Graduation in Production Engineering at the Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

Considering the preponderance of the place occupied by work in the living process of workers and in the construction of professional identity, this thesis had as its objective the comprehension of how the psychologist builds his/her professional identity taking into consideration his/her sociability as a worker human being and the significance he/she attributes to his/her profession. This research was developed according the qualitative approach, with fieldwork of multicases type, during the period of September 2003 to April 2004, making use of semi-structured interviews and, complementarily, free graphic registers as the technique to gather the data. The participants were psychologist workers from the city of Florianópolis, from both sexes, who have been graduated and acting as a psychologist, and in its diverse areas of intervention, for more than five years. In the analysis process, categories referring to the significance of being a psychologist, to the choice for Psychology, to the professional living course, and to the significance of this course in the construction of the professional identity were identified. To be a psychologist means to help people, acting in specific interpersonal relations that allow the person to understand his/her essence and behavior. Choosing Psychology arouse from personal historical elements, characteristics holding, capacities and abilities, the taste for dealing with people, and, even, the expectation of solving personal problems. The professional course started from the search for insertion in the working field and ended as difficulty moments, mainly related to the insecurity and to the inexperience to perform, in which insufficient academic preparation was detected. Supporting tools such as supervision, psychotherapy and background courses were sought by workers. The daily work in Psychology is characterized by the diversity of tasks and by the duality: on the one hand, tiring, heavy and “insane”, on the other, gratifying, rich and challenging. The course of the work denoted the possibility of giving a larger consistency to the professional identity, from the basis elements from the choosing moment, the academic background, the internships and the personal working experience. “The deadlocks between the desire to be, knowledge, performing and performing-well” and “to perform transforming to be” emerged as themes from the analysis, reflection and synthesis process of the categories. The process of professional identity construction of the psychologist was comprehended within the perspective of development and transformation of the worker human being through his/her performance. This transformation, which is expressed by the manner the profession “infused” psychologist’s personal life, producing modifications in his/her perception of the world, in his/her values and his/her own position towards life, was a process which involved a constant movement of constructing-deconstructing-reconstructing significances in the profession, and which implied in recognizing and assimilating the “metamorphosis” through the professional route. The data that emerged here may constitute of reflection elements for former agencies and for the Professional Council, including other professions. In relation to Ergonomics, these data may indicate the need for better considering the issue of identification between the worker and the professional activity that is developed, as a manner of deepen its apprehension of issues in respect to man-work relationship.

Key words: psychology. Work.. Professional Identity.

SUMÁRIO

RESUMO	8
ABSTRACT	9
1 INTRODUÇÃO: da Gênese do Tema à Estrutura do Estudo	11
2 MARCO TEÓRICO	23
2.1 O ser humano e sua identidade	23
2.2 Trabalho e identidade profissional.....	29
2.3 Trabalho e identidade profissional do psicólogo.....	35
3 PRESSUPOSTOS DO ESTUDO.....	42
4 CAMINHO METODOLÓGICO	44
4.1 Abordagem, caracterização e tipo do estudo.....	44
4.2 Preceitos éticos do estudo	49
4.3 Participantes e local de realização da pesquisa	50
4.4 O processo de Entrar, Ficar e Sair do Campo	54
4.4.1 Entrando no Campo: fase exploratória e estudo piloto	56
4.4.2 Ficando no Campo: levantamento, registro e análise dos dados	61
4.4.3 Saindo do Campo: análise final e devolução dos dados	68

5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS PSICÓLOGOS DO ESTUDO	72
5.1 O significado de ser psicólogo	74
5.2 A escolha pela Psicologia.....	77
5.3 As vivências profissionais da trajetória	87
5.4 O significado da trajetória na construção da identidade profissional	116
6 UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÕES ENTRE O QUERER SER, O SABER, O FAZER, O SABER-FAZER E O SER	130
7 SÍNTESE FINAL E RECOMENDAÇÕES	160
APÊNDICES	180
APÊNDICE A – Carta de Apresentação e Solicitação de Participação	181
APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	183
APÊNDICE C – Formulário de Entrevista Semi-Estruturada	185
APÊNDICE D – Subsídios às questões norteadoras da Entrevista	187
APÊNDICE E – Formulário para registros da pesquisadora	190
ANEXOS	192
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos	193
ANEXO B – Representações gráficas da trajetória profissional produzidas por psicólogos do estudo	196

1 INTRODUÇÃO: da Gênese do Tema à Estrutura do Estudo

*Ao começar meus estudos me agradou
tanto o passo inicial, a simples
conscientização dos fatos, as formas, o
poder de movimento, (...) o passo inicial,
torno a dizer, me assustou tanto e me
agradou tanto que não foi fácil seguir
adiante...*

(Walt Whitman, apud Rubem Alves, 1999)

O tema desta tese – construção da identidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de trabalho – foi gerado em um contexto que, pelas suas especificidades e mudanças de percurso que comportou, merece aqui ser brevemente resgatado.

Os primeiros movimentos no percurso rumo ao Doutorado derivaram, sobretudo, de imperativos externos, vinculados às circunstâncias profissionais e suas exigências de qualificação. De início, não havia muita mobilização para a empreitada, em razão das peculiaridades do contexto pessoal e familiar, especialmente, a condição de ter filhos pequenos demandando atenção e cuidados.

No entanto, na medida em que foram sendo assimiladas a idéia e a necessidade de cursá-lo, em paralelo à definição de onde fazê-lo, passou-se a observar melhor o cotidiano de trabalho e suas nuances, para dele extrair um tema de tese interessante e relevante. O Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP) da própria UFSC foi escolhido em função de sua proposta interdisciplinar, além da oferta da área de concentração em Ergonomia, a qual possibilitaria a continuidade de estudos a respeito da temática do trabalho, nas interfaces com os conhecimentos da Psicologia sobre este assunto, tarefa iniciada anteriormente por ocasião do Mestrado. Uma vez aceita no Programa, a pesquisadora foi apresentada àquele que num primeiro momento viria a ser o professor orientador, Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho, com uma proposta de pesquisa denominada *“Psicólogo ajuda, atrapalha ou tanto faz? Possibilidades, limites e perspectivas de intervenção da psicologia nas organizações”*.

A temática dessa primeira proposta decorreu das experiências profissionais vividas pela pesquisadora durante um longo período de atuação como psicóloga organizacional em uma instituição de grande porte, quando reflexões e questionamentos relativos ao trabalho do profissional psicólogo nesse contexto sempre afloravam.

Vivências posteriores na docência em Psicologia, por sua vez, deram corpo a essas preocupações, porém as estenderam às atividades do psicólogo de um modo genérico, uma vez que no trabalho de sala de aula ou na supervisão a alunos e estagiários do curso de Psicologia, estes cotidianamente externavam sua ansiedade diante da questão de ser psicólogo, do seu papel profissional, do acerto ou não de sua escolha por essa profissão e da obscuridade quanto ao que encontrariam na realidade pós-formatura, ao começarem suas atividades profissionais¹. Sucessivas experiências de ser paraninfa, patronesse ou professora homenageada de turmas de formandos de Psicologia também oportunizaram contato próximo com a ansiedade, as dúvidas e as expectativas por eles manifestadas relativamente a essas mesmas questões.

No trabalho junto ao Laboratório de Informação e Orientação Profissional da UFSC (LIOP), por outro lado, o contato com pré-vestibulandos em processo de escolha profissional levou a pesquisadora a perceber que, entre estes, aqueles que escolhiam Psicologia traziam igualmente dúvidas importantes sobre a prática profissional do psicólogo e as peculiaridades que cercam o exercício dessa profissão.

Com esse crescendo de inquietações a respeito do ofício de psicólogo, geradas nesse conjunto de experiências, o projeto de pesquisa inicial foi abandonado, por considerar-se que, limitando o estudo ao campo da psicologia organizacional, não seria possível compreender a inserção, o fazer e a trajetória do psicólogo no mundo do trabalho a partir de uma perspectiva ampla, sendo necessário, portanto, construir uma outra proposta.

Naquele momento, a experiência de cursar a disciplina “Métodos Qualitativos de Pesquisa” conduziu a identificar na abordagem qualitativa instrumentos que permitiriam a aproximação com essa realidade de modo mais aprofundado. O crescente interesse pelos recursos dessa abordagem levou, então, a um “namoro” com a docente da disciplina, professora Zuleica Maria Patrício, pautado no desejo de tê-la como orientadora. Esse desejo foi concretizado ao final de 2001, com a mediação de colegas que já tinham essa condição e com o aval do Professor Fialho, o qual incentivou “ir atrás” das afinidades temáticas e metodológicas.

Dessa mudança de orientador decorreu o início da experiência de fazer parte do Transcriar: Núcleo de Estudos Participantes do Processo de Viver e Ser Saudável²,

¹ É possível se considerar que esses mesmos sentimentos se façam presentes também em recém-formados de outras áreas profissionais.

² Informações adicionais sobre esse Núcleo encontram-se em www.transcriar.com.br.

coordenado pela Prof^a. Zuleica, participação essa que tem proporcionado interações, vivências e aprendizados significativos, que se refletiram no processo e no produto deste trabalho e o enriqueceram.

Voltando àquele momento, no entanto, pouco adiantava ter o instrumental para o “como” desenvolver o estudo sem uma definição mais precisa de “o quê” estudar! Minayo (2000) ajudou no entendimento de que “nada pode ser intelectualmente um problema, se não tiver sido, em primeiro lugar, um problema da vida prática” (p. 17). Segundo essa autora, as questões de investigação relacionam-se a interesses e circunstâncias, e são frutos de determinada inserção no real, onde encontram suas razões e objetivos. Nessa mesma linha de concepção, auxiliou Demo, que, ao teorizar sobre a escolha de um tema de pesquisa, afirma: “este ato se perde sempre nos recônditos da subjetividade, embora se possa fundamentar a escolha com argumentos pertinentes” (DEMO, 1985, p. 77).

Lüdke e André (1986), a esse respeito, assinalam que, “como atividade humana e social, a pesquisa traz consigo, inevitavelmente, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador” (p. 3). Os argumentos desses autores legitimaram o interesse em entender a singularidade do trabalho da categoria profissional dos psicólogos, pois essa questão fazia parte do conjunto das experiências objetiva e intersubjetivamente vividas até então.

As demais disciplinas cursadas também contribuíram para a redefinição do projeto, na medida em que colocaram a pesquisadora em contato com literatura, abordagens de compreensão da realidade e colegas que proporcionaram encontros, trabalhos, seminários e discussões extraclasse, o que permitiu direcionar, amadurecer e validar a idéia de um novo estudo³.

Princípios do referencial holístico-ecológico⁴ (PATRÍCIO, 1996) igualmente auxiliaram o processo de construção de outra proposta, na medida em que mostraram a possibilidade de adoção de uma perspectiva ampla ao se eleger um fenômeno como foco de investigação, reconhecendo e considerando toda a complexa e dinâmica teia de inter-relações que o envolve.

³ Os resultados do trabalho de tese de Grosseman (2001) foram particularmente significativos nesse processo de redefinição de projeto. Essa autora buscou em seu estudo compreender os significados do desejo de ser médico na sua satisfação com o trabalho, e o conhecimento da trajetória desses profissionais mostrou-lhe a amplitude de fatores envolvida na experiência de ser profissional de cada um deles.

⁴ Esse referencial pressupõe a possibilidade de integrar várias áreas do conhecimento, reconhecendo que, nessa amplitude de abordagem, embora não sendo possível dar conta de compreender toda a complexidade da vida e de seus fenômenos particulares, pode-se buscar compreender o máximo possível de um dado fenômeno, através do conhecimento das múltiplas dimensões e conexões que expressam essa situação (PATRÍCIO, 1999a).

Aos poucos, chegou-se à compreensão de que a perspectiva ampla a partir da qual se queria pesquisar o fazer de psicólogos relacionava-se à construção da sua identidade profissional, e poderia se concretizar através da investigação de como é vivenciado esse processo e de qual a trajetória percorrida, a partir do início das atividades de trabalho, cotidianamente.

Alguns dados conceituais e relativos à história e realidade dessa profissão em nosso país fazem-se necessários à compreensão do tema pesquisado. A preocupação com questões de natureza psicológica já existia entre os povos primitivos, que consideravam a existência da alma como entidade responsável pelas manifestações de natureza subjetiva. Desde então, a Psicologia e as idéias psicológicas foram se constituindo ao longo de todo um percurso, propondo-se a compreender e explicar os fenômenos psíquicos e o próprio comportamento humano, por meio de um conjunto de conhecimentos e de práticas.

Bock (1999) define a Psicologia como “um conjunto de idéias, perguntas e respostas sobre a subjetividade humana, construído ao longo do tempo e que carrega em si as marcas desse tempo, exatamente por ser uma construção histórica” (p. 61).

Segundo Pessotti (1975), seu desenvolvimento no Brasil se deu a partir de iniciativas isoladas, num primeiro momento, como os primeiros trabalhos acadêmicos com temáticas dessa disciplina nas Faculdades de Medicina da Bahia e do Rio de Janeiro, ainda na primeira metade do século XIX. Desde então, segundo esse autor, outros estudos sobre assuntos de Psicologia, vinculados às áreas de Neurologia, Psiquiatria, Higiene Mental e Psicometria, culminaram com intervenções em instituições de saúde, particularmente hospitais psiquiátricos, e com as primeiras aplicações de provas de nível mental, aptidão e de outros testes, em contextos da educação e do trabalho. Esse momento mostra como, a partir da Medicina e das Ciências Naturais, a Psicologia buscava firmar-se como campo de conhecimento e estabelecer parâmetros próprios de estudo.

A partir de 1934, com a criação da Universidade de São Paulo, a Psicologia passa a ser disciplina obrigatória de ensino superior nos cursos de Filosofia, Ciências Sociais, Pedagogia e em todos os cursos de licenciatura. Por volta de 1950, a Universidade do Rio Grande do Sul passa a ter a primeira disciplina de Psicologia nos cursos de Medicina e logo em seguida foram criados laboratórios e serviços de Psicologia Aplicada em várias faculdades do país.

Em 1954 criou-se a Associação Brasileira de Psicólogos, e o Arquivo Brasileiro de Psicotécnica publicou um anteprojeto de lei sobre formação e regulamentação da profissão, prevendo cursos de bacharelado e licenciatura em Psicologia Educacional, Clínica e do

Trabalho. Em 1962 a atividade de Psicólogo foi regulamentada como profissão, através da Lei Federal nº 4.119, de 27 de agosto (CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA, 2002).

Em 40 anos desde sua regulamentação, essa profissão tem travado amplas discussões e debates, sobre questões como seus espaços de atuação no cenário ocupacional, limites e possibilidades de intervenção e mesmo a caracterização do psicólogo enquanto profissional. No que se refere a este último aspecto, é preciso considerar que, por ser uma profissão jovem, o próprio fazer da Psicologia se encontra, de certo modo, em processo de formação e definição de uma identidade. Mesmo em campos tradicionais de atuação, tarefas que lhe seriam específicas comumente se misturam às práticas de outros profissionais, e o psicólogo, em seu cotidiano de trabalho, com frequência ocupa posições periféricas ou coadjuvantes no desenvolvimento de sua prática profissional. Somam-se a esse quadro as transformações decorrentes da globalização e suas repercussões nas relações de trabalho e no desenho das ocupações, que atingem também a Psicologia (MALVEZZI, 2000).

Atualmente, a categoria dos psicólogos no Brasil soma 125.397 profissionais registrados, segundo o Conselho Federal de Psicologia (2003a, dados de junho de 2002), dos quais aproximadamente 4.100 estão no Estado de Santa Catarina, sendo que mais de um quarto desse número se concentra no município de Florianópolis e em seu entorno⁵.

Analisando a trajetória da Psicologia, Bock (1999, p. 75) localiza na década de 1970 um momento em que “os psicólogos já não são mais médicos, padres ou professores”, e a partir do qual ocorre a consolidação de uma identidade profissional, pela diferenciação do saber e do fazer dessa categoria em relação a outras, uma vez que se introduz, de certo modo, um parâmetro para a profissão, a ser observado pelos seus profissionais, por meio da identificação.

Para essa questão, contribui o Código de Ética Profissional do Psicólogo, na medida em que se propõe a fornecer princípios básicos para fundamentar e orientar o exercício profissional. Segundo o Conselho Federal de Psicologia, tal Código “é a expressão da identidade profissional daqueles que nele vão buscar inspirações, conselhos, normas de conduta” (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2003b).

As bases da identidade profissional da categoria assentam-se, portanto, na especificidade de seus conhecimentos e de suas práticas, como também em suas normas, os

⁵ Os dados sobre Santa Catarina foram fornecidos pela Presidente do Conselho Regional de Psicologia – 12ª Região, em entrevista concedida à pesquisadora, em maio de 2003.

quais, em conjunto, fornecem elementos de referência aos psicólogos na construção dessa identidade. No entanto, como essa construção agrega também o percurso da formação acadêmica e elementos constituintes da história pessoal do psicólogo, pode-se conjecturar que se trata de um processo que ocorre de modo idiossincrásico, vindo a desenvolver-se somado às experiências decorrentes da inserção e interação nos diferentes contextos do cotidiano de trabalho, com as nuances acima colocadas.

Elementos constitutivos da identidade do psicólogo enquanto profissional podem ser buscados a partir do conhecimento da abordagem teórico-metodológica que pauta suas atividades, ou, por outro lado, conhecendo-se os diferentes locais de sua intervenção, como a escola, a empresa, o hospital, o manicômio, o consultório, entre outras possibilidades. Com efeito, essas duas vertentes, que indubitavelmente retratam o cotidiano de trabalho do psicólogo e fornecem elementos esclarecedores sobre sua prática, constituíram categorias segundo as quais foram conduzidas expressivas pesquisas sobre atuação profissional em Psicologia no Brasil (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1988; 1992; 1994).

Não obstante sua importância, tais pesquisas não lançaram luz sobre a questão da identidade profissional dos psicólogos, por não se deterem ou não contemplarem o cotidiano de trabalho em sua trajetória e com suas vivências, muito embora a própria Psicologia reconheça o papel profissional como um componente significativo na construção da identidade pessoal e social e o impacto da identidade com o fazer na estruturação desse papel no mundo do trabalho. A esse respeito, Martin-Baró (1985) destaca que o trabalho é, atualmente, a atividade que mais organiza as relações humanas, estabelecendo importantes determinações para essas interações. Complementa esse autor afirmando que, entre os grupos aos quais o indivíduo se refere regularmente, aqueles ligados ao seu trabalho são centrais para sua socialização, já que grande parte das interações sociais do indivíduo acontece no interior desses grupos, os quais tendem a produzir um código informal de conduta, crenças, valores e práticas que o referenciam e que orientam sua ação.

Segundo a concepção de Jacques (1996), a identidade de trabalhador se constitui precocemente, pela identificação com modelos adultos ou ainda através da inserção no mundo do trabalho, de tal modo que o exercício de uma atividade profissional se substancia e se presentifica, passando a constituir-se em qualificações àquele ser trabalhador e em predicados que lhe definem (ser psicólogo, por exemplo) e se incorporam ao seu eu. Bonazina (1999, p. 118), por sua vez, ressalta que “o trabalho pode instituir

modos de ser, de pensar e de agir que têm nele uma referência para a análise do sujeito e, também, delimita as formas de expressão da subjetividade” (grifo da autora).

A partir da conclusão da sua formação acadêmica, o psicólogo, de modo análogo ao que ocorre com outros trabalhadores, busca se inserir na teia das relações produtivas, em cuja trama percorre sua trajetória laboral de modo peculiar. Nesse percurso, lhe é possível desenvolver sua identidade profissional, inclusive na medida em que passa a partilhar o sentimento de pertença a um grupo específico, o qual tende a legitimar o seu exercício profissional.

Assim, este estudo deteve-se no seguinte **problema de pesquisa: como o psicólogo constrói sua identidade profissional no cotidiano de seu trabalho, tendo em vista suas vivências enquanto ser humano trabalhador e os significados que atribui à sua profissão?**

O propósito de compreender como a identidade profissional se constrói a partir das vivências do cotidiano de trabalho, tomou como pano de fundo a idéia⁶ de que, desde que ingressam no mundo do trabalho, as pessoas têm sua vida organizada predominantemente pela sua ação produtiva, isto é, pelo desenrolar de suas atividades profissionais, as quais passam a ser reguladoras das demais.

Levando-se em conta a subjetividade da relação do ser humano trabalhador com o seu trabalho, e a importância da trajetória profissional na atribuição de significados à profissão, o **objetivo geral** desta tese foi “Compreender como o psicólogo constrói sua identidade profissional no cotidiano de seu trabalho, tendo em vista suas vivências enquanto ser humano trabalhador e os significados que atribui à sua profissão”.

Os **objetivos específicos** foram: identificar o que é ser psicólogo para os participantes do estudo; identificar junto a psicólogos o modo como se deu o processo de escolha pela profissão; e identificar as vivências do cotidiano de trabalho de psicólogo e o significado destas na construção de sua identidade profissional.

O **caminho metodológico** do estudo consubstanciou-se na abordagem qualitativa de pesquisa, em vista de sua adequação ao propósito de compreender um fenômeno social produzido nas e pelas interações cotidianas de trabalho, compreendendo também o processo de atribuição de significados a esse fenômeno (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

⁶ Essa idéia denota o lugar estratégico que o trabalho ocupa no modelo societário vigente, a despeito do retraimento do emprego assalariado e das transformações em curso ou já ocorridas nesse contexto, conforme será melhor abordado adiante.

Participaram do estudo trabalhadores psicólogos do município de Florianópolis que se encontram no exercício da profissão, atuando em diversas áreas da Psicologia e que estão formados no mínimo há cinco anos.

Considera-se que **este estudo se justifica** a partir de dois aspectos diferentes, um deles relacionado à sua pertinência e importância para a Ergonomia, e o outro à carência de estudos sobre o tema focalizado. No que se refere ao primeiro aspecto, são apontadas a seguir algumas razões pelas quais se considera este estudo pertinente à Ergonomia e como pode contribuir no estreitamento da interface entre essa área e o campo da Psicologia, que tem sido operacionalizada por meio de pesquisas focalizando a questão do trabalho humano enquanto campo comum de estudos.

Do ponto de vista etimológico, o termo Ergonomia significa estudo das leis do trabalho, pois deriva das palavras gregas *ergon* (trabalho) e *nomos* (regras). Conforme definição da Associação Brasileira de Ergonomia (ABERGO), a Ergonomia objetiva “o estudo das interações do homem com o trabalho, máquinas, equipamentos e meio ambiente, visando melhorar a segurança, conforto e eficiência das atividades humanas” (PPGEP, 2003, p. 2). Wisner (1994, p. 87) localiza o seu nascimento na “necessidade de responder a questões importantes levantadas por situações de trabalho insatisfatórias”.

Essa disciplina constituiu-se desde seus primórdios como ciência aplicada, tomando emprestado de campos como a Psicologia do Trabalho e a Fisiologia seus fundamentos teóricos. Sua metodologia clássica de estudos e intervenção é a análise ergonômica do trabalho, a qual, segundo Wisner (1994), embora apresente variações, comporta etapas de importância e dificuldade diferentes, sendo a principal delas a análise das atividades e da situação de trabalho.

Desde os primeiros contatos com a Ergonomia, percebeu-se que essa área prioriza dimensões objetivas em seus estudos sobre a relação homem-trabalho, concernentes às atividades e à situação de trabalho, sem dispensar, muitas vezes, a atenção merecida a aspectos como o modo subjetivo de os atores sociais se relacionarem com o seu trabalho e lhe atribuírem significados⁷.

⁷ No contexto brasileiro, a literatura contemplando as questões da subjetividade e dos aspectos psicossociais do trabalho ainda é escassa na Ergonomia. A grande maioria dos 161 trabalhos constantes dos Anais de Resumos do XI Congresso Brasileiro de Ergonomia, realizado em Gramado (RS), no período de 2 a 6/9/2001, nem sequer se refere a essas questões. Merece destaque, nesse conjunto, o trabalho de Paraguay e Martinez, em que as autoras apontam a necessidade de que os estudos ergonômicos contemplem simultaneamente aspectos da organização do trabalho e do ambiente psicossocial, “e que contem com a participação do trabalhador como elemento necessário no processo de análise ergonômica” (PARAGUAY; MARTINEZ, 2001, p. 10).

Com relação a este aspecto, a primeira tese de doutorado em Ergonomia, produzida na Universidade de São Paulo, em 1992, já alertava para a importância de se considerar, além das máquinas e equipamentos utilizados para transformar os materiais, também toda a situação em que ocorre o **relacionamento entre o ser humano e seu trabalho** (PPGEP, 2003, grifo da pesquisadora). Quando os estudos ergonômicos abordam tão-somente aspectos físicos relacionados às cargas de trabalho, seus parâmetros, por se localizarem nas tarefas, nas atividades, no posto de trabalho e não no trabalhador, podem assumir um caráter predominantemente corretivo, não informando muito acerca do que representa o trabalho humano, resultando insuficientes para atender de modo mais efetivo ao propósito da Ergonomia de adaptar o trabalho ao ser que trabalha.

Mais recentemente, algumas iniciativas da Ergonomia e da própria Psicologia do Trabalho têm buscado analisar o trabalho a partir de suas condições de exercício e também de seus efeitos para os trabalhadores (LEPLAT, 1986). Defende esse autor que a análise do trabalho só tem sentido se se buscar as formas de expressão nas condutas do próprio trabalho, enquanto expressão social representativa da experiência humana, que inclua analisar os processos e significados da ação humana construída nesse trabalho.

Por sua importância em nosso país, merecem ser destacados, aqui, os estudos e contribuições de Dejours (2000, 1994, 1992), inclusive com a formulação de métodos de análise do trabalho, embora, em função de suas concepções teóricas, fundamentadas na Psicanálise, esse autor privilegie a compreensão do trabalho a partir dos aspectos do sofrimento que ele gera e das estratégias defensivas desenvolvidas pelos trabalhadores.

Reportando-se ao cotidiano de trabalho, este estudo contemplou elementos ergonômicos, embora a partir de recursos metodológicos que diferem do método clássico da Ergonomia, na medida em que se examinou, de certo modo, uma situação de trabalho, e buscou-se compreender o trabalho que os indivíduos realizam, a qualidade das relações que com ele estabelecem e o modo como os trabalhadores estruturam sua prática profissional e vivenciam suas relações de trabalho, construindo assim sua identidade profissional.

É nesse sentido que este estudo pretende ter contribuído, pois, ao buscar a subjetividade do ato de trabalhar, representou uma leitura de ressignificação das relações de trabalho, conspirando em prol da emergência de um outro modelo de relações de trabalho, não necessariamente novo, mas que considere a subjetividade do ato de trabalhar. Do ponto de vista da Ergonomia, poderá ainda ser ampliada sua base de conhecimentos sobre o trabalho agregando-se a compreensão expressa por Patrício et al. (1999), de que a

vida de trabalho de um indivíduo está interconexa com as outras dimensões de seu processo de viver individual-coletivo.

A atenção a aspectos subjetivos da relação homem-trabalho remete à inclusão da abordagem psicológica aos problemas encontrados nessa relação (MERLO; JACQUES; HOEFEL, 2001). A esse respeito, é importante lembrar o quanto a literatura na área da Saúde Mental e Trabalho é pródiga em apontar disfunções psíquicas de trabalhadores, associadas à trajetória e às circunstâncias da vida laboral, em muitos casos por representarem ameaças à sua identidade de trabalhador, bem como estatísticas indicadoras de crescimento dos casos de afastamento do trabalho motivados por tais disfunções (CODO; SAMPAIO, 1995; CODO; SAMPAIO; HITOMI, 1994; SELIGMANN-SILVA, 1994). Em vista dessas repercussões das vivências do cotidiano de trabalho na saúde física e no funcionamento psíquico do trabalhador, a atenção à subjetividade do trabalho e aos aspectos psicossociais vêm ocupando um espaço crescente nos estudos e práticas sobre essa relação.

No que se refere ao segundo aspecto motivador desta pesquisa, a literatura contempla estudos abordando a questão da identidade profissional, no campo da Psicologia e também em outras áreas, podendo ser citados o trabalho de doutoramento de Cerisara (1996), no campo da educação, e os estudos de Moreira (1998/1999) e de Elaine Santos (2001), sobre a constituição da identidade profissional na Enfermagem.

Não obstante a relevância de estudos como os acima mencionados na exploração dessa temática, muitas referências registradas na literatura a este respeito, contudo, abordam de fato o que Caon (2002) define como identidade legal, isto é, exigências e cumprimento de formalidades relativas a documentos e/ou requisitos a um determinado exercício profissional, sem mencionar as perspectivas constitutiva, subjetiva e processual dessa identidade.

No campo da Psicologia, especificamente, entre os estudos que abordam a questão das representações sobre a profissão de psicólogo ou sobre a atuação desse profissional, alguns explicitam a temática da identidade profissional e a discutem, enquanto outros apenas tangenciam o assunto e outros ainda nem mesmo a ele se referem (ABDALLA, 1998; SANTOS, 1994; LEME; BUSSAB; OTTA, 1989; MELLO, 1983).

Abdalla (1998) buscou investigar como o aluno de Psicologia constrói em suas atividades discentes, cotidianamente, as representações sobre a futura profissão, para, desse modo, compreender a identidade formada nesse processo. Partindo do pressuposto de que “o aluno de Psicologia constrói, no cotidiano de sua atividade discente na universidade, a

sua identidade profissional” (p. 15), essa autora pesquisou o modo como esse processo ocorre, concluindo que as atividades curriculares do curso influenciam a construção de uma identidade profissional mais abrangente, que vai além da visão estereotipada dos alunos ingressantes.

Enquanto a maioria desses estudos teve como sujeitos estudantes de graduação em Psicologia, no presente estudo investigou-se o processo de construção da identidade profissional junto a psicólogos, os quais se considera que mais concretamente podem expressar-se sobre a experiência e o significado de serem psicólogos e o modo como se apropriaram das suas tarefas e de seu universo de trabalho com suas especificidades, mostrando as vivências desse processo ao longo de seu exercício profissional, cotidianamente.

A investigação empírica junto a esses trabalhadores pautou-se na idéia de que

pensar sobre o exercício de uma profissão implica em considerar, no plano individual, **o processo de socialização profissional** que estabelece as capacitações, atitudes e crenças dos seus integrantes e o modo como a comunidade profissional estrutura-se e funciona. O processo conflui no estabelecimento de uma identidade, por definição, comum ao segmento, respaldada nas instituições que a representam (ZANELLI, 1994, p. 113, grifo da pesquisadora).

Quanto às suas **finalidades**, espera-se que este estudo se consubstancie em produção de conhecimento científico sobre a relação do ser humano com seu trabalho, de modo genérico, e especificamente no que concerne aos trabalhadores psicólogos. Como tal, pode vir a fornecer elementos de discussão sobre o exercício profissional em Psicologia que subsidiem avaliações sobre as atuais modalidades de inserção profissional ou a necessidade de adoção de novas práticas nesse campo.

O produto final desta pesquisa pode igualmente ser útil como subsídio a reflexões sobre a formação acadêmica em Psicologia e sobre a composição ou reformulação de currículos de cursos de graduação. Pode ainda auxiliar como norteador de ações no campo da orientação profissional, na forma de informação a ser disponibilizada para pessoas que pretendem escolher a Psicologia por profissão. Tais resultados podem ainda realimentar a prática pedagógica dos docentes de graduação em Psicologia, na medida em que poderão levar aos discentes informações empíricas que lhes permitam reflexões acerca do exercício profissional para o qual estão se preparando.

Esta tese apresenta a seguinte **Estrutura**:

Segundo Capítulo: marco teórico, trazendo considerações a respeito do ser humano e sua identidade, da articulação entre trabalho e identidade profissional e do

trabalho do psicólogo e da construção de sua identidade profissional. Esse capítulo não se pretendeu exaustivo dessas temáticas, considerando-se, com Bogdan e Biklen (1994, p. 105), que nos estudos qualitativos é, geralmente, desnecessária uma longa revisão da literatura, pois “nas fases iniciais de um estudo não se pode saber qual a literatura a articular com os dados relevantes que venha a obter”.

Terceiro Capítulo: apresentação dos pressupostos que fundamentaram o estudo.

Quarto Capítulo: explanação do caminho metodológico adotado.

Quinto Capítulo: dados empíricos sobre a construção da identidade profissional dos trabalhadores psicólogos.

Sexto Capítulo: discussão dos dados empíricos encontrados, em sua dialogia com os pressupostos do estudo e com contribuições da literatura.

Sétimo Capítulo: apresentação da síntese final e recomendações para intervenções e estudos futuros.

2 MARCO TEÓRICO

O que ocorre é que os dados não são a origem das teorias. Elas não surgem deles. Dados são apenas provocações – peças avulsas de um quebra-cabeça – que sacodem a imaginação, pedindo-lhe que ela resolva o enigma. E o que é o enigma? A totalidade, o quadro geral que organiza os dados e lhes dá sentido.
(Rubem Alves, 2000)

A idéia de um marco teórico, em pesquisa qualitativa, é de reunir elaborações que sirvam como um referencial que permita ao pesquisador estabelecer perguntas fundamentais para a compreensão da realidade empírica (MINAYO, 1992). Nessa perspectiva, a revisão da literatura aqui trazida teve por fio condutor a busca de uma melhor compreensão a respeito da relação do ser humano com o seu trabalho e da construção da identidade profissional nessa relação. Sem pretender abordar à exaustão essa temática, buscaram-se contribuições teóricas sobre o ser humano e sua identidade, articulações entre trabalho e identidade profissional e o trabalho do psicólogo e sua identidade profissional.

2.1 O ser humano e sua identidade

A questão da identidade é bastante ampla, e vem sendo estudada por áreas como a Sociologia, a Antropologia, a Psicologia e a Filosofia, além de outras Ciências Sociais. Essa questão pode ser considerada como inerente à própria condição humana, pois emerge em praticamente todas as situações do cotidiano, na medida em que a identidade do outro reflete na minha e vice-versa.

Especificamente no campo da Psicologia, recorreu-se a contribuições de autores com enfoques teóricos da Psicologia Social e do campo dos Estudos Culturais, para obter bases compreensivas sobre como o ser humano, ao longo de seu desenvolvimento bio-psico-social, passa a ter uma identidade.

Para os teóricos da Psicologia Social, a identidade pode ser definida como um conjunto de características próprias de um indivíduo, que o tornam diferente de outros e que vão sendo construídas nas e pelas relações sociais, bem como através dos diferentes papéis que esse indivíduo desempenha ao longo de sua trajetória existencial.

A esse respeito, Berger e Luckmann (2002) assinalam que a identidade “é objetivamente definida como localização em um certo mundo e só pode ser subjetivamente apropriada **juntamente** com esse mundo” (p. 177, grifo do autor).

Coutinho (1999) aponta que no campo da Psicologia Social os estudos sobre identidade, com frequência, articulam-se àqueles referentes ao processo de socialização dos seres humanos, como forma de interiorização do mundo objetivo, o que se justifica, segundo essa autora, pelo fato de que “cada pessoa, com suas características singulares, se constrói através desse processo, constituindo sua identidade pessoal através das relações sociais” (p. 31-2).

O processo de socialização é definido por Martín-Baró (1985) como “os processos psicossociais através dos quais o indivíduo se desenvolve historicamente como pessoa e como membro de uma sociedade” (p. 115, tradução da pesquisadora). Destaca esse autor que a socialização é, antes de tudo, um processo de desenvolvimento histórico que se caracteriza sempre por uma concretude temporal e espacial, isto é, tem lugar numa dada sociedade, num dado grupo ou classe social, numa determinada época e numa conjuntura específica. Nessa demarcação contextual a pessoa vai se configurando e se desenvolvendo num processo de afirmação de sua individualidade, sendo a sociedade não algo externo à identidade pessoal e sim elemento configurador dessa identidade.

Martín-Baró (1985) faz distinção entre o desenvolvimento da identidade pessoal e o da identidade social, vinculando ambos ao processo de socialização. Assim, uma vez que a socialização marca o indivíduo com os valores e costumes próprios do agrupamento social com o qual ele está interagindo, o autor assinala a impossibilidade de que uma identidade pessoal não seja ao mesmo tempo e pelo mesmo processo uma identidade social, pela questão da pertença a um contexto específico. Em suas palavras,

por ello la identidad es primero y sobre todo una pertenencia objetiva: al ser parte de un grupo la persona adquiere el carácter peculiar de esse grupo así como desarrolla aquellos aspectos específicos que el grupo hace posibles (MARTÍN-BARÓ, 1985, p. 118).

A importância dessa inserção social no desenvolvimento da identidade é igualmente ressaltada por Ciampa (1986), ao afirmar que

o homem como espécie é dotado de uma substância que, embora não contida totalmente em cada indivíduo, faz deste um participante dessa substância, já que cada homem está enredado num determinado modo de apropriação da natureza no qual se configura o modo de suas relações com os demais homens (CIAMPA, 1986, p. 68).

A concepção de ser humano a partir da qual esse autor elabora suas idéias fica clara em sua afirmação de que “é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade” (CIAMPA, 1986, p. 72).

Ciampa (1987) define a identidade humana como metamorfose, isto é, um processo permanente de formação e transformação do sujeito, que ocorre dentro de condições materiais e históricas dadas, a partir de uma concretude que contempla as dimensões temporais presente, passado e futuro, num movimento constante. Essa noção de metamorfose, conforme o autor, traz em seu bojo o conceito de alterização, no sentido de tornar-se outro, isto é, de desenvolver uma identidade a partir de mudanças. Assim, sua compreensão do que seja a identidade traz à cena as noções de diferença e igualdade, uma vez que o ser humano vai se igualando e se distinguindo constantemente no processo de vir-a-ser, enquanto fenômeno social por excelência que o situa perante os diferentes grupos dos quais faz parte e também perante suas ações.

Ao conceituar identidade, Ciampa (1987) conceitua o próprio ser humano: “O humano é sempre **uma porta abrindo-se em mais saídas**. O humano é vir-a-ser humano. Identidade humana é vida! Tudo o que impede vida impede que tenhamos uma identidade humana” (p. 36, grifo do autor). Na sua concepção, portanto, o ser humano é alguém permanentemente em busca da concretização de uma identidade.

Codo (1996) alinha-se nesta mesma perspectiva de pensamento, ao destacar que a abordagem do que seja a identidade nos remete imediatamente à indagação “quem sou eu?” e à resposta “quem sou eu em relação ao outro”, uma vez que, “com a identidade, as relações objetivas com o mundo e com o outro determinam objetivamente em nós a diferença subjetiva entre cada um de nós e todos os outros” (p. 28).

Pautado pelas idéias de Ciampa (1986; 1987), Codo (1996) afirma que a identidade se constrói em um jogo de igualdades e semelhanças entre o eu e o outro, no qual permanentemente ocorre atribuição de significados, e cada significado coloca as condições objetivas para um outro jogo de espelhamentos entre tais igualdades e diferenças.

Realçando a importância do contexto sócio-histórico nesse processo, Ciampa (1987) afirma que a tentativa de compreensão do indivíduo isolado levará sempre a uma

abstração, uma vez que a identidade se concretiza na atividade social, no ser-no-mundo, no mundo das relações, na materialidade das interações, pois todo ser é um ser-em-relação, sendo estas interações fornecedoras de padrões identificatórios. Em suas palavras,

cada indivíduo encarna as relações sociais, configurando uma identidade pessoal. Uma história de vida, um projeto de vida. Uma vida-que-nem-sempre-é-vivida, no emaranhado das relações sociais. [...] No seu conjunto, as identidades constituem a sociedade, ao mesmo tempo em que são constituídas, cada uma por ela (CIAMPA, 1987, p. 127).

Abordando mais recentemente a questão, Ciampa (1998) reafirma a identidade como metamorfose constitutiva do sujeito, que o localiza no mundo e se dá sempre como relação¹, tanto sincrônica como diacrônica, articulando subjetividade e objetividade. O autor ressalta que não se trata de metamorfose como processo natural (como o da borboleta), mas de processo histórico e social, que se dá fundamentalmente como produção de sentido:

o processo de formação e transformação da identidade pessoal é central para o processo de reprodução da vida humana, implicando a reprodução da cultura, da sociedade e do indivíduo, três elementos distintos, mas indissociáveis como produtos e ao mesmo tempo como produtores de sentido (CIAMPA, 1998, p. 93).

Mais adiante, ele esclarece como isso se processa: “O indivíduo chega a se constituir como pessoa, capaz de se afirmar como um eu, sempre pela articulação das personagens que encarna nos sistemas de papéis, ao ocupar lugares determinados, previamente constituídos pela – e constituintes da coletividade” (CIAMPA, p. 96, grifo do autor). Nessa perspectiva, segundo o autor, cada pessoa, como singularidade, concretiza em sua particularidade o universal, sintetizando as múltiplas influências que recebe nos diferentes momentos de vida.

As noções de diferença e igualdade e a questão do reconhecimento da diferença em relação ao outro são centrais nas contribuições dos teóricos da Psicologia Social a respeito da questão da identidade. O sentimento de si mesmo e a vivência da diferença são, portanto, elementos indissociáveis, constituintes do processo de construção da identidade individual, constantemente mantida, modificada e remodelada no processo de viver.

¹ Na compreensão da teoria psicodramática, a constituição da identidade individual também é considerada como um processo essencialmente relacional, o que traz subjacente uma concepção de ser humano como um ser em relação, ou seja, cuja dimensão individual não pode ser compreendida sem sua dimensão social. Esse *locus* social é uma espécie de placenta que fornece as possibilidades de relacionamento com o meio, sendo constituída por aspectos de ordem psicológica, social, econômica e cultural que delineiam o contexto onde o indivíduo vai iniciar seu processo de diferenciação e individualização como ser humano e o desempenho de papéis, construindo, desse modo, sua identidade (MORENO, 1982; MORÉ, 1992).

Mas essa noção de identidade como um processo construído individualmente, que pressupõe um sujeito autônomo e unitário, vem sendo questionada por teóricos do campo dos Estudos Culturais, os quais argumentam que as identidades modernas estão entrando em colapso, porque um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas desde o final do século passado, trazendo como resultado a fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos forneciam sólidas localizações como indivíduos sociais. Essas transformações provocam mudanças também nas identidades pessoais, ao desestabilizar a idéia que a pessoa tem de si própria como sujeito integrado, fazendo-a perder a estabilidade do sentido de si mesma (HALL, 2001).

Esses teóricos apontam a centralidade da cultura na constituição da subjetividade, da própria identidade e da pessoa como um ator social. Segundo Guareschi et al. (2003),

A questão do sujeito nessa perspectiva passa a ser pensada através da cultura, dentro dela. O sujeito é constituído no interior da representação. Isto equivale a dizer que as identidades sociais são um resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou que nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico (GUARESCHI et al., 2003, p. 45).

O foco na cultura como componente das identidades e dos processos de subjetivação gera uma compreensão de identidade como algo múltiplo, instável e dependente da adesão a grupos, afirmando uma identidade coletiva, e não mais como uma realização individual, ligada ao conceito de soberania do sujeito. A esse respeito, Bernardes e Hoenisch (2003) esclarecem que, segundo a perspectiva dos Estudos Culturais, a cultura é pensada no domínio simbólico, na produção de significações, constituindo visões de mundo que, ao se constituírem como tal, constituem também posições-de-sujeito neste mundo. “Nesta perspectiva dos Estudos Culturais, as práticas culturais são constituidoras de identidades e subjetividades. A cultura não é um anexo, mas sim uma interpeladora, recrutando-nos a determinadas posições-de-sujeito” (BERNARDES; HOENISCH, 2003, p. 112).

O conceito de subjetividade associado à identidade, segundo Bernardes e Hoenisch (2003), surge como reflexo da crítica pós-estruturalista à soberania do sujeito (sujeito unitário). Na compreensão desses autores,

Subjetividade não é o ser, mas os modos de ser, não é a essência do ser ou da universalidade de uma condição, não se trata de estados da alma, mas uma produção tributária do social, da cultura, de qualquer elemento que de

algum modo crie possibilidades de um “si”, de uma “consciência de si”, sempre provisória. (...) São modos pelo qual o sujeito se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade (BERNARDES; HOENISCH, 2003, p. 117).

Segundo Boaventura Santos (2001), a subjetividade é o nome pós-moderno da identidade, uma vez que é por meio da primeira que a última se manifesta. Em suas palavras, “cada um de nós é uma rede de sujeitos em que se combinam várias subjetividades [...]. Somos um arquipélago de subjetividades que se combinam diferentemente sob múltiplas circunstâncias pessoais e coletivas” (p. 107). Essa compreensão da noção de identidade associada à noção de subjetividade remete a uma pluralidade enquanto modos de ser sujeito, a partir da combinação e/ou integração de diferentes subjetividades.

O termo identidade, na perspectiva dos Estudos Culturais, só se torna possível se pensado em relação à diferença (WOODWARD, 2004), ou seja, identidade e diferença são tomadas relacionalmente, de modo que só apreendemos um conceito a partir do outro.

Com relação a esse aspecto, Silva (2004) argumenta que a diferença não é produto da identidade, mas tanto uma quanto a outra resultam de um processo.

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer “o que somos” significa também dizer “o que não somos”. A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora (SILVA, 2004, p. 82).

Segundo essa perspectiva, portanto, a identidade é uma construção histórica e cultural, que passa a ser constituída em uma rede discursiva e não em essências, expressando-se na forma como nos tornamos algo ou alguém em uma determinada composição de grupo, etnia, raça, gênero, família ou profissão.

2.2 Trabalho e identidade profissional

Na linguagem cotidiana, a palavra trabalho possui muitos significados², com frequência antagônicos, considerando-se seus aspectos positivos e negativos, quase sempre conotando a ação do homem para sobreviver e realizar-se.

O trabalho pode ser concebido como o exercício da atividade humana, quaisquer que sejam a esfera e a forma sob as quais essa atividade seja exercida. Como atividade essencialmente humana, esse fenômeno social apresenta como característica principal sua ação transformadora e a capacidade de modificação de um dado aspecto da realidade. Em certo sentido, trabalhar é desafiar a realidade, procurando superá-la e buscando inserir-se no espaço da socialidade.

Segundo Oliveira (1987), a história do trabalho tem início quando o homem busca os meios de satisfazer suas necessidades, de maneiras particulares a cada momento histórico. As alterações ocorridas na concepção e nas atividades de trabalho, ao longo dos tempos, processaram-se no bojo das grandes mudanças estruturais da sociedade, que foram exigindo dos trabalhadores novos modos de agir e de fazer.

Nesse contexto, a Revolução Industrial, ocorrida a partir do último terço do século XVIII, figura como o acontecimento ao qual se atribui influência decisiva na configuração do trabalho tal qual se apresenta atualmente, na medida em que instaura o modelo de mercado na base da atividade laboral humana e a lógica do lucro como sua principal finalidade, firmando-se a ideologia do progresso e iniciando-se o processo de submissão do trabalho ao capital (KRAWULSKI, 1991).

Na sociedade capitalista dos últimos dois séculos, o trabalho tem se caracterizado por responder principalmente a exigências de ordem econômica, que o destituem de finalidades presentes em outros arranjos sociais e em outros momentos históricos.

A partir das duas últimas décadas do século XX, mudanças estruturais alteraram o âmago do processo produtivo e o trabalho direta e indiretamente envolvido na produção, não apenas criando novas e restritas relações de trabalho, mas também acentuando as características de exclusão econômica e social do sistema capitalista. “Estas alterações afetariam o conjunto do mundo do trabalho: suas relações no interior do processo

² Uma abordagem pormenorizada dos diferentes significados e sentidos do trabalho, inclusive do ponto de vista etimológico, foi desenvolvida por ocasião dos estudos de mestrado da pesquisadora (KRAWULSKI, 1991).

produtivo, a divisão do trabalho, o mercado de trabalho, o papel dos sindicatos, as negociações coletivas e a própria sociabilidade de um sistema baseado no trabalho” (MATTOSO, 1994, p. 522).

Segundo Antunes (1999), o mundo do trabalho e o mercado de trabalho sofreram transformações muito profundas, desde os anos 1970, vigorando hoje uma crise em cujo contexto a forma de produção dominante no setor industrial e mesmo nos serviços exhibe sinais de esgotamento, pois o “binômio taylorista-fordista já não era mais capaz de manter a dinâmica do processo de acumulação em escala mundial, mantendo altos índices de crescimento” (p. 56). Essas mutações afetaram muito profundamente o mundo do trabalho, expressando-se particularmente na intensificação da exploração do trabalho e num processo de precarização dos direitos do trabalhador, agravado por questões como a empregabilidade e a informalização do trabalho.

Com essas conotações vigentes na atual conjuntura societária, o trabalho coloca-se como expectativa social às pessoas desde o nascimento, na medida em que se espera delas que, no momento oportuno, ocupem um lugar no mundo do trabalho e contribuam para a manutenção do processo produtivo. Essa compreensão do trabalho permite considerá-lo como uma instituição social, instituída e instituinte, à qual é inerente o seu caráter transformador, na perspectiva de que, ao trabalhar, o ser humano transforma algo e, do mesmo modo, é transformado como resultado desse ato, que se justifica não apenas a partir da dimensão econômica, mas considerando-se também dimensões outras, de caráter subjetivo, muito embora o parâmetro de ordem econômica, no atual arranjo societário, esteja inevitavelmente tramado nas demais dimensões.

Desse modo, a identidade profissional resulta, predominantemente, da vinculação do ser humano a uma atividade laborativa, considerados o contexto e as características dessa atividade, bem como seus reflexos nesse sistema identitário.

Ressaltando o papel do trabalho na subjetividade, Codo e Sampaio (1995) afirmam que “nossa construção como indivíduos e como elementos sociais, através do trabalho, mostra-se particularmente clara na moderna sociedade industrial e liberal. Ser médico, secretária, professor, comerciante, motorista de ônibus ou bancário faz parte indissolúvel de nossa identidade social [...]” (p. 317). Para esses autores, não apenas o modo como o trabalho é executado (a atividade e seu processo de realização), mas também o que resulta desse trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana, e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio.

Em pesquisas a respeito de características identificatórias próprias da classe operária e/ou de determinadas categorias profissionais, Sainsaulieu (1988), articulando referenciais da Psicologia e da Sociologia com o objetivo de elucidar questões relativas a identidade e trabalho, concluiu que o exercício de determinadas atividades e o convívio com determinadas relações sociais constituem “modos de ser” que qualificam os pares como iguais (reconhecido o espaço para a expressão de diferenças individuais, naturalmente) e se expressam em similitude de comportamentos, de linguagem, de indumentária e mesmo de conduta, sendo tais qualificações constitutivas da sua identidade profissional. Assim, existiria uma interdependência entre as identidades individuais, que emergem nas relações interpessoais, e as coletivas, derivadas do lugar social ocupado por indivíduos que têm em comum elementos desse lugar, havendo, então, uma interiorização da experiência social.

Na concepção de Jacques (1996), a centralidade do trabalho na atual conjuntura faz com que essa identificação com as atividades profissionais apresente-se à consciência do indivíduo como elemento definitório de grande significado na configuração de sua identidade. Discorrendo sobre a articulação entre identidade e trabalho, Jacques (1996) assinala que esses dois temas possuem em comum interpretações controvertidas de ordem conceitual, extensivas à sua etimologia:

O vocábulo identidade (do latim **idem**, o mesmo, a mesma) propõe uma noção de estabilidade que se contrapõe à processualidade e ao caráter de construção permanente que lhe são próprios. Sugere, ao mesmo tempo, o igual e o diferente, o permanente e o mutante, o individual e o coletivo. [...] O termo trabalho propõe, também, uma associação controvertida relacionada a sofrimento e a transformação da natureza através da atividade humana (do latim **tripalium**, instrumento de tortura e instrumento agrícola de cultura de cereais) (p. 41-42, grifo da autora).

Para Jacques (1996), em vista de os seres humanos estarem inscritos em um contexto sócio-histórico que exalta o ato de trabalhar e lhe valora positivamente, a articulação identidade e trabalho é inegável, pois o cotidiano laboral, com suas determinações, qualifica o personagem trabalhador e lhe permite, à pergunta “quem és?”, responder: “sou músico”, “sou motorista”, “sou psicólogo”! Em suas palavras

a importância e exaltação máximas conferidas ao trabalho na sociedade ocidental concedem ao papel do trabalhador lugar de destaque entre os papéis sociais representativos do eu. [...]. Na vida adulta, a inserção no mundo concreto do trabalho aparece como seqüência lógica de uma vida “adaptada” e “normal” e como atributo de valor. [...] Os diferentes espaços de trabalho oferecidos vão se constituir em oportunidades diferenciadas para a aquisição de atributos qualificativos da identidade de trabalhador (JACQUES, 1996, p. 42, 44).

Problematizando a temática trabalho e construção da identidade, Coutinho (1999) pergunta-se até que ponto a identidade dos trabalhadores é previamente construída ou, de outro modo, reflete as imposições da situação de trabalho. Essa autora focaliza a situação de trabalhadores inseridos em organizações de trabalho, discutindo os efeitos das pressões exercidas por essas organizações, com sua cultura e valores, sobre a identidade dos trabalhadores. No entanto, considera-se essa discussão pertinente também para além das fronteiras organizacionais, permitindo pensar sobre as repercussões do trabalho na identidade dos trabalhadores não apenas a partir da natureza da relação de trabalho que estabelecem, mas da natureza de suas atividades ou mesmo da qualidade do envolvimento requerido à pessoa em seu ofício profissional.

Na compreensão de Coutinho (1999), não obstante as transformações por que passam as relações sociais e econômicas trazerem em seu bojo o debate sobre a centralidade da categoria trabalho, este ainda ocupa lugar de destaque no imaginário coletivo, permanecendo como uma categoria importante na compreensão de diversos fenômenos sociais, entre os quais a questão da identidade. Em suas palavras, “existe estreita vinculação entre os aspectos psicológicos e sociais da vida humana, configurando uma relação dinâmica entre o mundo subjetivo e o mundo social, onde as transformações de um são, ao mesmo tempo, causa e efeito das transformações do outro”. Assim, “da mesma forma como o sujeito se transforma e se identifica a partir de seu trabalho, este também é determinado pela identidade (individual e coletiva) daqueles que o realizam” (COUTINHO, 1999, p. 39). Reconhece, então, essa autora, a existência de uma relação de mútua determinação entre trabalho e identidade, de modo tal que transformações em um dos pólos sugerem que simultaneamente o outro pólo também esteja mudando.

Ressaltando a necessidade de articulação entre as dimensões objetiva e subjetiva do ato de trabalhar, Codo (1996) igualmente considera o trabalho como elemento fundamental na construção da identidade, uma vez que a atividade laboral humana é necessariamente mediada. De modo diferente dos animais, cuja atividade é imediata, para os homens e mulheres o vínculo do sujeito que trabalha com o objeto do seu trabalho se abre através de mediações, construindo um “signo que fica”, um significado. Em suas palavras,

trabalho é uma atividade humana por excelência; o modo como transmitimos significados à natureza, a identidade, demanda os significados para se estabelecer. Trabalho comparece, portanto, como um dos elementos essenciais na constituição da identidade (apesar de não ser o único) (CODO, 1996, p. 29).

Ciampa (1987), por sua vez, define o trabalho como “o dar-se do homem, que assim transforma suas condições de existência, ao mesmo tempo em que seu desejo é transformado” (p. 201). Embora não aborde diretamente a temática da identidade profissional, esse autor também destaca a importância conferida ao trabalho em nossa sociedade, ao explicitar sua compreensão de que “nossa inserção no mercado de trabalho quase sempre sela um destino, é um componente forte na configuração de uma identidade” (CIAMPA, 1987, p. 232).

Na concepção de Ciampa (1986), “é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador. [...] nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática” [...] (p. 64). Num primeiro momento, segundo esse autor, a identidade pode ser tomada por um traço estático que define o ser, algo imediato e imutável, tal como ocorre com o nome próprio que identifica as pessoas. No entanto, tal identidade, inicialmente associada ao nome que distingue os seres, vai adotando outras formas de predicções, como papéis, especialmente, os quais são interiorizados.

Estas formulações de Ciampa (1986; 1987) auxiliam na reflexão sobre o quanto com o fazer profissional os indivíduos vão estruturando e reestruturando sua identidade, num processo dinâmico e contínuo. A idéia de que o indivíduo é o que ele faz reporta diretamente à questão da identidade profissional, através da pergunta que se faz o autor: “nós nos tornamos algo que não éramos ou nos tornamos algo que já éramos e estava como que embutido dentro de nós?” (CIAMPA, 1986, p. 61, grifo do autor).

Esse questionamento remete à formulação de um outro, fundamental para este estudo: quando/onde se inicia a construção da identidade profissional? Para a maioria dos autores aqui abordados, a identidade pessoal fornece suas bases, associada às experiências da formação acadêmica, período durante o qual ocorre como que uma tomada de consciência acerca do papel profissional a ser inaugurado.

No processo de aprendizagem de uma profissão, a pessoa aprende tanto os conhecimentos e habilidades requeridos para o seu exercício como indícios sobre o modo de vivê-la. Assim, pode-se considerar que a profissão representa muito mais do que um conjunto de aptidões e funções, constituindo também uma forma de vida a ser assumida, uma vez que a relação entre o trabalhador e sua profissão é caracterizada pelo envolvimento, pelo sentimento de identidade e de adesão aos seus objetivos e valores. A possibilidade que o trabalhador experimenta de perceber os resultados de seu trabalho reforça os laços de envolvimento com suas tarefas.

Caon (2002) estabelece diferenças entre identidade legal e identidade profissional importantes nessa discussão. Segundo ele, a identidade legal decorre de um diploma e de um registro em um Conselho Profissional, condições que, uma vez satisfeitas, habilitam o profissional para realizar seu trabalho. A identidade profissional, por sua vez, é constituída pelo desejo, pela prática, pela supervisão, pela formação continuada, podendo apoiar-se numa identidade legal ou ser acompanhada por ela, como é habitual. Para o autor, é ilusória a busca da identidade legal sem que se cuide da identidade profissional, pois, ao contrário da primeira, que está pronta ao serem cumpridas as exigências legais, esta última constitui processo contínuo, não se encerra jamais, sendo sustentada por uma formação permanente. Ainda segundo Caon (2002), o desafio da identidade profissional vem de professar, e se constitui no desafio da própria vida, pois, sem o professar a profissão, a identidade legal não passaria de uma forma de charlatanismo disfarçado e legalizado.

Se a identidade profissional tem importantes sementes lançadas durante o período de formação acadêmica, por um lado, por outro ela começa a ganhar certa consistência a partir da inserção no mundo do trabalho, momento em que as pessoas passam a experimentar as tarefas e atividades consideradas da alçada da profissão para a qual obtiveram aquela formação. É, portanto, na trajetória profissional de trabalho, cotidianamente, que se pode localizar a efetiva expressão dessa identidade, pois é no contexto do trabalho com as características já abordadas que ocorre a articulação entre a identificação com o futuro-fazer e as experiências de fazer, e em que condições objetivas darão os contornos e a medida entre aquilo que se queria ser e aquilo que efetivamente se consegue ser enquanto ser humano trabalhador.

Algumas concepções de Schein (1996) auxiliam na compreensão da identidade profissional emergindo do cotidiano de trabalho. De acordo com ele, uma carreira não implica apenas seguir uma profissão e construir uma vida profissional bem estruturada e progressiva, mas também “a maneira como a vida profissional de uma pessoa desenvolve-se ao longo do tempo e como é vista por ela” (SCHEIN, 1996, p. 19). Esse autor entende que a carreira tem diversas fases, abrangendo desde as primeiras idealizações sobre a futura vida profissional, ainda na infância, até a aposentadoria.

Segundo a compreensão de Schein (1996), “as pessoas entram no mercado de trabalho com muitas ambições, esperanças, medos e ilusões, mas com relativamente poucas informações válidas a seu próprio respeito, especialmente sobre sua capacidade e talento” (p. 32). Porém, ainda de acordo com ele, é no desenvolvimento profissional que a identidade se afirma, a partir do conhecimento, por parte de cada pessoa, das suas

inclinações profissionais, isto é, da auto-imagem em relação à própria carreira. Em suas palavras,

Os primeiros anos em um emprego representam um período decisivo de aprendizado não só no que se refere à profissão em si ou à organização, como também do indivíduo em relação às exigências do trabalho. [...] Muitos sonhos que a pessoa tinha a respeito do trabalho e em relação a si mesma podem não coincidir com o que ocorre em suas experiências profissionais, causando o choque da realidade, um fenômeno observado nos primeiros anos de todas as ocupações (SCHEIN, 1996, p. 33, grifo do autor).

As colocações de Schein (1996) sobre o desenvolvimento profissional aproximam-se da noção de trajetória profissional aqui abordada, por contemplar tanto os desejos e aspirações do profissional quanto as condições externas onde o exercício profissional vai se desenrolar, com suas possibilidades e limites.

A identidade profissional é, portanto, um processo constante, sendo gestada a partir das experiências que objetivamente o mundo do trabalho proporciona e também das razões que subjetivamente sustentam cada ofício.

2.3 Trabalho e identidade profissional do psicólogo

Muito se tem discutido, nos últimos anos, a respeito do ofício do psicólogo, a partir de vários enfoques, tentando dar conta de compreender o lugar e a importância de seu trabalho num universo ocupacional em mudança, bem como as suas dificuldades e suas perspectivas.

O trabalho do psicólogo é caracterizado cotidianamente por tarefas que podem ser consideradas complexas em sua natureza, uma vez que implicam envolvimento em uma relação profissional que tem por objeto o ser humano. Essa intervenção apresenta especificidades, uma vez que não se trata apenas de uma relação em que um ser humano intervém junto a outro: crenças, valores, conflitos, emoções, sentimentos e toda uma gama de elementos próprios da subjetividade humana, constituintes do contexto da Psicologia por excelência, fazem-se presentes nas interações do cotidiano de trabalho desse profissional.

Esse universo relacional complexo onde desenvolve suas tarefas lhe exige que produza e assuma uma imagem de si mesmo, ou seja, uma identidade profissional, que lhe

permita “enxergar-se” como psicólogo e situar-se na relação de trabalho, de modo a buscar uma atuação guiada pela competência e pela ética, reconhecendo o “Outro” que constitui sua clientela – paciente ou outros interlocutores – com legitimidade (MELLO, 1983).

No entanto, as demandas de trabalho que se apresentam ao psicólogo são acompanhadas, muitas vezes, por expectativas no sentido de que esse profissional seja capaz de fornecer explicações e soluções definitivas aos problemas existenciais que assolam o ser humano, tanto no âmbito do trabalho psicoterapêutico quanto em outra orientação. A essas expectativas, que derivam geralmente de um desconhecimento ou de distorções acerca do trabalho desse profissional, e de não estar a sociedade suficientemente esclarecida sobre a amplitude, as especificidades e as limitações da sua intervenção, ou mesmo sobre as contribuições que ele pode lhe prestar, associa-se o fato de que boa parte da representação social vigente a respeito da Psicologia e do trabalho do psicólogo ainda é a do psicólogo clínico, atuando somente em consultório e com pessoas de uma camada social mais elevada da população, portanto com uma atuação elitizante.

A esse respeito, Abdalla (1998) reitera as críticas formuladas por outros autores, no sentido de que, embora a Psicologia tenha descoberto novos caminhos, novas perspectivas, no decorrer do século XX, ainda mantém como hegemônica a concepção de psicólogo como aquele que “cura” doenças e adapta comportamentos individuais aos sociais, numa visão médica e naturalizante dos problemas sociais.

Mas já no final dos anos 1980 Eizirik (1988), referia-se a um reducionismo em que, em sua concepção, caiu a Psicologia como ciência e como profissão. Segundo ela,

os conhecimentos separados, as disciplinas estanques, a superespecialização, a redução à quantificação. [...] Paixão e emoção, características tão fundamentais dos seres humanos, estiveram fora da pesquisa, isoladas do conhecimento considerado científico. [...] Buscando modelos das ciências naturais e neles se apoiando para garantir o espaço conquistado, a Psicologia praticamente negou e se afastou de suas raízes filosóficas e, assim fazendo, se distanciou também do homem e da realidade (p. 28-29).

Um elemento importante de reflexão sobre a constituição dessa profissão é trazido por Bock (1999), ao assinalar que a Psicologia, assim como outras Ciências Humanas e Sociais, é fruto de um período histórico em que dominaram e ainda dominam o positivismo, o idealismo e as concepções liberais de homem e sociedade. Por esse motivo, segundo sua concepção, “a Psicologia [...] está afinada com a **idéia do Barão de Münchhausen**: o homem e suas ações dependem do próprio homem, de seu esforço e vontade [...], [ele] é capaz de sair do pântano com seu próprio esforço, puxando-se pelos

cabelos” [tal qual o Barão, em uma de suas histórias] (1999, p. 14, grifo da autora). Essa reflexão é importante para o entendimento de que o exercício profissional em Psicologia ocorre, portanto, estreitamente associado às concepções de homem e de mundo que permeiam esse campo.

Como resultado de sua pesquisa com a classe, Bock (1999) formula a seguinte reflexão sobre o trabalho do psicólogo:

o psicólogo parece ter em suas mãos a possibilidade de fazer do outro um homem feliz, colocá-lo em movimento, estimulá-lo, acompanhar seu destino, converter percepção em consciência, estruturar, transformar, humanizar, enfim, acredita que muito pode ser feito e muitas mudanças podem ser operadas com a ajuda do psicólogo, como portador de um conhecimento e como ser humano dotado de intuição. No entanto, esse discurso vem acompanhado da fala: mas o psicólogo não muda o homem, apenas contribui para que ele próprio se modifique. E a onipotência se transveste de humildade absoluta, e o psicólogo nega o seu próprio trabalho. Nega a sua intervenção como um trabalho [...] (p. 178).

Segundo essa mesma autora, “uma das questões centrais da Psicologia, hoje, se localiza, exatamente, no fato de não termos clareza conceitual sobre o fenômeno com o qual trabalhamos e de não nos darmos conta do homem liberal que se esconde por detrás de nossos (des)conhecimentos” (BOCK, 1999, p. 17).

Esse conjunto de críticas dirige-se a modelos de atuação profissional em Psicologia que não consideram o ser humano devidamente inserido em um processo histórico e permeado pelo contexto social, e que sustentam a idéia de um homem que tenta superar seus problemas e produzir seu processo de individuação por conta própria.

Bastos e Achcar (1994), ao analisarem o estado da arte da Psicologia enquanto profissão, reportando-se a pesquisas de âmbito nacional (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 1988, 1992, 1994), bem como a outras de abrangência regional ou local, constataram que “tais estudos têm, repetidamente, documentado que o exercício profissional do psicólogo no país caracteriza-se pela dominância de um modelo de atuação restrito, [...] por não explorar suficiente e adequadamente todo o potencial de conhecimentos que a Psicologia já tornou disponível à sociedade” (BASTOS; ACHCAR, 1994, p. 248).

Considerando-se que na tarefa de abordar o trabalho do psicólogo está necessariamente implicada essa discussão sobre os aspectos limitantes de suas práticas, como também as concepções de ser humano que lhes subjazem, tal discussão deve ser presentificada ao se pensar a realidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de

trabalho e no processo de identificação com a profissão, a fim de que se tome por base uma leitura ampla e crítica do espectro onde a prática desse profissional se insere.

Partindo de uma perspectiva de caráter macrosocial para discutir o trabalho do psicólogo, Malvezzi (2000) reporta-se às condições complexas e peculiares do presente momento histórico, produzidas pela globalização, as quais, em sua compreensão, geraram uma re-institucionalização profissional e do trabalho, em curso na sociedade, “recriando o trabalhador” (p. 6) e trazendo à cena novas regras para o mercado de trabalho.

Segundo o autor, esse movimento de re-institucionalização do trabalho tem mudado a profissionalização das mais diversas atividades laborais, levando as profissões a enfrentar ampliação de seu espectro de atividades e ambigüidade de seus territórios. “Seus **produtos** têm sido diversificados, suas fronteiras invadidas por outras profissões e suas recompensas mais dependentes de necessidades e valores do mercado” (MALVEZZI, 2000, p. 6-7, grifo do autor).

Surpreendidos por essa mudança, os profissionais são desafiados a reajustar suas atividades, a reconstruir suas identidades, a buscar novas competências, [...], enfim, a reinventarem-se a si mesmos [...]. Estaria a profissionalização do psicólogo acompanhando o passo da globalização? (MALVEZZI, 2000, p. 7).

Para ele, as implicações dessa re-institucionalização do trabalho no processo de profissionalização do psicólogo atingem todo o seu espectro de especialidades e se expressam sob a forma de pressões para uma re-profissionalização, pois, diante do “desmoronamento do caráter monopolista do modelo de profissionalização erigido na era industrial e do caráter tecnicista das profissões fortemente articuladas na dependência do conhecimento especializado” (MALVEZZI, 2000, p. 7), configura-se um cenário ocupacional que exige do psicólogo reinventar sua atuação e, desse modo, modificar sua identidade como profissional.

Com relação às possibilidades de inserção do psicólogo no mundo do trabalho, Bock (1999) assinala que, embora o mercado tenha crescido significativamente nos últimos anos, e contemplado a abertura de novos campos de trabalho, esse profissional enfrenta um

mercado [...] ainda estreito para o contingente de psicólogos, e as oportunidades de empregos em instituições públicas ou privadas parecem ainda muito aquém de nossas possibilidades. [...] Não encontrando emprego, buscam trabalho de forma autônoma [e] [...] têm tido um vínculo com a sociedade e com seus problemas bastante tênue, pois trabalham nos consultórios e aí recebem apenas quem os procura e estão, de certa forma, distantes da maioria da população brasileira (p. 191).

Aspectos limitantes da inserção e da prática profissional do psicólogo, como os apontados acima, são contrabalançados por colocações de diversos autores traçando perspectivas ao seu trabalho. Nessa linha, Oliveira e Onesti (2000) ressaltam o compromisso desse profissional em “promover mudanças e transformações sociais necessárias a uma sociedade mais igualitária e comprometida com a coletividade” (p. 82).

Outras posições nessa linha enfatizam o papel desse profissional na promoção da saúde e o compromisso ético e político que deve pautar suas ações. Na compreensão de Bastos e Achcar (1994), há uma certa consciência, por parte da classe, acerca de quão insuficientes e limitadas têm sido as respostas dadas pelos psicólogos às demandas sociais que lhes chegam, podendo ser detectadas algumas tendências de mudança na sua prática profissional, independentemente de área ou de campo de atuação.

Está colocada, portanto, para o psicólogo, a necessidade de proceder a uma recodificação dos espaços ocupacionais (KRAWULSKI, 1998), bem como do seu papel no cenário laboral contemporâneo, enquanto elementos que lhe dão referência na construção da sua identidade profissional.

Conforme referido anteriormente, para a identidade profissional do psicólogo contribuem elementos próprios da categoria profissional, como o corpo de conhecimentos, o conjunto de práticas e a normatização de conduta na profissão, e também elementos da sua vivência individual, como sua história de vida e sua formação acadêmica, aos quais articulam-se as experiências da “mão na massa”, ou seja, do trabalho profissional em Psicologia. Essa articulação é que confere caráter processual à identidade profissional, possibilitando entendê-la como construção.

Conceitualmente, a identidade profissional do psicólogo tem sido definida como a constituição em um conjunto de papéis que o diferencia de outros profissionais, em vista do exercício de determinadas funções. Essa definição expressa que a especificidade de tarefas que o diferenciam de outro profissional pode conferir ao psicólogo visibilidade social e espaços para o exercício de seu trabalho, traduzindo-se na construção de uma identidade profissional.

Abdalla (1998), em estudo sobre o processo de construção da identidade profissional durante a formação em Psicologia, constatou que esse processo ocorre como um movimento de fases distintas, que têm início com uma identidade profissional constituída por representações sociais feitas a partir de estereótipos sobre a Psicologia e o ser psicólogo, evoluindo, posteriormente, para uma “uma identidade profissional construída, alicerçada em uma tomada de consciência sobre a importância da Psicologia na

sociedade em que vivemos, da função social do psicólogo nesta sociedade e da pluralidade de opções de atuação desse profissional” (p. 114). No entanto, segundo ressalta essa autora, embora tal identidade vá sendo construída durante o processo de formação, “o profissional se torna tal quando adquire seu sentido social e histórico, materializado a partir de sua prática concreta, vivida no cotidiano onde são produzidas mudanças através de sua intervenção” (ABDALLA, 1998, p. 20).

Apoiada em Heller, Abdalla (1998) ainda afirma, a esse respeito, que

todo profissional é um ser humano genérico e particular. É genérico enquanto um representante de sua própria espécie que contribui para a construção das perspectivas históricas e sociais da mesma, através das relações que estabelece com a realidade social, mediatizada pela prática vivida em seu cotidiano. E é, ainda, um ser que traz na sua história pessoal determinadas características que adquiriram um grau único de particularidade, devido à maneira como incorporou as determinações sociais e políticas recebidas durante sua história de vida (p. 20).

Assim, Abdalla (1998) conclui que “é possível construir identidades outras mediante o estabelecimento de novas relações sociais”, [pois], “se a identidade se constrói nas relações sociais, é na relação do eu com o outro que tomo consciência de quem sou e, quando tomo consciência disso, não sou mais quem fui antes, pois serei outro a partir dessa consciência” (p.114-115).

Contraopondo-se a autores que pesquisam e discutem a formação da identidade profissional do psicólogo, Figueiredo (1993) coloca em questão a pertinência de uma preocupação dessa natureza, uma vez que a Psicologia vive sob o signo da multiplicidade em várias dimensões. Essa multiplicidade, segundo esse autor, abrange suas áreas de atuação, cada vez mais numerosas, a diversidade de suas correntes teórico-metodológicas, os diferentes modos de incorporação dos saberes psicológicos às atividades profissionais e as múltiplas transições e mudanças de rumo nas trajetórias profissionais de cada psicólogo.

Na concepção de Figueiredo (1993), toda essa multiplicidade torna precária a noção de identidade profissional em Psicologia e difíceis a construção e a definição de uma identidade profissional por parte dos psicólogos, devido à alteridade, que faz parte da sua atividade profissional, sendo-lhes exigido conviver com ela cotidianamente. Em suas palavras, “é no contato com as alteridades do outro e com as nossas próprias alteridades que transcorre e se efetua toda a nossa experiência” (FIGUEIREDO, 1993, p. 93-4).

Essas colocações de Figueiredo (1993) remetem a uma discussão do conceito de identidade que lhes subjaz, lembrando que a noção de identidade aqui trazida envolve não

apenas a igualdade, mas também a diferença, a alteridade, como faces da mesma moeda no processo identificatório.

A questão da multiplicidade de saberes e de práticas em Psicologia tem emergido cada vez mais freqüentemente na literatura contemporânea da área, sendo abordada por autores como o próprio Figueiredo (1993, 1996), Andrade (1998), Bock, Furtado e Teixeira (1995) e Japiassu (1983), entre outros. Figueiredo (1996) argumenta a respeito da necessidade de se reconhecer que a Psicologia, dada a sua natureza epistemologicamente diversa e sua pluralidade de linhas de trabalho, constitui um campo onde circulam proposições epistemológicas inconciliáveis, comportando mesmo diferentes disciplinas.

Avalia-se que tal discussão enriquece a abordagem da temática, ao constituir-se em contraponto à possibilidade de constituição de uma identidade profissional a partir do exercício profissional em Psicologia, tal qual vem sendo considerado aqui.

3 PRESSUPOSTOS DO ESTUDO

Você tem de pressupor que é capaz de descobrir a ordem. Só nos entregamos a problemas que julgamos poder resolver com os recursos de que dispomos.
(Rubem Alves, 2000)

Toda busca de saber está baseada em pré-conhecimento, isto é, em noções prévias sobre determinado fenômeno que se deseja estudar. Segundo essa concepção, “o investigador, sem dúvida, ao iniciar qualquer tipo de busca, parte pré-munido de certas idéias gerais, elaboradas conscientemente ou não” (TRIVIÑOS, 1987, p. 123). Minayo (1992) reforça essa idéia ao afirmar que “ninguém coloca uma pergunta se nada sabe da resposta, pois então não haveria o que perguntar” (p. 93).

Essas noções prévias ou idéias gerais se fazem presentes no início de um processo de pesquisa compondo os seus pressupostos. Traçar pressupostos significa estabelecer questões norteadoras do problema de pesquisa e formular assertivas que serão submetidas a investigação. Segundo Minayo (1992), os “pressupostos”, que substituem as “hipóteses” formalmente traçadas em estudos com perfil quantitativo, referem-se a “alguns parâmetros básicos que permitem encaminhar a investigação empírica qualitativa” (p. 95).

Na abordagem qualitativa de pesquisa, porém, essa explicitação de pressupostos não exclui a adoção de um espírito de trabalho flexível, que possa incorporar mudanças de percurso e alterações, a partir dos achados e das circunstâncias que se apresentarem.

No contexto da presente pesquisa, adotou-se o seguinte **pressuposto básico**: a identidade profissional do psicólogo é construída no cotidiano de seu trabalho, tendo em vista suas vivências enquanto ser humano trabalhador e os significados que atribui à sua profissão.

Os pressupostos que subsidiaram a pesquisa foram:

- ✓ a identidade do ser humano é constituída por um conjunto de características próprias de cada indivíduo, que o diferenciam dos demais e que são construídas e se transformam continuamente nas e pelas relações sociais, durante todo o processo de viver;

- ✓ o trabalho institui modos de ser, de pensar e de agir, representando um elemento de identificação do ser humano nas suas relações sociais, através das qualificações e predicados que lhe definem (ser psicólogo, por exemplo);
- ✓ no atual cenário ocupacional, o trabalho ocupa lugar preponderante no cotidiano do ser humano, sendo sua vida ordenada predominantemente pelas atividades profissionais que desenvolve, as quais passam a ser fator importante na condução das demais;
- ✓ em sua inserção no mundo do trabalho, os trabalhadores estabelecem modos singulares de vivenciarem suas atividades profissionais e de atribuírem significados à sua profissão;
- ✓ as vivências do cotidiano de trabalho são significativas na construção da identidade profissional dos trabalhadores;
- ✓ as bases da identidade profissional assentam-se na identidade pessoal e no aprendizado resultante da formação acadêmica, por um lado, e na especificidade dos conhecimentos, práticas e normas da profissão, por outro, as quais se constituem em referências para cada profissional construir sua própria identidade;
- ✓ ao se inserirem no mundo do trabalho, além dos princípios teórico-práticos oriundos da formação acadêmica, os profissionais orientam suas atividades também por concepções que trazem do seu processo de viver individual-coletivo.

4 CAMINHO METODOLÓGICO

*Assim como os anzóis
predeterminam os resultados da
pescaria, os métodos
predeterminam o resultado da
pesquisa. Porque os métodos são
preparados de antemão para
pegar o que desejamos pegar.*
(Rubem Alves, 2000)

4.1 Abordagem, caracterização e tipo do estudo

O desenvolvimento de um estudo com vistas à elaboração e defesa de uma Tese de Doutorado consubstancia-se em um movimento acadêmico de produção de conhecimento científico que inevitavelmente incita reflexões sobre propósitos e trajetórias implicados no ato de fazer ciência.

Classicamente, a ciência pautou-se por princípios segundo os quais era passível de conhecimento apenas o observável e/ou manipulável, sendo requerida do pesquisador uma postura neutra relativa ao seu objeto de estudo. No entanto, diversos estudiosos têm apontado deficiências nesse modelo e apresentado outras abordagens compreensivas sobre o ato de investigação científica (ALVES, 2000, 2001; MORIN, 1991, 1996, 2002; SANTOS, 2002).

Santos (2002), dissertando sobre paradigmas emergentes no processo de produção de conhecimento científico, afirma que “os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade”, sendo constitutivos dessa mesma explicação. Lembra ainda esse autor que “a ciência moderna não é a única explicação possível da realidade, e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia” (SANTOS, 2002, p. 52).

Na compreensão de Morin (1996), as modificações nas concepções do ato científico clássico, em curso desde o início do século XX, trazem em seu bojo a necessidade de um princípio de explicação mais rico do que o princípio de simplificação propugnado pela ciência clássica, ao qual o autor denomina princípio de complexidade. Segundo a

abordagem complexa, é preciso considerar a complexidade do todo, reconhecendo a natureza simultaneamente física, biológica, cultural, social e histórica de tudo o que é humano. Nessa perspectiva, Morin (1996, p. 26) concebe que “a Ciência é, e continua a ser, uma aventura”, e que a sua verdade “não está unicamente na capitalização das verdades adquiridas, na verificação das teorias conhecidas [...]”.

As contribuições dos autores acima referidos, a exemplo das de outros que se ocupam dessa questão, contemplam reflexões em diferentes dimensões, tais como o papel e a postura do pesquisador, a destinação do conhecimento produzido, as concepções subjacentes ao ato de investigação e também os caminhos que vêm sendo trilhados nos processos de produção de conhecimento. Ressalta-se a importância dessa última dimensão, ao ser apresentado o caminho metodológico percorrido no presente estudo, na perspectiva de que a definição de um método remete à escolha por um caminho de condução da pesquisa, bem como por um modo de trilhá-lo.

É significativo lembrar que a definição por um método de pesquisa constitui tarefa vinculada estreitamente à definição do objeto de estudo, sendo este o indicador da abordagem mais adequada para fazer a aproximação à realidade e produzir conhecimento científico.

Assim, em vista do propósito deste estudo, de compreender um fenômeno produzido nas e pelas interações cotidianas de trabalho, que se situa na interface da Psicologia com a Ergonomia, bem como dos seus objetivos, focalizados na trajetória profissional dos sujeitos e nos significados das suas vivências laborais, uma investigação de natureza qualitativa mostrou-se apropriada e foi buscada enquanto caminho que possibilitou uma aproximação a esse cotidiano, em sua dinâmica e complexidade.

Considera-se que a opção por esse caminho representa um movimento na perspectiva de contribuir para que esses campos, mais particularmente a Psicologia, reflitam a respeito da pertinência dos Métodos Qualitativos de Pesquisa na compreensão dos fenômenos psicológicos, os quais, em suma, requerem a adoção de métodos cujo arcabouço epistemológico reconheça e aborde a complexa teia onde a vida humana é gerada e se desenvolve.

Ao versar sobre a complexidade característica do cotidiano e discutir sobre métodos de pesquisa científica que dêem conta de abordá-la, Patrício formula e apresenta vários questionamentos. Em um deles, ela se pergunta: “que métodos dariam conta de captar as situações humanas, tendo em vista as diferentes interconexões e suas diversas interações nos diferentes cotidianos da vida?” (PATRÍCIO, 1999a, p. 64). Em resposta a essas

indagações, a autora argumenta que os métodos qualitativos de pesquisa representam as grandes possibilidades de operacionalização das concepções que emergem de novos paradigmas, por terem como foco a compreensão da realidade através dos significados humanos, permitindo “estudar e aplicar com mais propriedade as concepções de **processo**, de **movimento** [...] que envolvam a participação humana”. (PATRÍCIO, 1999a, p. 65, grifo da autora).

Também Bogdan e Biklen (1994) ressaltam que a pesquisa qualitativa objetiva melhor compreender o comportamento e a experiência humanos, o que implica “compreender o processo mediante o qual as pessoas constroem significados e descrever em que consistem estes mesmos significados” (p. 70). Esses autores definem a investigação qualitativa a partir de cinco características que lhe são próprias, a saber: a) a fonte de dados é o ambiente natural onde os fenômenos ocorrem, sendo o próprio investigador o instrumento principal do estudo; b) é uma investigação descritiva; c) o processo de pesquisa é tão ou mais importante que seu resultado ou produto; d) a análise dos dados é feita de forma indutiva; e) atribui importância vital aos significados.

Triviños (1987), por sua vez, aponta dificuldades na definição precisa do que seja a pesquisa qualitativa, afirmando, no entanto, que se pode caracterizá-la através de peculiaridades essenciais a esse modelo de investigação. Nessa caracterização, Triviños resgata o elenco de características formuladas por Bogdan e Biklen, apresentadas acima, acrescentando ainda a rejeição da neutralidade do saber científico como importante parâmetro definidor da natureza do método qualitativo.

Na perspectiva qualitativa, as estratégias e procedimentos empregados pelos pesquisadores lhes permitem levar em consideração as experiências do ponto de vista do informante. Nessa perspectiva, portanto, pesquisar sobre a vida laboral, a qualidade de vida do trabalhador ou mesmo a respeito de suas experiências nesse papel são atos que requerem do pesquisador necessariamente uma postura de investigação que considere e se aproxime da subjetividade desse trabalhador, implicando, por conseguinte, seu envolvimento ativo no cotidiano e no contexto vivencial dos sujeitos.

As contribuições de Haguette (1997), igualmente, permitem inferências sobre as questões subjetivas e de busca de significados que esses métodos de pesquisa possibilitam. Em suas palavras, “os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser” (p. 63).

Biasoli-Alves (1998, p. 152) identifica essa dimensão subjetiva da investigação qualitativa ao destacar o quanto tal modalidade de pesquisa guarda “fidelidade ao universo de vida cotidiano dos sujeitos”. Essa autora descreve como isso acontece:

o sistema qualitativo [...] se caracteriza por buscar uma apreensão de significados nas falas ou em outros comportamentos observados dos sujeitos, interligados ao contexto em que se inserem, [...] [para] apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de experiências vividas, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto (BIASOLI-ALVES, 1998, p. 149).

Neste estudo, referenciado nas definições desses teóricos qualitativos, bem como compartilhando do que preconizam Patrício et al. (1999), pressupôs-se que somente o trabalhador, através de sua linguagem verbal e não verbal, seria capaz de expressar os significados de razão e sensibilidade sobre sua vida e seu cotidiano de trabalho, considerando a interconexão da vida de trabalho com as outras dimensões do processo de viver individual-coletivo.

O estudo de caso constitui-se na modalidade típica de investigação da abordagem qualitativa, exigindo do pesquisador que tome decisões relativas a aspectos específicos do contexto, sujeitos ou fonte dos dados a serem estudados, uma vez que se trata de um tipo de estudo cuja área de trabalho é delimitada, em função da necessidade de centrar-se em um aspecto particular de determinada realidade (BOGDAN; BIKLEN, 1994).

Segundo Bogdan e Biklen (1994), no entanto, “a escolha de um determinado foco, seja ele um local na escola, um grupo em particular, ou qualquer outro aspecto, é sempre um ato artificial, uma vez que implica a fragmentação do todo onde ele está integrado” (p. 91), cabendo ao investigador qualitativo considerar a relação dessa parte com o todo, embora tenha delimitado a matéria em estudo. Esses autores ressaltam ainda que a delimitação do foco de estudo possibilita, em muitos casos, estudar uma população na sua totalidade, ou, ao menos, explorar a diversidade de tipos, alcançando variedade de materiais e de perspectivas.

Na concepção de Yin (1993), “o estudo de caso é o método a ser escolhido quando o fenômeno em estudo não se distingue facilmente do seu contexto” (p. 3, tradução da pesquisadora), quando há dificuldade, por exemplo, em delimitar os contornos do fenômeno. Essa dificuldade aponta, segundo o autor, a interação complexa entre o fenômeno e seu contexto, e situações que indicam essa interação são típicas da utilização do estudo de caso como método a ser escolhido para o desenvolvimento do estudo.

Para Lüdke e André (1986), o estudo de caso tem como uma de suas características principais a busca por “revelar a multiplicidade de dimensões presente numa determinada situação ou problema, focalizando-o como um todo. Esse tipo de abordagem enfatiza a complexidade natural das situações, evidenciando a inter-relação dos seus componentes” (p. 19). Essas autoras ressaltam ainda que o estudo de caso é o estudo de *um* caso, no sentido de que “pode ser similar aos outros, mas é ao mesmo tempo distinto, pois tem um interesse próprio, singular” (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 17).

Em outras palavras, o que destaca esse tipo de estudo é sua constituição em uma unidade dentro de um sistema mais amplo, incidindo o interesse do pesquisador naquilo que ele tem de único, de particular, mesmo que *a posteriori* surjam semelhanças com outros casos ou situações.

Conforme destaca Triviños (1987), esse tipo de pesquisa possibilita o aprofundamento de uma temática. Em seu ponto de vista, o estudo de caso é um estudo de tipo descritivo, cujo objetivo consiste em conhecer em profundidade uma realidade delimitada, procurando responder, com esse enfoque exploratório e descritivo, às questões “como” e “por que” certos fenômenos ocorrem, em busca de uma apreensão mais completa a seu respeito.

Bogdan e Biklen (1994) referem-se aos estudos de caso múltiplos, que caracterizam investigações sobre dois ou mais assuntos, ambientes ou bases de dados, podendo assumir uma grande variedade de formas. Por via de regra, segundo esses autores, a realização de pesquisas com múltiplos sujeitos possibilita que os dados encontrados sejam comparados e contrastados.

Triviños (1987), por sua vez, refere-se aos estudos multicaseos como possibilidade de pesquisa quando se quer estudar dois ou mais sujeitos ou organizações sem que se persigam objetivos de natureza comparativa, situação que caracteriza os Estudos Comparativos de Casos.

O estudo aqui relatado caracterizou-se como um Estudo de Caso, uma vez que seu objetivo exigiu que se buscassem, de modo aprofundado, conhecimentos sobre o fenômeno da construção da identidade profissional de trabalhadores psicólogos, permitindo compreender “por que” e “como” esse fenômeno se manifesta. Foi utilizada mais especificamente a modalidade multicaseos, também denominada de casos múltiplos, porquanto o estudo contou com a participação de diversos trabalhadores, com vistas à compreensão do fenômeno focalizado.

4.2 Preceitos éticos do estudo

O desenvolvimento desta pesquisa, cujo recurso básico de obtenção de dados foi focalizado na relação direta pesquisadora–pesquisados, exigiu a observância de cuidados éticos que preservassem os participantes do estudo e resguardassem sua integridade como seres humanos e como profissionais.

Bogdan e Biklen (1994) assinalam que o panorama recente, no âmbito da ética relativa à investigação com sujeitos humanos, comporta duas questões: a primeira refere-se ao consentimento informado, recurso mediante o qual os sujeitos aderem voluntariamente a um estudo, cientes da sua natureza e dos perigos e obrigações nele envolvidos; a segunda diz respeito à proteção dos sujeitos contra qualquer espécie de danos, significando que eles não sejam expostos a riscos superiores aos ganhos que possam advir de um estudo.

Na compreensão desses autores, guardadas as peculiaridades da investigação qualitativa no que se refere à relação pesquisador-pesquisados, a qual se reporta a uma ética igualmente peculiar, os seguintes princípios éticos devem orientar a condução de uma pesquisa: proteção à identidade dos sujeitos, respeito e honestidade para com eles, explicitação de todas as condições do estudo e autenticidade no registro dos dados e resultados.

Além da observância a esses princípios éticos gerais, este estudo foi desenvolvido observando-se a Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional da Saúde (BRASIL, 2003), que fixa diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Preceitua tal documento que cada área temática de investigação e cada modalidade de pesquisa devem cumprir as exigências setoriais e regulamentações específicas. Nesse sentido, também os termos da Resolução 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia, normatizadora da realização de pesquisas em Psicologia com seres humanos (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2002), foram observados.

Do mesmo modo, logo após o Exame de Qualificação, ocorrido em maio de 2003, e anteriormente à deflagração do processo de levantamento de dados, a proposta deste estudo foi submetida à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina e aprovada conforme parecer número 146/2003, de agosto de 2003 (vide Anexo A).

Atendendo aos preceitos teóricos e aos dispositivos legais acima mencionados, mas, sobretudo, buscando respeitar a dignidade humana e a liberdade de expressão, a

pesquisadora apresentou-se aos trabalhadores dirigindo-lhes uma Carta de Apresentação e Solicitação de Participação, anexada ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide Apêndices A e B). Este último foi assinado por todos os sujeitos, que autorizaram, assim, sua participação voluntária na pesquisa. Na Carta entregue, constou cláusula referindo-se à sua liberdade de recusa em participar ou em retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa.

Durante o trabalho de campo, as interações com os sujeitos pautaram-se pelo respeito e cordialidade, seja durante os momentos de coleta e registro de dados, seja no seu processo de análise e devolução. O respeito pelos sujeitos expressou-se já nos contatos iniciais, ao serem convidados a participar da pesquisa, quando se procurou esclarecer todas as condições dessa participação. Envolveu também horário e local marcados e cumpridos de acordo com sua conveniência, garantia do sigilo e do anonimato de sua participação, bem como o respeito pela sua cultura e valores, expressos em seus depoimentos e registros. O mesmo se aplica à devolução dos dados aos participantes da pesquisa, esclarecendo-se que devolver os dados constitui procedimento de fundamental importância não apenas por razões éticas, mas também como forma de validar ou mesmo complementar os resultados do estudo.

A aplicação dos instrumentos de pesquisa, igualmente, pautou-se por cuidados éticos, referenciando-se pela preocupação com o rigor científico presente em estudos de natureza qualitativa, rigor este que se manifesta de modo peculiar, vinculando-se aos princípios éticos que o regem.

4.3 Participantes e local de realização da pesquisa

De acordo com as premissas da abordagem qualitativa, o pesquisador vai a campo buscando estudar um fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando que os pontos de vista expressados por essas pessoas constituem retrato e representação, de algum modo, do coletivo onde se inserem.

Minayo (1992, p. 102), ao dissertar sobre esse aspecto, assinala que a amostragem qualitativa “privilegia os sujeitos sociais que detêm os atributos que o investigador pretende conhecer” e que “uma amostra ideal é aquela capaz de refletir a totalidade nas suas múltiplas dimensões”. Isso significa que a qualidade dos sujeitos em fornecer dados

relevantes à pesquisa configura-se como de maior importância que a quantidade de informantes consultados. Dentro desta compreensão, busca-se a imersão na realidade, procurando conhecer o pensamento dos sujeitos a serem pesquisados, os quais são considerados bons informantes quando têm algo a dizer, da melhor maneira possível, sobre a temática que está sendo investigada.

A definição dos sujeitos, em pesquisa dessa natureza, pauta-se por procedimentos de amostragem denominados não probabilísticos (GIL, 1994) ou não aleatórios (BARBETA, 1998). Segundo Gil (1994), a amostragem de tipo não probabilística, típica da pesquisa social, não se fundamenta na matemática ou na estatística, dependendo unicamente de critérios estabelecidos pelo pesquisador para ser levantada. Barbeta (1998), por sua vez, acrescenta que, “em geral, as técnicas de amostragem não aleatórias procuram gerar amostras que, de alguma forma, representem razoavelmente bem a população de onde foram extraídas” (p. 53).

A abordagem qualitativa, usualmente, não privilegia critério numérico para definir uma amostra, uma vez que não se propõe à generalização e sim ao aprofundamento e à abrangência da compreensão do fenômeno em estudo. Pautado por premissas dessa abordagem, este estudo não teve a preocupação de incluir muitos sujeitos na amostra. Antes, buscou valorizar a qualidade dos dados, bem como as interações estabelecidas com os sujeitos, na perspectiva colocada por Bogdan e Biklen (1994), segundo a qual “a qualidade do trabalho de campo passa pelo estabelecimento de relações” (p. 114).

Com base nos subsídios encontrados na fase exploratória, foram estabelecidos como critérios que seriam sujeitos do estudo psicólogos que desenvolvessem suas atividades profissionais no município de Florianópolis, registrados no CRP e que estivessem no exercício da profissão. Além desses critérios, a amostra deveria contemplar: a) profissionais que trabalhassem em campos de atuação diversificados, incluindo tanto os que desenvolvessem práticas de trabalho individual, típicas de consultório particular, quanto aqueles envolvidos coletivamente, por meio de inserção em equipes multidisciplinares de hospitais, clínicas, empresas e consultorias, por exemplo; b) profissionais de diferentes abordagens teórico-metodológicas de intervenção, ou seja, cujas práticas se pautassem por correntes de pensamento diversificadas; c) profissionais que contassem com cinco ou mais anos de formados, entendendo já terem, então, uma relativa estabilidade em sua profissão, uma significativa trajetória de trabalho cotidiano a lhes proporcionar vivências constitutivas de identidade profissional e, ainda, a possibilidade de comparar entre o que desejavam e o que alcançaram na profissão.

No que se refere aos diferentes campos e locais de atuação que se pretendia abranger, buscaram-se subsídios em pesquisa sobre a realidade profissional do psicólogo brasileiro, desenvolvida em 2001, a qual apontou como as quatro áreas de atuação predominantes desse profissional a Psicologia Clínica de consultório, com 55% de incidência; a Psicologia da Saúde com 12,6%; a Área Organizacional ou do Trabalho, com 12,4% e a Psicologia Educacional/Escolar, com 9%. Atuações em Psicologia do Trânsito, Psicologia Jurídica, Docência em Psicologia, Psicologia Social, Pesquisa em Psicologia e Psicologia do Esporte somaram os 11% restantes (CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA, 2003a)¹. Segundo a mesma pesquisa, os locais de exercício da atividade principal são, em primeiro lugar, o consultório particular (45%), seguido de empresas (12,5%), hospitais/ambulatórios/Postos de Saúde e Centros de Saúde (11,8%), escolas/faculdades e universidades (10%), clínicas (9,7%), órgãos públicos (7,1%) e sistema penal/penitenciário (2,3%). Órgãos ligados à criança e ao adolescente, centros e associações comunitárias, clubes e instituições de caridade e outros são referidos em menor número, somando 6%.

Esses dados foram importantes para a definição dos participantes do estudo, por mostrarem que os locais de trabalho dos psicólogos guardam relação direta com as atividades por eles desenvolvidas: nos consultórios e clínicas está a atuação clínica, nos hospitais e outras unidades de saúde está a atuação em Psicologia da Saúde, nas empresas a Psicologia do Trabalho e nas escolas a atuação em Psicologia Educacional e Escolar.

Assim, procurou-se contemplar as áreas e locais de atuação mais representativos da Psicologia. Para tanto, foi elaborada, num primeiro momento, uma lista dos possíveis locais e/ou instituições da cidade onde poderiam ser encontrados psicólogos, ou onde se sabia previamente que os havia, como clínicas, escolas, órgãos públicos, hospitais, empresas, centros comerciais e consultorias. Esse registro foi efetuado com o auxílio de informações veiculadas em listas telefônicas, livretos de convênios, e também a partir da observação e registros acerca de diferentes locais da cidade onde esses profissionais atuam, como prédios comerciais onde funcionam Centros Médicos, por exemplo.

Esse “mapeamento” informal preliminar permitiu passar à etapa seguinte, de estabelecimento de contatos telefônicos com esses locais. Nesses contatos, procurava-se

¹ Informações fornecidas pelo CRP 12 referentes aos registros de especialidades em Psicologia solicitados pelos profissionais apontaram dados parecidos. Até dezembro de 2002, segundo esses dados, as áreas de maior incidência de pedidos de registro foram a Psicologia Clínica, seguida da Psicologia Organizacional e do Trabalho, Psicologia Escolar/Educacional, Psicologia Hospitalar, Psicologia do Trânsito e Psicologia Jurídica.

confirmar a presença de psicólogo ali atuando e, em caso positivo, avaliar se se encaixavam nos critérios que pautariam a escolha. A preferência era sempre que o contato se desse já com o próprio profissional, embora em alguns casos secretárias ou recepcionistas tenham fornecido as primeiras informações. De qualquer modo, sempre se faziam a apresentação da pesquisadora e a explanação sintetizada dos objetivos do contato.

No caso de locais onde atuavam vários profissionais, como algumas clínicas e órgãos públicos, solicitava-se a informação sobre o número de psicólogos que ali trabalhavam, realizava-se um sorteio e só então era dirigido o convite para participação na pesquisa, disponibilizando-se o máximo possível de informações sobre a proposta e deixando a pessoa bastante à vontade para decidir se gostaria ou não de participar. Um dos sujeitos só se decidiu pela participação após um contato pessoal, quando lhe foi mostrado o projeto de pesquisa e expostas novamente as condições de sua participação. Apenas um convite foi recusado, sob a alegação de falta de tempo. Em outro caso, o sujeito precisou ser substituído ao se constatar que não preenchia o critério de estar formado há pelo menos cinco anos.

Esse processo de busca dos sujeitos foi sendo completado na medida da realização das entrevistas, pois os próprios psicólogos iam trazendo outras informações sobre locais onde havia profissionais que poderiam ser incluídos na amostra. Por essa via, chegou-se a profissionais e locais de trabalho onde num primeiro momento nem se suspeitava que os houvesse.

Vale ressaltar que a seleção de participantes foi particularmente delicada, exigindo a observância de muitos cuidados éticos, uma vez que, sendo a pesquisadora componente desse universo de profissionais, corria o risco de enviesar sobremaneira o processo de escolha, tornando-o intencional e incluindo, por exemplo, apenas pessoas conhecidas, apenas pessoas bem-sucedidas profissionalmente ou, ainda, apenas egressos da Universidade Federal onde atua profissionalmente.

Com base nos critérios e considerações expostos, participaram desta pesquisa 16 psicólogos do município de Florianópolis. A previsão inicial era de se trabalhar com aproximadamente 18 a 20 profissionais. No entanto, com 16 entrevistas, começou a identificar-se o momento de saturação dos dados² e optou-se por não incluir novos elementos.

² Bogdan e Biklen (1994) definem esse momento como o ponto do processo de levantamento de dados a partir do qual a busca de informação se torna redundante e a aquisição de informação nova diminuta. Segundo esses autores, “o segredo está em descobrir este ponto e parar” (p. 96).

Quanto ao local, embora tenha sido critério que os participantes fossem do município de Florianópolis, os dados mostraram que, em função das múltiplas frentes de trabalho que desenvolvem³, e como reflexo da própria realidade ocupacional em que se inserem, seu cotidiano profissional estende-se além dessas fronteiras, em muitos casos por todo o Estado.

Entre os participantes, 13 são do sexo feminino - ADRIANA, ANA, BEATRIZ, CARLA, CLARICE, CRISTINA, LIA, MARIA, MARIANA, PAULA, ROSA, SARA e SORRISO - e três do sexo masculino - CARLOS, GUILHERME e MÁRIO⁴. Sete deles eram conhecidos da pesquisadora, embora em nenhum caso sua inclusão na pesquisa tenha se dado por esse critério e sim por aqueles já explicitados.

4.4 O processo de Entrar, Ficar e Sair do Campo

Conforme já mencionado, a abordagem qualitativa atribui grande importância ao processo de pesquisar, em suas diferentes etapas, e não apenas aos resultados e ao seu produto (TRIVIÑOS, 1987; BOGDAN; BIKLEN, 1994; GIL, 1994; PATRÍCIO, 1995, 1999a, 1999b). Para Patrício (1999b), a qualidade do produto da pesquisa depende da qualidade do processo de pesquisar, o que significa que o bom resultado obtido vincula-se estreitamente à adoção de procedimentos adequados por parte do pesquisador, particularmente seu envolvimento e as interações que estabelece com os participantes da pesquisa.

Os momentos que o pesquisador vivencia no campo junto à população do estudo têm sido caracterizados como encontros no campo, entendendo “campo” como o espaço geográfico, cultural, intelectual, energético-afetivo no qual se desenvolvem as interações do processo de pesquisar (PATRÍCIO, 1995).

A investigação empírica foi conduzida à luz do referencial preconizado por Patrício (1996, 1999a). Segundo esse referencial, o trabalho de campo de uma pesquisa, abrangendo os processos de Levantamento, Registro, Análise e Devolução dos Dados, desenvolve-se através de três momentos: Entrando no Campo, Ficando no Campo e Saindo

³ Informações mais detalhadas sobre essa questão encontram-se no quadro apresentado no Capítulo 5.

⁴ Nomes fictícios, escolhidos pelos sujeitos. Dois deles, no entanto, foram arbitrados pela pesquisadora, por solicitação do sujeito, que não quis escolher, em um caso, e por esquecimento da pesquisadora de solicitar a atribuição de um codinome, no momento da entrevista, em outro.

do Campo. Embora esses momentos se diferenciem por algumas particularidades, desenvolvem-se de forma interligada, num ir-e-vir constante, caracterizando um movimento não linear de colher, registrar, analisar e devolver dados, interligados pelo fio condutor da pesquisa e pelos princípios éticos que a orientam.

A Entrada no Campo abrange desde o início da idéia do tema da pesquisa, sua consolidação, a delimitação do problema, a estruturação da proposta de estudo, enfim, representa o período inicial da investigação, incluindo a fase exploratória e o projeto piloto. Nas palavras de Patrício (1999a, p. 69), o “Entrando no Campo” representa “os primeiros momentos de interação com o contexto onde será desenvolvido o estudo. Pode ser identificado como o período de pesquisa exploratória, que irá viabilizar o estudo propriamente dito”. É ainda o momento em que se conhece o campo e se escolhem os participantes da pesquisa, buscando-se um início de interação com esses sujeitos.

Segundo Minayo (1992), a entrada em campo constitui-se em momento bastante prático que envolve o desenvolvimento de estratégias para trabalhar o impacto inicial da pesquisa, definindo como apresentá-la, como se apresentar, a quem, através de quem e com quem manter os primeiros contatos. Para essa autora, “o processo de investigação prevê idas ao campo antes do trabalho mais intensivo, o que permite o fluir da rede de relações e possíveis correções já iniciais dos instrumentos de coleta de dados” (MINAYO, 1992, p. 103).

O “Ficando no Campo” caracteriza o processo de coleta de dados propriamente dito, e “representa os diferentes momentos de interação com os sujeitos do estudo” (PATRÍCIO, 1999a, p. 70). Esta etapa tem início quando o pesquisador começa a levantar os dados que comporão a pesquisa e prossegue quando de seu retorno aos sujeitos para validar tais dados junto a estes e, caso se faça necessário, para colher novos dados ou complementar aqueles anteriormente obtidos.

“Ficar no Campo”, então, constitui o movimento de conhecer-compreender a realidade em estudo (PATRÍCIO, 1995; FARIA et al., 2004). Esse momento abrange não apenas o levantamento e o registro de dados, mas também a sua análise, procedimento que, no modelo qualitativo de investigação, ocorre concomitantemente à coleta.

O momento “Saindo do Campo”, por sua vez, caracteriza-se por interações entre pesquisador e sujeitos da pesquisa, as quais, embora estejam ocorrendo ao longo do processo de levantamento de dados, possuem aqui um caráter específico. Essa fase, portanto, não obstante sua concomitância ao levantamento de dados, deve ter momentos mais determinados ao final da pesquisa, conforme o tipo de situação, os quais são

focalizados na apresentação e devolução dos resultados do estudo, com ou sem discussão-reflexão dos dados (FARIA et al., 2004).

Segundo Patrício, “dependendo do tipo de estudo, estes momentos podem representar apenas despedidas e agradecimentos, ou encaminhamentos futuros, ou mesmo representar o encontro, ou encontros, para a apresentação e devolução dos dados, se for o caso” (1999a, p. 73). Patrício (1999a) acrescenta ainda que a devolução de dados, recomendada nesse momento de saída do campo, ao invés de se caracterizar como “final de estudo”, geralmente acaba provocando o início de novos estudos. Tal colocação reporta ao que Minayo denomina de “ciclo da pesquisa”, “um processo de trabalho em espiral que começa com um problema ou uma pergunta e termina com um produto provisório capaz de dar origem a novas interrogações” (MINAYO, 2000, p. 26).

Simbolicamente, todo esse processo de trabalho de campo representa um movimento “fractal”, no sentido de que um momento de interação tende a gerar a necessidade de que outros momentos aconteçam, não apenas em relação aos dados que estão sendo levantados, mas também aos propósitos do estudo.

4.4.1 Entrando no Campo: fase exploratória e estudo piloto

O processo de Entrada no Campo, iniciado através do desenvolvimento da fase exploratória e do estudo piloto, teve início aproximadamente no mês de abril de 2003, quando foram consolidados os objetivos e pressupostos da pesquisa, após apresentação de uma primeira proposta em Banca Solidária ao Núcleo Transcriar⁵, meses antes. Em maio do mesmo ano, por ocasião do Exame de Qualificação do Projeto, também houve contribuições importantes para o desenvolvimento do estudo, por parte dos componentes da Banca Examinadora.

A realização da fase exploratória, concomitantemente aos eventos acima, possibilitou clarificar o problema de pesquisa, conhecer melhor o campo e definir questões relativas à escolha dos participantes. Para tanto, buscaram-se informações junto aos Conselhos Regional e Federal de Psicologia, visando conhecer melhor a população a ser

⁵ As bancas solidárias constituem um procedimento interno e informal do Núcleo Transcriar, pelo qual todos os mestrandos e doutorandos a ele vinculados submetem seu projeto ou pré-projeto de estudos a uma banca composta por colegas do próprio grupo ou por membros externos convidados, além de apresentá-lo em sessão pública. Além do objetivo da “ajuda mútua” na construção e refinamento das propostas de pesquisa dos colegas, esse procedimento visa ao treino no papel de banca e na avaliação de produção científica.

pesquisada e avaliar os critérios estabelecidos para a definição desses participantes. As buscas junto ao Conselho Federal se deram através de meio eletrônico. Já ao Conselho Regional de Psicologia (CRP) – 12ª Região (Santa Catarina) foram feitas três visitas, em uma das quais se entrevistou sua Presidente, visando obter informações sobre a população-alvo a ser pesquisada, tais como o montante de psicólogos existentes no Estado de Santa Catarina e no município de Florianópolis, além de dados e reflexões acerca da atuação profissional dessa classe.

Os subsídios obtidos nos diferentes momentos da fase exploratória foram importantes para se proceder a refinamentos no projeto do estudo, pois forneceram clareza a respeito de elementos como o acesso aos participantes da pesquisa e sua delimitação geográfica ao município de Florianópolis. Permitiram também definir melhor os instrumentos de coleta de dados e as próprias questões a serem abordadas durante a entrevista.

Nesse momento de Entrada no Campo, procedeu-se também à validação desses instrumentos, a partir da colaboração de *experts* da área com ampla experiência em pesquisa, com quem sua estrutura foi discutida e avaliada antes de aplicá-los no estudo piloto.

O estudo piloto foi realizado com o intuito de testar os instrumentos de levantamento de dados – Entrevista Semi-Estrutura e Técnica da Linha da Vida – abordados adiante de modo mais detido. Esse teste piloto foi aplicado a três sujeitos, escolhidos intencionalmente, guardados os critérios de seleção anteriormente mencionados. Procurou-se, para esse momento, sujeitos com alguma vinculação acadêmica, uma vez que se pretendia que apontassem uma avaliação dos instrumentos propostos para serem utilizados, no sentido de aprimorá-los.

O convite para participação nessa etapa da pesquisa foi formulado por meio de um contato telefônico, no qual se expôs a temática do estudo, seu propósito e a peculiaridade de sua participação, deixando-os à vontade para se manifestarem a respeito. Os dois primeiros convidados aceitaram de pronto tomar parte da pesquisa. Já a terceira pessoa contatada, embora tenha se mostrado solícita em participar da pesquisa, propôs-se a consultar sua agenda e retornar o contato, o que não fez, sendo substituída por outro participante.

No momento agendado com cada participante, antes de aplicar os instrumentos, foi mostrado o Projeto de Pesquisa, retomando-se a explanação do tema e da proposta do estudo; do mesmo modo, esclareceu-se quanto aos instrumentos da pesquisa e solicitou-se

permissão para gravar os depoimentos. Todos mantiveram sua participação na pesquisa e concordaram com a gravação. Entregou-se-lhes então a Carta de Apresentação e Solicitação de Participação e solicitou-se que assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Antes ainda de se iniciar a entrevista, explicou-se sua estrutura aos três participantes, que foram convidados a escolher um codinome para si, de modo a preservar o anonimato. No primeiro piloto, foi solicitado que o próprio participante preenchesse a primeira parte do formulário de entrevista, referente a “Informações sobre os Sujeitos”. Nos dois subsequentes, essas informações foram registradas pela pesquisadora, pois se percebeu que ir perguntando e registrando os dados à sua maneira, com riqueza de detalhes e do modo que julgasse mais adequado para os fins do estudo, facilitaria posteriormente a compilação desses dados e sua análise. Só então se passou ao segundo momento da entrevista. Duas delas foram realizadas no local de trabalho dos sujeitos e uma na residência.

Terminada sua aplicação, solicitou-se aos sujeitos que se manifestassem sobre o instrumento utilizado, e todos se dispuseram a discuti-lo, apontando seus aspectos positivos e também questões a serem aprimoradas. Nesse momento percebeu-se a importância do estudo piloto como oportunidade de aperfeiçoamento dos instrumentos de pesquisa, uma vez que só quando submetidos à realidade é que seus aspectos positivos e negativos emergem.

O estudo piloto gerou algumas alterações no formulário da entrevista. Na Parte 1, referente a Informações sobre os Sujeitos, excluiu-se o item Idade, por avaliar serem mais importantes informações sobre o tempo de formados e de exercício profissional e acrescentou-se o item Clientela, haja vista a importância dessa informação na compreensão posterior das relações de trabalho dos sujeitos participantes do estudo. Ainda, incluiu-se indagação sobre a carga de trabalho semanal dedicada a outras atividades laborais que não a Psicologia, caso essas fossem desenvolvidas.

A segunda parte foi modificada, estabelecendo-se subquestões dentro de cada uma das questões norteadoras, em forma de perguntas aos sujeitos. Concluiu-se que essa sistemática permitiria que o diálogo fluísse de modo mais dinâmico e objetivo, sem que fosse necessário explicar tanto cada questão, como ocorreu por vezes nas entrevistas do piloto. Então cada questão norteadora seria exposta de modo a situar o sujeito no seu tema, e a seguir seriam apresentadas as perguntas a ele relacionadas, uma a uma. Em avaliação com a professora orientadora da pesquisa, optou-se também por colocar todas as

subquestões como anexo à entrevista, em forma de subsídios às suas questões norteadoras, ajudando no modo de conduzi-las (vide Apêndice D).

Para proceder à revisão dessa segunda parte do formulário de entrevista, reuniram-se as perguntas pertencentes a cada uma das questões norteadoras, conforme apresentadas a cada um dos sujeitos piloto, cotejando-se esse material minuciosamente com aquilo que estava previsto no instrumento. Esse procedimento, embora minucioso, ajudou a eliminar excessos e identificar vieses e fugas do tema, e permitiu chegar a uma maior objetivação nos itens a serem indagados.

Acrescentou-se ao formulário de entrevista uma última questão, indagando sobre o desejo de trazer outras colocações, seja a respeito dos assuntos tratados, seja mesmo de como se sentiu durante a entrevista. Embora fosse óbvio tal procedimento, não constava do instrumento essa indagação, a qual abriria a oportunidade de mais dados: dois dos sujeitos piloto retomaram suas falas, nesse momento, e trouxeram conteúdos bastante importantes para a pesquisa. Essa questão apresentou-se muito rica também porque os trabalhadores puderam externar os sentimentos que emergiram pela oportunidade de relatar sua história profissional ou mesmo de falar sobre sua participação na pesquisa.

Quanto ao instrumento auxiliar (Linha da Vida), foi aplicado apenas a um dos três psicólogos na seqüência da entrevista. As outras duas pessoas, por impeditivos de horários, solicitaram fazer a tarefa posteriormente. Avaliando comparativamente as duas situações, em discussão com os sujeitos, concluiu-se pela adequação da aplicação na seqüência da entrevista, para não haver desaquiecimento. No início do estudo piloto, emergiram dúvidas quanto à validade da sua aplicação (se seria acrescentado algo, uma vez que os relatos já se mostravam bastante completos), mas observou-se que apareceram no registro outros dados, como, por exemplo, eventos pessoais entrelaçados com a vida profissional, mostrando que essas instâncias não são separadas. Além disso, o simples registro cronológico passo a passo mostrou-se interessante, considerando que, se a pessoa registrou no papel eventos de sua trajetória, depois de tê-los mencionado em seu depoimento, é porque os julga de fato importantes e atribui um significado especial a eles.

Durante o trabalho de campo, persistiram dúvidas quanto ao momento mais adequado para aplicação dessa técnica complementar, pois se percebia que, se fosse proposta ao final da entrevista, acabava sendo feita às pressas, esvaziando seu objetivo. No momento da quinta entrevista, então, razão e sensibilidade da pesquisadora apontaram a possibilidade de introduzir o instrumento Linha da Vida no meio da entrevista, após a terceira e a quarta questões. Essa decisão, mantida até o final do processo de levantamento

de dados, trouxe consigo também uma modificação da consigna: agora, após falar sobre a trajetória e o cotidiano atual de trabalho, convidava os sujeitos a registrarem no papel o que quisessem a respeito dessa trajetória, livremente. Se a aplicação ao final, por vezes, havia se mostrado empobrecida, apressada, parecendo que os dados se repetiam, nesse momento os dados estavam ali, e os sujeitos mostraram-se mais à vontade para rabiscar, de um jeito espontâneo e criativo, produzindo sínteses ricas, a maioria num plano simbólico (com desenhos) sobre o que haviam acabado de relatar, confirmando a complementaridade de elementos que a aplicação dessa técnica proporcionaria, enriquecendo sobremaneira o processo de levantamento de dados da pesquisa (vide reprodução de registros produzidos no Anexo B).

Essas modificações mostraram o quanto a flexibilidade característica da pesquisa qualitativa é importante para que o pesquisador tenha liberdade de proceder a correções de percurso, de modo a preservar e/ou buscar a riqueza do momento de interação com os sujeitos da pesquisa.

Cabe ressaltar a importância do estudo piloto como oportunidade de treino para a pesquisadora quanto aos procedimentos de interação com os sujeitos da pesquisa. Esse treino auxiliou tanto no convite para participação na pesquisa, oportunidade em que se poderia explicar bem pelo telefone do que se tratava, por exemplo, como para iniciar bem os procedimentos⁶, sem se esquecer de detalhes importantes como a solicitação de escolha de nome fictício, e até não falar demais, atropelando-os em seu raciocínio.

Com a sua realização, pôde-se avaliar também a questão do tempo de formado que havia sido estabelecido como critério, confirmando a idéia prévia da importância de os sujeitos contarem com um bom tempo de atuação, devido à consolidação da trajetória profissional, o que lhes permitiria rememorar um percurso. Nesse momento também se decidiu por restringir o estudo empírico ao município de Florianópolis, em vista da maior facilidade de acesso aos sujeitos, uma vez que os dados de campo do piloto mostraram que

⁶ Percebendo-se, nesse momento, que o processo de interação pesquisadora-pesquisados exigia cuidados e procedimentos específicos, relacionados diretamente ao objetivo daquele encontro, registrou-se uma seqüência de passos, que passou a ser utilizada, flexivelmente, na forma de um **roteiro pessoal para a aplicação dos instrumentos**, a saber: 1- Preparação do ambiente, materiais e equipamentos; 2- Recepção e *rapport* com o sujeito; 3- Explanação da proposta da pesquisa e da estrutura dos Instrumentos de Coleta de Dados; 4- Apresentação e entrega da “Carta de Apresentação e Solicitação de Participação” e solicitação de assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido; 5- Solicitação de permissão para gravar; 6- Solicitação de atribuição de um codinome e coleta das informações solicitadas na primeira parte da Entrevista; 7- Aplicação da segunda parte da Entrevista, com a apresentação gradual das questões norteadoras, inserindo a Linha da Vida; 8- Finalização, agradecimentos, informações sobre validação e devolução de dados e despedida.

os profissionais psicólogos transitam por vários lugares diferentes para desenvolver suas atividades.

Por último, cabe ressaltar ainda que o estudo piloto confirmou a pertinência e relevância do próprio tema da pesquisa, o que pôde ser percebido em vista do quanto as perguntas mobilizavam os sujeitos, que por vezes continuavam a falar depois de encerrado o momento de entrevista.

Tendo em vista que da análise desse processo de testagem e validação dos instrumentos não resultaram modificações substanciais, os dados desses participantes foram incorporados aos dados dos demais sujeitos da tese, compondo também o Perfil apresentado no quadro constante do Capítulo 5.

4.4.2 Ficando no Campo: levantamento, registro e análise dos dados

Antes de descrever a maneira pela qual os dados foram levantados, registrados e analisados, é importante lembrar que as etapas de trabalho, na abordagem qualitativa de pesquisa, não são estanques, nem são seguidas numa seqüência rígida. Nas palavras de Triviños (1987), “a Coleta de Dados num instante deixa de ser tal e é Análise de Dados, e esta, em seguida, é veículo para nova busca de informações” (p. 137). Pode-se dizer, portanto, que ocorre uma interatividade entre essas etapas, e que elas se alimentam de modo interdependente.

A etapa Ficar no Campo, em que se desenvolveu o estudo empírico propriamente dito, mediante a aplicação dos instrumentos de pesquisa, foi uma experiência muito gratificante, sobretudo pela qualidade dos contatos estabelecidos com os trabalhadores psicólogos, mas também pela receptividade sentida desde o contato telefônico, quando da formulação do convite para participação no estudo.

O principal instrumento de levantamento de dados utilizado foi a Entrevista Semi-Estruturada, entendida como um encontro de diálogo reflexivo que permitiu aos trabalhadores externar suas vivências através de falas, as quais, embora expressas individualmente, são construídas socialmente, uma vez que as relações do cotidiano de trabalho são, em essência, intersubjetivas.

Diversos autores desenvolvem uma compreensão da entrevista como modalidade fundamental de coleta de dados em pesquisa qualitativa. Nessa perspectiva, a entrevista é

concebida como um processo de interação social entre duas pessoas (HAGUETTE, 1997), ou ainda como uma técnica que permite um maior aprofundamento das informações obtidas, com a grande vantagem de permitir a captação imediata e corrente da informação desejada (LÜDKE; ANDRÉ, 1986).

Para Martins e Bicudo (1989),

sempre que se desejar desocultar a visão que uma pessoa possui sobre uma determinada situação, é preciso que se lance mão do recurso que a entrevista fornece. Ela é a única possibilidade que se tem de obter dados relevantes sobre o mundo-vida dos respondentes (p. 54).

Biasoli-Alves (1998), por sua vez, acrescenta ser essa estratégia de investigação caracterizada pela elaboração de questões que

seguem uma formulação flexível e a seqüência e minuciosidade ficam por conta do discurso dos sujeitos e da dinâmica que acontece naturalmente. As questões nesse caso são abertas e devem **evocar** ou **suscitar** uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados; freqüentemente elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos (p. 145, grifo da autora).

Em Zago (2003), encontram-se referências aos aspectos compreensivos da entrevista, que definem os seus contornos; sem a pretensão de se chegar a um modelo pronto a ser utilizado, as questões previamente definidas podem sofrer alterações conforme os direcionamentos a serem dados à investigação.

À luz das perspectivas apresentadas por esses autores, o Formulário da Entrevista (Apêndice C), aperfeiçoado a partir do estudo piloto, conforme já explanado, foi proposto como um esquema básico para a sua condução, porém não foi aplicado rigidamente, sendo flexibilizado e adaptado sempre que necessário, servindo mais como ponto de partida e de orientação para o diálogo que caracterizou os encontros de levantamento de dados, de maneira informal e descontraída.

Patrício (1999a) assinala que a entrevista pode ser subsidiada por instrumentos específicos à situação estudada, tais como filmes, desenhos, músicas ou outros recursos que auxiliem no levantamento dos dados. Segundo a autora, esses recursos possibilitam levantar profundamente expressões verbais e não verbais do sujeito, identificando seus significados e podendo chegar mais próximo da realidade que se quer compreender.

Complementou a entrevista a técnica “Linha da Vida”⁷, exercício que consiste em traçar no papel uma linha representativa da trajetória cronológica da existência, destacando nessa cronologia os fatos e os momentos mais importantes. Utilizou-se a consigna segundo preconizado por Fritzen (1994), focada em uma determinada dimensão das experiências vividas, qual seja, a trajetória profissional dos sujeitos.

Esse recurso foi buscado pautando-se na crença de que poderia facilitar aos trabalhadores o resgate de vivências ou de momentos significativos em sua trajetória profissional. Extrapolando a expressão verbal e registrando por escrito os principais fatos vivenciados, poderiam dar-se conta ou mesmo lembrar-se de vivências marcantes, com a riqueza de conseguirem situá-las no contexto e nas circunstâncias, favorecendo a atribuição de significados aos fatos vividos. “O contexto no qual os indivíduos realizam suas ações e desenvolvem seus modos de vida fundamentais, têm um valor essencial para alcançar das pessoas uma compreensão mais clara de suas atividades” (TRIVIÑOS, 1987, p. 122).

Nas primeiras aplicações dessa técnica, os psicólogos foram convidados a registrar os fatos que desejassem ao longo de uma linha traçada em papel pardo ou cartolina, utilizando canetas hidrocor, giz de cera ou pincéis atômicos de cores variadas que lhes foram disponibilizados, em presença da pesquisadora, podendo expressar-se através de palavras, números, desenhos, símbolos, imagens ou outros recursos. Conforme já exposto, o estudo piloto possibilitou avaliar vários aspectos acerca da utilização dessa técnica associada à entrevista, como o momento de sua aplicação e a própria consigna apresentada.

A aplicação das técnicas de investigação acima descritas permitiu aproximações à história de vida dos trabalhadores participantes do estudo, na perspectiva de que o indivíduo só pode ser realmente compreendido em sua singularidade quando inserido na totalidade social e histórica que o determina e dá sentido a essa singularidade.

Minayo (1992) refere a história de vida como uma estratégia de compreensão da realidade, cuja função principal é retratar as experiências vivenciadas. Segundo essa autora, ela é instrumento privilegiado para se interpretar o processo social a partir das

⁷ Essa técnica, também referida como Linha do Tempo, traz outras variações em sua denominação e em seus objetivos de aplicação. Fritzen (1994, edição original de 1981) a apresenta com o nome de “Gráfico da Minha Vida”, em duas versões, com o objetivo de trabalhar em grupo a representação gráfica dos fatos mais importantes da vida de indivíduos, ou de fazer *feedback*. Já Pabst (1999) a traz com o nome de “Linha da Vida”, e a utiliza com o propósito de trabalhar questões vocacionais e de reorientação profissional, referindo-se ao exercício como uma variação entre outras possibilidades de examinar a trajetória de vida, numa perspectiva corporal, através de reflexões suscitadas ao se caminhar sobre uma linha traçada no chão. Em Soares encontramos referências a essa técnica igualmente como “Linha da Vida” (2002a), mas também como “Gráfico da Vida Profissional” (2002b), consistindo a tarefa em construir, de maneira livre e espontânea, a linha da vida, marcando nela os acontecimentos e os momentos mais marcantes, ou representar, através de um gráfico, tais acontecimentos.

pessoas envolvidas, na medida em que se consideram as experiências subjetivas como dados importantes que falam além e através delas (MINAYO, 1992, p. 127). Em suma, trata-se de um recurso que acrescenta dados pessoais e visões subjetivas a partir de determinado lugar social onde os sujeitos estão interagindo.

Cruz Neto (2000), por sua vez, afirma que a história de vida “permite ao informante retomar sua vivência de forma retrospectiva”, constituindo-se em “um olhar cuidadoso sobre a própria vivência ou sobre determinado fato” (p. 59).

Bogdan e Biklen (1994) referem a possibilidade da abordagem da história de vida limitar-se a um período específico ou a um aspecto particular da vida da pessoa, o que também traz Minayo (2000), ao distinguir entre a história de vida completa, que retrata todo o conjunto da experiência vivida, e a história de vida tópica, que focaliza uma etapa ou um determinado setor da experiência em questão.

As aproximações à história de vida desenvolvidas neste estudo focalizaram-se na história de vida tópica dos participantes, dirigida especificamente à sua experiência laboral, embora, considerando a complexa trama que caracteriza a existência humana, nem sempre tenha sido possível separar as vivências relacionadas ao trabalho do conjunto mais amplo do processo de viver.

As informações oriundas da Linha da Vida e das Entrevistas foram reunidas, para que pudessem ser mutuamente complementares. Para tanto, o registro dos dados foi um procedimento que requereu especial atenção, pelo seu volume e, principalmente, pela sua diversidade, pois dele dependeria uma análise consistente. A esse respeito, Triviños (1987) ressalta que,

na pesquisa qualitativa, o registro das informações representa um processo complexo, não exclusivamente pela importância que nesse tipo de investigação adquirem o sujeito e o investigador, mas também pelas dimensões explicativas que os dados podem exigir (p. 154).

Os dados das entrevistas foram registrados no seu próprio formulário, no caso das informações da sua primeira parte, e através de gravações em fita cassete, na segunda parte. Essas gravações, devidamente autorizadas pelos sujeitos, totalizaram aproximadamente 35 horas, e foram posteriormente transcritas uma a uma, pela pesquisadora e por duas auxiliares de pesquisa, contratadas especialmente para essa finalidade. Cabe ressaltar que todas as gravações transcritas pelas auxiliares foram revisadas minuciosamente pela pesquisadora.

Mesmo que o trabalho de transcrição seja dividido com terceiros, como ocorreu nesta pesquisa, é muito importante que o pesquisador proceda a essa revisão, pois durante

o trabalho de transcrição e/ou revisão ocorrem *insights* ou reflexões que auxiliam no processo de análise dos dados. Esse momento configura-se, de certo modo, como um “estar de novo” com os sujeitos da pesquisa, na medida em que se rememoram o momento e o contexto de realização do levantamento de dados; é ainda uma oportunidade ímpar de estar em contato com os dados, de deixar-se impregnar por eles; como se se estivesse assistindo a um filme pela segunda ou terceira vez, os sucessivos contatos com o material permitem captar informações não percebidas num primeiro momento.

Ainda, a fidelidade àquilo que foi trazido, mesmo quando se fazia necessário “voltar a fita” por diversas vezes, para captar expressões nem sempre muito claras, ou para apreender detalhes que permitissem entender exatamente o que estava sendo dito, configurou-se como uma atitude ética de respeito aos sujeitos que se dispuseram a dividir com a pesquisadora passagens de suas histórias de vida.

Cada entrevista transcrita resultou em volume que variou de sete a 18 páginas (média de 12 páginas). Essa variação no volume de dados obtido mostra novamente quão peculiar é cada momento de entrevista, em termos não apenas do material colhido, mas também do modo como se processou a interação pesquisadora–pesquisados. Todo o material transcrito das entrevistas foi impresso, totalizando 195 páginas de registro.

O processo de coleta e registro de dados foi subsidiado pela utilização de um Formulário para Registros da Pesquisadora (Apêndice E), conforme descrito por Patrício (1999a). Para fazer esses registros baseou-se nas observações de Lüdke e André (1986), que enfatizam a importância de se distinguir claramente, nessa etapa, as informações essencialmente descritivas, as falas, as citações e as observações pessoais do pesquisador.

Esse formulário, anexo ao da entrevista, foi utilizado para registros de elementos considerados relevantes, surgidos antes, durante ou após os encontros de entrevistas, bem como de *insights* ocorridos e de sentimentos vividos no processo de colher os dados. Tal instrumento mostrou-se particularmente útil durante a aplicação da Linha da Vida, uma vez que, enquanto elaboravam seus registros, os profissionais iam explicando ou fazendo comentários a respeito do que estavam produzindo. Como nesse momento não se recorreu ao gravador, as informações consideradas importantes foram registradas no aludido formulário.

Tais registros auxiliaram a reunir as idéias que surgiram e a organizá-las preliminarmente e, para tanto, esse formulário contemplou espaço para a análise do que ia sendo registrado. Essa análise pode ser complementada por registros de notas teóricas, que são especificamente análises e inferências teóricas realizadas nesse momento, com o

objetivo de ir construindo concepções teóricas da realidade em estudo, e de notas metodológicas, que se referem a questionamentos, alterações e adaptações nos procedimentos metodológicos adotados na pesquisa (BONAZINA, 1999).

Nas vivências desse processo de pesquisa, foi particularmente significativa a riqueza da interação com o campo, possibilitada pela abordagem qualitativa: como se não houvessem amarras, tem-se liberdade para alterar o transcurso da coleta, a ordem de apresentação das questões, o momento de inserção de uma técnica complementar, o número de encontros com os trabalhadores. Sem contar a emoção, de entrar em consonância com a profundidade dos relatos e se permitir emocionar-se com eles, viver essa emoção e em seguida voltar ao papel de pesquisador e continuar o processo.

Esse é um “mergulho”, no entanto, que exige maturidade do pesquisador para transitar no vai-e-vem de seu estudo, estando simultaneamente dentro e fora da relação estabelecida com cada participante, sem perder de vista os objetivos que o trouxeram ali.

Alguns procedimentos utilizados no trabalho de campo claramente surpreenderam os trabalhadores, como o fato de ter sido mostrado o projeto da pesquisa, a entrega dos documentos que resguardam os aspectos éticos, deixar-lhes a Carta de Apresentação, informar-lhes da possibilidade de retorno para validar e devolver os dados. Pela sua reação, no entanto, essa pode ser considerada uma surpresa boa, pois ficaram interessados, forneceram e-mails, telefone, enfim, fizeram um movimento que demonstra o interesse e o desejo de serem mais que meros respondentes de uma pesquisa, e sim efetivos participantes de um processo de construção de conhecimento que a eles também interessa, em última instância, pois diz respeito à sua classe profissional.

Em vista da grande importância atribuída ao processo da pesquisa, o qual pode trazer benefícios ao campo pesquisado desde o seu início, mesmo que o estudo não tenha o propósito de pesquisa-ação, são apresentados alguns elementos a respeito do significado da participação no estudo, explicitados espontaneamente pelos psicólogos ao final da entrevista.

Fiquei orgulhosa de estar contribuindo em um assunto que para mim é apaixonante (Sara).

A experiência de participar da pesquisa foi avaliada também como oportunidade de reflexão e de recuperar “coisas já esquecidas”.

Poder recuperar algumas coisas que eu já tinha esquecido, considerá-las de outra maneira, isso aí foi bastante interessante, foi uma reflexão que foi bastante interessante... é uma intervenção da própria pesquisa no seu campo (Guilherme).

Outras manifestações enfatizaram a oportunidade de entrar em contato com sentimentos, fazendo uma avaliação retrospectiva e traçando perspectivas para o futuro.

Gostei muito de falar sobre a minha relação com o meu trabalho, de me emocionar novamente (olhos marejados). Desde a primeira vez que tu estivestes aqui me convidando para participar desse trabalho, já na hora eu fiquei bem emocionada... Poder estar falando sobre isso, rememorando também, avaliar o que faço, pensar sobre, recordar, sentir saudades, rememorar os obstáculos e o que foi vencido, o que ainda tem para vencer, o que vem aí pela frente, foi ótimo, obrigada, eu fiquei contente de ter sido sorteada... de falar do meu trabalho (Ana).

Foi assim bem interessante essa coisa de resgatar, falar sobre, porque às vezes a gente fala, mas fala de um aspecto, de uma forma, e desse olhar, assim, fazendo mesmo uma avaliação, até. Foi muito agradável, muito gostoso, resgatar essas coisas da memória, tanto o lado bom quando do lado um pouquinho mais difícil... Foi muito agradável para parar e pensar daqui para frente agora (Carla).

O prazer de falar da sua história, para poder ser comparada à de outros, e para mostrar a outros como é que o percurso profissional se desenvolve, também emergiu.

Essa experiência aqui, acho muito interessante... Eu não sei até que ponto a minha história se parece com as outras... para mim foi interessante, gostei... foi bem ao ponto... Estar aqui falando agora é bom, para mostrar aos outros psicólogos de certa forma assim o que eles podem esperar, porque vai acontecer com eles o mesmo que aconteceu comigo... porque a mesma coisa que aconteceu comigo aconteceu antes com outros... não somos os únicos, claro que as histórias são singulares, mas... (Carlos).

Coerentemente com a proposta de uma investigação de natureza qualitativa, durante a etapa de levantamento e registro dos dados, já se desencadeou uma primeira análise desses dados, num processo dinâmico de realimentação das informações e da própria pesquisa.

Bogdan e Biklen (1994) definem a análise de dados como

o processo de busca e de organização sistemático de transcrições de entrevistas, de notas de campo e de outros materiais que foram sendo acumulados, com o objetivo de aumentar a sua própria compreensão desses mesmos materiais e de lhe permitir apresentar aos outros aquilo que encontrou. A análise envolve o trabalho com os dados, a sua organização, divisão em unidades manipuláveis, síntese, procura de padrões, descoberta dos aspectos importantes e do que deve ser aprendido e a decisão sobre o que vai ser transmitido aos outros (p. 205).

Conforme mencionado anteriormente, os métodos qualitativos preconizam que a análise dos dados seja realizada simultaneamente à sua coleta, de modo “que um dado oriente a interpretação e compreensão de outros dados, além de, em muitos casos, conduzir para outros levantamentos” (PATRÍCIO, 1999a, p. 72).

A partir dos primeiros registros dos dados, iniciou-se o seu processo de análise, através de um maior detalhamento das descrições feitas, quando se buscou identificar e categorizar, numa perspectiva classificatória, as questões até então levantadas, conduzindo, de certo modo, à passagem de dados brutos a dados organizados.

4.4.3 Saindo do Campo: análise final e devolução dos dados

Analisar dados de natureza qualitativa requer que se chegue à identificação de temáticas e categorias emergentes. Nesse processo, é necessário que o pesquisador “saiba olhar os seus dados sem idéias pré-concebidas e se **deixe impregnar** por eles, e, indutivamente, os agrupe e interprete, depois de ter realizado várias leituras (sucessivas ou intercaladas) do material” (BIASOLI-ALVES, 1998, p. 149, grifo da autora).

A esse respeito, Bardin (1977, p. 96) refere-se ao recurso da “leitura flutuante”, caracterizando um estabelecimento de contato com o material colhido, “deixando-se invadir por impressões e orientações”. Trata-se de uma leitura intuitiva desse material, aberta a todas as idéias e reflexões que surgirem. O procedimento de categorização, para Bardin (1977, p. 119), “tem como primeiro objetivo fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos”. De acordo com essa autora, “as categorias são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico, agrupamento esse efetuado em razão dos caracteres comuns destes elementos”, ou “a classificação de elementos constitutivos de um conjunto” (BARDIN, 1977, p. 117). Dito em outras palavras, trata-se de um estabelecimento de critérios para reunir ou separar os elementos em unidades, observando o que tais elementos apresentam em comum e o que os diferencia.

O processo de análise dos dados do presente estudo tomou por base o Método de Análise-Reflexão-Síntese de Patrício (1995; 1999a). Segundo essa autora, tal técnica de análise integra a leitura intuitiva com a leitura analítica dos dados, recorrendo à intuição reflexiva e criativa. Em suas palavras,

através desse movimento, busca-se identificar categorias e temas, mas tendo como base o olhar sintético e construtivo das teorizações que emergem, ou que se explicitam, que se fundamentam através da leitura de análise-reflexão-síntese da interligação de todos os dados (PATRÍCIO, 1999a, p. 73).

Analisar os dados, nessa perspectiva, significa estudá-los detidamente. O processo de análise, para Patrício (1995, p. 88), “é aquele que fragmenta o conteúdo dos dados, que disseca em pedacinhos, que vasculha seus detalhes”. Já o processo de síntese “é aquele que une, que integra num todo as diversas dimensões do conteúdo, do sujeito, com ou sem os recursos da categorização, inclusive com uso da intuição e auxílio de metáforas”.

Os dois momentos do processo – análise e síntese –, segundo o método de Patrício, não se desenvolvem de forma estanque. Antes, apresentam-se inter-relacionados e interdependentes, sendo mediados pela reflexão, por parte do pesquisador, sobre os dados diante de si, com vistas à sua compreensão. “Refletir é o ato de retomar, re-considerar os dados disponíveis, revisar, [...] examinar detidamente, [...] se colocar sem censuras aberto para o mundo, para as mensagens, para outras verdades, outros sentimentos, outros eventos” (PATRÍCIO, 1995, p. 88 et seq.).

A reflexão, nesse momento, produz o estabelecimento de relações entre os dados, buscando sínteses coincidentes e divergentes de idéias e a percepção de mensagens subliminares que muitas vezes as falas apresentam. Por isso, uma importante característica apontada por Triviños (1987) nessa fase da pesquisa é a flexibilidade, o que permite a passagem de uma informação a outra, em busca de elementos comuns.

A função mediadora da reflexão entre a análise e a síntese operacionalizou-se por meio do uso de questionamentos constantes relativos às informações obtidas e caracterizou-se por um movimento permanente de ir-e-vir nos dados, com o intuito de apreender seus conteúdos e suas significações, bem como de correlacioná-los aos objetivos desencadeadores da pesquisa. Essa mediação possibilitou também avaliar a necessidade de que os dados, ainda durante a sua fase de coleta, fossem complementados ou aperfeiçoados, uma vez que a análise orienta e realimenta o próprio processo de coleta. Quando se fez necessário, novos contatos foram estabelecidos com os participantes da pesquisa, pessoalmente, por telefone ou via e-mail, visando esclarecer aspectos relativos aos depoimentos prestados.

Em suma, esse procedimento de análise reforça a importância do contato permanente não apenas com os dados levantados, mas também com os propósitos da pesquisa e com a sua sustentação teórico-conceitual. A esse respeito, Bogdan e Biklen

(1994) assinalam que o processo de análise não se desenvolve exclusivamente a partir dos dados, mas também das perspectivas que o investigador possui, seus valores e as maneiras de dar sentido ao mundo, elementos suscitados pela reflexão e que se mesclam aos dados para originar as sínteses. Em sua concepção, “as diferentes perspectivas teóricas dos investigadores modelam a forma como abordam, consideram e dão sentido aos dados” (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p. 231).

O itinerário pessoal adotado para o processo de análise final dos dados, à luz dos autores anteriormente citados, e que foram tomados como referência, incluiu leituras sucessivas de cada protocolo de entrevista, durante as quais foram sublinhados com diferentes cores os elementos importantes trazidos pelos sujeitos, à luz dos objetivos traçados para a pesquisa. Dada a liberdade proporcionada pelo instrumento e pela interação com o pesquisador, as informações nem sempre foram expressas de modo sistematizado pelos sujeitos, o que exigiu que se percorresse sucessivas vezes todo o protocolo, em busca dos dados que possibilitassem a compreensão das questões norteadoras apresentadas.

Posteriormente, esses elementos foram registrados num agrupamento simples, questão a questão, reunindo-se o que cada um dos sujeitos abordou, constituindo-se assim um primeiro momento de análise, focalizado na busca de identificar/extrair categorias. A seguir, esse agrupamento foi submetido a nova análise reflexiva, chegando-se então a categorias, por sua vez agrupadas em registro separado, o que permitiu apresentá-las, juntamente com falas significativas dos trabalhadores, conforme mostrado no Capítulo 5.

Esse processo de contato com os dados visando identificar categorias desenvolveu-se de modo bastante “artesanal”, pela maneira como essas informações foram sendo classificadas e pelos *insights* registrados.

Nesse momento, que se caracterizou por um contato profundo e diário da pesquisadora com os dados da pesquisa, o processo de análise-reflexão-síntese exigiu abertura constante às sínteses intuitivo-reflexivas formuladas pelo pensamento e que emergiam à consciência por meio de *insights* em ocasiões as mais diversas, não apenas quando do envolvimento direto com o material. O bloco de anotações tornou-se, então, instrumento valioso para que se pudessem registrar imediatamente as idéias surgidas, para, posteriormente, integrá-las ao processo de análise em curso.

O momento de análise final dos dados, especulativo no que se refere à elaboração de idéias, possibilitou, a partir da reflexão sobre as categorias e subcategorias extraídas, identificar temas emergentes, os quais subsidiaram a elaboração de sínteses que conduziram ao entendimento do fenômeno em estudo.

O momento de devolução, embora decorra das sínteses a que chegou o pesquisador, igualmente requer uma atitude analítica e reflexiva, uma vez que pode inclusive gerar novos dados de interesse da pesquisa, além de legitimar aqueles anteriormente obtidos.

Em observância às questões éticas que pautaram o desenvolvimento deste estudo, as quais preceituam que os dados sejam devolvidos aos participantes antes de sua publicação, a devolução dos resultados da pesquisa aos trabalhadores será concretizada através de convite para comparecerem ao momento de apresentação e defesa da tese, o que não exclui a possibilidade de encontros individuais para tal procedimento.

5 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DOS PSICÓLOGOS DO ESTUDO

Da mesma forma como as tintas se oferecem a quem quer que as deseje, sem que isso os torne pintores; falta uma capacidade criadora, um poder de síntese e organização, uma imaginação que traz à existência coisas que não existiam, [...]. Também na ciência: os dados, sem a centelha que lhes dá arquitetura e os põe em movimento, são inertes, mortos, mudos...
(Rubem Alves, 2000)

Neste capítulo, são apresentados os 16 psicólogos participantes da pesquisa, bem como o processo de construção da identidade profissional por eles relatado.

O quadro a seguir sintetiza o perfil desses profissionais, a partir dos dados obtidos na primeira parte da entrevista. Nesse quadro são relacionados os participantes pela ordem alfabética dos seus pseudônimos, reunindo-se informações individualizadas a respeito do tempo de formados, dos estudos realizados em complementaridade à formação acadêmica em Psicologia, das atividades profissionais que desenvolvem, do(s) local(is) onde essas atividades acontecem e, ainda, da carga horária semanal de trabalho.

PERFIL DOS TRABALHADORES PARTICIPANTES DA PESQUISA

Informações	Tempo de Formado (em anos)	Formação Complementar à Graduação	Atividade(s) Profissional(is)	Local(is) de Trabalho	Carga de Trabalho (horas/sem.)
ADRIANA	18	3 Formações	Psicologia Clínica	Consultório em clínica/Instit. pública	64
ANA	19	Formação/cursos aperfeiçoamento	Psicologia Clínica	Instituição pública	35
BEATRIZ	05	Especialização inc. Mestrado	Psic. Organizac. e Escolar/Doc. 2º Grau	Escolas da Rede Privada	40
CARLA	15	Especialização	Psic. Clínica/Ministr. cursos e palestras	Consultório part./ Escolas Rede Privada	45
CARLOS	07	2 Formações /Mestrado	Psic. Clínica/ Docência superior	Consult.em clínica/Univ. privada	40
CLARICE	10	Formação incomp. /Espec./Mestrado	Psic. Organizacional e do Trabalho	Instituição pública	35
CRISTINA	14	Formação/ Especialização	Psic. Escolar e instituc./Psicologia Clínica	Escola especial/Consultório em clínica	52
GUILHERME	16	Formação/ Espec./ Mestrado/Grupos de Estudos	Psic. Clínica ampl./ Docência superior/ Superv. Estágios	Instituição pública/Universidade privada	38
LIA	21	2 Especializações	Psic. Clínica/Superv. Estágios	Instit. pública/Consult. particular	40
MARIA	19	2 Especializações/ Capacitação	Psic. Trânsito/Psic. Organizac./Docência Superior	Instit. pública/Empresa privada/Univ. privada	74
MARIANA	07	2 Especializações /Mestrado	Psic. Clínica/ Docência Formação/ Superv. Clínica	Consultório em clínica	30
MÁRIO	20	2 Formações/ Grupos de Estudos	Psic. Hospitalar/ Psic. Clínica	Hospital público/ Consult.particular	48
PAULA	08	Formação/Espec./ Aperfeiçoamento	Psicologia Hospitalar	Hospital público	30
ROSA	11	Formação/Mestrado	Psic. Clínica/ Docência superior/ Superv. Estágios	Consultório em clínica/Univ. privada	45
SARA	17	3 Formações/ Aperfeiçoamento	Psic. Clínica e Organizacional/Trab. Voluntário	Instituição pública/ Consultório particular/Comunidade	33
SORRISO	19	Especialização/ Mestrado inc.	Docência superior/Superv. Estágios/Ministr. Cursos/Consultoria	Universidade privada/Empresas privadas	31

* Como explicado no Capítulo do Método, os nomes aqui apresentados são fictícios, e foram escolhidos pelos sujeitos no momento de realização da entrevista.

Os dados reunidos mostram um tempo médio de 14 anos de formados, sendo que a maioria (nove sujeitos) está formada há mais de 15 anos. Mostram ainda que todos os participantes complementaram sua formação acadêmica prosseguindo nos estudos; embora

tenha predominado a busca por Cursos de Formação¹, foram freqüentados também Cursos de Aperfeiçoamento, Capacitação, Especialização e Mestrado. Quanto às atividades profissionais, predomina a atuação em consultório, porém a maioria desenvolve duas ou mais frentes de trabalho, concomitantemente. Diversos são também os locais onde essas atividades são exercidas, como consultório particular, instituições públicas e outros. Apenas dois dos entrevistados são autônomos: os demais possuem vínculo empregatício, sendo a maior parte em órgãos públicos. No que se refere à carga horária semanal de trabalho, o número médio de horas destinadas às atividades profissionais é de aproximadamente 42 horas.

O processo de construção da identidade profissional será apresentado a seguir, nas suas diversas categorias encontradas: o significado de ser psicólogo, o processo de escolha pela Psicologia, as vivências profissionais da trajetória e o significado da trajetória na construção da identidade profissional.

5.1 O significado de ser psicólogo

A **ajuda às pessoas e o conhecimento e compreensão da essência do ser humano e de seu comportamento** foram significados de ser psicólogo bastante citados nos depoimentos. Ser psicólogo significa, basicamente, ser um profissional que ajuda o ser humano: prestar essa ajuda, segundo relatado, configura-se como o **principal propósito do trabalho na profissão**, independentemente de ele se desenvolver em contexto de consultório, escola, hospital, empresa ou outro. Nas palavras de alguns participantes, ser psicólogo é:

... ter essa capacidade de compreender o que se passa com o ser humano e ajudá-lo a entender aquilo que ele não entende que se passa com ele, ajudá-lo a abrir caminhos em que ele consiga ver outras coisas que ele não está conseguindo ver, que talvez nem a gente saiba, mas... a gente se surpreende lá pelo meio da história também..., ajudá-lo a que ele se entenda, e que talvez ele possa traduzir melhor para si mesmo (Mário).

¹ Caracterizados como “cursos livres” (LISBOA, 1999), tais cursos constituem prática bastante freqüente no campo da Psicologia, e propõem-se a oportunizar o aprofundamento de conhecimentos em uma abordagem específica e oferecer subsídios teórico-práticos, por meio, inclusive, de acompanhamento e supervisão. São bastante procurados por formandos e psicólogos recém-formados. Outras reflexões a respeito são trazidas no próximo Capítulo.

... compreender o comportamento do ser humano, é estar chegando na alma da criatura, assim; é cuidar dessa coisa da saúde mental, é estar disponibilizando esse espaço para que o outro ser se manifeste plenamente (Sara).

... estar buscando... conhecer o ser humano, apreender com o humano, e tentar minimizar de alguma maneira o sofrimento, tentando proporcionar saúde para as pessoas em todas as modalidades possíveis [de trabalho] (Rosa).

Conforme ressaltado por alguns, ao lidar com pessoas, com o propósito de ajudá-las, ocorre o encantamento com surpresas e o surpreender-se com a diversidade dessas pessoas, o que representa um desafio no cotidiano.

... eu fico encantada com os conflitos das pessoas, não de um jeito sádico [...], mas de encontrar essa diversidade, essas diferenças, nesse desafio até do que que é este ser humano, de como é que ele, como é que cresce, como é que se desenvolve. Aí acho que entra em todos os aspectos que a gente começa a aprender lidar com gente [...], uma coisa assim tão rica e tão maluca [...], pessoas que estão fragilizadas pedindo ajuda da gente... Acho que ser psicólogo é isso aí, esse encantamento de ficar lidando com gente em todos os lugares, com todas essas surpresas, ficar achando rico essas coisas todas [...]. Isso eu acho que é o que encanta (Lia).

Foi ponderado que, guardadas as peculiaridades de métodos e de abordagens teórico-técnicas, a **operacionalização dessa ajuda** se dá através de um modo específico de intervenção, uma forma peculiar de exercê-la, própria da Psicologia: o **estabelecimento de uma relação interpessoal específica**, focalizada na busca de conhecer-entender-compreender o comportamento desse ser humano, sua essência, sua lógica de funcionamento, o que se passa com ele e como se coloca nas situações.

Prestar essa ajuda implica desenvolver um **trabalho de relação direta com as pessoas**, instrumentalizando-as para saberem como atuar no mundo e para entenderem o que se passa consigo e o que não sabem de si, minimizarem seu sofrimento psíquico, enxergarem outras possibilidades, transformarem insatisfação em satisfação, obterem saúde mental, bem-estar e também melhor qualidade de vida, não restrita ao aspecto psicológico, ou, simplesmente, “mostrando caminhos” e orientando-as em situações específicas.

Uma coisa que me dá muita satisfação é poder atuar junto com a pessoa que realmente tem problemas. Desde a época lá, antes, que eu fazia faculdade, de pegar o que que eu posso ajudar, e às vezes a ajuda é assim, vamos fazer isso, vamos fazer aquilo, é só dar uma luz para a pessoa, e isso é muito bom! (Maria).

Para mim é minha realização, eu poder de alguma forma estar mostrando os caminhos às pessoas, em várias faixas etárias e também níveis sociais (Beatriz).

Essa relação traduz-se em **estabelecer uma interação** que permita **caminhar ao lado desse ser humano e lhe mostrar e abrir caminhos, estar junto, acompanhar sua vida** bem de perto, entrando na sua intimidade, apoiar e ser um guia em momentos de sofrimento psicológico, de crises ou de dúvidas em relação a atitudes a serem tomadas.

Ser psicólogo para mim é caminhar junto com o outro, estar ao lado do outro, permitir que ele vá abrindo as portas da história de vida dele, das emoções dele, das atitudes... Eu guardo muito essa imagem assim de ser psicólogo como alguém que caminha junto com o outro e que ora pode dar um passo um pouquinho à frente por ter uma visão maior, até pelo próprio estudo, pela própria prática, de ter uma visão um pouco mais ampliada, mas de estar sempre junto com esse outro, para que ele vá abrindo uma porta de cada vez, para que ele vá conhecendo o que não sabe de si [...]. Essa metáfora de ser psicólogo para mim é isso (Mariana).

[Ser psicólogo] é ser continente, poder trazer uma luz [...], ser um instrumento para as pessoas ficarem melhores com elas mesmas. Eu me sinto com uma função assim restauradora, uma função de apoio em tudo o que demanda o que a pessoa está precisando, que vem buscar a nossa orientação, a nossa ajuda (Ana).

Estabelecer essa interação significa, conforme explicitado pelos profissionais, **ser “ferramenta de promoção humana”**, auxiliando o ser humano a viver melhor, seja no plano individual, seja no ambiente de trabalho ou social; significa também exercer uma função integradora e orientadora, estando aberto àquilo que vem, sem se antecipar e querer ter respostas de imediato (saber que não vai saber mesmo); buscar ter uma atuação técnica, mas também política, assumindo posições, fazendo escolhas e tendo um olhar além, buscando uma visão mais ampla da própria Psicologia enquanto ciência e profissão.

Esse modo de interagir com o ser humano implica **participar do seu cotidiano**, enxergá-lo em sua inteireza, disponibilizar-se para trocas, colocar sua parte sensitiva à disposição, oferecer-lhe conforto e apoio, ouvir o que tem para dizer, tendo capacidade, nessa escuta, de ir além das aparências e de “escutar o não-dito”, atendendo às suas demandas, àquilo que está precisando e/ou vem buscar.

Exercer um trabalho dessa natureza, com todas essas facetas, significa **ser um guia na vida das pessoas**, em vista do seu estado de vulnerabilidade e fragilidade, bem como do grau de abertura para adentrar na sua intimidade, o que exige muita responsabilidade.

Para mim o ser psicólogo hoje é [exercer] um papel de muita importância na vida das pessoas que estão em sofrimento, num momento de crise, sem saber mesmo o que fazer, por onde ir, que atitudes tomar, então eu me sinto muitas vezes nesse papel, como se fosse um guia que diz, olha, vamos por aqui, aqui vale mais a pena, aqui parece que as coisas estão mais, é mais adequado ir por aqui, para aquele momento, aquelas características, aquelas circunstâncias... Essa coisa de ser meio que um guia na vida das pessoas é um papel muito especial, eu sinto que as pessoas abrem... As pessoas vêm aqui, me buscam,

mas realmente vêm abertas, então eu sinto que eu tenho todo um trajeto livre para poder entrar. E aí, assim, uma coisa também de muita responsabilidade [...], uma grande responsabilidade que eu procuro corresponder também à altura [...], porque dependendo do que se fala aqui, do que se diz, a pessoa, no momento que está perdida, vai levar, às vezes, ao pé da letra. (Carla).

Mesmo aqueles sujeitos que desenvolvem atividades em organizações de trabalho abordaram a questão da ajuda e igualmente chamaram a atenção para a responsabilidade no exercício do papel profissional de psicólogos, uma vez que são vistos como representantes e **porta-vozes no grupo de trabalho**; alguém que representa as suas dores e anseios e que serve de referência, transmitindo segurança e acolhida, pela simples presença.

O meu [cargo] é muito próximo das pessoas, eu represento muito mais as dores ali deles do que um engenheiro ou um contador... As pessoas sabiam que eu era psicóloga e me pegavam no corredor para contar as coisas... Logo de início essa sensação de ser muito representante do grupo ficou clara para mim e eu procurava sempre me utilizar disso com muito critério, porque eu via, assim, a responsabilidade que eu tinha, que as pessoas depositavam em mim e que esperavam de mim alguma coisa que às vezes eu nem entendia o que que era, e às vezes eu achava que não precisava nem nada, era só eu estar aí por perto que já dava uma segurança para eles, até porque nunca na vida deles ali teve alguém que entendesse o lado deles... No fundo, assim, às vezes eu sentia isso, eles não precisavam de muita coisa, eles não pediam muita coisa, o que eles pediam era isso, assim, uma acolhida, porque é um ambiente muito hostil... Acho que as pessoas me têm como referência para se sentir fortes, assim (Clarice).

... a gente faz acompanhamento, que é tipo assim, se colocar à disposição para conversar com quem precisar, então às vezes eles só querem conversar sobre algumas angústias, alguma coisa..., então a gente marca, ó, quer conversar comigo vai lá... Então quando o pessoal percebe que está precisando de um apoio, está precisando de pelo menos uma conversa, porque tem muitos problemas particulares que eles não falam com os colegas... Aí eles vão lá, conversam, falam das angústias... a gente fica conversando, baixando a poeira... (Maria).

Conforme os depoimentos dos profissionais apontaram, **ser psicólogo significa, em síntese, ajudar as pessoas, sendo este o principal propósito da profissão**. Para tanto, buscam exercer um trabalho de relação direta com essas pessoas, uma relação interpessoal específica, traduzida em interações que permitam conhecer e compreender sua essência e seu comportamento.

5.2 A escolha pela Psicologia

O sentimento de identificação com a profissão em si ou com suas atividades típicas **começou a ocorrer**, para muitos participantes do estudo, **na adolescência**.

Desde que eu fiquei sabendo que existia essa profissão, onde existia um profissional que ajudava os outros, que podia possibilitar algum tipo de conforto para as pessoas, algum tipo de apoio para as pessoas, eu já comecei a me identificar... então eu tinha uns treze, quatorze anos, por aí (Maria).

Eu já tinha trabalhado também com criança, em creche, lá, aos treze, quatorze anos, fui trabalhar em creche... Enfim, não tinha bem claro qual era o papel do psicólogo, mas eu achava que queria trabalhar com gente, com pessoas, a questão de estar trabalhando com coisas do comportamento (Cristina).

À época da escolha, existia um **desconhecimento acerca do que era a Psicologia**, tanto por parte dos profissionais quanto de seus familiares: o que fazia o profissional psicólogo, quanto ganhava, qual o seu papel na sociedade e que outras possibilidades de atuação haveria, além da clínica. Os significados de ser psicólogo, nessa época, consistiam em idealizações acerca da profissão, embora já se descortinasse, desde então, a possibilidade de ajuda e compreensão do ser humano, através da Psicologia.

Eu vi num filme, acho, foi um filme quando eu era adolescente que tinha uma psicóloga que fazia esse papel de ajudar as pessoas, ela era procurada porque podia ajudar, e aquilo me impressionou... Eu lembro que a minha família não sabia o que que era Psicologia. Naquela época, há dezenove anos atrás, Psicologia ainda era uma ciência pouco divulgada, o papel do psicólogo não aparecia, não tinha, e ah!, mas o que que tu vai fazer, vai ganhar o que, por que que tu não faz Medicina, por que que tu não faz uma coisa mais objetiva? Não, eu quero Psicologia (Maria).

No início havia uma suposição do que era ser e trabalhar com Psicologia, mas nada muito concreto. Foi só ao longo do curso mesmo, com as pessoas e as atividades que eu fui encontrando, que, aí sim, isso foi ficando mais claro, mais definido para mim (Guilherme).

Eu nunca tive contato antes com psicólogo, um contato mais direto, assim, até porque não era uma prática, onde eu vivia, muito corrente. Hoje em dia evidentemente já é, mas na minha época... não era uma prática, não lembro de psicólogo. Nem existia muito psicólogo lá onde eu morava, tinha um ou dois, um era dentro da área organizacional, o outro era acho que também era da área de organizacional... (Mário).

Além da idéia de ajuda, houve relatos referentes também à questão do aconselhamento, de abraçar. Mesmo sem ter muita noção do que era a profissão, havia a convicção quanto à escolha por ela, em função de uma grande identificação sentida.

Na verdade eu não sabia muito bem o que era a Psicologia, eu imaginava que Psicologia era exatamente isso, ser conselheira, ajudar, abraçar, sei lá, alguma coisa nesse sentido. Eu fui descobrir, na verdade, no curso, mas assim, é engraçado que ao mesmo tempo em que eu não sabia direito o que era Psicologia eu dizia, não, mas não tem outra coisa para fazer..., eu nunca pensei em fazer outra coisa (Beatriz).

Quando eu tomei contato com o que que era, com o que que fazia o psicólogo, foi uma coisa que me encantou, eu me identificava muito, desde muito cedo me identifiquei muito com esta profissão. Enquanto fazia Filosofia fui fazendo as cadeiras que tinham disciplinas comuns, depois consegui transferência para o curso, acho que foram os dias mais felizes da minha vida, sempre quis estudar Psicologia, ser uma psicóloga... (Adriana).

Os **primeiros contatos com a Psicologia como profissão** aconteceram por meio de amigos, leituras – principalmente de livros e/ou autores da área da Filosofia –, filmes, revistas, contatos sociais ou profissionais vivenciados na infância por eles próprios ou por alguém da família, disciplinas ou atividades no colégio ou mesmo cursos de parapsicologia.

... no segundo grau eu tinha uma grande amiga, e ela começou a falar dessa questão da Psicologia, porque até então eu estava muito voltada para a área de esportes, que eu sempre gostei muito de educação física... [...] Ela começou a falar eu digo, olha, que interessante, essa Psicologia, eu não tinha ouvido muito... A gente foi até conversar com uma psicóloga, e eu fui cada vez ficando mais interessada, começou a me chamar a atenção aquela história da Psicologia... Mas então foi uma coisa muito, com uma amiga assim, que eu fui indo... (Carla).

Na época, eu era menina, tinha aqueles cursos do Edgar Schutz, acho que ele é parapsicólogo, não sei se agora ele tem, que hoje em dia eu acho uma coisa até..., analisando hoje, né? (...) Mas assim trabalhava com as coisas do comportamento e aquilo me chamou a atenção, né? (Cristina).

... a única experiência que eu tinha tido com a Psicologia não tinha sido boa, até não sei muito bem porque que eu ainda insisti com a idéia, porque [na quinta série] eles chamaram alguns alunos para ir lá na Psicologia falar com alguém. Então alguém do colégio me levou um dia lá... e eu não sabia o que era, depois que eu fui entender, muito depois me disseram. Mas ninguém me disse, e eu tive que fazer um monte de testes, de perguntas, e tudo me assustou... Foi uma, era professora, gigante, para mim ela era enorme, e ela atrás da mesa, e não me lembro de ter tido nenhuma recepção mais ou menos calorosa, porque para mim a cena que ficou sempre foi essa: ela gigante atrás duma mesa me botando fichinhas para eu falar o que era... Essa era a única relação que eu tinha tido com a Psicologia (Clarice).

Como as poucas informações que detinham sobre a Psicologia nessa fase de escolha se reportavam à atuação clínica, a **expectativa de trabalhar com clínica em consultório** foi trazida de forma quase unânime.

Nós lá de casa não sabíamos muito bem o que era a Psicologia. Eu sabia em termos gerais, era assim estudar, fazer psicanálise, sabe, estudar lá um monte, estudar o ser humano, eu entendia que era por aí, mas não sabia muito bem no que que isso ia dar... (Sara).

Eu lembro que eu não sabia direito o que que fazia o psicólogo, não tinha muito claro... Lembro que tinha a coisa do consultório, como uma primeira... Aí vou ter meu consultório, eu vou ajudar as pessoas, eu vou conversar com as pessoas... (Carla).

Pra mim sempre foi muito tranquilo assim a escolha, mas lógico, sempre pensando na clínica, até porque eu desconhecia as outras possibilidades. [A idéia era] de clínica, era em relação à clínica... Não existia muita informação sobre a profissão. Meu pai, também, acho que não conhecia muito sobre a profissão (Sorriso).

A grande maioria ressaltou que o **gosto em lidar e/ou trabalhar com pessoas** foi o **principal motivo** da escolha pela Psicologia. Por meio do exercício dessa profissão entendiam que poderiam estar em contato mais direto com as pessoas, estabelecendo relações interpessoais, com o propósito de apresentar soluções para resolver os problemas dessas pessoas, lidar com os seus conflitos, compreender os seus processos psíquicos e o seu comportamento em profundidade, ajudá-las no seu ambiente de trabalho e no seu convívio em geral e também realizar um trabalho social.

Eu sempre gostei muito de observar, sempre me vi como uma pessoa muito sensível e nessa sensibilidade vem junto uma emotividade. Acho que foram esses três elementos – observação, sensibilidade e emotividade – de alguma forma que me fizeram desembocar e me identificar com a profissão de psicóloga. [...] E eu penso isso, assim, a coisa de ter uma certa compaixão, né?, pelo outro e pelas coisas do sofrimento... acho que são elementos que me fizeram ir pra essa área (Ana).

... uma escolha como essa, né?, é justamente poder, sei lá, entender um pouco o que é viver, qual o sentido disso, o que que a gente está fazendo aqui, onde.... Então, são pessoas que foram fundamentais e cada uma foi dando uma contribuição e ajudando a construir isso, que foi uma escolha profissional que, em princípio, foi sem muita noção do que era, na verdade... (Guilherme).

Eu tinha idéia de que eu ia dar soluções para os problemas das pessoas, ia ajudar, que elas iam me trazer algum problema e que eu ia ajudar... ia dar soluções para os problemas das pessoas (Beatriz).

Nunca tive nenhuma outra profissão assim para mim. Quando eu me decidi, não me lembro com que idade, talvez com quatorze anos, por aí, eu acho que até antes, porque no segundo grau a gente já fazia alguns trabalhos, assim, pra buscar a realidade. Então tinha uma colônia agrícola perto da minha casa e a gente fazia uma visita semanal com os internos, então pra mim sempre foi muito tranquilo, assim, a escolha... (Sorriso).

A **escolha pela Psicologia vinculou-se também** a elementos relacionados à **história pessoal** ou à **detecção de características, habilidades ou capacidades** que predispunham ao exercício dessa profissão: os sujeitos consideraram que o desejo de **tornarem-se psicólogos originou-se** de fatores como o lugar ocupado na família e/ou no

grupo de amigos, ou ainda a postura de escuta, conciliação e mediação de conflitos, adotada por eles desde bastante jovens.

Entre as **características pessoais, habilidades e/ou capacidades** que influenciaram a escolha, foram citadas paciência, maturidade, emotividade, capacidade de observação e de escuta, sensibilidade, receptividade, acolhimento, calma, capacidade de dar suporte e ter compaixão pelo outro. Foi considerada, inclusive, a detenção de uma tendência inata para o exercício dessa profissão.

Alguns relataram que, por serem filhos mais velhos, eram solicitados a opinar, aconselhar e dar dicas aos demais componentes da família.

... dentro de casa, eu sou a filha mais velha, então sempre tive aquela coisa de que as pessoas me solicitavam tanto, assim; daí pai, mãe, irmão, vem cá, me dá um conselho, vem cá me ajudar em alguma coisa, vem cá dar essa dica que a gente acredita no que você tá falando, o que você fala tem razão de ser... (Mariana).

... tanto gente da minha família, primos e coisa assim, diziam [...] ah!, ela é toda assim, ela tá sempre boazinha com todo mundo, e eu sabia que não era uma coisa de boazinha, mas essa coisa de estar ali, de acolher, sabe, não sei ... Eu estou me lembrando de uma situação específica, de uma colega muito louca que pirou assim, praticamente [...] ela tava assim bem adolescente, quando ela foi viajar eu que escrevi pra ela, mas assim não porque que eu era a babá dela e nem tava cuidando dela, assim, nesse sentido, mas assim de suportar aquela coisa toda dela que era muito agressiva... (Lia).

Eu sempre tive uma capacidade muito grande de ouvir, ouvir as pessoas, os amigos, então ser procurada, mesmo em família, de ser a conciliadora. Apesar de bem nova, eu já era a pessoa que fazia a mediação de conflitos de família [...] Eu sempre fui muito observadora, eu sempre observei muito as pessoas e sempre fui uma pessoa assim muito tranqüila, muito calma, as pessoas procuravam, as amigas, os amigos, a família, procuravam prá conversar (Sorriso).

Outros profissionais relataram ainda que eram considerados conselheiros e bons escutadores, no grupo de amigos ou em casa, procurando sempre ouvir, ajudar e acolher, surgindo daí a idéia de fazer Psicologia.

Eu sempre fui, dentro das minhas amizades, a que..., a conselheira, onde todo mundo vinha chorar, se acontecia alguma coisa. [...] Eu consegui, de alguma maneira, ajudar os meus amigos, até os meus irmãos, eu tenho um irmão mais velho, por exemplo, ele não faz absolutamente nada sem me consultar e isso foi desde que eu tinha treze anos (Beatriz).

Circunstâncias vivenciadas também influenciaram a escolha: alguns acompanharam, em sua infância e/ou adolescência, atividades do pai, que sempre quis ser psicólogo e que era procurado diariamente por pessoas de sua comunidade para receber

conselhos ou orientação, ou da mãe, astróloga e procurada para “consultas”, atividades estas que proporcionaram uma aproximação ao fazer da Psicologia.

Minha mãe é astróloga, e desde que me lembro, pequenininho, sempre acompanhei ela ser procurada para vidente, essas coisas, claro, um misticismo, mas que eu acompanhei há muito tempo atrás... Eu creio que há uma identificação por aí... eu acho que não é por acaso que eu sou psicólogo, então... Eu acho que se eu me aproximei um dia da Psicologia, claro, estou ampliando a visão de Psicologia, é porque de alguma maneira conhecia isso aí (Carlos).

Um dos participantes relatou que, quando pequeno, seu avô sempre lhe dizia que era igual à avó materna, a quem não conheceu e que já era meio “psicóloga” na época. Acompanhar de perto o trabalho do pai médico; conviver, durante a adolescência, com pessoas que conheciam e falavam sobre a Psicologia; freqüentar a casa de um amiguinho cuja mãe era psicóloga famosa; ser tida meio “como psicóloga” no ambiente de trabalho, pelo seu modo de lidar com as questões que envolviam pessoas; e ocupar o lugar de “intelectual da família”, em função do gosto pela leitura e pelo estudo, foram ainda vivências pessoais reportadas como motivadoras da escolha.

Quando eu tinha mais ou menos uns cinco ou seis anos, eu tinha um amigo, era meio namoradinho, assim, eu sempre ia brincar na casa dele, e a mãe dele é uma psicóloga superfamosa... e eu achava ela o máximo..., eu tinha o registro de que eu fiz Psicologia porque ela era muito legal... (Paula).

Acompanhar o adoecimento e internação de um irmão em função de enfermidade psiquiátrica também suscitou a necessidade de entender o que estava acontecendo, por meio da Psicologia.

Tive um irmão que teve um problema sério de saúde, na época ele teve esquizofrenia, foi esse o diagnóstico médico, teve um tempo com tratamento internado... e acho que aquilo também, para querer entender o que estava acontecendo com ele, um cara de vinte e poucos anos de vida considerada normal e de repente, né?, tendo uma... Então acho que também me influenciou, para estar entendendo o que estava acontecendo (Cristina).

Outros fatores apontados como motivadores da idéia de escolher Psicologia por profissão foram **experiências de participação política** vividas durante o segundo grau, no colégio, associadas a assuntos debatidos nas aulas de Filosofia, bem **como o gosto por crianças. O gosto pelo estudo**, com destaque para as disciplinas de Ciências Humanas e Filosofia, compareceu como motivador, na medida em que trouxe as primeiras identificações com a área.

... eu sabia que de alguma maneira o que me interessava estava no campo das Ciências Humanas, não me interessava nada da técnica, nem Ciências Exatas... O meu campo sempre foi o das Ciências Humanas porque eu tinha uma afinidade desde muito cedo com a Filosofia, com a Arte, com esse tipo de expressão que acabava levando a esse pensamento das Ciências Humanas (Guilherme).

No colégio a gente tinha Filosofia, a primeira notícia que eu tive de Psicologia foi lá. Mas eu sempre gostei muito mais dessas disciplinas voltadas para História, Geografia, Filosofia, sempre foi mais assim o meu interesse (Clarice).

A **expectativa de resolução dos próprios problemas** também foi trazida como motivadora dessa escolha.

Eu achava que Psicologia fazia a gente entender por que a gente pensa de tal forma, por que os outros pensam daquela forma, e ajudava a gente a resolver os problemas. Eu acho que tinha um pouco esse medo, assim, ah!, eu tenho problemas e vou fazer Psicologia para resolver... que a gente sempre fala que tem e o aluno sempre diz que não, mas eu acho que eu tinha isso, eu acho que eu também queria resolver... e daí eu me ferrei, né? (Paula).

A escolha por Psicologia predominou como primeira opção no vestibular, embora alguns, durante o processo de escolha, tenham considerado a possibilidade de ir para outras áreas de atuação, principalmente do âmbito da Saúde, das Ciências Sociais e do Direito. Em diversos casos, por não obterem aprovação no primeiro vestibular realizado, iniciaram outro curso superior e posteriormente ingressaram em Psicologia, através de novo vestibular ou de transferência de curso. Houve uma menção apenas ao desejo por outro curso que não a Psicologia, a qual se resolveu cursar após a segunda reprovação no vestibular para Medicina.

Hoje em dia, eu acredito que existiu até um, vamos dizer, uma sabedoria interna que me guiou para isso, hoje eu chego a esta conclusão, porque acho que eu não estaria tão satisfeita se tivesse feito a Medicina, porque eu encontrei uma profissão que realmente satisfaz todos..., vamos dizer, que se encaixa perfeitamente no meu jeito de ser (Sara).

No **momento de concretizar a escolha, foram considerados** fatores como os conselhos da família e de amigos, o bom desempenho obtido no teste psicotécnico, a facilidade de aprovação no vestibular, a busca de realização pessoal, as possibilidades e perspectivas concretas de atuação profissional e, ainda, a possibilidade de sobrevivência financeira com o seu exercício profissional.

... daí eu sabia que era Psicologia. Por que era Psicologia?, pensei assim. Mas eu gosto de Filosofia, eu gosto de ler Filosofia, não me canso de ler essas coisas, mas Filosofia eu quero estudar, quero voltar a estudar mais, mas Filosofia não dá dinheiro, eu vou viver do que sendo Filósofo? Aí pensei: mas Psicologia é parecido, e pode ter consultório... sei lá, foram idéias que me ocorreram! (Carlos).

... gostava muito de História, e Ciências Sociais me interessava bastante, Psicologia, mas assim, Psicologia eu sei lá eu por que, não entrou em questão. Mas na hora de fazer a escolha no vestibular, teve aquela coisa assim, o que que eu vou fazer me formando em História, o que que eu vou fazer me formando em Ciências Sociais, né?, eu não percebia muito futuro naquilo ali, e aí a Psicologia eu não sabia o que que era, não imaginava assim o que que podia ser, mas eu achava que tinha um pouco mais de perspectiva depois, de exercício (Clarice).

O próprio meio social, na família ou entre amigos, “validou”, em alguns casos, a idéia de cursar Psicologia.

Desde o início eu não queria outra profissão, eu sempre escolhi Psicologia, acho que um pouco por esse jeito que a minha vida foi seguindo, assim, familiar mesmo, desse jeito de ser, de estar sempre dando um toque, ou sendo solicitada pelas pessoas, e isso me suscitou a seguir esta profissão (Mariana).

Houve também quem tenha concretizado tardiamente sua escolha pela Psicologia, após dois outros cursos superiores completos, como uma forma de resgate daquilo que sempre almejou ser e que não pôde cursar anteriormente em função da necessidade de trabalhar.

Eu já tinha tido o desejo de fazer Psicologia, mas na época precisava trabalhar durante o dia, o curso era durante o dia, não tinha como fazer. E eu fiz Administração à noite, e trabalhava durante o dia, trabalhava bastante com a questão de pessoal, e tinham algumas questões que a Administração não dava conta de responder e eu sabia que eu ia encontrar isso que eu queria na Psicologia. [...] E aí eu comecei a fazer alguns cursos fora, e aí eu vi, não, eu quero ser psicóloga, eu posso ser psicóloga, e eu acabei saindo do trabalho para poder concluir o curso, e foi uma mudança radical de vida mesmo. [...] Eu já tinha o desejo de fazer Psicologia, mas eu não poderia concretizar naquele momento, então eu esperei quando foi possível, quando deu (Rosa).

Quanto à **repercussão da decisão pela profissão de psicólogo no meio familiar e social**, alguns participantes relataram que foi favorável: a família e os amigos consideraram que essa escolha “batia” com o seu perfil, aceitando-a bem e apoiando a decisão tomada.

Todo mundo, as pessoas diziam, ah!, é isso mesmo, achavam que batia comigo, que batia, a minha mãe ficou bem satisfeita, meu pai disse assim, hum!, não sei filha, até porque não conhecia muito sobre a profissão (Sorriso).

No meu grupo, para meu espanto, todo mundo aceitou e disse, ah!, agora ela está, agora é a cara dela isso que ela vai fazer. Foi uma coisa bem... eles me deram um feedback, vai mesmo, porque... o jeito que eu já lidava com as coisas... [...] Eu tinha uma coisa que eu já ouvia antes, você parece psicóloga... (Rosa).

A própria novidade que representava a Psicologia, anos atrás, se fez presente na repercussão da escolha por essa área, embora tenha havido também estranhamento.

Mas eu sei que [a decisão] foi bem recebida, eu sinto que também porque era uma coisa meio nova, então teve meio que um certo, não é glamour, mas sabe, ah!, psicóloga, né?, porque era uma coisa diferente, talvez meio que como médico, mas médico pelo status, mas o psicólogo eu achei assim que foi bem recebido, mas com uma coisa assim também de, nossa!, de estranhamento! (Carla).

Outros, porém, tiveram sua escolha questionada, sentindo mesmo uma certa decepção por parte da família, por diversas razões. Essa escolha foi reprovada pelo desconhecimento acerca da área, ou também por se considerar a Psicologia uma profissão sem *status*, sem um objeto de trabalho concreto, sem possibilidades de emprego ou de suprir a sobrevivência de alguém pelo seu exercício.

... passei no vestibular e foi interessante porque não teve uma alegria geral, não foi uma coisa assim, porque eu fui a primeira da família a entrar na faculdade, de quatro irmãos mais velhos. Não foi motivo de comemoração para a família, assim, o quê?, Psicologia, minha filha, o que que é isso? (Sara).

Então eu acabei ficando aqui na Psicologia, mas assim, muito a contragosto da família... A minha mãe, coisa que ela nunca gostou na vida foi de psicólogo... Ela na época me dizia que eu devia fazer então vestibular para Medicina e depois fazer psiquiatria... Mas era mais pelo status, era muito melhor para ela ter uma filha médica psiquiatra do que uma psicóloga, porque era um curso mal visto, pouco qualificado, pouco procurado, e eles sabiam que se eu fizesse qualquer outro curso difícil eu passava (Clarice).

... meu pai achava que psicólogo morria de velho, porque só ficava pensando, pensando, pensando e não fazia nada da vida, e ele já tinha tido umas experiências na minha família... De uma certa forma foi meio desqualificatório, mas acho que depois eles [pais] aceitaram, como eu sou muito resolvida profissionalmente, eu acho que hoje eles têm um entendimento de que é legal (Paula).

Para alguns familiares, a escolha pela profissão de psicólogo suscitou **reações adversas** em função tanto da **sua subjetividade** quanto da concepção de que envolveria **trabalhar com a loucura**.

Minha família sempre aceitou muito bem..., mas algumas pessoas me diziam, uma cunhada minha me falava: tu és louca fazer Psicologia, Psicologia não leva ninguém a lugar nenhum, é uma profissão que não tem uma coisa concreta, que economicamente é uma coisa que não vai te render nada, que não tem emprego e não sei mais o quê... (Adriana).

... uma tia, que é a irmã mais velha da minha mãe, disse, tadinha dela, tão novinha, vai ter que cuidar de gente louca, agora... (Carla).

Foi relatada ainda uma reação desfavorável à decisão pela Psicologia, por parte dos pais, principalmente, em função da preocupação com **as possibilidades do mercado de trabalho** para essa área, preocupação também sentida por alguns profissionais.

Quando eu passei no vestibular eu senti no meu pai uma certa decepção, ele me deu parabéns, tal, uma coisa que me passava assim, o que que minha filha vai... como é que ela vai sobreviver com isso. [...] Mas eu acredito que a primeira idéia dele foi de que como é que a minha filha vai sobreviver com isso? Acho que ele achava que seria muito complicado..., que tipo, a Psicologia não ia ter área, não ia conseguir ter mercado de trabalho para isso (Beatriz).

Comentando sobre essas repercussões, um dos sujeitos aborda a **questão de gênero que envolve essa profissão**, considerada de domínio feminino.

... eu descobri Psicologia assim, vendo, lendo e tal, e logo mais caiu a ficha de uma forma que eu nunca tinha pensado até então nisso... nunca tinha me passado pela cabeça, até porque, [...] a Psicologia era muito, uma profissão muito feminina, muito mais do que é hoje. A própria cultura onde eu vivia era assim: ser psicólogo é coisa de mulher, né? [...] Eu até estranhei, porque eu achava um tema tão interessante, tão importante, por que que tinha que ser só de mulher, isso é uma coisa que nunca me povoou, né?, a profissão ser de mulher, eu nunca tive essa preocupação (Mário).

De modo geral, os profissionais percebem-se satisfeitos com sua escolha profissional. Segundo alguns relatos, a profissão proporcionou uma visão de mundo diferente, permitiu relativizar os fenômenos da realidade e desenvolver uma maior capacidade de compreensão das pessoas e de suas relações.

Eu tenho hoje, conforme a minha profissão, um entendimento muito diferente do que eu teria se tivesse escolhido uma outra área para trabalhar. Eu tenho duas irmãs, a gente teve a mesma formação, estudamos nos mesmos colégios, e como a gente pensa por ângulos diferentes, como eu valorizo algumas coisas que para elas não são tão interessantes... Eu acho que a Psicologia me deu muita coisa que é essa capacidade de ver coisas que, a princípio, não são vistas, uma sensibilidade, uma disponibilidade, um entendimento, dar um valor diferente às coisas... Hoje acho que eu consegui sair um pouco da minha redoma e enxergar as coisas como elas são. Eu acho que graças à Psicologia hoje eu sou quem eu sou (Paula).

Acho que estou bem fazendo isso... A gente vê o que há de melhor e o que há de pior nas pessoas, eu acho que mais do que nenhum outro lugar pode te dar essa chance. Eu não sei se em outra profissão ou outro campo de atuação eu teria tido tanta chance pessoal de poder ter essa compreensão que eu acho que eu tenho das relações e das pessoas. [...] Muito poucas profissões talvez tenham dado a possibilidade e a capacidade de entender as pessoas ou de poder compreender o mundo quanto a Psicologia me ofereceu (Mário).

Essa escolha veio ao encontro dos ideais almejados no início da formação acadêmica.

... hoje eu estou fazendo exatamente o que eu pensei há dez anos atrás, mais ou menos isso, assim, ter a Psicologia como uma profissão da qual pode-se viver (Carlos).

Alguns ponderaram que **a satisfação com a profissão escolhida** é tão grande a ponto de influenciar a escolha profissional dos próprios filhos.

Uma coisa que eu me vi pensando agora, que me veio, porque a minha filha quer fazer Psicologia. Então eu fico pensando assim, de alguma forma isso é de um jeito legal que eu passo, para a minha filha se identificar ou querer seguir... Ela podia ter escolhido outra coisa, mas o fato de ela escolher, eu acho que tem a ver com... eu poder estar tão bem com essa minha escolha, de poder passar uma coisa boa com essa minha escolha, tu olha de um jeito legal, de ver uma coisa boa para ir adiante... (Lia).

O processo de escolha pela Psicologia aconteceu, então, motivado por elementos da história pessoal, pela detenção de características, capacidades e habilidades, pelo gosto em lidar com pessoas, bem como pela expectativa de resolução dos próprios problemas. Havia um desconhecimento acerca da Psicologia, nesse momento, e a escolha pautou-se na expectativa de trabalho clínico em consultório. Essa escolha foi problematizada, à época, pela família ou pelo grupo social, em função das possibilidades restritas de seu exercício no mercado de trabalho, da subjetividade e do trabalho com a loucura que se considera que a área envolve, e também por questões de gênero. Atualmente, essa escolha é avaliada positivamente.

5.3 As vivências profissionais da trajetória

As **vivências da trajetória profissional** tiveram início quando, uma vez formados, os sujeitos realizaram, cada um a seu modo, **o movimento de busca por inserção no mercado de trabalho**.

“**Começar a trabalhar**” foi algo considerado **rápido** por alguns, sendo contratados imediatamente após a formatura, no próprio local onde haviam estagiado, ou obtendo aprovação em concurso e chamados para iniciar suas atividades logo em seguida.

... seis meses depois de estar formada, já estar entrando dentro de um quadro de funcionalismo público como psicóloga e estar já sendo remunerada, isso foi uma maravilha, uma conquista, eu acho que era o sonho de todo profissional assim que se forma, já estar recebendo o seu, já estar exercendo a profissão (Sara).

Para mim foi ótimo, as coisas sempre se encaixaram muito bem... Eu fiz um ano de estágio e depois disso eles me convidaram para ficar, para continuar. Assim que eu me formei eu, então, já estava empregada... Foi experiência nota dez assim, acho que tudo muito encaixinho, foi muito legal, muito legal (Sorriso).

A atividade de consultório também deslanchou facilmente, em alguns casos, e caracterizou muitas trajetórias, vencidas as dificuldades do momento inicial.

Quando eu me formei eu já tinha a clínica, eu já estava inserida no famoso mercado de trabalho que todo mundo morre de medo. Foi uma coisa assim, eu já tinha um chão. Aí eu tive muita sorte, porque eu tinha uma professora que tinha consultório e era minha cliente de massagem, e ela acabava me encaminhando muitos clientes e assim eu comecei a me situar. Então essa foi a minha trajetória, comecei com um trabalho na realidade de massagem e depois pouco a pouco fui mudando, foi mesclando, foi indo... Então o trabalho corporal eu sempre integrei na minha prática clínica. Eu tive muita sorte que as coisas caminharam assim: atendi um, que me trouxe outro, que me trouxe outro, que me trouxe outro, enfim... (Adriana).

A **emergência de ter um trabalho para se manter** marcava fortemente essa busca por colocação, imediatamente após a formatura.

Eu demorei para cair essa ficha, não foi assim, me formei e estava já lá, na minha área. Foi muito ao sabor da necessidade material, eu queria resolver um problema, porque estava precisando de emprego. Eu estava investindo muito, naquele momento, no lado material, isso era uma necessidade, estava vendo com outros colegas que já estavam fazendo esse caminho, desempregado, estavam abrindo e tal, e acabou dando certo, porque aí eu me encaminhei (Carlos).

Os **primeiros movimentos** de inserção profissional deram-se predominantemente através de três iniciativas: **atendimento clínico em consultório**, na maioria dos casos, seja sublocando horários em âmbito particular, seja associando-se a colegas em clínicas uni ou multiprofissionais; **docência** em nível superior ou secundário; e **prestação de concursos** em órgãos públicos ou instituições de ensino.

O ser professor se constituiu, depois do consultório, como a segunda opção de colocação profissional a despertar interesse. Figurando como a primeira atividade exercida por muitos logo após se formarem, continua sendo desenvolvida, geralmente em paralelo a

outras atividades profissionais. Representa, nesse caso, uma complementaridade a essas atividades, seja pelo gosto de repassar e dividir as experiências com os alunos, seja por necessidade de ordem financeira, para “reforçar” o rendimento mensal.

Também a área da psicologia organizacional e do trabalho comportou algumas iniciativas de inserção profissional, voltadas para a atuação em empresas, com vínculo empregatício ou em nível de consultoria, mediante o desenvolvimento de trabalhos esporádicos, autonomamente. Atividades em escola igualmente foram buscadas por alguns profissionais.

Houve ainda quem optasse por **postergar a inserção profissional e prosseguir nos estudos**, em cursos de Especialização, de Formação, Licenciatura em Psicologia ou Mestrado, os dois últimos voltados à intenção de futuro exercício de magistério.

Dificuldades em arranjar trabalho também estimularam e **contribuíram** para essa continuidade dos estudos, porém se buscava **também**, por esse caminho, **maior amadurecimento e melhor preparo** para o exercício posterior da profissão.

... me formei, continuei fazendo aquela Formação, e só estudar. Daí no ano seguinte eu fiz a Especialização, então também só estudar, e eu achei que era isso o que eu precisava fazer... Fiquei então estudando, ali, fazendo a Especialização, e não consegui arranjar nada assim de concreto, de trabalho. Daí comecei o Mestrado, e continuei estudando... (Clarice).

Eu optei por só fazer a Formação depois que eu me formasse, porque eu queria fazer uma coisa de cada vez. Eu queria poder viver o hospital intensamente, meu estágio em escolar intensamente e depois fazer a Formação, porque eu acho que estava tudo muito misturado. Acho que foi uma boa escolha, para eu poder ler, poder ter tempo para amadurecer na Formação também, não me achava preparada para abrir consultório ainda, achava que eu estava muito crua. Aí fui estudando, do meu jeito, e no segundo ano da Formação é que fui abrir consultório (Paula).

Na **fase inicial de exercício profissional**, foi apontado como particularmente importante e necessário “**ir atrás de ferramentas**”, tais como **supervisão, psicoterapia e cursos de Formação**, principalmente, que fornecessem subsídios à prática, para além da formação acadêmica.

... fui atrás das ferramentas, supervisão, terapia pessoal, dez anos de formação profissional, mas no início foi muito difícil, foi duro, pela conquista do espaço e pela dúvida da competência profissional, se ia dar certo ou não (Mário).

Eu me formei em 95 e comecei a fazer formação em março de 96, e não me achava preparada para abrir consultório ainda, achava que eu estava muito crua... (Paula).

Ao conjunto supervisão/curso de Formação/psicoterapia foi atribuído papel fundamental, não apenas no sentido de **ampliar conhecimentos**, buscando referenciais e linhas norteadoras, mas também visando **desmistificar o início da atuação**, obter segurança, “**sentar pé profissionalmente**” e, ainda, **manter contato** com outros profissionais.

Acho que logo a partir do início, de estar trabalhando com consultório, de estar tendo essa possibilidade de estar conversando na supervisão, no próprio grupo de Formação, essas coisas eram discutidas, divididas, acho que isso ajudou muito, eu estava convivendo com outras pessoas que também tinham o mesmo papel que aquele... A partir da Formação foi que eu comecei a vivenciar esse papel mais tranqüilamente... eu tenho certeza absoluta que se eu não tivesse feito a Formação acho que seria tudo muito mais difícil de fazer as coisas. Aí também fiz supervisão, durante um tempo também fiz psicoterapia... E através da Formação a gente teve contato com outros psicólogos, estudos de grupo, e isso também ajudou a contribuir para essa identificação, ter contato com outros profissionais e estar ouvindo coisas muito parecidas com aquilo que eu também sentia, que eles sentiam também, e tal, as angústias, enfim... (Cristina).

Esses **espaços** tinham a importante função de **possibilitar e favorecer as trocas** e a continuidade do convívio entre os profissionais recém-formados.

A gente sai, aí quer tudo ir pro consultório, daqui a pouco, Meu Deus, quando chegar um paciente, coitado, que ruim... Mas assim, ó, como tinha essa coisa assim de estar fazendo terapia, de estar num curso de Formação, e aí a supervisão, e tinha esse grupo de colegas de Formação, então todo mundo mais ou menos na mesma situação, então tinha essa troca, isso aí abastecia, a gente trocava, tava sempre com os colegas... tinha uma coisa de troca, da gente ter um espaço. Tinha aqueles formais do curso, tal, e tudo mais e tinha esses outros, de troca entre a gente... meio que se sentindo meio igual. Tem que ter isso aí, porque senão, Meu Deus! (Lia).

A **psicoterapia**, particularmente, realizada desde a formação acadêmica, foi apontada como **elemento importante de preparo** para atuar na área clínica e para se conseguir desenvolver uma “estrutura” com vistas ao manejo adequado de situações de trabalho desde o início, mesmo em outras áreas.

Eu sempre fiz terapia, desde a sétima fase, porque eu acho muito importante se conhecer, saber o que é teu, o que que está ressonando... Eu acho que a gente tem que primeiro se conhecer para poder identificar quando que é o meu nó e quando que é o nó do paciente... Não sei se a academia te incentiva como deveria para isso. Eu fui porque a fulana [supervisora de estágio] me obrigou. Mesmo se trabalhar em organizacional, eu acho fundamental a importância da psicoterapia no trabalho com organizacional, eu vejo muitas das minhas estagiárias que fazem trabalho em organizacional, aí elas vêm me contar daquele pobrezinho que não tem o que comer, que aí elas deram a vaga porque o cara não tem o que comer. Então para ti poder agüentar isso, eu acho que tu tens que ter uma boa estruturinha, assim, para agüentar aquela choração na tua frente e não entrar... (Paula).

Também cursos de Aperfeiçoamento e de Especialização, grupos de estudo, leituras, participação em congressos, interlocução com outras disciplinas das Ciências Humanas, como a Antropologia, por exemplo, além dos próprios estágios, foram apontados como **outros recursos que facilitaram a estréia profissional**. Associados ou isoladamente, esses recursos foram buscados desde a faculdade, como reforço da preparação acadêmica para o exercício profissional, sendo mencionados como fundamentais para complementar e/ou sedimentar esse preparo, melhor instrumentalizar, possibilitar o “absorver coisas”, ser o “pano de fundo”, e também para dar mais segurança no desempenho do papel profissional.

Quando eu fazia faculdade eu sempre fiz muitos cursos, sempre fui atrás de coisas novas [...], sempre busquei muito. Antes de eu me formar já estudava Gestalt também, então isso de alguma forma vai instrumentalizando, nós tínhamos também um grupo já lá na faculdade, então já era uma coisa à parte que também já buscava, além da coisa que só a faculdade dava. Agora, não que eu não tenha sentido, eu acho que os primeiros clientes, os primeiros momentos a gente sempre fica achando que precisa de mais, que precisa de alguma coisa a mais que nem existe talvez, mas não foi assim uma coisa de achar que eu não sabia, que eu não tinha, que não era possível, será que eu vou dar conta. Aí eu já comecei também uma Formação, então isso de alguma forma... Não que eu não tivesse essas dúvidas, eu até tinha, mas eu tinha muito mais a certeza que iria acertar do que não. Aí fazendo a Formação, fazendo supervisão e terapia... tem que dar certo, né? (Adriana).

Eu acho que fui muito abençoada porque organizei uma estrutura muito boa. Eu acho uma irresponsabilidade um aluno sair da última fase como psicólogo sem supervisor, sem psicoterapia. Eu acho que esse é um erro da academia, que tem que deixar claro para o aluno que ele precisa continuar estudando para poder abrir consultório... Claro que o aluno está super angustiado, quer ganhar dinheiro, já está com vinte e poucos anos, a família cobrando... Nesse sentido assim que tu precisas criar uma estrutura para ti poder entrar, para ti não fazer algo errado e depois ficar muito culpada. Graças a Deus nunca aconteceu comigo, porque eu me preparei, me ressalvei... (Paula).

A estréia profissional exigiu o **enfrentamento de dificuldades**, como insegurança, ansiedade, dúvidas sobre a competência e o próprio desconforto produzido pelo novo papel. Entre os sentimentos vividos nesse momento, em relação ao que estava por vir, sobressaía-se a **insegurança**, gerada pela inexperiência, pela auto-exigência de “ter que acertar”, pelos desafios a serem enfrentados e pelas expectativas depositadas em torno do papel que estava sendo inaugurado.

Eu me sentia bastante insegura, muito assim à sombra do profissional que já estava com alguns quilômetros rodados, que já estava mais descolado e transitando mais leve na profissão... A pouca experiência, a preocupação em acertar também, eram tudo situações inéditas, como eu iria me comportar... Sempre me preocupei muito por ser da área de Humanas e na condição do ser humano, de eu sempre poder dar o melhor de mim, fazer bem feito... (Ana).

E aí foi que tudo começou e eu era muito inseguro com relação a tudo, principalmente à Psicologia, assim. Eu me lembro as primeiras aulas, eu ia para aquelas salas de aula como quem vai para a câmara de gás, eu ia obrigado, foi terrível, o primeiro mês de aulas, mas depois, sabe, fui pegando o jeito rápido, e tenho me saído bem [como professor] (Carlos).

Para muitos, a estréia profissional correspondeu ao primeiro trabalho no âmbito da Psicologia nas instituições onde ingressaram e, por vezes, na própria cidade, gerando grande insegurança. Nas instituições, toda uma trajetória foi percorrida até os profissionais de outras áreas conhecerem o trabalho da Psicologia e o profissional psicólogo, passando a haver, a partir daí, um estreitamento das relações multiprofissionais.

Quando eu cheguei lá, eu tive que enfrentar já uma coisa que foi, assim, ninguém sabia o que que era a Psicologia, ninguém sabia o que que eu podia fazer, tinham deixado como espaço para mim uma coisa chamada Seção de Assistência Social, que cuidava dos benefícios, auxílio-creche, auxílio- transporte, auxílio-alimentação. E era ali que eles queriam que eu trabalhasse. E aí eu não tinha nem mesa, eu dividia a mesa com um colega, a gente dividia mesmo, assim, no buraco da mesa colocava duas cadeiras (Clarice).

... no começo, assim, eu sentia que as pessoas me olhavam meio assim, mas essa guriuzinha vai dar conta? (Carla).

Havia **dificuldade**, também, em decorrência da insegurança e inexperiência, **de se ver no papel profissional**, principalmente para os que estavam num contexto em que eram conhecidos desde pequenos pela comunidade; nesses casos, a relação de trabalho acabava ficando com caráter meio informal, sendo difícil até mesmo estabelecer um preço para o trabalho.

Eles me convidaram para trabalhar lá, era para eles me pagarem, mas aí nunca tinham, sempre era uma coisa meio informal, eu também ainda não me sentia muito à vontade para estar cobrando... Era muito familiar, as pessoas meio confundiam, eu também não tinha muito claro ainda... (Cristina).

Nesses momentos, a necessidade de acertar era muito forte; sentia-se a necessidade de provar para os outros e para si que sabia e podia fazer.

Eu me sentia na obrigação de fazer sempre perfeito, tudo certo, tudo técnico, porque eu tinha aprendido na Formação. E eu não me permitia infringir. Eu acho até que é um momento que todo mundo passa mesmo, de insegurança, e como tu é muito insegura, tu te cobra horrores e tu tens que fazer perfeito... [Hoje] eu sou muito menos ameaçada, sou mais segura, a questão da experiência, dos anos, acho que eu lido melhor com as minhas falhas (Paula).

Essas dificuldades se estendiam a momentos de ter que interagir com outros profissionais e com a própria clientela, a maioria constituída de pessoas mais velhas, e que esperavam “receitas prontas”. Na descrição desses momentos, aparece o medo e a dúvida, pela responsabilidade de “saber que não está lidando com números”, e sim com “coisas de percepção e de sentimentos”, e pela própria necessidade de buscar e firmar-se em algo para fazer profissionalmente.

... era acho que um medo, assim, será que eu vou dar conta, será que eu vou conseguir realmente acolher as pessoas, dar uma acolhida, ter um bom entendimento das pessoas que me procurarem? Será que eu vou conseguir ajudar essas pessoas mesmo? Então acho que o medo assim num primeiro momento, e outra coisa também de ir atrás, porque daí toda a procura, porque eu não tinha nada definido, tipo, abriu-se as portas, e agora? Agora para onde que eu vou? (Carla).

À expectativa de “ter que dar conta” somavam-se **dúvidas** quanto a encontrar os espaços de atuação, gerando, com frequência, **sentimentos de angústia, ansiedade e desconforto**, provocados pela **dúvida acerca da competência para atuar como psicólogo**.

Eu lembro de um certo desespero, de uma angústia, de ter que dar conta de uma série de coisas que eram muito novas, a própria condição de profissional saindo da universidade, de poder adquirir uma habilidade que até então eu não tinha muito claro que habilidade era aquela, para poder intervir e poder me considerar, aí sim, um psicólogo de fato. [...] O principal na verdade era poder se tornar psicólogo, e aí adquirir tudo aquilo que na época eu considerava essencial para poder me considerar como tal, e muito acompanhado desse sentimento, assim, da angústia, da ansiedade, de ter que..., de poder encontrar um lugar onde eu pudesse ser reconhecido como profissional. Então essa é a marca principal desse momento. Além, claro, do desconforto produzido pela dúvida se eu seria capaz, de fato, de atuar como psicólogo, se eu teria competência para atuar como tal, essa era uma outra angústia que me incomodava, que me colocava quase a ponto de desistir, não, não quero fazer isso mais na vida, vou fazer outra coisa... (Guilherme).

Alguns profissionais relataram, porém, nunca terem sentido medo de atender, por sentirem-se seguros de que iriam acertar e por considerarem que a fé na sua atuação e na sua seriedade dava o suporte necessário para começar, mesmo havendo a ansiedade natural de iniciante, provocada pelo novo das experiências, por exemplo, ao se defrontarem com situações que não sabiam como lidar ou com o primeiro cliente de psicoterapia. Os sentimentos de autoconfiança, de crença na capacidade de fazer o que se propunha a fazer e de que aquele era o caminho, ajudavam a enfrentar as dificuldades e buscar as soluções.

Quando eu saí da faculdade eu sabia que tinha condições de exercer a profissão, mas busquei também uma certa guarita de supervisão. E, além disso, eu acreditei que era capaz de fazer tudo que estava me propondo a fazer, e aí quando tinha uma dificuldade eu

parava e ia atrás, buscava encontrar a solução... O meu início foi assim, eu acreditei que era capaz, que aquilo era o meu caminho... (Mário).

Houve quem já trabalhasse em outra atividade durante a formação acadêmica e, após a formatura, tenha buscado a transição para a atuação profissional como psicólogo, preservando esse vínculo e/ou inserção, na medida do possível. Essa experiência prévia de trabalho foi considerada significativa para desmistificar o medo e os “fantasmas” presentes no início da atividade profissional, principalmente no âmbito de consultório.

Eu não tinha muita expectativa, acho que naquela época estava bem apaixonada e prestando atenção na parte afetiva e não estava com expectativa profissional. Mas apareceu a oportunidade de eu ficar aqui no [órgão público onde já trabalhava] e a princípio eu não fiquei muito empolgada porque eu fiquei pensando o que eu iria como psicóloga trabalhar, o que eu teria para eu fazer enquanto psicóloga. Depois de um tempo eu pude ver, enxergar um pouco mais abertamente que teria esse espaço sim. E aí foi quando eu comecei, na parte organizacional. Na época existia seleção e aí fazia entrevistas, aplicava testes para ingresso de novos servidores (Ana).

A grande dificuldade enfrentada por quem começou a vida profissional como psicólogo pelo **atendimento em consultório** foi a **demora em formar clientela**. Embora começando “devagarinho”, “pequeno”, as narrativas dão conta de muita dificuldade nos momentos iniciais dessa atividade, em termos financeiros; “pagava-se para trabalhar”, pois os pacientes apareciam aos poucos, e muitas vezes o profissional passava “dois meses sem atender ninguém”, mesmo com um grande esforço de divulgação empreendido.

Consultório demora, você paga no começo, né? (Rosa).

Não acontece logo, é natural não ter clientela no começo, a menos que alguém indique (Carlos).

O começo do trabalho profissional em consultório aconteceu sempre “devagarzinho”, mesmo para quem tinha mais facilidades, como alguém que encaminhava pacientes, o que representava um desafio e gerava ansiedade, já que havia a expectativa de ganhar dinheiro com essa atividade.

Eu tinha muito essa coisa de consultório mesmo, daí eu lembro que uma amiga lá da faculdade, aqui nesse consultório, ela veio com um médico e aí ela estava dividindo, sublocando horários, daí ela me ofereceu, se eu não queria vir e aí eu comecei também muito devagarzinho... e era assim um desafio para mim essa coisa de ficar esperando o cliente vir... Aqui no consultório o mais difícil era já ter uma clientela mesmo, então isso eu lembro que me deixava muito ansiosa, essa coisa de já querer assim ter, olhar na agenda, já ver os horários mais preenchidos, e aquilo ficava muito vazio, demorou acho que uns dois anos até a gente formar uma rede para engrenar (Carla).

Eu me formei e fui trabalhar na clínica do meu pai, e aí que eu tive mais vantagens, porque realmente eles me encaminhavam mais pacientes, mas assim, providencialmente sempre tinha dois, três, que acho que era o que eu agüentava naquele momento... Tu ficas lá amargando os primeiros anos de consultório, tem três pacientes, quatro pacientes, até a coisa começar a engrenar... Era uma coisa muito ansiosa, eu lembro que a gente ficava no consultório esperando o paciente e eu te confesso que essa realidade eu não vivo mais (Paula).

Além da insegurança, o sentimento de **despreparo para atuar** também apareceu **muito forte no início da trajetória profissional**. Havia “vontade e coragem”, mas não se sabia o que fazer com as demandas que se apresentavam, gerando insegurança e, até mesmo, preocupações de ordem ética. Nesse contexto, exercer pela primeira vez o ofício de psicólogo significou a possibilidade de experimentar e exercitar aquele papel, e de “aprender um pouquinho a conversar com as pessoas”.

Quando eu saí da faculdade..., o que que eu faço com isso agora, o que que eu vou fazer com tudo o que eu aprendi, que parecia assim tudo isolado, aquelas peças do quebra-cabeças, o famoso quebra cabeças que todo mundo fala que se une no final, para mim nunca se uniu, estava sempre faltando alguma coisa (Maria).

Eu achava que eu precisava de mais, que eu nunca me contentei, pela formação que eu tive eu sempre achei que precisava me estruturar muito bem, me fincar muito bem, dentro de um curso determinado, senão eu não estaria formada psicóloga. Até por isso que eu fui buscar o sistêmico... Para mim colocar qualquer coisa, para estar me associando em clínica não poderia sem uma formação, e eu fui buscar... Se eu tivesse me lançado, talvez, como surgiram oportunidades de já estar atuando na clínica, eu acho que eu teria deslanchado tão bem ou mais quanto se tivesse feito essa formação, eu poderia até fazer tudo junto, paralelo, mas o meu próprio rigor interno não me permitiu. Eu acho que foi muito eu, aquela ética, assim, eu não vou me meter a estar fazendo coisas que eu não estou muito segura, eu preciso estar muito segura (Sara).

Com o despreparo sentido na hora de começar veio a **constatação de que a formação acadêmica “não tinha dado tudo”**, tinha sido direcionada para atuação em uma área específica, deixando outras a descoberto ou, ainda, que os conhecimentos tinham sido repassados de forma descontextualizada e estereotipada, aumentando a insegurança, pelo sentimento de “não saber”, e de não ter aproveitado melhor os anos de estudos.

Eu me preparei para ser pesquisador! Tirava para mim a clínica, não queria, desprezava as matérias de clínica e me dedicava às matérias de técnicas de pesquisa; gostava muito de antropologia, sociologia, e não gostava de psicometria e essas coisas assim, achava aquilo uma coisa velha, cheirando a mofo, não gostava daquilo, fazia porque tinha que fazer, é o que estava no currículo. Hoje eu vejo a coisa diferente! (Carlos).

A principal dificuldade é essa idéia de que a atividade para um psicólogo é o consultório, isso eu acredito ser o mais difícil em relação à formação, é um outro estereótipo que a academia sustenta, mas está bem sustentada pela própria estrutura curricular, então circula, assim. Apesar de na formação [acadêmica] você ter noções a respeito de outras

atividades, de outras possibilidades de atuação, na verdade o que persiste é sempre uma mesma perspectiva de que o teu trabalho prioritariamente vai ser no consultório atendendo individualmente, consultório particular, privado. Ela é persistente, eu vejo o quanto ela está presente, em toda a formação que eu vejo essa é a idéia, tem sempre essa perspectiva... A minha formação não me dava instrumentos para poder atuar de outra maneira que não fosse especificamente a atuação no consultório. Por isso eu ficava sem referência, eu não sabia exatamente se aquilo que eu estava fazendo era trabalho de psicólogo, mais por isso. Eu desconhecia, por exemplo, o que propõe a Psicologia Comunitária, que te dá um leque muito mais amplo de atuação. Se eu tive clareza disso, eu não teria tido os mesmos tipos de conflito que eu tive no início da atuação profissional, porque eu saberia mais ou menos por onde me guiar, mas a minha formação não deu nenhum tipo de atenção a outras possibilidades (Guilherme).

Alguns sentiram que saíram da universidade “recheados de idéias e de conceitos”, mas imaturos para aplicar os conhecimentos na prática, e sem saber por onde começar.

[Saí] com muitas idéias, com muitos conceitos na cabeça, com muitas direções e muitos caminhos, só que sem ter amadurecido isso. Também não estava muito internalizada a psicóloga lá dentro, ela estava solta, para que direção eu vou? (Sara).

A constatação do despreparo e de ter recebido os conhecimentos de forma muito crua e descontextualizada ampliou a reflexão sobre o preparo possibilitado pela formação para outras profissões, em que igualmente há muita diferença entre o que foi estudado e o “depois”, provocada pelas mediações e pelo suceder dos acontecimentos.

... qualquer graduação, de qualquer coisa, não só de Psicologia... Alguém que se forma médico não sabe o que é ser médico enquanto ele está na graduação, não sabe o que é um médico. Ele vai estudar aquele monte de matérias, veia, coração, artéria, osso, músculos, não sei mais o quê, só que estão empurrando para ele. Na Psicologia também tem um comparativo com isso. E depois que você se forma, depois que você faz... o mercado de trabalho, às vezes depende das mediações no mundo, os acontecimentos (Carlos).

Foi preciso **descobrir “outras maneiras” de desenvolver o trabalho**, diferentes do “modelo” tradicional ensinado durante a formação acadêmica.

*A minha experiência mostrou que a clínica é um método, não um lugar de trabalho. Então eu descobri que é possível fazer clínica de outras maneiras, que é possível manter um olhar, a escuta da clínica e ao mesmo tempo não necessariamente estar no ambiente de consultório. Fez muita diferença no momento que eu me dei conta disso, assim, que eu não precisava me preocupar em não estar sendo psicólogo **porque eu não estava fazendo atendimento individual** (Guilherme).*

Alguns, no entanto, avaliaram que a formação acadêmica, por ter sido voltada para a prática, preparou para o mercado de trabalho, dando a certeza da posse de condições de exercer a profissão.

Eu acho que a minha faculdade foi muito boa, assim, em termos de me deixar preparado para o mercado de trabalho. Foi uma faculdade muito prática, tanto é que foram quatro estágios, e toda a atividade era muito de botar a mão... Eu fiz observação mãe/bebê durante muito tempo, escolar, fui em empresa, enfim, era um curso muito prático, a gente tinha muita coisa para fazer. Eu me lembro que a primeira entrevista que eu fiz eu estava no quarto semestre do curso, era em organizacional, me botaram dentro de uma empresa para fazer uma entrevista de seleção... Então... isso deu um certo background para o trabalho da gente, né? (Mário).

Nesse início de vida profissional, consideraram que detinham uma **visão idealizada do que seria a atuação do psicólogo**, no sentido de não ter a dimensão dos desafios do fazer clínico, ou de imaginar um começo mais fácil e mais simples, embora cientes da responsabilidade e das dificuldades a ser enfrentadas.

Acho que muita idealização eu tinha, sabia da responsabilidade, sabia das dificuldades também, que eu digo, ninguém vem procurar o psicólogo para dizer que a vida está boa, então isso eu já tinha essa noção, de que realmente já ia pegar abacaxis e pepinos. Mas acho que com muita idealização da coisa, não vou dizer onipotência, mas não com o pé bem no chão ainda, pela falta de treino, pela falta de prática, então ficava assim com muita vontade, com muita expectativa, mas muita idealização, e achando que talvez até a coisa seria mais fácil do que é, que o que eu falaria logo daria resultado na vida das pessoas, ou que a coisa logo ia ser resolvida... E acho que, claro, somado a essa coisa da juventude, essa coisa de que a gente acha que tudo é mais fácil (Carla).

Acho que a gente fica muito iludido na universidade, aquela coisa de, ah!, vocês acham que está tudo certo, o pai dá o consultório, a mãe dá o telefone e a secretária e pronto, e acho que eu tinha muito isso de achar que as coisas iam, nossa, teu pai é médico, eu já estou encaminhada, vai dar tudo certo, e não foi bem assim... (Paula).

Eu tinha uma visão muito pequena e pobre, idealizada, assim, que ia ser uma coisa mais simplista (Ana).

... achava que clínica, trabalhar com consultório, era uma coisa tão utópica... acho que eu idealizava muito aqueles profissionais que trabalhavam, aqueles psicólogos que davam aulas... Eu achava tudo aquilo muito distante, uma visão muito idealizada mesmo, como é que eu vou conseguir ser perfeita igual, né?, aquela coisa de achar que eles eram perfeitos no trabalho deles (Cristina).

A **prática encarregou-se de desmistificar essa idealização**, desenvolvendo a **construção**, paulatinamente, de **uma outra noção do ser psicólogo**, diferente daquela formada durante a faculdade.

Acho que a gente sai da faculdade, assim, eu não sinto que saí onipotente da faculdade, aquela coisa, não, eu tenho o poder, eu tenho o saber e vou. Mas acho que a gente sai com esse lado muito assim, eu vou cuidar do outro, então deixa comigo que eu vou cuidar do outro, que eu sei tudo agora, sei tudo na teoria, mas aí a gente parece que esquece desse lado que é isso, o psicólogo também tem suas alegrias, as suas frustrações, suas tristezas, esse lado humano. Aí a gente, com a prática e com essa troca e congressos e viagens a gente vai olhando e equilibrando isso (Carla).

Essa idealização possibilitou que se **criassem expectativas** para o momento de estréia profissional, as quais, por não serem satisfeitas, produziram **decepções com a profissão** e apontaram a necessidade de **rever o que havia sido planejado e modificar os planos**, em virtude da baixa procura pelo trabalho oferecido ou mesmo do redimensionamento acerca do que ele poderia de fato oferecer.

No início é meio que decepcionante, que a gente tem idéia que vai se formar e que abre o consultório e que vai ter o consultório cheeeio! Então eu acho que no início foi bem difícil e talvez eu tenha me decepcionado um pouco também como psicóloga. E depois até encontrando outros caminhos que na verdade eu nunca imaginei para mim... Eu descobri outro lado da Psicologia, que eu imaginei que só me realizaria se eu tivesse trabalhando com criança ... (Beatriz).

No começo foi bem difícil, porque, é, faltava, acho que a própria coisa da experiência mesmo, e faltava conhecimento, faltava essas... É muito, muito angustiante, né?, por você ter essa expectativa... (Cristina).

A **experiência de abrir consultório**, investir na criação de uma estrutura e não ter o retorno esperado **gerou frustração**, após várias tentativas, e levou a desistências dessa atividade.

Aí me dei um prazo de mais um ano para ver como é que seria, se essa movimentação iria aumentar, ela continuou parecida, mais discreta, aí vendi o consultório e comprei uma casa na praia [risos], porque começou a ser um peso para mim eu ter toda aquela estrutura e não estar vivenciando o papel lá dentro da maneira como eu queria. Aí como começou a pesar eu redefini e estou até agora sem voltar e estou sentindo falta. Causou frustração, foi difícil para eu tomar essa decisão, porque eu sempre me perguntava assim: poxa, é um espaço meu, eu comprei aquela sala, era uma sala grande, com cem metros quadrados, não é todo mundo que tem, tem uma vista muito bonita para a beira mar sul... E aí meio que não me conformava, porque vi que eu não podia crescer mais ali, foi difícil trabalhar isso, mas eu meu dei conta que não adiantava ficar ali, fiz vários movimentos para aquilo crescer, né?... (Ana).

Além de toda essa ordem de dificuldades vividas no início da atuação profissional, adicionalmente foram encontradas outras, relacionadas à **necessidade de criar um mercado para o trabalho em Psicologia na cidade**, então praticamente inexistente, e também de **assimilar os componentes da cultura açoriana** vigente em Florianópolis, no caso de quem veio de outros contextos culturais.

Quando cheguei aqui, tinha um mercado a se criar. Hoje está saturado, hoje é o oposto, mas na época era conquista de mercado, era abrir espaço, era mostrar o que que a gente fazia... Na época não tinha nada e a gente montou, fez, foi atrás. A gente foi abrindo aquilo que era possível dentro da área clínica que era o que a gente queria. Foi duro para caramba, porque o dinheiro era curtíssimo, o primeiro consultório a gente comprou os móveis em loja de móveis usados, foi toda uma coisa difícil de início. E mais uma coisa

cultural também, não só de cidade, porque eu vim de uma cultura diferente da cultura portuguesa, então tudo isso junto, foi difícil, no início (Mário).

Mudanças de cidade em função do trabalho aconteceram com frequência, tanto no início da inserção profissional, por opção dos novos profissionais de buscarem trabalho em locais onde avaliavam que houvesse mais mercado, quanto durante a trajetória, por necessidade de se deslocarem em função da família ou de transferências de trabalho. Segundo foi reportado, essas mudanças de contexto trouxeram impactos, pelas **dificuldades de convívio com outros universos culturais.**

Então eu pedi transferência, eu dizia para a minha colega, eu quero ver mar, eu quero horizontes, foi difícil para mim ficar sem o mar, fui criada assim rodeada pela praia. Houve um impacto da cultura e do ambiente, era uma cultura alemã, machista, e conseguimos bastante confusão naquela época (Sara).

Há, também, a **necessidade de deslocamento entre cidades**, vencendo distâncias geográficas consideráveis, para desempenhar diferentes frentes de trabalho, o que é apontado como uma dificuldade, devido ao ritmo acelerado e à “mudança de canal”.

... eu espero também ter resistência para manter esse ritmo de vida, não ter que desistir nem de uma coisa e nem de outra. É que às vezes é muito complicado, você está vivendo em duas cidades diferentes, com dois... envolve deslocamento, muda tudo, assim, o cenário todo, de um dia para o outro... é difícil, é complicado, você tem que fazer essa mudança toda semana, obrigatoriamente, fico três dias aqui e dois lá (Guilherme).

A trajetória profissional sofreu **rupturas e recomeços**, em função desses deslocamentos, principalmente para as mulheres, que por vezes “largaram tudo” para acompanhar o marido, geralmente por razões relacionadas ao trabalho dele. Nesses casos, havia dificuldade de “largar tudo” e depois “começar de novo”, após algum tempo sem vida profissional, apenas como “mulher de marido”, o que exigiu uma adaptação.

Depois então eu tive que largar tudo, aí nasceu a minha filha, e aí o meu marido foi transferido para cá... Foi uma coisa meio complicada, porque eu me vi assim, mulher de marido, me vi numa situação que nunca tive, e fiquei grávida de novo, então tive que largar tudo de novo, e é muito difícil, tu estares numa outra cidade..., chegar num lugar estranho, com gente estranha, que não conhece o teu trabalho, tu tens que estar te mostrando de novo, foi uma adaptação (Lia).

Daí a vida deu uma guinada, uma mudança muito grande, meu marido saiu do trabalho onde ele estava, daí a gente veio para cá, aí larguei tudo e vim... Nessa época eu era efetiva, trabalhava em duas instituições, além da prefeitura, então, assim, estava trabalhando quarenta horas, estava começando, mas era uma coisa que já estava, assim, já estava aparecendo, às vezes fazia trabalhos esporádicos numa outra cidade, daí tinha

um grupo, o mesmo que trabalhava ali na instituição trabalhava em outras coisas. Então... larguei e vim embora (Cristina).

Começar ou retomar a vida profissional em Florianópolis foi considerado difícil, pela necessidade de **readaptar-se sem a referência da família e dos amigos**, e também de “entrar na cidade” e “mostrar a cara”, até o nome tornar-se conhecido, uma vez que havia restrições no mercado de trabalho.

Aqui é que a coisa pegou, não existia mercado de trabalho, não tinha oferta de emprego, não conhecia ninguém, um sufoco. Levei um ano e meio com algumas consultorias eventuais até conseguir romper a barreira (Sorriso).

Vim para cá em setembro de 1996, daí comecei a procurar emprego. Em 97 trabalhei temporariamente como professora. Foi muito difícil, e aí não renovei o contrato, aí comecei a fazer Formação e nessa metade de 98 fiquei procurando emprego, procurei muito, mais de trezentos, é a impressão que eu tenho, assim, talvez não, mas acho que uns cem lugares eu procurei, procurei muito mesmo (Cristina).

Para as profissionais mulheres, principalmente, a “**largada**” **profissional** aconteceu de forma bastante **misturada à história pessoal**, pois o casamento e/ou o nascimento de filhos, ainda durante a formação acadêmica, fez com que vivenciassem muitas mudanças de vida.

No meio do curso muita coisa aconteceu na minha vida pessoal, eu tive filho quando estava na sétima fase, tinha vinte anos, então casei, daí quando estava na décima tive o segundo. Então foi tudo muito junto, me formar, arranjar uma profissão e ser mãe, e casar, e ter cunhada, sogra, sogro, aquela gente toda, e mudar a minha relação com os meus pais, com os meus irmãos, foi tudo junto, foi tudo muito forte, assim, ao mesmo tempo. E quando eu me formei tinha os dois pequeninhos, então não tinha como eu pensar em ser psicóloga com dois nenéns dentro de casa... Eu não ia conseguir parar de estudar ou parar de fazer qualquer coisa para ser mãe, não conseguia só isso, mas também não conseguia deixar eles e tocar minha vida profissional... Eu acompanhar a história deles, isso para mim era muito importante, eu não queria perder isso, então eu não conseguiria mesmo sair de casa e deixar eles para ir trabalhar (Clarice).

Terminei a faculdade começando uma vida de mãe, de esposa, e toda uma mudança muito grande na minha vida naquela época, tendo que assumir outros papéis, que até então eu era estudante e assumir que tinha uma vida mais tranqüila e tendo que mudar isso. Então outros papéis foram incorporados naquela época e aí priorizei a coisa da família: fiquei dois anos ou mais em casa, não estava trabalhando, só que daí comecei a fazer a Especialização, depois de um ano e meio, um pouco mais, eu mudei de cidade, fui fazer a Especialização, e depois é que comecei. Quando comecei a trabalhar então eram três anos depois (Cristina).

Conciliar família com trabalho configurou-se como uma **tarefa complicada**, razão pela qual, para alguns, houve a opção pela dedicação primeiro aos filhos pequenos,

para posteriormente ser dada prioridade ou mesmo deslanchar a carreira profissional, correspondendo ao começo de uma nova vida.

Durante muito tempo a Psicologia sempre estava na minha vida, mas do lado da minha vida; primeiro estavam os meus filhos. Durante um bom tempo estavam eles, depois é que eu separei bem essa coisa, depois é que eu comecei a ser psicóloga, porque aí eu tive tempo, aí eu comecei a trabalhar com pessoas que realmente sabiam o que estava fazendo, comecei a perceber que eu tinha que mudar, me aperfeiçoar para poder acompanhar... era uma nova vida que estava começando (Maria).

... só estudar, eu achei que era isso o que eu precisava fazer, para não perder o vínculo e não me enferrujar mentalmente, intelectualmente, pois na época eu tinha que conciliar a minha vida de mãe e a minha vida de profissional aí, que eu não sabia muito o que era. Então resolvi fazer isso, estudar, para depois que eles tivessem um pouquinho maiores e eu mais segura, eu ir fazer uma coisa mais concreta (Clarice).

As vivências da trajetória profissional permitiram chegar ao “sentido” da profissão.

Agora eu consigo compreender o sentido verdadeiro da profissão (Sara).

Apenas depois de trilhado um trecho considerável do caminho da trajetória profissional é que aconteceu a verdadeira aproximação com esse trabalho, gerando o “sentir-se de fato psicólogo”, pela **apropriação do “caminho de ser psicólogo”**.

... essa apropriação que eu estou dizendo é um caminho, essa é a distância que há entre ter o diploma de psicólogo e ser psicólogo. É exatamente essa, você conseguir se ver fazendo isso, porque você tem as ferramentas na mão, sabe como usá-las, faz uso delas... e vê o resultado, e isso é chão, é chão, é trajetória. Eu já me apropriei do caminho de ser psicólogo, assim, o meu futuro, sei, até como eu te disse, quero o que já é, não quero ser outra coisa, quero ser docente e clínica, as duas coisas (Carlos).

Estabelecendo analogia com o uso de um jaleco, assinalou-se a **necessidade de incorporar um papel e de assumir uma postura profissional**, o que foi sendo construído a partir das atividades desempenhadas, havendo dificuldades, muitas vezes, de marcar o lugar mais profissional de psicólogo, “se colocar de igual para igual no papel profissional”, postura essa conquistada cotidianamente.

[No início] com certeza era muito diferente do que é hoje, as coisas mesmo da identificação, aquela coisa meio básica, assim, eu era a psicóloga, né?, parecia que não conseguia, me ver muito nesse papel, nesse..., com essa identidade mesmo. Então eu acho que, claro, foi indo..., que é construída com o tempo, assim, e com as atividades, né?, e hoje, quanto a isso, assim, acho que não consigo deixar de ser a Cristina. Numa época até tinha isso, assim, parecia que a gente vestia o jaleco, porque no começo trabalhava algumas horas semanais, então naqueles momentos é que tu incorporavas aquele papel. [...] teve que assumir, sei lá, a postura mais de profissional. E hoje, assim, já não tem isso, acho que é um pouco ao contrário, te solicitam pra não ficar de jaleco o tempo inteiro (Cristina).

Como **elementos que se destacaram na trajetória**, foram explanados o reconhecimento recebido pelo trabalho realizado, em forma de retorno das pessoas sobre a intervenção psicológica, denotando seus resultados concretos, e casos atendidos que, por sua particularidade e complexidade, foram significativos e trouxeram crescimento profissional, além dos próprios desafios que a vida profissional foi apresentando.

Acho que tem alguns casos que a gente atende que são muito significativos, tem cenas que a gente vê, cenas fortes, coisas brutas, casos de final feliz... Então isso é uma coisa assim gratificante... Tem casos que às vezes também a gente não dá conta, que não tem final tão feliz, mas tem muitos que tem um final feliz, que se vê resultado... (Adriana).

As **vivências profissionais cotidianas** caracterizam-se pela **diversidade de atividades**. A **principal tarefa** que ocupa o dia-a-dia dos profissionais é o **atendimento clínico**, seja em consultório particular, seja em clínicas uni ou multiprofissionais. Essa atividade de atendimento psicológico a pacientes é geralmente desenvolvida em paralelo a outras atividades exercidas, em muitos casos mediante vínculos empregatícios em instituições.

Conforme foi apontado pelos sujeitos, embora se configurem com características distintas, as **diferentes atividades desenvolvidas se complementam**, “uma aliviando a outra”, permitindo o “recarregar-se”, por meio da qualidade das interações estabelecidas com as pessoas, e compensando eventuais insatisfações em determinados locais e/ou contextos de trabalho.

... o que eu me incomodo aqui eu me realizo lá e infelizmente durante muito tempo foi assim, o que eu me frustrava de não conseguir fazer as coisas acontecerem aqui eu me satisfazia lá, aquilo de ter aquele espaço para exercer a minha profissão como eu gostaria de exercer, de fazer as coisas acontecerem como eu gostaria é que me salvou, que me manteve saudável para segurar essa barra toda, porque senão eu não conseguiria, acho que foi a minha válvula de escape, porque só aqui, se ficar só aqui dentro realmente tu não agüentas (Maria).

... acho que é legal, uma coisa complementa a outra. Vir para o hospital dá um alívio do consultório e o consultório dá um alívio do hospital, cada um tem a sua característica e são áreas próximas, é um trabalho clínico nos dois lados... (Mário).

Foi ressaltada a **importância** dessa **conciliação de atividades**, pela retroalimentação e complementaridade de uma à outra e também porque o trabalho clínico, principalmente quando desenvolvido em consultório particular, é considerado muito solitário e até mesmo “chato”.

Eu gosto muito do consultório, me agrada demais fazer trabalho de consultório, e por uma questão financeira também, só o salário do hospital é pouco para viver, tem família para

cuidar e tal. Uma coisa complementa a outra: vir para o hospital dá um alívio do consultório e o consultório dá um alívio do hospital, e cada um tem as suas características, e são áreas próximas, é um trabalho clínico nos dois lados... era uma coisa que eu sempre quis fazer trabalhar numa instituição também, não só em consultório, porque eu acho que trabalho em consultório, só em consultório, é muito chato, eu não conseguiria, eu acho que se não tivesse esse trabalho aqui eu teria feito outra coisa, talvez até em outra área que não Psicologia, que fizesse um contrabalanço com o trabalho em consultório (Mário).

Eu me sinto muito bem fazendo isso, eu gosto de estar podendo fazer as duas coisas em espaços diferentes, eu acho que enriquece, uma coisa ajuda a outra, facilita a outra... Está sendo uma experiência muito importante para mim, eu divido a semana entre o consultório e a universidade, mas eu divido em blocos inteiros, então eu vou inteira... Sou supervisora clínica lá na universidade e a minha experiência clínica é fundamental (Rosa).

Eu queria voltar para o hospital, foi uma meta para mim e eu sou muito feliz no que faço, eu gosto muito do que eu faço, eu não me sinto solitária como eu me sentia no consultório, no consultório eu me sentia muito solitária... eu sou um indivíduo muito sociável para ficar ali no consultório (Paula).

Ponderou-se que esse trabalho de atendimento psicológico, quando realizado no âmbito de clínicas, é mais aberto, possibilitando o contato e as trocas com outros profissionais, não deixando o psicólogo tão isolado como na atividade de consultório individual.

Teve uma época que eu cheguei a trabalhar em três clínicas, trabalhava no centro, no Estreito, e depois, ah!, não é muito por aí, eu acho que é melhor estar saindo de duas. E em 2000 eu fui para a clínica em que trabalho agora, e nesse meio tempo eu trabalhava mais em clínica porque achava, ainda acho, assim, que a coisa da clínica tem a vantagem de ter o contato com outros profissionais e te abre, é mais fácil para ter clientela, porque você não está tão isolada (Cristina).

Essa vinculação, no entanto, resulta em mais trabalho, uma vez que exige envolver-se também em aspectos de ordem administrativa e financeira.

A pessoa que se mantém na clínica desde que nós iniciamos sou eu, sou a única sócia fundadora, e aos poucos foi se transformando, é uma dinâmica..., sou uma das diretoras da clínica, isso envolve administrar um grupo, pagar contas, Nossa Senhora, como tem coisa para fazer, como tem conta, eu acho que o cotidiano de administração de uma clínica requer muito (Adriana).

As **trocas com outros profissionais**, psicólogos ou de outras áreas, bem como a supervisão, foram consideradas **essenciais no trabalho clínico**, como forma de aliviar a “solidão” e o “peso” que residem na própria natureza dessa atividade e também como espaço para dividir dúvidas, se reabastecer e se recuperar do desgaste cotidiano, para continuar atuando produtivamente. Já em outros espaços de atuação, as trocas, também importantes, fazem parte da própria atividade.

Na nossa profissão, na parte clínica mesmo, a vida inteira a gente precisa dessa coisa de troca, porque de repente tem um paciente que está lá e tu não..., sabe, então tem que ter um olhar de um terceiro ali, para te ajudar a pensar... Então essa troca aí, eu acho que ela é essencial, porque a gente está ali inteira com a pessoa, tu das tuas emoções para o outro usar, então tem as tuas coisas ali junto, tu ficas ali de lixeira, depósito do negócio, então tu tens que digerir e devolver, porque a gente não é só lixeira, a gente também tem que ser esse processador, para devolver de um jeito que seja fértil, tu tens que ser meio produtivo, entre aspas! Então é uma coisa que te desgasta, e se tu não tem onde te abastecer ou trocar, e onde tu também uses o outro de lixeira e/ou de processador, fica muito, muito pesado (Lia).

... aqui é um lugar assim que é ótimo, o consultório, mas é um lugar muito solitário, às vezes, porque é só você com o teu cliente, então por isso que é importante ter essa coisa de supervisão ou ter algum outro grupo fora para fazer essa troca. Na escola isso acontecia a cada minuto, não era uma troca formal, mas estava sempre acontecendo esse movimento, tinha um coletivo muito presente (Carla).

O **trabalho clínico**, especificamente de psicoterapeuta, foi considerado como aquele que de fato **caracteriza o profissional psicólogo**, pela especificidade da atuação e pela proximidade com o ser humano que ele possibilita.

... nos outros lugares você está sempre mediando com outros profissionais outras coisas, mas aqui não, aqui não tem ninguém, só eu, é por isso que a psicoterapia é o trabalho hoje, eu não sou sem ela, não por causa de dinheiro, mas em termos de exercício profissional, o que que é a cara, né?, esse é o nosso trabalho, eu posso ser professor, pesquisador, o que quer que seja, mas esse é o que me caracteriza. [Por isso] todo psicólogo tem que ter experiência clínica, não importa o que ele vai fazer, seja o trabalho de organizacional, ou escolar, ou jurídica..., nas outras áreas também, porque o nosso objeto, tanto empírico como teórico, é o homem em situação! (Carlos).

Essa especificidade do trabalho de atendimento clínico gera **inquietações, quando os referenciais utilizados se mostram insuficientes para responder às demandas**. Essa situação mobiliza a busca de outros referenciais de compreensão, inclusive em espaços que proporcionam contato com abordagens teóricas, como os cursos de Formação e/ou de Mestrado.

Outra **tarefa bastante presente no cotidiano de trabalho é a docência**, em cursos de graduação (em Psicologia e em outras áreas) e também de Formação, cursos técnicos em nível de segundo grau e Especializações. Uma das principais motivações para o desempenho da atividade docente é a oportunidade que ela representa de **repassar de experiência para os alunos**, trazendo-os para a realidade da prática da profissão. Considera-se, ainda, que essa atividade proporciona estar mais atento às pessoas, dar atenção a elas e ouvir mais, ser mais flexível, maleável e tolerante com o curso dos acontecimentos, aprender a respeitar e lidar com as diferenças, provocar reflexões para a vida dos alunos e trabalhar a questão da responsabilidade social.

O ser professor representou a descoberta da possibilidade e do potencial para desenvolver uma segunda atividade profissional, após um percurso de trabalho significativo.

Eu nunca me imaginei, a minha mãe foi professora a vida inteira, nunca me imaginei como professora, foi assim um desafio, meti a cara e descobri uma outra vocação, e realmente é muito gratificante (Sorriso).

Essa atividade vem acontecendo de forma compatível e “equilibrada” com os demais afazeres, concretizando uma vontade antiga, conforme explanado por alguns, muito embora também gere sobrecarga de trabalho, em função da diversidade de tarefas envolvidas, que transborda além dos limites, pois “tem o antes e o depois da sala de aula”.

... consigo encaixar os horários para dar aulas, concentrando uma carga horária grande em poucos dias, por isso que fica tempo para eu poder me dedicar à clínica na segunda e na sexta... Então eu tenho conseguido um equilíbrio, assim, depois que eu comecei a dar aulas... Este foi um processo muito interessante, até agradável, assim, pouco a pouco (Carlos).

... também o trabalho na universidade, da mesma maneira, transborda para além de seus limites, porque ou você tem trabalhos para corrigir ou tu mesmo estás pesquisando textos novos ou está procurando mais material para indicar para os teus supervisionandos, enfim, você tem uma quantidade de tarefas que não se limitam à sala de aula, tem todo o antes e o depois da sala de aula, então isso faz com que eu tenha um cotidiano bastante assoberbado, assim, em termos de trabalho (Guilherme).

Exercer a **docência abrange não apenas ministrar aulas**, mas também prestar supervisão a graduandos em estágio ou a alunos de cursos de Formação, além de orientar a produção de monografias. Essa **abrangência possibilita discutir o exercício da profissão** e ampliar espaços para esse exercício na sociedade e também exercitar a pesquisa, ao acompanhar alunos na construção de trabalhos.

Sempre com a questão do exercício da profissão, então a supervisão é o que me mantém, o que faz a ponte, não me vejo só como professora... só na sala de aula, porque eu acho que essa coisa de tu estares em contato com a realidade, com a sociedade, com o que está acontecendo lá fora é fundamental. Eu sou bem atuante, eu vou no local, busco outros locais, então isso te tira um pouco só da sala de aula, cada semestre é uma experiência diferente... só ficar em sala de aula não é o que faz o meu... é pouco!... Eu me realizo bastante com o magistério e com a supervisão (Sorriso).

A **supervisão foi apontada ainda como uma atividade interessante, pela oportunidade de aprimoramento do próprio aprendizado** - já que requer embasamento teórico -, e de transmissão de conhecimentos, podendo-se mostrar a consistência das áreas de atuação em Psicologia.

Para mim hoje está sendo um presente muito grande essa atividade de supervisão... Não quero aí jogando a clínica fora, mas esse trabalho de supervisão, supervisionar os alunos do curso para mim está sendo todo o auge da minha profissão hoje, porque na supervisão, de uma forma ou de outra, você está ali trabalhando a clínica em si... Por outro lado você precisa de muito embasamento teórico e isso está me fazendo estudar de novo, retomar constantemente a teoria, conceitos, questões filosóficas da minha abordagem... é o trabalho que eu mais gosto de fazer atualmente, é um trabalho muito legal, como eu aprendo também, mas posso transmitir o que eu já aprendi, é uma reciclagem constante, a gente está sempre se atualizando... existe um crescimento atual, esse trabalho de supervisão eu já faço há dois anos (Mariana).

As **vivências do cotidiano de trabalho incluem ainda** o desempenho de tarefas no âmbito da psicologia escolar, hospitalar, do trânsito, organizacional, institucional, além de práticas menos clássicas, voltadas para recursos naturais e fitoterapêuticos e também para atividades de marketing. Essas tarefas, no entanto, não se resumem àquilo que seria esperado de cada um desses campos exclusivamente. Antes, as atividades se mesclam, de modo que quem trabalha em psicologia organizacional, por exemplo, desenvolve atividades de triagem, aconselhamento, conversas para “baixar a poeira” e “atuação junto às pessoas que têm problemas”.

Há quem tenha tido dificuldade, inclusive, de definir exatamente o que faz em seu cotidiano de trabalho na instituição, haja vista que desempenha tarefas bastante diversificadas.

Eu não sei dizer assim direito o que que é a minha Psicologia lá dentro, se é psicologia organizacional, se é psicologia do trabalho, se é voltada para a Ergonomia, se é mais clínica, o que que é, mas sei que eu sou psicóloga acho que do jeito que eu saí do curso, assim, um misto de várias coisas, porque acaba que eu faço várias coisas (Clarice).

Considerou-se o **cotidiano de trabalho**, de modo geral, **cansativo, pesado** e até mesmo **“insano”**, em função da sobrecarga e do nível de envolvimento exigido, mas ao mesmo tempo **gratificante, rico em experiências** e **desafiador**, pela constante aprendizagem demandada.

[O dia-a-dia de trabalho] é meio insano, assim, porque tem alguns momentos que a sobrecarga de trabalho é muito grande, porque esse trabalho aqui não é algo que você possa simplesmente pegar as tuas coisas, ir para casa e deixar de lado... é um trabalho que exige responsabilização na relação com o paciente, né?... Não é muito fácil fazer isso, tu tens que estar disponível para quando é necessário atender paciente ou dar algum tipo de suporte para evitar uma nova internação... Isso faz com que a gente tenha que se envolver com outras coisas que não o atendimento imediato (Guilherme).

Trabalhar numa [instituição onde atua] realmente é muito pesado, enquanto profissional, assim, exige de nós muita ética, muito profissionalismo, muito senso de direção, muito senso de discernimento, muito jogo de cintura também... O local de mais má experiência

em termos de Psicologia que eu tenho é aqui, o mais forte está sendo aqui, pela riqueza da experiência, uma experiência muito rica, em termos profissionais, nossa!, um dia depois do outro, cada dia me traz assim sua gama de novidades, de coisas a aprender, de coisas a saber, de exigências também, para que a gente faça frente, de desafios (Sara).

O **“peso” do cotidiano** advém ainda de dificuldades encontradas no relacionamento com as chefias e de exercício do próprio papel de psicólogo, além de entraves burocráticos que emperram o desenvolvimento das tarefas, fazendo com que algumas instituições “não sejam o melhor lugar de trabalhar”.

Em outros casos, a instituição em que atuam foi considerada boa de se trabalhar, porque as atividades profissionais são dinâmicas, há diversidade de tarefas, bom nível de exigência e ausência de uma rotina fixa, o que exige organização para se conseguir atender às demandas.

Aqui é bem mais amplo, é um trabalho bem mais dinâmico, a gente tem uma dinamicidade, assim, que é legal, mas ao mesmo tempo te exige muito também... a gente não tem uma rotina, tem que se organizar mesmo, fazer propostas, implementar, nos cobram isso (Cristina).

Muitos referiram que, embora a remuneração não se encontre à altura do trabalho desempenhado, sentem-se recompensados pela possibilidade de terem uma atuação abrangente, de juntarem várias áreas de exercício da Psicologia, de crescerem na instituição, progressivamente, de escolherem a abordagem, de produzirem transformações e mudanças e, principalmente, de serem valorizados e reconhecidos pelo seu trabalho.

A liberdade de poder trabalhar nas áreas onde há identificação também foi considerada um aspecto positivo do cotidiano de trabalho, pois se avalia que a possibilidade de escolha de onde exercer as tarefas denota respeito ao limite do profissional, por parte da instituição.

Alguns assinalaram que levam o trabalho na instituição onde atuam muito a sério, cobrando a mesma postura dos estagiários, por considerarem isso necessário para a valorização da Psicologia naquele espaço, e também para a preservação da imagem do psicólogo.

Eu sou extremamente rígida e cobradora com as minhas coisas, e quero que a minha estagiária tenha o mesmo cuidado com a imagem do psicólogo que eu tenho. Então, se a minha estagiária chega de barriga de fora, com um salto dessa altura aqui eu fico louca, ou se faz uma coisa que é muito inadequada, assim, eu não agüento, eu me sinto muito incomodada, porque eu acho que se eu batalho tanto para as coisas serem levadas a sério aqui dentro..., não pode, aqui a gente é profissional, da porta para fora tu podes fazer o que quiseres (Paula).

O **aprendizado constante** foi destacado como fundamental, pois ponderaram que o preparo para o exercício profissional nunca está concluído. Com esse intuito, é forte a pretensão de manter-se estudando ou de “voltar a estudar”, razão pela qual muitos pensam na pós-graduação em nível de mestrado ou doutorado, até mesmo como forma de reflexão sobre as vivências profissionais.

Eu fiquei três anos sem estudar, até hoje não peguei nada, não escrevi um artigo, não fiz uma pesquisa, não participei de coisa alguma, só dei aulas, trabalhei na academia, mas não estudei, aquela coisa de ser pesquisador e tal, não, só li, li muito nestes três anos. Agora quero voltar, porque vejo que é necessário mesmo, por mim, hoje eu sei o que eu quero teoricamente, tenho o chão da fábrica, digamos assim, o chão da prática, tanto como educador como terapeuta (Carlos).

Eu pretendo, não escapei ainda a minha vontade de entrar no doutorado, mas não agora, o que eu quero agora e o que eu estou conseguindo é incrementar mesmo a clínica e me aprimorar, continuar me aprimorando mais em termos teóricos (Mariana).

... a vontade que eu tenho é de ter uma reflexão mais profunda sobre minha experiência [profissional], voltar, refletir o que já vivi, presenciei, eu tenho muita coisa para ser discutida e produzida. Então tenho vontade assim de um dia voltar para a universidade, para um doutorado... (Clarice).

Houve necessidade, ainda, de **estabelecer constantemente espaços de troca** com colegas profissionais, em que fosse possível travar discussões, para não “emburrecer” e também para ter a referência externa, pelo olhar de um terceiro, principalmente no trabalho clínico, o que às vezes é buscado por meio da supervisão.

Destacou-se também a necessidade de o **trabalho ser mostrado para a clientela potencial**, de que se desenvolva um “nome na praça” para que esse trabalho possa ser visto e o profissional procurado, pois existe uma concorrência acirrada.

... tu tens que estar conhecendo, entrar na cidade, mostrar a cara também, ficar conhecida... a nossa atividade, principalmente essa de consultório, tu tens que estar sempre de alguma forma na vitrine, é um mercado complicado, com muita gente se formando... tu tens que estar com convênio em algum lugar, tu tens que ter algumas referências, uma visibilidade, ter um lugar na comunidade, de respeito, de cuidado... Na atividade profissional tu tens que te armar com essas coisas todas e, se tu perdes isso aí, começa assim a declinar, porque aí as pessoas vão encaminhar para outro... Tu tens que estar sempre te mostrando, teu trabalho, como é que é... (Lia).

O cotidiano de trabalho foi retratado como um **momento de maturidade profissional**, que permite buscar e transitar por outros referenciais, identificando, nessa diversificação, as peculiaridades das diferentes demandas, que exigem encaminhamentos e intervenções específicas.

Atualmente eu estou começando a me interessar por algumas coisas que não gostava muito, mas que hoje estou vendo o outro lado, acho que é fruto até da maturidade profissional, que é tentar entender um pouco mais a questão ligada à neuropsicologia, à terapia cognitivo-comportamental, que eu tenho visto algumas coisas muito interessantes... Atualmente eu tenho, sempre nessa história de enriquecer, de não ter que seguir uma linha, uma coisa assim isolada, eu me permito usar outros recursos que eu acho interessantes... Atualmente eu tenho essa possibilidade de viver algumas outras coisas, até, eu acho, pela maturidade (Mário).

Essa maturidade possibilita, ainda, **manter um equilíbrio entre a vida profissional e a pessoal**, e também ter clareza com relação aos propósitos e resultados das atividades desenvolvidas no campo da Psicologia.

Eu me divido, consultório, casa, até porque ainda tenho uma filha pequena... eu creio que a minha vida está, meu cotidiano está muito mais equilibrado, nesse sentido, então eu tenho o meu momento profissional, que eu venho aqui, tenho uma clientela já formada, eu tenho um bom número de clientes, pelo menos por enquanto, eu pretendo ir ampliando, mas para o momento é o que dou conta, e tem esse lado mãe também, esse lado dona de casa, então eu sinto que está muito mais equilibrado... (Carla).

... está sendo importante estar inserida em um contexto interdisciplinar, mais evoluído, mais maduro, e estar podendo transitar também em aperfeiçoamento, congressos, workshops, fazer o acompanhamento com o cliente de psicoterapia, discutir alguns casos em supervisões, enfim, estar incrementando, me fazendo continuar e evoluir no exercício profissional e como pessoa, mais consistente, mais madura, mais inteira, mais humorizada, podendo brincar também com a condição humana, me sinto mais à vontade... (Ana).

Acho que tudo veio vindo, eu me vejo hoje uma pessoa mais pronta para os outros, mais madura... Eu acho que eu relaxei, [estou] menos conflituada, de que que eu estou fazendo, o que que é isso, isso que eu estou fazendo é Psicologia? Eu acho que tudo é Psicologia, em tudo o que tu estás colocando o que aprendeu e agregando... Acho que hoje eu me vejo como uma psicóloga que ampliou os horizontes e que não tem tanto preconceito em relação às coisas a serem feitas..., já não me importa mais se é Psicologia ou não é Psicologia, importa é estar fazendo e vendo que aquilo está tendo resultados, está modificando, de alguma maneira, essa realidade, tu estás podendo mudar alguma coisa, está contribuindo para isso (Sorriso).

As **vivências do cotidiano de trabalho proporcionam realização profissional**, uma vez que existe satisfação em relação às tarefas que são desenvolvidas. O **fato de ter um trabalho**, em si, também foi apontado como fonte de satisfação.

Quando eu entrei no [instituição onde trabalha], assim, foi ali que eu pude dizer, agora eu estou trabalhando, eu tenho um trabalho, uma coisa fixa, e o valor que eles me dão..., eles vêem a importância do meu trabalho, eu me sinto valorizada, reconhecida, os dirigentes vêm e dizem “a gente está gostando muito do teu trabalho”, “temos a melhor psicóloga da cidade”, então isso para mim é... (Beatriz).

Os **resultados produzidos** por meio da atividade clínica, para as pessoas que a buscam, são particularmente destacados como algo que gratifica profissionalmente.

... é muito gratificante quando você vê que o seu trabalho está permitindo o crescimento de alguém..., eu estou muito feliz, dos sete anos que estou formada, agora que eu estou sentindo assim, colhendo frutos, que a semente brotou, floresceu, que está aí com tronco, com ramos, com folhas, virou uma árvore, que está em desenvolvimento mas tem uma sustentação. Hoje eu posso me sentir assim, por esses retornos que as pessoas dão, não é só um reconhecimento para mim enquanto psicóloga, mas é um reconhecimento que a gente vê a partir de como o outro também vai se desenvolvendo, vai florescendo... você vê até na postura, no físico, no semblante de uma pessoa que chega assim, entre aspas, pequenininha..., e depois de um tempo de trabalho você vê alguém que brilha, que chega aqui com uma outra cara, tendo coragem, batalhando, pôxa, isso é maravilhoso! (Mariana).

... nessas trocas é o tempo todo me doando, mas também recebendo muito, não só dos próprios pacientes, pela maneira com que eles vão lidando com a vida deles diferente, isso é uma coisa muito gratificante, tu vês as coisas andando, tomando rumo diferente, a pessoa vai lidando de uma forma diferente com suas coisas, não se sentindo tão assustada nem tão ameaçada... E eu me absteço dessa troca com os alunos, as perguntas que eles fazem me desafiam de alguma forma, poder ir mostrando as coisas..., isso me desafia e faz com que eu fique querendo mais e aprendendo mais (Lia).

Algumas circunstâncias pessoais de trabalho com alguns pacientes foram muito importantes. Eu lembro com muito carinho de ter ajudado algumas pessoas, algumas famílias, tive um retorno bom. Eu me lembro um dia, andando na rua, encontrei um paciente que tinha atendido há uns cinco anos atrás e não tinha mais visto, e ele me cumprimentou e, “pô, rapaz, tu não imaginas como foi importante ter aquele trabalho contigo, até hoje eu lembro de algumas coisas que tu falou e que na época eu não entendia”. Eu tive mais de um exemplo desse, assim, eu saí muito contente, sabe aquelas coisas que dão satisfação, beijam o ego, acho que deu uma lambida no ego assim que foi muito legal, um feedback bom, assim, do trabalho, pude ajudar as pessoas a crescer, acho que é a satisfação pessoal com a profissão (Mário).

Uma coisa assim gratificante, no consultório, pessoas que às vezes chegam com grandes dificuldades, com grandes problemas, achando que são insolúveis, e que vão mudando e que vão se desneurotizando, se dá para falar assim dessa maneira. Acho que vão se tratando, vão vendo que é de um outro jeito, vão melhorando, vão alterando o seu padrão de interação com o mundo, com as coisas, e se transformam em pessoas melhores, convivendo melhor com as suas coisas, com a sua vida, o seu cotidiano (Adriana).

O sentimento de **ser o responsável técnico, o cuidador** que possibilita a “melhora” das pessoas que são atendidas, também traz satisfação no trabalho exercido.

... eu gosto de viver isso, gosto de viver essa emoção, das conquistas que as pessoas se dão, e de eu ser acompanhante e cuidadora desse processo de saúde das pessoas! Isso eu acho maravilhoso, gratificante, eu fico muito faceira quando eu vejo as pessoas rompendo as suas dificuldades e se lançando para uma coisa de ganhar mesmo, de estarem mais integradas, mais próximas das suas verdades (Ana).

Tem duas coisas significativas: como docente, certos alunos em quem a mensagem tem repercussão..., e no trabalho clínico certas sínteses, certas compreensões que o meu cliente e eu fazemos em determinado momento da terapia que, como vou dizer, eu já vi mudar o rosto, no diálogo, assim, entrar de um jeito e sair de outro..., parece que a pessoa fica de

cara lavada..., e através da minha intervenção está sendo uma, um ser humano melhor, eu é que sou o responsável técnico por isso (Carlos).

... hoje em dia o que me marca mais é poder acompanhar realmente o cliente num processo mais longo, o necessário para ele realmente sair bom, poder estar acompanhando essas pessoas mais tempo, e você poder ter esse feedback também, estar ali, vendo o crescimento dessas pessoas. Mesmo quando estão em processo de alta, já saem com muito mais conteúdo interno trabalhado, muito mais fortalecidas, às vezes não é o meu tempo de alta, mas é o tempo de alta do cliente, já tem todo um ganho real... Então, poder acompanhar esse começo, meio e fim, essa evolução dos processos... (Carla).

Além dos resultados, a **repercussão alcançada** indica que os frutos do trabalho estão aparecendo, e isso também produz satisfação profissional.

É significativa a repercussão que a gente tem tido com esse trabalho aqui, a gente pode medir isso pela quantidade de visitantes que a gente tem, e o efeito mesmo sobre a vida das pessoas tem gerado um reconhecimento como consequência, por parte da própria universidade e de outras instituições que vêm conhecer o trabalho que a gente faz... No Estado a gente tem sido referência... (Guilherme).

Eu me sinto bem nesse momento, me sinto reconhecida, me sinto participando, me sinto fazendo a minha parte do jeito que eu posso, do jeito que sei, não é um jeito muito linear, mas é um jeito... Então eu estou me sentindo bem, me sentindo feliz por estar podendo fazer tudo bem feito... Eu acho que eu sou uma psicóloga feliz por enquanto... (Rosa).

Aqui tu tens liberdade para criar os projetos, para ir atrás, para executar as campanhas. Agora eu estou tentando unir os alunos à realidade daqui, eles estão participando junto conosco dos trabalhos... Então eu vejo, assim, são os frutos que a gente plantou que estão aparecendo por aí, eu tenho o maior orgulho, eu acho que eu sou competente nisso que eu faço. O retorno que eu recebo, os depoimentos que eu recebo me mostram que eu sou competente, mas posso aprender mais, buscar outras coisas... Todas as atividades que eu estou é para que as pessoas tenham possibilidade de crescer..., talvez por isso que a minha satisfação seja tão grande (Maria).

Perspectivas de crescimento profissional e de novas aprendizagens também foram aludidas como fonte de satisfação no trabalho exercido.

Acho muito bom, gosto de trabalhar aqui... No momento eu sinto como uma conquista e ao mesmo tempo como um desafio para mim, porque foi bastante difícil de conseguir, teve uma trajetória suada. E hoje acho que posso dizer, assim, algumas coisas eu conquistei nesse caminho, mas também tem um baita desafio, porque tem muita coisa para aprender e para fazer, e aqui tem esse espaço, tem essas possibilidades de crescer mesmo trabalhando aqui, de fazer muito mais coisas, até na área de pesquisa também... Tem muita coisa para se fazer, rolar, ainda... (Cristina).

A **possibilidade de ter experiências multidisciplinares** de trabalho, desenvolvendo procedimentos em conjunto, também traz satisfação profissional, além de conferir mais “trânsito” e espaço para a atuação em Psicologia dentro da instituição.

Hoje eu transito no meio dos médicos, assim, oi, tudo bem, tu és igual a mim... e a gente sabe que a história do psicólogo no hospital ainda é assim, ou é o psiquiatra ou é à margem (Paula).

A **paixão pelo trabalho e o alcance da realização profissional plena através do seu exercício** foram elementos bastante pontuados.

[Estou] realmente muito apaixonada pela Psicologia, gosto muito, é minha realização mesmo, é um grande prazer trabalhar (Carla).

Eu adoro o que eu faço, eu me sinto muito emocionada com o meu trabalho... é uma relação de amor, uma forma de ter expressão e participação na vida das pessoas (Ana).

Os psicólogos participantes do estudo afirmaram não se verem ou não se imaginarem desempenhando outra atividade profissional que não aquela que escolheram; consideram que **esse é o trabalho com o qual se identificam** e também com o qual, por vezes, se angustiam; seu exercício é vital, no sentido de **não conseguirem compreenderem-se como pessoas sem reportarem-se à sua vida profissional**.

Ser psicólogo é uma questão hoje em dia vital, no sentido de que eu não consigo mais... me compreender como Rosa sem pensar na minha vida profissional em Psicologia! (Rosa).

Foi destacada a **importância de gostar do trabalho que se desenvolve**: depoimentos relativos à satisfação encontrada em atuar no campo da Psicologia vinculam essa satisfação à percepção de quanto sua atuação contribui para que outras pessoas busquem satisfação profissional.

Eu acho que as pessoas que fazem o que gostam, elas são felizes, elas têm outro ânimo de vida, e eu sou realmente uma pessoa assim, extremamente satisfeita por isso. Eu nunca escondi de ninguém o que eu gosto de fazer, nem dos meus filhos, nem dos meus alunos, e isso está colaborando até para dar para as pessoas um certo referencial de que é possível a gente conseguir, sabe, de que é possível a gente fazer aquilo que a gente gosta e ganhar dinheiro com o que a gente gosta, com aquilo que eu me propus lá quando eu tinha quinze anos de idade. Agora, quase trinta anos depois, eu estou ainda no mesmo caminho... passam os obstáculos, passam as dificuldades, as tempestades, mas depois da tempestade vem o arco-íris mesmo (Maria).

Hoje em dia eu não me imagino fazendo outra coisa a não ser o que faço... Hoje em dia eu vivo como eu pensei muito antes de entrar no curso de Psicologia..., estou colhendo os frutos de quinze anos de investimento longo. Para ser psicólogo é preciso, a gente vive de reputação e reputação não é uma coisa que se faz de uma hora para outra, são passos que tem que ser dados (Carlos).

O **exercício cotidiano** da atividade profissional de psicólogo foi apontado não apenas como **fonte** de satisfação e de reconhecimento profissional, mas também como cenário de constante mudança e de **ressignificação da própria maneira de ver o mundo**.

... com essa história de vinte anos e tal [de formado], eu estava pensando um pouco o quanto o profissional ajudou pessoalmente também, o quanto todas as experiências que eu tive profissionalmente me ajudaram a minha formação pessoal, formação de vida..., aprendi a ser muito mais humilde... As experiências de vida que eu tive, tanto no hospital quanto no consultório, foram me mostrando que... a vida é muito maior do que era o que eu pensava que fosse, ela é muito mais rica, ela é muito mais diversa, ela é muito mais aberta. [...]. Eu tinha uma noção do que era certo e do que era errado, hoje em dia eu tenho outra completamente diferente, quer dizer, até a ética é diferente, a moral, né?... isso me serviu pessoalmente... Eu acho que me ajudou a entender muito mais as coisas humanas... Em termos da minha atividade profissional de psicólogo eu estou muito contente, eu acho muito legal e eu me sinto reconhecido pelo meu trabalho, assim, como psicólogo, eu me sinto bem dentro da profissão... Eu me sinto muito bem, eu acho que eu estou bem fazendo isso, me sinto muito contente fazendo isso, né? Talvez daqui cinco anos eu queira fazer outras coisas na vida, como eu te disse, mas agora eu me sinto muito bem (Mário).

Hoje em dia, se eu fosse escolher uma profissão, eu escolheria exatamente essa! (Sara).

Nossa, é muito bom!... hoje não sei se faria outra coisa, não sei não, nesse momento, se pudesse escolher, não quero, tanto que eu não me disponho a fazer outras coisas... (Adriana).

Mas o **cotidiano de trabalho** também apresenta **dificuldades e desafios** aos profissionais. Segundo foi narrado, configuram-se como desafiadoras as necessidades de **abandonar a onipotência** típica de recém-formado e ir para a realidade ver como as coisas acontecem, **respeitar o ritmo e a vontade das pessoas, abrir mão de procedimentos formais aprendidos** (como a anamnese, por exemplo), podendo ampliar horizontes e **não ter tanto preconceito** em relação a determinadas **tarefas** que são demandadas.

... essa coisa eu acho que da onipotência, de sair mais ainda, de ver como é que elas [as pessoas] vão desenvolvendo as coisas, vão processando, do jeito que eles vão me contando a história deles, que eu sei da história deles sem nunca ter perguntado a história formalmente como eu fazia, ah!, como é que foi, sabe, respeitando mais o ritmo das pessoas a partir da vontade delas e não tanto da minha de querer ter dados..., isso eu estou aprendendo um monte, assim, na marra... (Lia).

Também é desafiador conseguir **mostrar a necessidade do trabalho do psicólogo na instituição**, criando espaços de trabalho em áreas de difícil acesso à Psicologia, e **pensar a clínica como negócio**, estabelecendo uma relação com a clientela potencial, através da criação de uma estrutura de marketing que permita a vinda de clientes, vencendo o preconceito e o desconhecimento acerca do trabalho psicoterapêutico.

... você tem que pensar a coisa de um ponto de vista estritamente comercial... você pode fazer uma estrutura de marketing que em um ou dois anos renda uma boa clientela, é um negócio..., tem muita gente precisando fazer psicoterapia, nem todos têm para pagar, mas

muitos têm para pagar, mas há um obstáculo entre o terapeuta e esse grupo..., porque há muito preconceito, em geral, um desconhecimento do que se faz, eles têm medo do psicólogo, aquele receio de ter uma marca, você está indo no psicólogo (Carlos).

Aqueles que desenvolvem atividades como psicólogos no campo da Psicologia Organizacional e do Trabalho em instituições públicas relataram dificuldades no exercício cotidiano dessas atividades, haja vista **pressões e mesmo “perseguições” sofridas no ambiente de trabalho**, principalmente por parte das chefias. Entre as principais dificuldades encontradas estão **embates e entraves vividos diariamente nas instituições**, além do **desgaste provocado pela solidão e falta de interlocução**.

Esses profissionais vivenciam um contexto cujas condições de trabalho têm dificultado e interferido no seu desempenho profissional, com dificuldades concernentes inclusive à própria legitimidade do seu trabalho no âmbito da Psicologia.

Hoje em dia está sendo uma dificuldade muito grande o ser psicólogo na [instituição onde trabalha]. ... comigo a coisa é bastante pesada [...], eu acabo fazendo um papel muito complicado... [...] Então, a coisa fica muito difícil, porque [o chefe] é uma pessoa bastante limitada [...]. E como eu sou uma pessoa [que] não me sinto nem um pouco no direito de abaixar a cabeça, acabei incomodando muito ele. E essa experiência agora recente com ele acabou sendo muito doída, porque foi em mim diretamente, né?, tudo o que eu via as pessoas sofrerem e adoecerem, ou até enlouquecerem lá dentro, acabou acontecendo comigo, na pele... (Clarice).

... o psicólogo é muito visado na [instituição onde trabalha], é bode expiatório para tudo, eles [chefias] querem sempre complicar... Não sou só eu que sinto isso, vários psicólogos sentem essa perseguição. Eles acham que o psicólogo é, eu acho que eles acham que é privilegiado, eu não sei o que eles imaginam... [...] A coisa é tão assim complicada que, a cada direção ou a cada governo que entra, eles pedem para que os psicólogos apresentem as atribuições... Faz dezenove, dezoito anos que a gente está aqui e há dezoito anos tem que provar o que que a gente faz aqui dentro! Sabe, não sei, não é uma função respeitada no sentido de que eles levem a sério o que se faz aqui, que a gente é importante aqui dentro... (Maria).

Essas dificuldades geram desgaste e insatisfação profissional, quando o ambiente de trabalho não proporciona trocas, apresenta embates ou **limita em demasia a autonomia e/ou espaço para proposição de ações**, impossibilitando “colher frutos”.

... a gente não tem muito espaço de troca... Essa coisa toda de estar me desgastando e discutindo e tendo esse meu trabalho não entendido, muito pelo contrário, assusta as pessoas, assim não tem condições... acho que precisava ter mais gente da área da Psicologia, assistente social, assim, essas áreas que escutam. É uma instituição muito fechada... e eu estou me cansando, porque estou vendo que ali é um trabalho muito limitante porque não tem frutos, é muito difícil de ter, tem assim esporadicamente e acaba que esses resultados ficam como exceção, e o resto é que vale, tu ficas até desqualificada por causa disso (Clarice).

Os **fatores limitantes e de desgaste dizem respeito à relação de trabalho estabelecida com a instituição**, estando preservado o contato com colegas e com as tarefas.

Esse é um momento no qual não estou muito satisfeita com o meu cotidiano aqui, porque é muito difícil a pessoa gostar de trabalhar aqui. O que prende o profissional de Psicologia a trabalhar num ambiente tão difícil, desgastante, estressante, cansativo, desmotivante, o que me prendeu esses anos todos são os meus dois colegas de profissão, sem essa equipe nós não estaríamos aqui, nem eu nem eles, porque foram muitos embates. Eu acho que esses grandes desafios é que também nos seguraram, porque houveram muitos momentos em que a gente foi quase despejado, mandado embora... A cada governo entra um grupo de pessoas, então a dinâmica muda completamente, as prioridades mudam, as dificuldades aumentam... Após estes anos todos eu estou me sentindo meio desgastada, sim, cansada!... O que desgasta mais não é a clientela ou o atendimento, é essa questão em torno, o entorno, o clima institucional, todas as regrinhas, todos os dissés e não-me-dissés, as autoridades embutidas em frases, os destemperos... A atividade-fim sempre foi muito gratificante, eu acho que, assim, os resultados sempre foram muito positivos, e se não fosse isso e se não fosse os colegas, eu já teria pulado fora, já teria ido buscar outras coisas (Sara).

O que eu acho que é mais difícil dentro de uma instituição é que é tudo muito igual, eu fico imaginando daqui há vinte anos fazendo a mesma coisa, eu fico imaginando como vai estar a cara do meu chefe. E eu tenho um pouco essa necessidade de fazer coisas diferentes, de uma certa forma eu tinha um pouco de medo de ser funcionária pública porque me parece uma coisa meio acomodada, e isso me incomoda muito, então eu estou o tempo todo cavocando umas coisas para fazer diferente (Paula).

No **trabalho clínico de consultório** as dificuldades relacionam-se à **intensa “doação”** que essa tarefa exige.

... é necessário a gente, num trabalho clínico, principalmente, se doar um pouco mesmo..., é difícil, tem horas que eu saio daqui, a minha sensação é que eu estou sugada, que não tinha mais..., é uma doação muito grande..., conforme o momento das pessoas isso fica mais leve ou mais pesado... (Carla).

Já no **ambiente de hospital**, o lado difícil do trabalho reside na **necessidade de lidar com a morte** e com “casos pesados”.

... trabalhar num hospital a gente lida muito de perto com a morte, com a coisa de perda de uma maneira geral... eu nem sempre consigo sair daqui, ir para a praia, não estou nem aí para aquele paciente que acabei de perder. Isso nunca acontece, a gente sempre sai mobilizada..., embora fique com aquela conversinha básica dos mecanismos de defesa, mas a gente lida tanto com a doença, é difícil (Paula).

O tempo apertado, em função da **sobrecarga de trabalho**, também dificulta o cotidiano, pela **impossibilidade de “sentar e estudar”** como as atividades requerem.

Acho que é muita riqueza aqui dentro, tem muita riqueza, muita coisa para se aprender, acaba não dando muito tempo, não tenho muito tempo para sentar e estudar, porque, com essa rotina maluca, acaba ficando um pouco de lado isso (Cristina).

... eu termino indo muito perto dessa coisa de intuição... eu estudo menos, eu devia estar estudando mais, lendo mais, fazendo essas coisas. Esse ritmo louco de trabalho, assim, direto com as pessoas... às vezes eu deixo um pouco essa coisa do estudo meio de lado... eu estou sentindo falta agora... Eu deixei acho que nos últimos tempos essa coisa teórica, então está me voltando a faltar um pouquinho, é tudo na base da prática... o meu dia-a-dia então tem sido muito mais por aí, até, do que a coisa de estar me armazenando de teorias (Lia).

Em síntese, as **vivências profissionais da trajetória** foram iniciadas pela busca por inserção no mercado de trabalho, tiveram como primeiros movimentos o atendimento em consultório, a ministração de aulas e a prestação de concursos, e exigiram buscar ferramentas de apoio: supervisão, psicoterapia e cursos de formação. A estréia profissional apresentou-se como um momento de dificuldades, principalmente relacionadas à insegurança e ao despreparo para atuar. A trajetória profissional caracterizou-se por transformações: teve rupturas e recomeços, e permitiu incorporar o papel profissional, assumir a postura e apropriar-se do “caminho de ser psicólogo”. O cotidiano de trabalho dos profissionais representa um momento de maturidade profissional. É caracterizado pela diversidade de tarefas e pela dualidade: cansativo, pesado e “insano”, por um lado; gratificante, rico e desafiador, por outro. A satisfação encontrada no trabalho divide espaço com necessidades, dificuldades e desafios a serem vencidos, porém o trabalho em Psicologia é considerado fonte de contínua transformação e re-significação da própria maneira de ver o mundo.

5.4 O significado da trajetória na construção da identidade profissional

As vivências da trajetória de trabalho tiveram diferentes **significados na construção da identidade profissional** dos psicólogos, dependendo das peculiaridades do percurso das ações de trabalho.

A **identidade profissional** foi definida **como uma construção social**, um “**somatório**” formado a partir do conjunto das experiências do percurso profissional, embora o “norte” tenha sido apontado pela formação acadêmica.

... é um somatório dessas experiências, das situações, das coisas que foram me acontecendo nesse tempo todo. Claro, teve uma linha norteadora, que foi lá a faculdade, lá que começou

a minha identidade profissional, onde a gente teve que buscar alguma, algum conhecimento mais específico, e ali eu acho que todas as situações, desde colegas, professores, sentimentos que eu fui tendo também, e acho que eu fui construindo, então eu vejo muito como um somatório de todas essas experiências, as informações, os congressos, coisas que eu fui participando e que me ajudaram e que ainda me ajudam a estar formando essa identidade (Carla).

A minha experiência pessoal com o trabalho profissional eu posso dizer seguramente que foi o maior formador da minha identidade pessoal e profissional, porque foi através da minha experiência que eu fui vendo o que me diferenciava e o que eu era capaz de fazer ou não... Isso ajudou a construir a minha identidade, eu fui aprendendo com as situações... a experiência me ajudou a me formar nesse sentido (Mário).

Identidade profissional, para os sujeitos do estudo, é **aquilo que identifica e apresenta o profissional, o modo como ele se mostra**, algo que vai sendo construído com o tempo e com as atividades de trabalho, e que conduz à incorporação de um papel.

... hoje não consigo deixar de ser a Cristina psicóloga... te solicitam para não ficar sendo a psicóloga, a terapeuta fora, nas relações interpessoais, fora dos momentos de trabalho (Cristina).

A identidade profissional em Psicologia foi **relacionada com aquilo que é convencionado para a profissão**, com a diversidade e multiplicidade de suas teorias e práticas, com os tipos de identidade que se ajuda a construir com a intervenção psicológica e, ainda, com a forma pela qual o profissional quer ser reconhecido profissionalmente.

Segundo foi assinalado, à noção de identidade profissional misturam-se características que compõem os estereótipos do profissional ideal, como ele deveria ser, agir, comportar-se. Assim, essa identidade é uma **construção que ocorre e se confirma na relação estabelecida com a clientela**, focalizada na especificidade do serviço prestado.

É essa construção constante, eu sei dizer que a identidade do profissional psicólogo tem muito a ver com identidade pessoal, e vejo isso também como uma construção. E a identidade profissional é o quê? Eu sou um profissional psicólogo que presta um serviço X, eu acho que é isto e o que me confirma a minha clientela, ela me reconhece como tal. Na medida que eu atendo uma pessoa, que a gente percebe a evolução e que ela se sente nesse processo..., que ela volta para a próxima sessão, que ela me traz coisas, isso vai mexendo... Acho que a minha identidade enquanto profissional está sendo construída e confirmada nessa relação (Adriana).

Foi assinalado ainda que essa identidade é construída e confirmada **também em outras relações que se vão estabelecendo** em função das atividades de trabalho desenvolvidas, seja com outros psicólogos, seja com profissionais de outras áreas, seja com alunos, para além da especificidade do serviço que se presta, abrangendo diversos elementos e levando em conta a qualidade do serviço a ser prestado.

Identidade profissional para mim passa por respeito, por conhecimento, por ética, por compromisso, por comprometimento, por envolvimento, por aperfeiçoamento. Eu sou muito exigente..., essa é minha busca... Represento uma profissão, uma categoria, e, assim, tu trabalhas com pessoas, então isso é muito respeitoso e delicado... Passa por eu dormir mais cedo e por estar descansada para no outro dia estar ouvindo e estar prestando atenção no que ele está se dirigindo a mim, seja entrevista, seja em função de outros projetos que eu participo. Para mim isso é primordial (Ana).

Considerou-se que na construção da identidade profissional entram componentes da experiência pessoal de vida, além das experiências de trabalho, como dois eixos que vão permitindo a cada profissional perceber qual o seu diferencial e quais as atividades é capaz de desenvolver ou não. Essa **construção não tem data para ficar pronta**, e sua dinâmica permite que sempre se possa “ir colocando mais um pedacinho”, “pintar de um determinado jeito”, buscar outras coisas, **modificando o conjunto**, num **movimento de pensar e repensar constante**.

Identidade é como uma construção, que você vai colocando mais um pedacinho, é quase como uma pintura mesmo, que você vai ora pondo um tijolinho daqui, ora uma coisinha daí... Mas é interessante daí! No começo da minha graduação ela era uma coisa crua, por exemplo, e daí, seja com todo o arsenal de teorias que você vai tendo, tanto dos estágios, da própria terapia pessoal também, você vai aí construindo e montando a sua própria identidade, o seu próprio mosaico, num processo que não tem fim, porque você pode tirar ora uma coisa e recolocar outra, por exemplo, se um tijolinho lá do meu mosaico era uma crença que eu tinha lá no começo da graduação e hoje eu não tenho mais, eu posso escolher tirar ela dali e colocar a que eu acredito hoje, a que faz sentido para mim hoje. Aí modifica o conjunto, e é fantástico, porque é um processo, dinâmico, o tempo inteiro! Então você não tem uma identidade estática e única na tua vida como psicóloga, graças a Deus! (Mariana).

... eu vejo como uma coisa que não é acabada, está sempre se construindo, se reformulando, se renovando, se reformando! Acho que tem uma linha mestra, meio tipo a coluna vertebral, mas as outras coisas, elas podem e devem, até, estar sempre sendo repensadas, pelo menos (Carla).

Possuir uma identidade profissional é **poder perceber-se enquanto aquele profissional que se é**, por estar exercendo suas funções, atividades e tarefas específicas; é **identificar-se com aquilo que a profissão faz**, é **agir profissionalmente dentro de alguns referenciais** diferenciados em relação a outras profissões; é **quando as pessoas conhecem e reconhecem aquele profissional**, sabendo que por trás do nome e número do registro profissional está alguém que presta determinado tipo de serviço.

... identidade profissional é tu te identificar com aquilo que a tua profissão faz, com o que ela proporciona, é tu estares dentro de um compromisso que te colocaram, que tu escolheste assumir... isso é se identificar, é tornar idêntica a tua vontade com aquilo que a profissão te oferece, com as possibilidades que ela te oferece, então a gente é meio que

privilegiado, porque imagina quantos caminhos têm para tu trabalhares com pessoas, quantas maneiras, quantas formas, quantas frentes... (Maria).

Identidade profissional significa que eu vou profissionalmente agir dentro de alguns referenciais que vão fazer com que aquilo que eu faço me diferencie de outra pessoa: que me diferencie de um pedagogo, de um médico, de um arquiteto, de um picareta qualquer que tenha por aí... Quando eu o meu CRP 12/..., que eu digo psicólogo, psicoterapeuta, quando eu digo isso eu digo que por trás disso está alguém que trabalha com a busca da compreensão humana.... Isso para mim é identidade, é aquilo que diferencia profissionais, aquilo que eu faço do que outras pessoas fazem, ou que me faz igual aos que fazem o que eu faço... Aquilo que me faz igual e que me faz diferente dos outros e igual aos meus iguais (Mário).

Ter identidade profissional como psicólogo significa **ser reconhecido como ocupante dessa profissão**, e também **exercê-la**, pois é o fazer da profissão que permite ser identificado por ela, obtendo-se essa identidade que diferencia os profissionais entre si.

Na verdade, a profissão te identifica. Eu sou a fulana de tal, psicóloga, e em Florianópolis existe outra fulana de tal, que é ... [profissão da pessoa homônima]. Então, o ser psicóloga é minha identidade sim, porque eu não seria diferente da fulana se eu não fosse psicóloga e ela ... Como é que ia fazer essa diferenciação? Então o que me identifica é o ser psicóloga, e me reconhecerem como sendo psicóloga... Acho que o reconhecimento de que eu poderia ser uma psicóloga, que eu poderia atuar, que na verdade eu vejo que muitas pessoas acabam fazendo Psicologia e indo para outros caminhos que não o da Psicologia porque não conseguem estar atuando como psicólogos. Então eu acho que o reconhecimento, o se fazer conhecer é que foi criando essa identidade do “fulana de tal, psicóloga” (Beatriz).

Construir uma identidade profissional passa por “encarar os desafios dessa construção”, inclusive naquilo que repercute nos aspectos pessoais do profissional, até **ele se sentir à vontade no exercício do papel**.

O trabalho do psicólogo, isso existe com outras profissões também, mas é muito desafiante e difícil, porque trata das tuas verdades, das tuas relações, e isso é muito delicado, muito frágil, então os desafios muito por aí, que te chacoalham o tempo inteiro, fazendo tu voltar direto, ficar frente a frente com as tuas verdades, não sei se outra profissão leva a isso. Então é muito desafiante... e a partir dos desafios é que eu pude ver mais concretamente o poder, o quanto cresci e as minhas conquistas... Eu vi que é por aí, que a construção passa por tu encarares o desafio e está aí a chave do teu crescimento, da tua maturidade, de tu ficares mais tranqüilo no teu papel (Ana).

Ao se fazer ou se exercer alguma coisa, existe sempre uma construção, que equivale a **percorrer um caminho**, de modo constante, reconhecendo também a repercussão interna desse percurso.

Eu acredito que quando se faz ou se exerce qualquer coisa, você está construindo. Se você faz uma formação, qualquer que seja, e você não exerce, você não constrói nada. Então, a partir do momento que se começa o trabalho, começa um caminho. E esse caminho, ele é

percorrido não só externamente; há um paralelo, não tem como a pessoa não se construir construindo coisas... impossível se construir do lado de fora e que não tenha essa repercussão interna (Sara).

Acho que é principalmente a construção mesmo. A minha identidade hoje, a maneira com que eu me posiciono como psicóloga é fruto de uma construção, de todo esse caminho que eu trilhei, de todas as dificuldades que eu tive, principalmente. Eu acho que uma coisa que também interferiu muito na minha identidade profissional hoje são crenças familiares mesmo, porque eu sou tão estressada com a seriedade do psicólogo numa instituição, ninguém mais é, só eu, é uma bandeira minha. Eu acho que a construção da minha identidade também veio da minha família nuclear, acho que eu vim da família perfeita..., e a minha identidade está muito focada nisso também, na necessidade da perfeição e da adequação (Paula).

O **processo de construção da identidade profissional** foi apontado como uma experiência ampla e profunda, **envolvendo a própria condição humana** com seus movimentos, e que **ocorre também com outras profissões**.

... eu fico pensando que outras identidades profissionais são formadas e construídas por um processo semelhante, pelo processo da vida, de cair, subir, de estudar, de se apavorar, de se assustar e se emocionar também. De se segurar, de dar a mão para o outro, por todos esses processos que fazem parte da condição do ser humano de estar vivo, de estar buscando o que ele quer e todos os desafios que permeiam isso (Ana).

Houve **questionamentos acerca do desejo de se ter ou não uma identidade profissional construída**, por considerar que, ocorrendo uma cristalização dessa identidade, isto conduziria à perda da espontaneidade e ao risco de ser identificada de um jeito só. Os **diversos “movimentos” feitos durante o percurso da profissão levam à multiplicidade** e, muitas vezes, à impossibilidade de o profissional prender-se a um rótulo como psicólogo “assim ou assado”. Os próprios modos de atuação contribuem para uma desconstrução, na medida em que a Psicologia necessita desconstruir identidades cristalizadas acerca do psicólogo como alguém que tem receitas e respostas prontas, e como um ser superior que pode intervir na vida do outro.

Identidade profissional é uma construção social, é a busca de um sentido para aquela profissão no mundo, é a questão de ela fazer sentido para mim... A identidade profissional é uma coisa que não tem muito a ver com a nossa realidade, porque nós somos múltiplos, [então] a tentativa de construir uma identidade única é muito mais leitura dos autores que vão tentando fazer a costura (Rosa).

Questionou-se ainda quanto à **possibilidade de se ter uma identidade profissional como psicólogo, diante da diversidade de fazeres e de saberes da Psicologia**.

Acho que identidade no singular não faz sentido na nossa profissão... Você pode falar de uma categoria profissional, daquilo que é convencional, mas uma identidade profissional no âmbito da Psicologia, que é uma ciência tão múltipla, tão diversa? (Rosa).

Embora os profissionais reconheçam a importância da **formação acadêmica**, dos **estágios** e da própria **experiência pessoal** como componentes da identidade profissional, apontou-se que esses **elementos formam a sua base**, mas que essa **identidade foi sendo criada, construída e consolidada na prática do exercício da profissão**, através das possibilidades e limitações oferecidas pela trajetória e pelo cotidiano de trabalho.

Esse **exercício permitiu a formação da identidade profissional**, principalmente na medida em que **significou o espaço onde foram se construindo as capacidades de adequação e transformação diante das exigências da realidade**, como também o espaço onde se aprendeu a lidar com as frustrações e até mesmo com o desconforto de em algum momento desempenhar tarefas com as quais não havia identificação. Ainda, foi apontada a necessidade de acreditar na superação dos próprios desafios e dificuldades, bem como daqueles do paciente, em relação à sua “melhora”.

Eu acho que nossa profissão, ela também é abençoada por isso, ela nos traz essa perspectiva de estar puxando a gente para a realidade, puxando a gente para auto-análise... essa introspecção que acabamos desenvolvendo, querendo ou não, dentro dessa profissão, ela é muito importante. Eu confesso que algumas vezes fui puxada para a realidade, e hoje em dia eu agradeço aos puxões que a vida me deu, através de fatos, pessoas ou situações que me foram desagradáveis enquanto profissional. Tudo o que aconteceu foi para a minha construção, para a construção dessa minha identidade (Sara).

Muitas dificuldades vividas incluíram até mesmo **decepções e necessidade de mudanças de rumo** na vida profissional, que acabaram por configurar-se como o caminho através do qual foi possível “chegar ao prazer da profissão”.

... a decepção foi porque eu imaginei que o meu caminho seria pela parte da Psicologia Clínica com ludoterapia e de repente nesse caminho aí eu encontrei um desvio que me levou, onde eu consegui chegar ao prazer da profissão (Beatriz).

Essas **dificuldades proporcionaram**, também, a **confirmação do gosto pela profissão**, a identificação com ela, de um jeito voltado para as práticas sociais, com um despertar que mostrou a amplitude que pode ter a Psicologia em suas propostas de intervenção social.

“Encontros” com saberes de outras áreas, vividos no percurso profissional, igualmente somaram-se às vivências de trabalho, sendo apontados como significativos para compor a identidade.

O fato de eu ter ido fazer pós-graduação em uma outra área, apesar de próxima à Psicologia..., me permitiu um certo distanciamento, uma certa crítica a respeito disso que é a minha profissão... Eu precisava de outras coisas que me ajudassem a pensar os problemas que eu tinha, com os quais eu tinha que intervir, de um outro ângulo, de uma outra perspectiva. Eu acho que isso eu fui procurando e de alguma maneira achando (Guilherme).

O exercício da profissão, cotidianamente, conduziu paulatinamente a uma **apropriação daquele fazer específico**, a ponto de este fazer se **misturar e se fundir com o pessoal**.

... essa coisa da identidade vai te formando como pessoa, vai fazendo parte de ti sem mesmo tu te dares conta, e aí eu não consigo me imaginar fazendo outras coisas... É uma coisa, assim, a gente meio que se identifica, meio porque sou eu já, é muito louco isso que eu estou falando, mas eu não consigo me separar disso, é tudo misturado, eu como psicóloga, uma coisa que já faz tão parte, assim (Lia).

... às vezes eu tento tirar o jaleco, mas eu não consigo mais ver isso dissociado, não tem como, você acaba incorporando, faz parte da minha identidade... Vai também de acordo com aquilo que você acredita e busca, enquanto projeto de vida também. Eu vejo assim, foram aparecendo outras possibilidades no meio do caminho, eu podia ter largado e feito outras coisas, trabalhado com outras coisas, desistido da Psicologia e não, eu fui, porque era uma coisa que tinha a ver comigo. Hoje em dia é difícil de dissociar o que que é o papel, o que que é identidade profissional e o que que é a minha identidade pessoal, porque o profissional faz parte desse pessoal... (Cristina).

Eu sou psicóloga hoje por ter exercido isso, não tem como ser diferente, tudo o que eu sou hoje é produto disso tudo que vivi, da forma como fui me apropriando disso, porque veio tudo muito junto, a parte pessoal com a parte profissional também, eu não consigo desvincular... acaba que uma coisa interfere muito na outra, a coisa está muito misturada... (Clarice).

Hoje em dia eu vejo muito mais tranqüilo, uma coisa que está muito mais incorporada, já faz parte de mim, já está dentro de mim, eu acho que ser psicóloga, ser Carla, ser mãe, está tudo muito junto já... Isso fica tudo tão junto da gente... eu sinto muito mais incorporado, fazendo parte de mim... essa identidade profissional, ela está junto com a minha identidade pessoal, está junto com quem eu sou... faz parte do conjunto (Carla).

Fez parte da construção da identidade profissional, ainda, a **possibilidade de ir captando** a dinâmica, o movimento, as especificidades e **a complexidade da realidade**, não mostrada pela formação, a qual, segundo se considerou, transmite idéias um tanto estereotipadas a respeito do que seja ser psicólogo. Foi necessário captar os referenciais de cada momento, a fim de que a intervenção fosse significativa e produzisse resultados.

Esse, porém, é **um processo que se desenrola paulatinamente**, pois o profissional vai **“se aprontando”** e **“sendo lapidado” num caminhar contínuo**, até fazer a passagem do **“fazer frio e objetivo”** ao **“fazer significado”**.

Eu não sei se é uma coisa que a gente se dá conta, acho que é um eterno construir... quando eu comecei a clinicar era de um jeito, hoje é de outro. Acho que as coisas se mantêm com um perfil e vou me sentindo mais convicta... Enfim, isso vai sendo construído no dia-a-dia, cada vez um pouco mais. Eu acho que a questão da identidade é um contínuo, não é uma coisa que eu esteja construída, ou que isso esteja pronto, eu acho que a gente vai se aprontando cada vez mais... a construção da identidade se dá no dia-a-dia, sempre, sempre, é hoje, é semana que vem, na outra e na outra (Adriana).

A identidade, de qualquer tipo, é um fazer, não o fazer frio e objetivo, muitas vezes eu faço o que não quero e quero o que não faço, mas um fazer significado, como ser humano. Eu não seria clínico se não fizesse clínica. O ser clínico me diz, não como uma escolha apenas..., mas tem que ter um cliente, tem que ter um espaço físico, ir para o mundo, tem que ter um problema real. Então a minha prática profissional é tudo, é claro que eu posso me identificar com a minha prática profissional (Carlos).

Construir a identidade profissional significou, segundo os psicólogos participantes do estudo, **construir um jeito de serem reconhecidos como profissionais** interessantes, saudáveis, com capacidade de transformação e comprometidos com as questões do seu contexto. Essa construção foi equiparada a uma “montagem”, possibilitada pela base fornecida pelos estágios, pelo arsenal de teorias aprendidas e também pela terapia pessoal, mas aperfeiçoada a partir da “criação de um espaço profissional e da criação de uma importância profissional para este espaço”.

Segundo narrado, existiu uma aprendizagem, no transcurso das vivências profissionais, particularmente nas trocas e na “escuta” em sentido amplo, que englobou aprender com o outro, com os próprios erros e a partir das “sinalizações” recebidas dos pacientes, **“aprendendo a aprimorar um estilo profissional próprio”**.

Foi ponderado que a construção da identidade profissional trouxe **amadurecimento pessoal e profissional**, permitindo o abandono de “uma visão ingênua do que significa ser psicólogo”.

... hoje, olhando para trás, eu posso dizer assim, não me sinto mais competente do que eu era, não, porque sempre teve, eu sempre tive muita seriedade em tudo o que fiz, em tudo o que faço, mas tem a coisa assim de que no começo essa visão do que era ser psicólogo era ainda muito ingênua... Tem uma questão de maturação profissional, como eu me vejo hoje é diferente de como eu me via lá no começo da minha profissão... (Mariana).

Também houve o crescimento e a ampliação nos limites da intervenção, a partir de uma maior segurança experimentada na relação com a clientela e com a própria profissão, sentida como **“um ninho”, um território** onde se pode transitar à vontade.

... é uma construção sim, e passa muito por tu estares frente à frente com os desafios, encarar, às vezes se sentir fragilizada, ameaçada, mas isso é fundamental para ti continuares vivo e poder ser um instrumento melhor para as pessoas que vêm te pedir

ajuda. Poder prestar essa ajuda de uma forma mais inteira, que vai contribuir para o processo dela também de amadurecimento na vida (Ana).

Foi a culminação de uma escolha que eu fiz há muito tempo atrás, e que foi, ao mesmo tempo, se modificando, adaptando, ampliando, e hoje é um lugar, assim, a Psicologia é um ninho. Eu não saberia não ser psicólogo hoje, então eu me sinto como um peixe dentro da água dentro da Psicologia. É o meu chão, assim, eu caminho muito bem dentro dela, é o meu território, aonde eu me identifico com quase tudo o que há ali dentro, gosto de tudo, tudo me atrai, gosto desse lado de lidar com pessoas, de poder estar servindo de mediador para o outro ser ele mesmo... o fato de eu poder fazer terapia, claro, eu estudei para fazer, não é alienação, mas hoje eu me apropriei disso tudo! Fui pouco a pouco me identificando com isso, fui ficando, de alguma coisa mais homogênea e indefinida para um heterogêneo mais definido, uma evolução, bem mais definida, hoje a coisa tem forma, assim, sou eu! (Carlos).

Foi possível, então, pelas vivências, **desmistificar as fantasias criadas no início da vida profissional** e aproximar-se daquilo que parecia distante, a partir da percepção de que era algo palpável e possível.

Hoje eu acho engraçado, quando me vejo, por exemplo, que eu estava no semestre passado com estagiários aqui, aí às vezes me fica engraçado porque eu enquanto estagiária achava [o exercício profissional] uma coisa muito distante. E hoje ver que não é, na verdade tu crias essa coisa, as fantasias, mistifica, tudo é uma coisa muito, que parece tão distante, e que não é, está muito mais próximo e palpável do que se imaginava, é possível!... Acho que é a coisa da vivência mesmo, quanto mais, de estar vivenciando este papel. Hoje, pensando, se eu fosse fazer, eu ia estar fazendo estágio desde o início para quanto mais cedo poder vivenciar este papel... (Cristina).

Essas **vivências exigiram diferenciar-se, “encontrar outros caminhos”**, nunca antes imaginados para o exercício da profissão, e em cuja travessia foi necessário vivenciar processos de separação-diferenciação e quebra de dependência, até mesmo de parcerias vividas durante a formação acadêmica, para chegar ao conhecimento e ao reconhecimento profissionais.

Hoje as pessoas reconhecem o meu trabalho e me conhecem pela profissão, eu não sou mais a filha do fulano ou irmã do ciclano... No início foi difícil porque a gente não conseguia falar eu isso, eu aquilo, era “nós”, porque a gente construiu muitas coisas juntas... Daí quando a gente teve que se separar, que na verdade foi uma necessidade das duas e que esse caminho que a gente foi construindo junto a gente começou muito juntas e aos pouquinhos a gente foi se separando... E era necessário, que a gente era uma só... eu pude ser fulana psicóloga quando me separei da... [colega da faculdade e de estágios e parceira das primeiras experiências profissionais]. Que aí eu tive que caminhar sozinha, fazer as minhas coisas sozinha e ela também teve que conquistar as coisas sozinha... (Beatriz).

Gradualmente, **essas vivências** foram conduzindo ao **desenvolvimento de uma postura profissional**, apontada como essencial para a posse de uma identidade profissional. Essa postura permitiu: abertura para aprender com as experiências, situações e

com os próprios pacientes; avaliação constante do fazer; avaliação da própria “capacidade de ser psicólogo”; reconhecimento das limitações e daquilo que se ignora; discernimento de quando é possível arriscar ou não; abertura para identificar as capacidades e gostos no plano das tarefas profissionais; “conexão” com as “coisas” da profissão.

Assim, **alguém é psicólogo** no momento presente por ter exercido trabalhos nessa profissão ao longo dos anos, **por “ter se constituído a partir das experiências”**, mesclando simultaneamente vivências do plano pessoal.

Eu sou psicóloga hoje, sou o que sou, por causa de tudo isso, é tudo muito junto, a parte pessoal e a profissional, não é diferente das outras coisas, você vai se constituindo a partir das suas experiências e elas vão iniciando outras... na hora que eu sou mãe daquelas pessoas com quem me relaciono [no trabalho], é porque sou mãe na minha vida, então acaba que aquilo se mistura também (Clarice).

Serem reconhecidos pela **especificidade das atividades desenvolvidas** no plano profissional foi o parâmetro utilizado pelos profissionais para se referirem à detenção de uma identidade profissional, pois a **construção dessa identidade se pautou pelo exercício das tarefas típicas** e implicou um movimento de ir vivenciando o papel, mediante o exercício profissional, cotidianamente, para não ser apenas “psicólogo de curso”. É nesse movimento que foram assumindo a postura profissional, inclusive a partir de outros que deram a referência e o “contorno” para a atuação, construindo-se desse modo um “chão”, uma “sustentação” para o trabalho em suas diversas frentes.

... a coisa de lançar auxílio-creche, que era o que eu fazia, a diretora de recursos humanos me dava como tarefa isso, e eu fazia isso, e então eu dizia que eu era psicóloga apenas de curso e nas horas que me cobravam de expediente... Era um trabalho burocrático, que não exigia nada de Psicologia..., e aí eu fazia isso tudo o mais rápido que eu podia para poder também me dedicar à Psicologia, esse era o jeito que eu estava conseguindo (Clarice).

Hoje é muito diferente de quando eu comecei a trabalhar, a psicóloga aí era uma coisa mais à parte... quando eles falavam no psicólogo a gente ficava se sentindo meio, não é comigo... E foi indo com o tempo o como ser psicóloga... tu vais vivenciando esse papel e daí adquirindo, no teu dia-a-dia, na prática, no convívio com as pessoas da tua área e de outras também, que de certa forma te espelham e aí tu trazes como referência... Mesmo no consultório, trabalhando com clínica, eu trabalho com médicos, fono, fisio, a gente se encontra nos corredores, então tem essa de às vezes estar especificando o trabalho da gente... Acho que é legal isso, porque também eles te ajudam a entrar nesse papel da Psicologia (Cristina).

Muitas vezes, porém, as **exigências da atuação profissional confrontaram aquilo que seria o “protótipo” esperado de atuação**, sendo necessário desempenhar o trabalho de forma muito diferente do que foi ensinado na formação acadêmica. Essa **realidade do**

cotidiano profissional colocou em cheque a identidade profissional, nesse sentido, uma vez que as situações, por suas especificidades, se colocaram como desafios.

... pelo menos na área da saúde mental, o que está sempre sendo exigido de ti é um tipo de atuação que não estava previsto..., porque se faz coisas que de fato, aparentemente, não são próprias ao psicólogo: você participa de oficinas terapêuticas onde tu mesmo vai aprender a fazer mosaico, pintura, artes plásticas, cerâmica, e você tem que ter algum domínio técnico delas para poder participar da atividade, você vai ter que meter a mão na massa, sim, estar junto, para poder compartilhar do processo, o próprio processo de produção, que aí sim viabiliza uma escuta, uma outra forma de participação, uma outra forma de relação que vai, aí sim, ser mais propriamente o objeto da Psicologia e do psicólogo (Guilherme).

Esse reconhecimento inclui também o auto-reconhecimento, entendido como a percepção do modo como os outros reconhecem o profissional, pelo seu compromisso e cuidados dispensados. O reconhecimento profissional, apontado como importante fonte de prazer e gratificação no exercício da profissão, se deu por meio das indicações a outras pessoas pelos clientes; pela satisfação de receber *feedback* positivo desses mesmos clientes; e também por ver o resultado da intervenção no crescimento e desenvolvimento do outro.

Assim, **as vivências desse grupo de psicólogos permitiram não só construir, mas dar uma certa consistência à sua identidade profissional, comprovando o acerto da escolha pela profissão**, por meio do envolvimento cada vez mais amplo e profundo com o seu campo de trabalho, e gerando, por consequência, a identificação com aquele fazer. A iniciativa de desempenhar outra atividade, então, não logrou êxito e gerou frustração.

Quando eu tive a confecção passei por uma fase diferente da minha fase de psicóloga, de profissional, porque era uma área comercial, que no começo eu gostei porque era novidade, depois meio que não deu certo, tanto que eu desisti, depois de dez meses eu desisti e voltei para a Psicologia, porque a minha identidade mesmo era como psicóloga, não era nem como comerciante, vendedora ou fabricante. Me frustrava em não ser psicóloga enquanto eu era comerciante, era uma coisa que me deixava ansiosa, quando eu me apresentava para as pessoas, eu me apresentava como empresária, por exemplo, e não como psicóloga. Dava uma sensação de que havia deixado uma coisa para trás, parecia que não era eu ali, que era outra pessoa... Quando eu me vinculei a essa confecção, o meu objetivo era ganhar dinheiro... mas só o ganhar dinheiro não me satisfazia, aquilo me deixava extremamente angustiada, essa situação, assim, que eu tinha que realmente me apresentar como dona de loja era difícil para mim, era muito difícil, porque eu era uma psicóloga fazendo uma coisa que não era de psicólogo, que não tinha nada a ver com o que eu tinha estudado e aprendido, e que eu queria fazer também, então é por isso que não deu certo, está provado! Daí eu voltei, felizmente eu voltei e está aí, a minha carreira começou na Psicologia... uma experiência muito linda na minha vida (Maria).

Essa construção gerou o **sentimento de identificação como psicólogo**, cujo significado é definido pela sua prática cotidiana, seja na clínica, na sala de aula, no atendimento psicoterapêutico ou em outras atividades exercidas.

Do mesmo modo que durante o processo de construção da identidade profissional foi formada uma postura profissional, a **condição de já possuir essa identidade consolidada, igualmente, trouxe alguns significados** para os sujeitos. Em primeiro lugar, destacou-se a possibilidade de abrir caminhos, por meio da prática profissional, seja para si próprio, para os clientes, ou mesmo para alunos e filhos, **servindo de modelo identificatório** para que estes façam a sua própria construção profissional.

Os sujeitos relataram também, como resultado do percurso profissional, uma **ampliação de percepção**, e com ela a possibilidade de **adoção de uma postura menos crítica e intervencionista** e mais de acompanhamento do crescimento e desenvolvimento do ser humano, na sua inteireza. Considerou-se que, pelo exercício dessa profissão, é possível alcançar uma **compreensão das relações e das pessoas que nenhuma outra profissão seria capaz de proporcionar**.

... a gente está num posto de observação bem interessante... a gente pode ver tudo... a gente vê o que há de melhor e o que há de pior nas pessoas... Eu não sei se em outra profissão eu teria tido tanta chance de poder ter essa compreensão que eu acho que tenho das relações e das pessoas (Mário).

Há um sentimento de maior **tranquilidade em relação à identidade profissional**, à profissão e ao próprio desempenho profissional, pela segurança adquirida acerca do que está sendo feito e do modo como o outro está sendo percebido.

Também passa a ser mais **fácil rever valores, crenças, desalojar preconceitos** que impregnam a prática, abrindo-se para inovações e para envolvimento em novas experiências, porque se tem consciência de que a construção identitária nunca está pronta, sendo necessário sempre buscar mais, experimentar outras possibilidades, aprendizados e frentes de trabalho.

Hoje em dia eu quebrei muito esse preconceito religioso que eu tinha, que eu tinha preconceito religioso com a igreja católica, com a igreja universal... E a gente está formando um grupo aqui dentro, é um grupo de religiosos, a gente se reúne aqui, e está desempenhando um papel maravilhoso... Todas essas pessoas estão me propiciando a ter uma oportunidade bacana de estar revendo essa coisa toda que eu tinha, ah!, eu dizia, eu sou ecumênica, eu sou ecumênica, era nada, eu era cheia de preconceito! (Sara).

Construir uma identidade profissional equivaleu, para alguns, a **formar uma “bagagem”**, proporcionada pela vivência do papel de psicólogo, na qual se destaca o quanto as experiências profissionais ajudaram e repercutiram no plano pessoal.

Eu fui aprendendo junto com isso que a vida é assim,... que tem muito mais mundo do que os mundos que eu acho que são os corretos, eu acho que isso tudo tem me ajudado demais pessoalmente, me ajudou a conviver melhor, me ajudou a entender melhor as pessoas... Mesmo que um dia eu deixe de ser psicólogo isso é uma coisa que nunca mais vou esquecer na minha vida, eu levo como uma bagagem pessoal de vida (Mário).

A “bagagem” proporcionada pela experiência permitiu conduzir a profissão, na relação com o outro, “como uma relação de amor”.

Atualmente é uma relação que eu faço com muito amor, que eu me ocupo bastante dela em pensamentos, em ações, não só no trabalho, mas fora daqui, aonde eu estiver... É um exercício muito grande, que me toma bastante, pelo amor que tenho ao que faço, então a minha relação [de trabalho], assim, é uma relação de amor (Ana).

Ter a identidade profissional construída pelas vivências do percurso e do cotidiano de trabalho significou também **modificar a própria percepção a respeito da Psicologia trazida quando da formatura.**

... a própria visão que eu tinha da Psicologia lá, quando eu me formei, a que tenho hoje, eu vejo que é muito o resultado de toda essa vivência, de todos esses processos que eu passei, tanto a nível pessoal quanto profissional também... No começo muito mais assustada, aquela novidade, e impactada, acho que muito mais no peso, por toda a coisa do novo, da falta de confiança (Carla).

O conjunto de fazeres da Psicologia, de auto-reconhecimento como psicólogos, seja clínicos, psicoterapeutas, professores ou de outros campos, “informou” cotidianamente aos profissionais sobre sua identidade profissional com essa área e a confirmou.

A trajetória de trabalho, para os psicólogos, significou a possibilidade de darem maior consistência à sua identidade profissional; consideram que possuem essa identidade, por se identificarem com aquilo que a profissão faz, serem conhecidos e reconhecidos por ela e agirem profissionalmente dentro de alguns referenciais, diferenciados em relação a outras profissões. O processo de construção da identidade profissional, dinâmico e mutável, caracterizou-se por transformações que envolveram inclusive aspectos pessoais, a própria condição humana.

Mesmo considerando-se os elementos de base do momento da escolha, da formação acadêmica, dos estágios e da própria experiência pessoal, esse processo foi fortalecido na prática do exercício profissional, pelas suas possibilidades e limitações. Os significados

das vivências de trabalho na construção da identidade profissional são múltiplos; passam pelo desenvolvimento de uma postura profissional e sintetizam-se em “ir se aprontando”, “ser lapidado” e fazer a passagem de um “fazer frio e objetivo” a um “fazer significado”, podendo sentir a Psicologia como “ninho”.

6 UM CAMINHO DE TRANSFORMAÇÕES ENTRE O QUERER SER, O SABER, O FAZER, O SABER-FAZER E O SER

*Desde que somos gerados, iniciamos
uma misteriosa construção,
engendrada com detalhes que fogem,
até hoje, ao nosso alcance, das mais
belas que compõem o misterioso
universo que até então conhecemos.*
(Marilu Lisboa, 1997)

Neste capítulo são trazidos à reflexão os dados analisados, mostrando-se os temas que emergiram a partir das categorias identificadas e descritas no capítulo anterior, por meio do diálogo com a literatura e com os pressupostos traçados, visando a responder à pergunta da pesquisa.

A análise intuitiva e reflexiva dos dados, desenvolvida no mesmo capítulo, possibilitou identificar dois grandes temas emergentes, a saber: **“os impasses entre o querer ser, o saber, o fazer e o saber-fazer na dialética da construção da identidade profissional do psicólogo”** e **“o fazer transformando o ser”**.

O primeiro tema engloba as experiências vividas pelos psicólogos aqui apresentados nos processos de desejar e escolher a Psicologia por profissão, cursá-la e percorrer a trajetória profissional, apontando alguns desencontros entre aquilo que se escolheu, o aprendido durante o período de formação acadêmica e o que foi demandado pela realidade ocupacional, mais tarde, e analisando as repercussões desses impasses na construção da sua identidade profissional.

O segundo tema trata das repercussões da prática profissional em Psicologia na vida pessoal desse grupo de trabalhadores, em função das peculiaridades da profissão e da satisfação encontrada por meio do seu exercício cotidiano. Permeando esses dois temas, encontram-se elementos relativos às sucessivas ressignificações de ser psicólogo empreendidas a partir das experiências vividas durante o seu percurso de trabalho.

A profissão de psicólogo, considerada como expressão de uma prática que tem lugar sócio-temporal delimitado, possui um caráter dinâmico, de modo a buscar responder às demandas que lhe apresentam os atores sociais e a própria sociedade. Assim, como ocorre com outras profissões, encontra-se em constante transformação, inaugurando,

incorporando e ampliando práticas e abandonando outras, ao longo do tempo e de acordo com as oscilações do mundo do trabalho.

A Classificação Brasileira de Ocupações¹ (CBO, 2002) inclui a Psicologia entre as profissões das Ciências e das Artes, especificamente no grupo das Ciências Sociais e Humanas. Esse documento, que engloba como psicólogos os títulos de Psicólogo Educacional, Clínico, do Esporte, Hospitalar, Jurídico, Social, do Trânsito, do Trabalho e Neuropsicólogo, apresenta da seguinte forma a descrição sumária das atividades sob a responsabilidade desse profissional²:

Estudam, pesquisam e avaliam o desenvolvimento emocional e os processos mentais e sociais de indivíduos, grupos e instituições, com a finalidade de análise, tratamento, orientação e educação; diagnosticam e avaliam distúrbios emocionais e mentais e de adaptação social, elucidando conflitos e questões e acompanhando o paciente durante o processo de tratamento e cura; investigam os fatores inconscientes do comportamento individual e grupal, tornando-os conscientes; desenvolvem pesquisas experimentais, teóricas e clínicas e coordenam equipes e atividades da área e afins (CBO, 2002, p. 241-242).

Trata-se de informações abrangentes e ao mesmo tempo vagas sobre as atividades da alçada da Psicologia, ao menos para o público leigo, que se estende às áreas de atuação listadas. Em outras compilações igualmente se percebe esse mesmo caráter, como, por exemplo, nas referências ao curso de Psicologia constante do guia de cursos disponibilizado pela comissão do vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina, edição de 2005 (COPERVE, 2004)³.

Tais descrições acabam por não contribuir muito, do ponto de vista informativo, para que as pessoas possam conhecer melhor as atividades profissionais da Psicologia quando estão no momento de escolha por essa profissão. Os psicólogos relataram um **desconhecimento acerca do que era a Psicologia** quando começaram seus processos de escolha, tendo pautado sua decisão muito mais por idealizações a respeito do que ela seria.

¹ A CBO é uma publicação oficial do Ministério do Trabalho e Emprego que reconhece, nomeia e codifica os títulos e descreve as características das ocupações do mercado de trabalho brasileiro. Foi editada pela primeira vez em 1982 e republicada em 1994. A versão atual, de 2002, utiliza uma nova metodologia classificatória, trabalhando com a idéia de famílias ocupacionais.

² Embora a CBO aglutine na mesma família psicólogos e psicanalistas, estabelece uma diferenciação entre ambas as profissões, ao esclarecer, nas condições gerais de exercício, que o psicanalista pode ter diferentes formações, como psicólogo, psiquiatra, médico, filósofo, etc. Essa distinção também fica marcada ao serem apresentadas as normas regulamentadoras, que se reportam apenas aos dispositivos legais que disciplinam a profissão de psicólogo.

³ As páginas do curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (www.cfh.ufsc.br/~psico) e do Conselho Federal de Psicologia (www.pol.org.br), embora contemplem outras informações sobre a Psicologia, nem sequer descrevem a profissão de psicólogo.

A esse respeito, Bohoslavsky (1998) assinala que, ao escolher, os jovens, mobilizados pela necessidade de solucionar o impasse que a escolha profissional representa, “escolhem por si mesmos, mas sobre a base de preconceitos, distorções ou conhecimentos parciais sobre si mesmos e sobre o mundo das ocupações e o mundo da universidade” (p. 203).

Não obstante esse quase desconhecimento sobre o fazer da Psicologia no momento de escolhê-la como profissão, os dados empíricos apontaram que a gênese da construção da identidade profissional desse grupo de psicólogos pode ser localizada no período de suas vidas em que fizeram essa escolha, uma vez que já, nesse momento, começaram a se identificar com as atividades dessa área, projetando-se no futuro exercendo essas atividades.

Esse dado corrobora o pensamento de Lisboa (1997), segundo o qual a formação da identidade profissional tem início no momento em que é introduzida a temática da escolha profissional para reflexão pelos jovens que têm a possibilidade de escolher seu futuro trabalho⁴. Nesse momento, de acordo com essa autora,

influenciado pelas demandas sociais, o jovem irá introjetar algo que sempre esteve presente em sua vida, fundamentalmente através dos seus modelos de identificação ou **outros significativos**: o desempenho de um trabalho. Pais, familiares, professores, ídolos de todas as áreas, todos se apresentaram através do seu fazer, do seu trabalho. Seja um trabalho profissional – o que ocorre na maioria dos casos –, seja um trabalho doméstico, todos trouxeram consigo o modelo de trabalhador. Desta forma esta figura já se fazia presente e foi introjetada a partir da identidade infantil. Agora, trata-se da necessidade do adolescente assumir projetar e, posteriormente, assumir este papel para si (LISBOA, 1997, p. 118-119, grifo da autora).

Ainda conforme Lisboa (1997), “a formação da identidade ocupacional se dá por meio da autopercepção em termos de papéis ocupacionais ao longo do tempo” (p. 120). Essa formação pertence a cada indivíduo, inserida na sua história e considerando o seu contexto, enquanto concretização de um projeto de vida e de futuro. Em outras palavras, o desenvolvimento da identidade profissional, no momento da escolha de uma profissão, requer que o jovem consiga se perceber ou se imaginar exercendo aquela profissão, o que foi trazido pelos profissionais aqui apresentados.

⁴ A autora especifica esse universo de jovens lembrando que, na realidade ocupacional brasileira, há um outro segmento da população jovem que “não só é compelida a lançar-se no mundo do trabalho muito antes de concluir os estudos de segundo grau, como interrompe seus estudos para trabalhar por necessidades de sobrevivência sua e da sua família” (LISBOA, 1997, p. 118).

A escolha pela Psicologia, segundo narrado, foi motivada pelo desejo de possuírem uma profissão por meio da qual pudessem trabalhar com pessoas e ajudá-las. Esse desejo foi ganhando forma a partir da percepção da detenção de características pessoais que os habilitavam para o futuro exercício da Psicologia. À percepção dessas características foram associando vivências da história pessoal em que tiveram a oportunidade de ajudar as pessoas ao seu redor e conseguiram fazer isso, fortalecendo o interesse e impulsionando a escolha em curso.

Esses dados confirmam achados de pesquisas como a de Magalhães et al. (2001), segundo as quais todos os estudos buscando investigar os motivos da escolha pela profissão de psicólogo tiveram resultados semelhantes, emergindo sempre a **vontade de ajudar o outro como fundante** (grifo da pesquisadora). Esses estudos apontam como o motivo mais relatado para escolher o curso de Psicologia essa possibilidade de conhecer o ser humano e ajudá-lo, e, ainda, a detenção de características pessoais que levaram a considerar a Psicologia uma opção adequada para futura profissão, tais como aptidão para relacionamento e para ajudar na solução de problemas.

Santos e Melo-Silva (2003) igualmente referem-se a estudos que focalizaram as representações sociais da profissão entre estudantes de Psicologia. Tais estudos apontam concepções de psicólogo como alguém que cultiva uma atitude de cuidado e respeito diante do outro, mas que também tem gosto pelo mistério e é capaz de perceber além do óbvio. Para esses autores, “essa atitude de cuidado do outro, que caracteriza a relação de ajuda, é associada com capacidade analítica e um certo pendor pelo contato com a dimensão do mistério e do desconhecido” (p. 393).

Também neste estudo empírico, diversos depoimentos referem o começo da identificação com a Psicologia na adolescência, quando souberam que existia essa profissão, em que se ajudavam os outros e se possibilitava algum tipo de apoio e conforto para as pessoas. No momento de escolha, mesmo com escassas informações a respeito do que seria a profissão, já se identificavam com as suas tarefas mais conhecidas, principalmente a Psicologia Clínica, no âmbito de consultório, bem como com a sua representação no contexto social, focalizada nessa idéia de ajuda ao outro.

Sobre essa questão, Magalhães et al. (2001) discorrem que há um desejo altruísta pautando o trabalho do psicólogo, projetado num modelo de atuação profissional idealizado, no qual o atendimento clínico em consultório é o estereótipo tanto de sujeitos que ingressam nos cursos de Psicologia quanto de recém-egressos que buscam colocar-se no mercado de trabalho. No contexto de consultório, segundo pesquisas levantadas por

esses autores, os estudantes e profissionais recém-formados consideram poder prestar a ajuda através do estabelecimento de uma relação direta, íntima e prolongada com o paciente, que se traduz em um modelo clássico de intervenção psicológica.

A imagem formada a respeito das especificidades da intervenção profissional para concretizar a ajuda que se propunham a prestar enquanto futuros profissionais, segundo foi trazido, era focada nessa interação e relação direta com o outro, sendo esse o primeiro significado atribuído ao ser psicólogo. Tal significado expressa o quanto esse grupo de profissionais, independentemente dos espaços laborais onde tencionavam atuar, tinha introjetado o chamado modelo clínico.

Segundo Naffah Neto (1986), ser psicólogo clínico é o sonho de milhares de vestibulandos, antes mesmo de ingressar na faculdade de Psicologia. Em suas palavras, “a clínica fascina e atrai, como a fantasia de algo importante e misterioso” (NAFFAH NETO, 1986, p. 181). Essa expectativa de trabalhar com clínica em consultório faz parte das idealizações formuladas sobre a profissão, constituindo quase que um estereótipo da Psicologia, que coexiste com um desconhecimento quase absoluto de outras possibilidades de exercício profissional.

O processo de construção da identidade profissional desses trabalhadores começou, portanto, a ser gestado quando tomaram forma o interesse e o desejo de ter a Psicologia como profissão, a partir das primeiras identificações com o seu “fazer” e dos primeiros contatos com algumas representações sobre o exercício das suas atividades típicas. **Essas identificações e representações, presentes no momento da escolha profissional, constituíram uma importante base para os primeiros significados atribuídos ao ser psicólogo,** presentes para que a escolha pudesse ser concretizada.

Soares (2002b) aborda a profissão como parte integrante da vida das pessoas e coloca que a escolha profissional em nossa sociedade acontece geralmente entre os 16 e 18 anos, quando os jovens concluem o ensino médio e buscam uma formação em nível universitário. O processo de escolha pela profissão, segundo essa autora, desenvolve-se em um momento de transição em que outros aspectos da vida do jovem, como a sexualidade e a vida afetiva, por exemplo, também começam a ser definidos; esse jovem está passando por um período de reconhecimento de sua identidade. Assim, além de ser compreendida nesse conjunto, a escolha profissional implica uma dimensão temporal, no sentido de que “escolher o que se quer ser no futuro implica reconhecer o que fomos, as influências sofridas na infância, os fatos mais marcantes em nossa vida até o momento e a definição de

um estilo de vida, pois o trabalho escolhido vai possibilitar ou não realizar essas expectativas” (SOARES, 2002b, p. 24).

Essa autora afirma ainda que, no momento de escolha da profissão, o jovem procura integrar as várias especificidades de sua identidade pessoal, de modo a definir quem ele quer ser e quem ele não quer ser. Em suas palavras, estará buscando “integrar sua identidade pessoal (ser) com a profissional (fazer)” (SOARES, 2002b, p. 31).

Esse processo se configura, então, como a tomada de decisão por uma carreira profissional, o que quer dizer que a escolha da futura ocupação marca, de certo modo, a inserção no mundo do trabalho, no sentido de estarem sendo iniciadas as providências para a sua concretização (LISBOA, 1997).

A vinculação do ato de escolha com o futuro profissional é explicitada também por Valore (1999), para quem esse ato de decisão a respeito de uma ocupação profissional não envolve apenas decidir sobre que tarefas são escolhidas para executar, mas também iniciar a apropriação de uma identidade profissional. Em vista disso, lembra essa autora que, nesse momento, “mais urgente do que a questão O que quero fazer?, surge a questão Quem quero ser daqui em diante?” (p. 77).

Essas concepções indicam que **o imbricamento do “fazer” com o “ser” está posto desde o momento do “querer ser”, quando se escolhe a profissão**, e não apenas mais tarde, pela apropriação do papel profissional. Portanto, a decisão sobre o fazer profissional futuro implica examinar a díade “quem sou/quem serei”, traçando, ainda que provisoriamente, um projeto de vida, que engloba um projeto de trabalho e um projeto de futuro, assentados, ambos, na atividade profissional escolhida.

Conforme Bohoslavsky (1998), o trabalho pode ser analisado, sob uma ótica psicológica, como um comportamento, e, em tal sentido, implicará as dimensões com o que se trabalha, para que, como, por que, quem, quando e onde. Assim, destaca o autor,

deduz-se que o momento de escolha de ocupação ou de estudos é o momento em que o adolescente deve elaborar, antecipadamente, esse comportamento. O momento de escolha é um momento de ensaio antecipado desse comportamento futuro. Portanto, quem escolhe não está escolhendo somente uma carreira. Está escolhendo “com o que” trabalhar, está definindo “para que” fazê-lo, está pensando num sentido para a sua vida, está escolhendo um “como”, delimitando um “quando” e “onde”, isto é, está escolhendo o inserir-se numa área específica da realidade ocupacional (p. 56).

Acrescenta ainda Bohoslavsky (1998) que a escolha da carreira supõe, sempre, a elaboração de lutos, pois,

ao escolher, está fixando quem deixa de ser, está escolhendo deixar de ser adolescente, deixar de ser outro profissional, está optando por deixar outros objetos. Na medida em que escolhe, deixa, e este é outro motivo para dizer que a escolha ocupacional, como qualquer outro comportamento, supõe conflitos, e modos de enfrentá-los e resolvê-los (p. 57).

Todas essas dimensões apontadas por esses estudiosos da questão indicam a complexidade e a diversidade de fatores envolvidos no processo de decidir o que se quer ser profissionalmente. Os relatos do estudo empírico igualmente mostraram essa complexidade, pois os profissionais, além de enfatizarem o quanto sua escolha profissional foi marcada por desejos, identificações, acontecimentos da história pessoal e influências recebidas, referiram-se também a preocupações de outra ordem que se fizeram presentes nesse momento, como os questionamentos a respeito das possibilidades de inserção no mercado de trabalho como psicólogos, partindo deles próprios ou de seu grupo sócio-familiar.

Essas preocupações com o mercado de trabalho para a área fizeram inclusive com que o momento de aprovação no vestibular não tivesse sido motivo de comemoração, em muitos casos, haja vista a dúvida instalada, de “como sobreviver com esta escolha”. As ponderações sobre possíveis dificuldades que poderiam ser encontradas no momento da inserção profissional abrangeram tanto referências ao campo de trabalho para a Psicologia, considerado restrito, quanto ao fato de ser essa profissão vista como “muito subjetiva e sem um objeto de trabalho concreto”.

Na hora de concretizar a escolha, foram levadas em conta as ponderações formuladas pelo núcleo familiar, principalmente os pais, o que mostra a importância da família no processo de construção do projeto profissional dos filhos, na perspectiva apontada pelos estudos de Soares-Lucchiari (1997). Segundo essa autora, desde que nasce, a criança arca com as expectativas e desejos da família no que diz respeito ao seu desenvolvimento enquanto pessoa, incluindo o seu futuro. A família incentiva comportamentos, atitudes e decisões, desde muito cedo, que irão influenciar decisivamente na vida dos filhos (SOARES, 2002b).

Ainda que de modo incipiente, pode-se conjecturar, portanto, que os psicólogos já possuíam, no momento de sua escolha profissional, um saber sobre o que significava ser psicólogo, embora esse saber fosse, em sua maior parte, oriundo do senso comum, e correspondesse, na maioria dos casos, a uma visão idealizada a respeito dessa profissão.

A partir desse saber, concretizaram sua escolha pela Psicologia e assim iniciaram sua formação acadêmica, entendida aqui como o momento formal de aquisição e construção do saber legalmente necessário ao exercício profissional posterior.

Como o processo preliminar de análise dos dados trazido no capítulo anterior mostrou, a constituição da identidade profissional é influenciada pela formação acadêmica para o exercício da profissão. Discorrendo a respeito de seus “anos de faculdade”, diversos psicólogos referiram que, principalmente nos períodos iniciais, tiveram “crises” em relação à escolha profissional que haviam feito, motivadas pela forma com que os conhecimentos foram repassados, mas também pelas surpresas com a constatação do que de fato era a Psicologia, muitas vezes diferente daquilo que imaginavam, originando decepções e necessidade de reavaliar a escolha.

Esses relatos mostraram um impacto entre aquilo que havia sido idealizado sobre a profissão que queriam e a realidade que foi sendo repassada durante o curso, nascendo, desse confronto, a **necessidade de reverem o significado de ser psicólogo construído quando da escolha pela Psicologia.**

Sabe-se que os cursos de graduação, por via de regra, desenvolvem um currículo formal, cujos conteúdos e até mesmo atividades de estágios se desenvolvem em níveis abstratos, ficando distantes da realidade ocupacional complexa com a qual os futuros profissionais se defrontarão mais tarde. Em virtude dessa ênfase no exame de questões teóricas, **a maioria das atividades acadêmicas acaba não instrumentalizando o suficiente para a prática profissional subsequente.**

Elaine Santos (2001) desenvolveu pesquisa em que problematizou o papel das instituições formadoras no processo de profissionalização e de construção da identidade profissional no âmbito da enfermagem, e aponta a necessidade de que a realidade profissional seja objeto de reflexão durante o período de formação acadêmica, em paralelo à instrumentalização teórico-técnica fornecida, como forma de antecipar dados dessa realidade e modos de lidar com seus componentes.

Especificamente no que concerne à Psicologia, faz-se necessário considerar também que sua formação superior reflete, de alguma maneira, a imaturidade dessa área enquanto campo científico e profissional. A esse respeito, colocam Santos e Melo-Silva (2003) que “a Psicologia ainda não se definiu como uma ciência unitária, o que dá margem a múltiplas disciplinas que sustentam diferentes definições e conceituações básicas acerca do fenômeno psicológico” (p. 398). Complementam os autores afirmando que as

diferentes orientações teóricas conduzem a uma multiplicidade de métodos, procedimentos técnicos e resultados a serem obtidos.

Essa característica da multiplicidade da Psicologia dificulta o processo de aproximação do estudante com a área, em razão do modo fragmentado e indissociado com que é apresentada, sendo-lhe passada, com freqüência, a sensação de um “quebra-cabeça que vai se completar no final”, conforme foi trazido pelos profissionais, o que muitas vezes não acontece. Nas referências a esse período, os psicólogos afirmaram que, embora tenham saído da universidade “repletos de idéias e conceitos, de direções e caminhos”, sentiram-se “vazios”, pela falta de maturidade e integração desse conjunto herdado.

No entanto, mesmo com essas dificuldades narradas, foi considerado que o período de formação acadêmica, na medida em que os colocou em contato com o saber psicológico e com algumas possibilidades de intervenção, posteriormente, representadas pelos “modelos” de professores e/ou de profissionais psicólogos presentes nos locais de estágios, repercutiu no desenvolvimento da sua identidade profissional.

De certo modo, essa **formação acadêmica exerceu um papel mediador** no processo de construção dessa identidade, possibilitando **uma aproximação gradual entre o sujeito que escolheu a profissão e a profissão escolhida**.

Mello (1983), como resultado de seus estudos, aponta a formação recebida durante o curso de Psicologia como o berço da imagem que esse profissional desenvolve a respeito de sua profissão e que leva consigo ao adentrar no universo de trabalho. No entendimento dessa autora, motivações altruístas ou de auto-ajuda, particularmente presentes quando da escolha dessa profissão, não desaparecem durante o curso e persistem na trajetória profissional.

Pesquisas realizadas mais recentemente também concluem sobre a influência indireta da formação nas concepções e na imagem trazidas pelos alunos que iniciam os cursos de Psicologia (WEBER; RICKLI; LIVISKI, 1994). De acordo com esses autores, durante a formação acadêmica os estudantes têm a oportunidade de reverem os conceitos que trazem ao iniciar seus estudos, através do confronto com as informações científicas que lhes são apresentadas.

Desse mesmo pensamento compartilham Santos e Melo-Silva (2003), para os quais “é no âmbito da formação acadêmica que a orientação geral da profissão é transmitida ao futuro profissional da Psicologia”, sendo o período de formação o responsável, em grande medida, pela imagem que o profissional elabora acerca de sua profissão. Em sua compreensão, “a percepção da experiência como aluno contribui de modo significativo

para a atribuição de significados ao processo do **vir-a-ser** psicólogo, o que se reflete na constituição da identidade profissional” (p. 388, grifo dos autores).

As colocações desses autores fazem sentido, uma vez que nesse período ocorrem as primeiras aproximações com a realidade da profissão, a partir da tomada de contato com os conhecimentos técnico-científicos disponibilizados, com os primeiros modelos de atuação profissional, representados pelos professores e, ainda, com as demandas sociais por intervenção psicológica.

Especificamente com referência aos modelos de atuação, Santos (1994) destaca que, como durante a formação nem sempre ocorre contato direto com as condições concretas de atuação profissional, muitas das informações sobre possibilidades de intervenção chegam ou são reforçadas através dos professores, “que fornecem diretamente os **modelos de atuação** e funcionam, efetivamente, como os **modelos de identificação** sobre os quais o aluno estrutura sua percepção acerca do fazer psicológico” (p. 3, grifos do autor). Cardoso e Paula (1999), igualmente, ao avaliarem o processo de desenvolvimento da identidade profissional, em pesquisa junto a estudantes de Psicologia, concluem que o aluno busca sua identidade baseando-se na imagem que os profissionais (professores) lhe transmitem.

Neste estudo de caso, ao citarem a questão dos professores como modelos, os profissionais relataram que muitos deles, ao longo da formação acadêmica, tiveram esse papel, representando “modelos de atuação” importantes e significativos com os quais se identificaram, seja pelo brilhantismo e/ou “sucesso profissional” que representavam, seja pela competência no ato de transmissão dos conhecimentos, pela postura diante da profissão ou, ainda, por afinidades desenvolvidas durante os anos de convívio, até mesmo em espaços extracurso, como festas e barzinhos.

A importância desses modelos, expressa inclusive nas escolhas por determinadas disciplinas optativas, atividades extracurriculares, abordagens teóricas ou mesmo estágios durante ou ao final da faculdade, está na percepção, enquanto alunos, de figuras que os auxiliaram a fazer sínteses e a reunir em uma unidade compreensiva todo o escopo de conhecimentos e informações que lhes foram apresentados, por via de regra, de forma desintegrada, conforme já ressaltado.

Figurando desse modo, tais professores auxiliaram no desenvolvimento da identidade profissional desses psicólogos em sua fase de estudantes, na medida em que disponibilizaram informações de conteúdo teórico, mas também da prática da profissão,

permitindo e facilitando a referida aproximação do sujeito que escolheu a profissão com a profissão escolhida.

No entanto, os dados do estudo empírico mostraram que, iniciadas as atividades profissionais, foi necessário ressignificar a formação acadêmica enquanto período de “acumulação” do saber necessário ao exercício da Psicologia. Ao **formarem-se, os neoprofissionais descobriram-se quase em uma “crise de identidade”, sem terem clareza, muitas vezes, dos direcionamentos a serem dados à vida profissional** que se iniciava. Embora estivessem habilitados legalmente ao exercício da profissão, sentiram-se inseguros e despreparados para iniciá-lo. Esse despreparo se estendia também à necessidade, nesse momento, de serem feitas algumas escolhas, dentro da profissão, por exemplo, com relação a áreas e/ou abordagens de atuação.

Refletir sobre esse despreparo relatado reporta à questão da qualidade da formação em Psicologia em nosso país. Muitos estudiosos afirmam que, de fato, existem deficiências nos cursos oferecidos. Vilela (1996) apresenta e discute algumas críticas ao modelo de formação do psicólogo, não apenas no conjunto das disciplinas oferecidas, mas também com relação aos estágios, configurados como as primeiras oportunidades de vivência do papel profissional. Entende essa autora que as instituições formadoras adotam modelos que representam e reproduzem a hegemonia do valor individualista na sociedade ocidental moderna e, desse modo, o ser psicólogo parece caracterizar-se não como ocupação profissional, mas como um estilo de vida, alguém que cuida de sua interioridade e é compreensivo da intimidade do outro, sempre na perspectiva individualista.

Hutz e Bandeira (2003), igualmente, formulam críticas à formação. Em sua avaliação,

as dificuldades na formulação de uma proposta pedagógica para cursos de Psicologia são bem conhecidas. A diversidade não é apenas de enfoques, teorias e metodologias. Não há consenso sobre o que é ser psicólogo, sobre as competências e habilidades mínimas que alguém necessita para receber um título de psicólogo. Isso se reflete na dificuldade de elaborar diretrizes curriculares para a Psicologia e afeta a formação em todas as áreas (p. 265).

Ao inserirem-se no mercado de trabalho e começarem a exercer a profissão, os psicólogos, diante do **impasse entre o “saber” recebido da academia e o “fazer” demandado pelo exercício profissional**, sentiram-se despreparados para esse exercício.

A respeito desse despreparo, pesquisa realizada por Galdini e Berzin (2003) junto a graduandos de Psicologia e profissionais recém-formados que ainda não haviam se inserido no mercado de trabalho revelou que a grande maioria deles (93%) se sentia

preparada para atuar como psicólogo. Esse dado, que se contrapõe ao que o presente estudo revelou, indica que a constatação do despreparo só acontece quando se efetiva a inserção no mundo do trabalho, pois é nesse momento que emergem as discrepâncias entre as demandas da realidade de trabalho e o que o novo profissional tem a oferecer.

Uma vez constatado o despreparo para a prática, foi quase unânime a **necessidade de “ir atrás de ferramentas”, tanto para complementar essa formação quanto para fornecer maior segurança às demandas por “saber-fazer”**.

Nesse contexto, a busca por cursos de Formação foi reportada como instrumento de capacitação complementar para o trabalho e como recurso que poderia suprir as deficiências e/ou lacunas da formação acadêmica. Essa formação complementar, segundo Gomes (2003), é sugerida aos graduandos ainda durante a faculdade, geralmente pelos professores da área de clínica, que a apontam como “a grande saída para a boa qualificação profissional” (p. 50), diante das deficiências curriculares, de qualificação do corpo docente e da própria proposta generalista que caracteriza os cursos de graduação em Psicologia no Brasil.

A partir da prática profissional, portanto, os trabalhadores tiveram **necessidade de ressignificar o saber adquirido sobre a profissão durante a formação acadêmica**. Essa ressignificação levou-os a desconstruir idealizações que haviam formado a respeito do que seria a carreira profissional como psicólogo, como também as respostas prontas e o “saber *a priori*”, “desmontando” a onipotência comumente associada à condição de profissional recém-formado.

Tomando por base as idéias de Alves (2003), de que os anos de escola resultam em “se com-formar, ficar igual à forma⁵”, e de que estar formado significa, *grosso modo*, ter “saído da forma”, pode-se considerar que essa ressignificação exige, também, **iniciar um processo de diferenciação e abertura para o mundo, cada um do seu jeito e pelo caminho por meio do qual vai desenvolvendo sua trajetória profissional**.

Refletindo criticamente sobre a contribuição da universidade na formação dos profissionais, Alves (2003) afirma que,

se o que o processo educativo faz não é despertar e fazer trotar os universos selvagens que moram em nós, mas antes espalhar herbicidas para depois plantar as sementes da monocultura que um Outro ali semeia, então o caminho da verdade exige um esquecimento: é preciso esquecer-se do aprendido, a fim de se poder lembrar daquilo que o conhecimento enterrou (p. 95-96).

⁵ Essa “igualdade” dos que se formam ganha expressão máxima, no momento da formatura, pelas becas vestidas pelos formandos na cerimônia, impecavelmente iguais.

Esse autor ressalta a necessidade de “esquecer do aprendido” e abrir-se para aprendizagens outras, o que os trabalhadores referiram terem feito nesse começo e também durante o exercício profissional, ao reverem os conhecimentos recebidos e suas possibilidades de aplicação na prática.

Em outra obra, Alves (2001) menciona e fundamenta a existência de um divórcio instalado entre o saber e o fazer, entre o conhecimento e a ação, entre a academia e a realidade, e aponta a necessidade de romper com essa dicotomia.

Como o **saber** que os psicólogos detinham ao final do curso de graduação não lhes remeteu, de pronto, à apropriação do **fazer** demandado pela realidade de trabalho, foi necessário internalizá-lo, buscar sua expressão nas ações de trabalho, permitir que esse saber “se espalhasse da razão para a ação”, deixando-se impregnar pela Psicologia e buscando integrar teoria e prática, num **novo processo gradual de aproximação, dessa vez entre o profissional e a prática da profissão**, o qual exigiu a busca de novas aprendizagens.

As peculiaridades dessa estréia profissional incluem considerar também o que aponta Wisner (1994), ao afirmar que “certos aspectos significativos da tarefa estão previstos e inscritos nos ensinamentos próprios da formação profissional; outros há, em número indefinido, que não estão previstos e estão sujeitos à descoberta do trabalhador” (p. 94-95). As vivências de trabalho conduziram os profissionais a essas descobertas desde o início, cotidianamente, levando-os a atribuir outros significados à sua profissão, diferentes daqueles que possuíam quando escolheram ser psicólogos ou quando se formaram no curso de Psicologia, a partir da contínua reflexão sobre sua prática, no confronto com as exigências da realidade onde ela se desenrolava.

Nesse contexto, pode-se considerar que **as ferramentas buscadas** – cursos de Formação, psicoterapia e supervisão –, assim como as trocas intra e interprofissionais, aludidas como de fundamental importância, **tenham exercido importante mediação** nesse momento de transição de papel, na medida em que permitiram aos profissionais transitar dentro e fora da prática, experimentando, aprendendo e simultaneamente refletindo e fazendo sínteses sobre a experiência concreta de ser psicólogos.

No relato da trajetória profissional, foi mencionada como muito marcante a experiência de estreitar no mundo do trabalho e de assumir o papel de trabalhador. Além dos sentimentos de despreparo e insegurança com que tiveram de se deparar nesse momento, também mereceram atenção outras implicações e contrapartidas advindas do

exercício desse papel, como, por exemplo, a obtenção de renda e as responsabilidades e compromissos que passariam a ser assumidos no contexto social.

A esse respeito, Berger e Luckmann (2002) assinalam que, “em virtude dos papéis que desempenha, o indivíduo é introduzido em áreas específicas do conhecimento socialmente objetivado, não somente no sentido cognoscitivo estreito, mas também no sentido do conhecimento de normas, valores e mesmo emoções” (p. 106). Esses autores estão chamando a atenção para o fato de que aprender um papel não envolve apenas adquirir as rotinas imediatamente necessárias para o seu desempenho. Antes, requer a apreensão das condições e especificidades de exercício desse papel, uma vez que “cada papel abre uma entrada para um setor específico do acervo total do conhecimento possuído pela sociedade” (p. 107).

Embora muitas experiências vividas durante a faculdade os tenham colocado diante da necessidade de se perceberem enquanto psicólogos, apenas quando se viram no desempenho das atividades profissionais, cotidianamente, é que passaram efetivamente a **assumir e desenvolver uma postura profissional**. A necessidade de desenvolvimento dessa postura decorreu, entre outros aspectos, do enfrentamento do desafio que representou assumir o papel profissional, exercer o ofício e “ocupar um lugar” no mundo dos trabalhadores. A ocupação desse lugar foi reportada como uma situação que provocou sentimentos ambivalentes, sendo ao mesmo tempo desejada e temida pelos profissionais.

Nesse ponto é preciso lembrar da especificidade da Psicologia, cujo objeto de intervenção exige do profissional que esteja em contato direto com as pessoas na sua relação de trabalho. Cabe lembrar, também, que faz parte da natureza do trabalho do psicólogo contribuir para que os seres humanos tornem-se mais saudáveis. Assim, atender a essas especificidades da intervenção psicológica exigiu dos profissionais que estivessem apropriados da sua relação de trabalho, e que se autopercebessem como tais, por meio da incorporação do papel e do desenvolvimento da “postura de psicólogo”, entendida basicamente como a adoção de atitudes e comportamentos coerentes com o esperado desse profissional.

Ao colocarem em prática os conhecimentos recebidos na universidade, seu “saber” foi posto à prova pelas exigências da realidade de trabalho: **não bastava “fazer” e sim “saber-fazer”**, o que lhes exigiu aproximar e **integrar conhecimentos e tarefas, saber e fazer, ciência e profissão**. À medida que foi acontecendo essa aproximação, os significados de ser psicólogo foram se transformando e se ampliando, em consequência da adoção de outras atitudes e posicionamentos, como, por exemplo, o envolvimento em

atividades até então questionadas se de fato pertenciam ao âmbito da Psicologia, como explicitado por alguns deles. Aos poucos, os profissionais passaram a **movimentarem-se com maior desenvoltura e liberdade no universo de atuação da Psicologia, identificando e experimentando, nesse movimento, todas as suas possibilidades e limitações.**

Quando citaram o começo do trabalho como psicólogos no contexto de Florianópolis e seu entorno, muitos referiram a necessidade de criação e expansão dos espaços de atuação no campo da Psicologia. Segundo reportado, praticamente inexistiam oportunidades de trabalho, há duas décadas, quando diversos deles iniciaram suas atividades profissionais, situação motivada mais pelo desconhecimento acerca da profissão no contexto da cidade do que por saturação do mercado de trabalho, como ocorre atualmente.

Num primeiro momento, porém, sujeitaram-se a realizar atividades segundo as oportunidades que se lhes apresentaram, sem “dar-se ao luxo” da escolha. Consideravam, nesse momento, que o importante era se inserir, começar a ser psicólogo, não importando por onde. Paula, por exemplo, trabalhou um ano em instituição para portadores de necessidades especiais, mesmo não gostando do convívio diário com aquela clientela. Mário atuou durante vários meses em uma grande escola confessional, embora seu interesse prioritariamente fosse a psicologia clínica. Sara e Maria, aprovadas em concurso público, tiveram que se mudar para o interior a fim de assumirem seus cargos, deixando suas famílias.

Nessa dinâmica de abertura para experimentar diferentes inserções, puderam avaliar como se sentiam, enquanto buscavam outras possibilidades, identificando áreas e/ou tarefas com as quais sentiam maior afinidade e passando, aos poucos, a escolher segundo esse critério.

Depois do consultório, a busca por colocação como professor foi citada com frequência. Esse interesse pela docência, bem como as iniciativas de cursar mestrado e doutorado, relacionam-se às oportunidades vislumbradas pelos profissionais de trabalharem como professores universitários.

Com efeito, a realidade mostra uma expansão na oferta de cursos de graduação em Psicologia no Brasil, sobretudo a partir do início dos anos 1990⁶. Na avaliação de Gomes

⁶ Segundo Gomes (2003), havia três cursos de Psicologia ofertados em 1962, ano da regulamentação da profissão de psicólogo. Em 1974 eram 40 cursos; em 1984, 73 cursos; 111 em 1996, e em 2003 funcionam aproximadamente 200 cursos de Psicologia em todo o país.

(2003), “a expansão rápida do número de cursos é ainda superior ao número de mestres e de doutores egressos da pós-graduação” (p. 51). Portanto, há uma demanda a ser preenchida que se configura como mais uma oportunidade de trabalho, com o atrativo de poder ser conciliada com outras atividades profissionais.

Os relatos referentes ao momento de estréia profissional mostram que todos, tão logo iniciaram suas atividades profissionais, procuraram uma segunda ou mesmo terceira inserção, o que pode ser entendido como uma maneira de experimentar entre diversas possibilidades e avaliar as tarefas com as quais mais se identificavam. Esse envolvimento em várias frentes de trabalho, que inicialmente foi motivado pela necessidade financeira, pelo interesse e pela possibilidade de avaliar as diversas tarefas, buscando-se a sua complementaridade, persiste no cotidiano atual de trabalho, uma vez que esse cotidiano continua se caracterizando pela **diversidade de atividades**.

Embora se configurem com características distintas, as diferentes atividades de trabalho desenvolvidas, segundo referido, se complementam, “uma aliviando a outra”, permitindo o “recarregar-se”, por meio da qualidade das interações estabelecidas com as pessoas, e compensando eventuais insatisfações em determinados locais e/ou contextos de trabalho.

Ao longo de seus anos de trabalho, os profissionais foram **recriando e reformulando conceitos e práticas**, e assim recriando, de algum modo, as possibilidades de atuação profissional, por meio da reflexão crítica a respeito dos conhecimentos, possibilidades e modelos de atuação que haviam aprendido.

Como o relato das trajetórias mostrou, nas muitas possibilidades de atuação encontradas e nos numerosos postos e situações de trabalho preenchidos, por vezes após uma árdua busca, esse grupo de trabalhadores desenvolveu e geriu, cada qual à sua maneira, sua própria carreira profissional.

Carreira é uma palavra que etimologicamente se origina do latim *carraria*, que quer dizer caminho, estrada para carro, estrada, rastro, trilha. Entre os vários sentidos, pode ser entendida também como “modo de vida, profissão, atividade” (FERREIRA, 1975, p. 287). Desde o século XIX, esse termo passou a ser utilizado para definir a trajetória da vida profissional, um curso da vida profissional ou um emprego que oferece oportunidade para progresso e estabilidade ocupacional.

A partir dos anos 1970, aproximadamente, no bojo das denominadas transformações no mundo do trabalho, essa noção de carreira vem sofrendo modificações

substanciais, agregando o sentido denominado por alguns estudiosos de “carreira sem fronteiras” (MALVEZZI, 1999).

Esse autor define esse modelo emergente de carreira como “a mobilidade entre as atividades profissionais na vida de um indivíduo”, refletindo seu crescimento psicológico, profissional e econômico, sua estagnação ou sua marginalização (p. 66). Essa mobilidade, segundo ele, é irregular e imprevisível tanto no grau de desafio como na remuneração das atividades. Nela, os trabalhadores não recebem nem buscam empregos, mas os criam e recriam a partir de suas próprias competências e do manejo dos contratos psicológicos.

Dito de outro modo, a carreira pode ser entendida como uma sucessão de experiências e aprendizados pessoais relacionados ao trabalho ao longo da vida. Desenvolver-se em uma carreira profissional, portanto, significa viver uma trajetória multivariável, submetida a influências psicológicas e do ambiente, caracterizando uma forma idiossincrásica de lidar com as questões do trabalho e da própria vida. Assim, gerir a carreira requer tomar decisões adequadas e solucionar problemas relativos à vida profissional, num processo que envolve constante embate entre desejos e possibilidades.

Nos relatos dos trabalhadores, com efeito, perceberam-se várias passagens em que esses embates se fizeram presentes, como, por exemplo, nas referências a frustrações vividas em razão do insucesso de alguns projetos profissionais: Beatriz, que não conseguiu firmar-se como terapeuta infantil, como havia planejado; e Ana, que acabou fechando o consultório em função da baixa procura pelo seu trabalho.

Ainda segundo Malvezzi (1999), com essa noção de carreira o trabalhador desenvolve uma identidade profissional, para com ela administrar sua vida profissional e sua empregabilidade, criando e coordenando competências. Nesse sentido, a identidade profissional é entendida pelo autor como “o capital com o qual ele negocia sua participação em novos cargos, missões e projetos. Para tanto ele deverá ter um plano pessoal de desenvolvimento profissional” (p. 67-68).

Essa idéia da necessidade de construir e gerir uma carreira, amplamente difundida no momento atual, achava-se presente, ainda que de modo subjacente, desde a fase de escolha profissional, uma vez que a decisão pela Psicologia foi acompanhada de uma avaliação acerca das possibilidades ou não de “fazer carreira” pelo seu exercício.

Nesse sentido, as temáticas da construção da identidade profissional e de carreira podem ter como interface exatamente o percurso, a trajetória, o caminho trilhado, no qual

as atividades profissionais foram experimentadas, assimiladas e apropriadas pelos trabalhadores, em seus aspectos positivos e também nos percalços encontrados⁷.

As **dificuldades vivenciadas no “caminho de ser psicólogo”** marcaram significativamente a construção da identidade profissional, pois do esforço para sua superação resultava crescimento e preparo para o enfrentamento de outros momentos difíceis, além de proporcionar todo um aprendizado para a vida pessoal. Entre essas dificuldades **figuraram aquelas decorrentes das denominadas transformações no mundo do trabalho**, as quais impuseram restrições no que se refere não apenas ao acesso, mas também à permanência e delineamento de perspectivas nesse universo.

Assim, ao longo de sua vida produtiva, viram-se diante da necessidade de gerir sua carreira profissional e, para tanto, a posse da identidade profissional teve fundamental importância, uma vez que esse gerenciamento cotidiano do fazer exigia a tomada de contato com a imagem de profissional que internalizaram. Segundo Leite (1994), “a identificação do trabalhador com sua atividade consiste na representação que os trabalhadores fazem de si mesmos em função da auto-imagem a partir das experiências vividas” (p. 38). A construção de uma auto-imagem como profissionais, entendida como um subproduto da identidade profissional, auxiliou-lhes nessa condução cotidiana do seu papel laboral.

Todos esses aspectos da vida produtiva, em seus momentos iniciais e em seu percurso, constituem **questões relevantes para a Ergonomia**, se considerarmos que se inserir e permanecer no mundo do trabalho corresponde a vivenciar, no âmbito individual, mas com reflexos na coletividade, um processo cujas implicações não são apenas de ordem social e econômica, mas também psicológicas e ergonômicas.

De acordo com Ferreira (2004), “habitualmente, os comportamentos dos trabalhadores nas situações de trabalho mostram um universo de atividades que transcende aquilo que previamente foi estabelecido pelas tarefas” (p. 181). Focalizando o trabalho desenvolvido em organizações, esse autor apresenta a distinção entre a cultura do trabalho prescrito – tarefas que em conjunto são impostas e prescritas ao trabalhador – e a cultura do trabalho real, que, por sua vez, remete à noção de atividade. A cultura do trabalho prescrito, continua o autor, por ser decorrente dos princípios e práticas da chamada

⁷ Considerando a importância da noção de trajetória no desenvolvimento dessas temáticas, ela foi privilegiada no estudo empírico: os profissionais se reportaram em detalhes ao seu trajeto profissional desde a formatura até o momento presente, porém se optou por não apresentá-lo individualmente no corpo deste trabalho como forma de resguardar o seu anonimato.

Organização Científica do Trabalho, implica determinar, disciplinar e controlar tarefas, inexistindo flexibilidade com relação àquilo que deve ser feito.

Quanto à atividade, Guérin et al. (2001) a referem como “o elemento central que organiza e estrutura os componentes da situação de trabalho [...]. Ela unifica a situação. As dimensões técnicas, econômicas e sociais do trabalho só existem efetivamente em função da atividade, que as põe em ação e as organiza” (p. 26).

Na análise de Ferreira (2004), a atividade é, para a Ergonomia, uma dimensão central do trabalho, constituindo a essência do próprio conceito de trabalho nessa disciplina, uma vez que remete à ação humana que, ao ser desenvolvida, contribui para a inter-relação entre essa ação e sua significação. Ao trabalhar, as pessoas estabelecem não apenas uma relação econômica ou sócio-profissional, mas também uma relação consigo mesmas, que envolve corpo, razão e afeto, dimensões que deixam de ser consideradas pela Ergonomia quando esta centra-se apenas na análise das tarefas⁸.

Os trabalhadores, em seu percurso, conforme foram sentindo-se mais à vontade no exercício profissional, passaram a experimentar e exercitar muitas possibilidades laborais, refletindo sobre elas, cotidianamente. Consideram que atividades profissionais são, em sua maioria, investidas de afetividade e geradoras de satisfação com o trabalho, por possibilitar-lhes livre arbítrio, autonomia e envolvimento ativo. Aqueles vinculados a organizações reportaram vivências de condições de trabalho em que muitas vezes se vêem diante de tarefas predeterminadas, estando, desse modo, sujeitos à cultura do trabalho prescrito, o que, muitas vezes, os vem impedindo de obter satisfação com o próprio trabalho. Conforme apontam pesquisas, de fato, “certas práticas que caracterizam a cultura da organização interferem na satisfação no trabalho” (FERREIRA; ASSMAR, 2004, p. 114).

Entre os **fatores associados à satisfação no trabalho, percebeu-se ênfase na autonomia e na possibilidade de diversidade na prática profissional cotidiana**. No entanto, quando assumem o caráter de tarefa prescrita, passam a representar sobrecarga, como se percebeu nos relatos em que havia controle sobre as atividades desenvolvidas pelos profissionais.

⁸ No enfoque da Ergonomia, a tarefa é entendida como aquilo que está posto ao trabalhador ou o que se espera que ele faça (MONTMOLLIN, 1990).

O conceito de carga de trabalho⁹ é considerado central pela Ergonomia (DEJOURS, 1980), uma vez que, em sua concepção, as cargas estão presentes em todas as atividades de trabalho, podendo ser analisadas em seus aspectos físicos, cognitivos e psíquicos (WISNER, 1994).

Embora os trabalhadores tenham destacado o componente da satisfação com o seu trabalho, os relatos mostraram também aspectos de carga psíquica nas atividades profissionais dos psicólogos, seja pelo tempo excessivo a ela dedicado, seja pelas exigências de “doação” inerentes à natureza do trabalho em Psicologia.

Além desses aspectos ergonômicos, é preciso considerar que o cenário da realidade ocupacional onde esses profissionais se inseriram, fizeram seu percurso e se vinculam atualmente possui como pano de fundo elementos característicos do conjunto de mudanças em curso no mundo do trabalho, como a alta competitividade, a reestruturação produtiva e a sua desestruturação, conforme apontam autores como Antunes (1999, 2002), Bresciani (1999), Malvezzi (1999) e Mattoso (1994).

Antunes (2002) menciona, entre as características do mundo do trabalho sob os auspícios do capitalismo avançado, a diminuição da classe operária industrial e do emprego em tempo integral, situação que abre espaço para os vínculos temporários, nos setores produtivos e de serviços, o aumento da força de trabalho feminina, o processo de exclusão dos jovens e velhos, que não encontram espaço no mercado de trabalho, paralelamente à inclusão de crianças no processo produtivo, a expansão do assalariamento no setor de serviços, que passa a sentir o impacto da tecnologia comandada pelo capital, por um processo que tanto qualifica quanto desqualifica a força de trabalho humana e, finalmente, a expansão do trabalho.

Bresciani (1999), por sua vez, ao abordar o contexto dessas mudanças, ressalta a questão da reestruturação produtiva, entendida como uma transformação muito profunda na organização dos sistemas produtivos, sobretudo a partir dos anos 1990, a qual, do ponto de vista dos trabalhadores, implicou as exigências de polivalência e de flexibilidade, a primeira traduzida na obrigatoriedade de que o trabalhador faça um número maior de atividades de diferentes tipos, a segunda em que ele esteja disposto a ser transferido de um lugar para outro, de um dia para outro, isto é, tendo que estar sempre à disposição.

⁹ Segundo Cruz (2004), no âmbito da Psicologia do Trabalho e da Ergonomia, a carga de trabalho “representa a diferença ou o produto, regulado pelo trabalhador, entre as exigências sociotécnicas do trabalho e a condição de execução ou de desempenho das tarefas” (p. 236), devendo ser analisada, portanto, a partir da especificidade da exigência que a atividade de trabalho requer do indivíduo.

Na concepção de Bresciani (1999), a realidade ocupacional derivada da reestruturação produtiva provoca sentimentos de insegurança, incerteza, de estar sob pressão e de degradação social, pelas dificuldades de manutenção de um padrão de vida. Nessa conjuntura, o desemprego figura como a principal fonte de preocupação por parte dos trabalhadores, na medida em que gera “o medo de perder sua profissão, medo da perda da sua fonte de renda, medo da perda de seu conhecimento, medo da perda da sua identidade como trabalhador e como cidadão” (BRESCIANI, 1999, p. 43).

Todo esse contexto de reestruturação produtiva gerou mudanças na forma com que as oportunidades de trabalho se apresentam aos trabalhadores, bem como nas exigências para assumi-las e no seu próprio perfil. A esse respeito, Malvezzi (1999) afirma que “estamos diante do emprego just in time: quem trabalha não tem certeza das tarefas que enfrentará no momento seguinte” (p. 65). Tal contexto, segundo esse autor, requer que o trabalhador assuma o papel de “agente econômico reflexivo”, alguém que

deve produzir valor econômico, a partir da sua atividade, tendo a reflexão como seu principal instrumento de trabalho. É um indivíduo que administra sua vida profissional, agora sujeita a alterações imprevisíveis e frequentes, obrigando-o a reorientar sua identidade, suas atitudes, metas, rotinas e redes sociais. O agente econômico reflexivo é aquele profissional que reinventa-se a si mesmo [...]” (MALVEZZI, 1999, p. 66).

Mattoso (1994), por sua vez, ressalta que todo este cenário acentuou-se a partir dos anos 90, fazendo brotar “a mais generalizada e crescente insegurança, resultante da fragmentação e desestruturação do mundo do trabalho em sociedades supostamente baseadas no trabalho” (p. 548). Essa insegurança do trabalho, segundo o autor, se manifesta em diversos níveis, como a insegurança no mercado de trabalho, entendida como a dúvida de pertencer ou não a esse mercado, e ainda no próprio emprego, na obtenção de renda, na precariedade das contratações e mesmo na representação sindical.

Como esse é o cenário ocupacional onde se acham inseridos, indubitavelmente as características apontadas acima influenciam nas relações que os trabalhadores deste estudo têm podido estabelecer com seu trabalho, como a necessidade de possuírem dois ou mais vínculos empregatícios, por exemplo, os deslocamentos geográficos para desempenhar uma segunda ou terceira atividade em outras cidades ou as dificuldades para encontrar emprego fixo.

De todo modo, **apropriaram-se do seu “fazer”, “traçaram o caminho”** e, nesse movimento de tomar contato, experimentar, enfrentar e vencer desafios, recuando até, quando não havia outra perspectiva, viver rupturas, ganhar fôlego, fazer novas buscas e

começar sempre novamente, **consolidaram sua identidade enquanto profissionais**. Nos relatos obtidos, a idéia de apropriação emergiu com muita ênfase: a referência feita por Carlos de que teve de “se apropriar do caminho de ser psicólogo” e que hoje sente a Psicologia como um “ninho” ilustra e sintetiza o que foi trazido pelos demais ao falarem da **importância do percurso de trabalho para a construção de sua identidade profissional e também para o seu desenvolvimento pessoal**.

Esse trajeto pode ser entendido à luz da compreensão formulada por Figueiredo (1993), segundo a qual durante o exercício das atividades profissionais desenvolvem-se diferentes modos de incorporação dos saberes psicológicos, gerando um saber de ofício, uma vez que as vivências do cotidiano de trabalho proporcionam um movimento contínuo de metabolização das experiências e das informações teóricas, engendrando diferenças entre os psicólogos e diferenças de cada um em relação a si mesmo ao longo do tempo.

Uma vez desenvolvida essa apropriação do caminho, passaram à condição de **saber-fazer**, trazida como um **momento de domínio das condições para o exercício profissional e de livre trânsito pelos referenciais e práticas da profissão**. Essa condição estimula, inclusive, à continuidade da busca por conhecer novas possibilidades teórico-técnicas, visando ampliar, diversificar, ou mesmo inovar essa prática.

Não por acaso, os registros gráficos produzidos pelos trabalhadores expressaram, em sua maioria, a noção de **caminho, em cujo percurso foram transformando seu fazer e, concomitantemente, seu ser**, num processo dialético (vide Anexo B, onde encontram-se reproduzidas aquelas representações consideradas mais expressivas da trajetória profissional).

As ilustrações elaboradas, da esquerda para a direita, representam essa trajetória, incluindo o modo como se percebiam no seu começo, até chegar ao momento atual. Ao mostrarem a trajetória, inseriram nos desenhos elementos ou personagens significativos no seu percurso, representando como esse percurso, com suas “idas e vindas”, resultou em um momento de certa maturidade no exercício da profissão.

Percebeu-se que esses desenhos de fato complementaram os dados levantados no contato com os sujeitos da pesquisa, constituindo-se em sínteses do que havia sido verbalizado sobre o caminho percorrido na profissão, como pode ser observado nos desenhos das páginas 197, 201, 204 e 205, por exemplo. Tal caminho foi representado como algo que começou estreito e limitado e que foi crescendo e se ampliando, na medida em que se abriram outras possibilidades e se consideraram outras perspectivas de trabalho. Os demais desenhos, embora sem alusão direta à idéia de caminho, igualmente expressam

desenvolvimento e enriquecimento ao longo dos anos de trabalho, como pode ser observado, por exemplo, nas ilustrações das páginas 198, 202, 203 e 206.

A aprendizagem e a ampliação e diversidade da rede de interações foram elementos bastante representados nos desenhos elaborados. Conforme referiram, esses elementos, no transcurso das vivências profissionais, particularmente nas trocas e na “escuta” de seu trabalho, permitiram-lhes aprender com o outro e com os próprios erros e abrir-se cada vez mais para o mundo, desenvolvendo “um estilo profissional próprio” e gerando transformações nas concepções a respeito da vida, do mundo e das pessoas. Também foram representados o crescimento profissional, a ampliação de perspectivas na profissão, a visibilidade de mundo, a abertura para novas relações decorrentes do exercício cotidiano do trabalho, os “saltos qualitativos” (momentos de mudança), o fortalecimento da base de conhecimentos e o amor à profissão, este último também expresso em palavras.

Essas representações expressaram também a questão das perspectivas para o exercício do trabalho, uma vez que **o processo de construção da identidade profissional foi entendido como um eterno “ir se aprontando”, “sem data para ficar pronto”**. Essas perspectivas foram representadas comumente por reticências, dando a idéia da continuidade do processo.

Sabe-se que a identidade não é um dado imutável. Tampouco se trata de um atributo externo aos sujeitos, que possa ser adquirido. Antes, configura-se como um processo de construção do sujeito, historicamente situado, que, em sua dinamicidade, vai se constituindo, a partir das experiências de “ser-no-mundo”, conforme referido nos capítulos anteriores.

A identidade profissional tem sido considerada por estudiosos como uma especificidade da identidade humana (SOARES, 2002b), ou como um desdobramento da identidade pessoal (LISBOA, 1997).

Também no estudo empírico o conceito de identidade profissional foi associado intrinsecamente ao da identidade pessoal; como este último, o conceito de identidade profissional não é estático e único, mas dinâmico, processual, mutável e infinito, requerendo uma “construção constante”. Identidade profissional foi entendida pelos participantes do estudo como **aquilo que identifica e apresenta o profissional, o modo como ele se mostra**, algo que foi sendo construído com o tempo e com as atividades de trabalho, e que conduziu à incorporação de um papel. Trata-se de um conceito dialético, pois, sendo a identidade profissional ligada diretamente ao fazer, ao mesmo tempo esse fazer é o resultado dessa identidade.

O que identifica determinado profissional como psicólogo é o **lugar que ocupa numa relação específica de trabalho**, em que assume um determinado papel, que envolve ouvir e lidar com pessoas, disponibilizando-se para o que elas querem e/ou precisam, com respeito e sem julgamento de valor, ajudando-as para que possam seguir o próprio caminho.

A **identidade profissional resultou**, segundo o entendimento dos psicólogos, **das experiências de trabalho vividas**, dos retornos recebidos pelo que se fez, de ser confirmado e reconhecido por esse trabalho e, sobretudo, da **possibilidade de continuar desempenhando aquele papel profissional**. Envolveu, portanto, uma construção, **“encarando os desafios dessa construção”**, inclusive naquilo que ela repercutiu nos aspectos pessoais do profissional.

Segundo Pimenta (2002),

uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão: da revisão constante dos significados sociais da profissão: da revisão das tradições. Mas também da reafirmação de práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias (p. 19).

Referindo-se à construção da identidade do professor, a autora completa, afirmando que a identidade profissional

constrói-se, também, **pelo significado que cada professor**, enquanto ator e autor, **confere à atividade docente no seu cotidiano** a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo, de sua história de vida, de suas representações, de seus saberes, de suas angústias e anseios, **do sentido que tem em sua vida o ser professor**. Assim como a partir de sua rede de relações (PIMENTA, 2002, p. 19, grifos da pesquisadora).

As formulações trazidas por Pimenta (2002) podem ser transpostas para a construção da identidade profissional dos psicólogos, uma vez que, para eles, **essa construção igualmente passa pela atribuição de significados e pela identificação do sentido da profissão na vida pessoal**, a partir da subjetividade na relação do profissional com a profissão. Construir-se profissionalmente como psicólogo equivale também a formar e internalizar uma imagem de si próprio enquanto profissional, a qual servirá de auto-referência em suas interações de trabalho.

A construção da identidade profissional, como pôde ser percebido, comporta diversos elementos, dos quais um dos mais importantes é o que pode ser denominado aqui de componente psicológico do trabalho, e que se traduz exatamente na possibilidade

apontada acima, de atribuição de significados a esse trabalho, de ressignificá-lo repetidas vezes, na medida em que a vida profissional se desenrola e, **nesses movimentos do “fazer”, transforma o “ser”**.

A esse respeito, May (1980) aponta que “uma das características singulares do homem é poder colocar-se fora do presente e projetar-se no futuro, ou então no passado. [...] Essa aptidão em olhar para frente e para trás faz parte da capacidade humana para ter consciência de si mesmo” (p. 213), e relaciona-se com sua capacidade de atribuir significados às experiências que vive. Reside nessa autoconsciência, segundo May (1980), a possibilidade de valorização

de **ser** alguma coisa, em lugar de simplesmente **fazer** alguma coisa [...] Com tal relacionamento consigo mesmo, o trabalho para nós, homens de hoje não será uma fuga, ou um modo de provar o próprio valor, e sim uma expressão criativa das forças espontâneas de quem afirmou conscientemente seu relacionamento com o mundo e seus semelhantes (p. 96-97, grifos do autor).

As elaborações apresentadas por Veinstein (1994) aos termos “vocacional” e “ocupacional” ajudam a entender melhor essa transformação do ser pelo fazer. Essa autora vincula as dimensões vocacional e ocupacional, consideradas numa matriz existencial em que as questões do fazer e do ser caminham juntas, e em que o ocupacional é entendido como o fazer com significado pessoal e social. Em sua concepção,

el HACER es una manifestación del SER y este se encuentra y se hace en su HACER. (...) Lo **vocacional** tiene relación íntima y dialogada con el sentido que se le encuentre a la vida. Es lo que se siente y se pretende SER. Lo **ocupacional** es el HACER que permite accionar en el mencionado sentido de vida. (...) Lo **ocupacional** necesita el relevamiento de roles, objetos, herramientas, símbolos, técnicas, estrategias y vehículos para efectivizar lo vocacional. Lo **vocacional** sin lo ocupacional, es sólo fantasía, ensoñación, esperanza. Lo **ocupacional** sin lo vocacional, es ajenización, automatización, hacer sin sentido, alineación (p. 42, 43, grifos da autora).

Com essas colocações, a autora aponta a necessidade de que as dimensões vocacional e ocupacional sejam vistas de forma integrada (vocacional-ocupacional), para que não se corra o risco de dicotomizar entre o ser e o fazer. Em suas palavras, “decir que existe lo vocacional y lo ocupacional, es aun continuar con la dicotomia entre SER y HACER. Asumir lo vocacional-ocupacional, es hacerse cargo de la dimensión estructurante del hombre en acción, en actividade existencial, no sólo existente” (VEINSTEIN, 1994, p. 43).

Bohoslavsky (1998), igualmente, faz distinção entre identidade vocacional e identidade ocupacional. Em sua concepção, a identidade vocacional expressa as variáveis

de tipo afetivo-emocional, enquanto a identidade ocupacional mostra o produto da ação de determinado contexto social sobre a identidade vocacional. Para esse autor,

uma pessoa tem identidade ocupacional, ou melhor, adquiriu sua identidade ocupacional quando integrou suas diferentes identificações e sabe **o que quer fazer, de que modo e em que contexto**. Portanto, a identidade ocupacional incluirá um **quando**, um **à maneira de quem**, um **com que**, um **como** e um onde. Ao contrário, a **identidade vocacional** é uma resposta ao **para que** e **por que** da assunção a **essa** identidade ocupacional (p. 49, grifos do autor).

Com base nessa distinção, Bohoslavsky (1998) assinala que “escolher **o que fazer** é, de certo modo, escolher **quem ser**” (p. 204, grifos do autor), vinculando igualmente as dimensões do FAZER e do SER.

Desenvolvendo sua identidade profissional no trabalho cotidiano, os psicólogos presentificaram essa identidade vocacional, pois o exercício de sua profissão permitiu-lhes dar sentido e significado à sua existência.

Pesquisando junto a jovens em processo de escolha profissional, Lisboa (1995) indagou-lhes a respeito do que julgavam predominante no exercício profissional futuro, ou já no momento de escolha: ser, ter ou fazer. Encontrou o ser ocupando lugar de maior importância, por terem considerado que somente sendo alguém é possível fazer ou ter alguma coisa. Seu estudo apontou, no entanto, uma relação de interdependência entre essas três dimensões: no momento em que se faz alguma coisa bem feita, é possível ser alguém, e o ter, vinculado a questões materiais, viria por consequência.

Relacionando essas dimensões com a questão da construção da identidade, através do desenvolvimento do projeto profissional, Lisboa (1995) assim se posiciona: “a construção da identidade [...] se concretiza numa ebulição que se manifesta através da busca, cada vez mais intensa, do ser no mundo e do fazer no mundo” (p. 18).

Marcuse (1998) também aborda a vinculação do trabalho à questão do ser, focalizado na questão da existência humana. Ressalta esse autor o que denomina de sentido ontológico do trabalho, “um conceito que apreende o ser da própria existência humana como tal” (p. 10), e que por isso

é uma condição da existência dos homens independente de todas as formas de sociedade. [...] O trabalho aqui não é determinado pelo modo de seus objetos, não mediante sua finalidade, conteúdo, resultado, etc., mas mediante aquilo que acontece com a existência humana ela própria no trabalho (p. 13).

Para Marcuse (1998), portanto, “o trabalho de maneira alguma é um fenômeno de dimensão econômica, mas se encontra enraizado no curso da própria existência humana”

(p. 18). Em razão disso, compreender o sentido e a função do fazer implica entender que o trabalho expressa “apropriação, superação, transformação e continuação de toda a existência em todas as suas esferas vitais... No caso do homem esse fazer é essencialmente um fazer consciente, que tem perante si sua ‘finalidade’: produzir e conduzir adiante a existência e seu mundo como mundo apropriado” (p. 20).

Isso significa que o trabalho econômico encontra-se por si próprio relacionado com uma tarefa e com um fim que já **não é econômico**. Subordina-se à tarefa, como tal essencial à existência humana, da auto-realização, da formação voltada para a continuidade e a permanência. O primeiro e último sentido do trabalho é “elaborar” o próprio ser da existência. [...] O ser dos homens sempre é **mais** do que sua existência respectiva (p. 24, 25, grifos do autor).

Essa repercussão do trabalho na existência humana, ainda segundo Marcuse (1998), advém do fato de que, ao trabalhar, o ser humano se situa na ação concreta que desenvolve, defrontando-se com a sua atualidade, assumindo o seu passado e elaborando o seu futuro. Assim, sua ação torna-se histórica. Em suas palavras, “na medida em que o homem se insere pela via do trabalho no objeto de seu trabalho, no objeto trabalhado, elaborado, ele se torna permanente, presente, ‘objetivamente’ real e efetivo em meio ao campo histórico e também ao tempo de vida histórico” (p. 32).

Na tentativa de melhor esboçar o “lugar” do trabalho no conjunto da existência humana, Marcuse (1998), explicita que “o objetivo do trabalho é a própria existência e nada fora dela” (p. 35) e que

todos os processos de trabalho individuais se encontram subordinados à intenção última de fornecer, assegurar e desenvolver para o ser dos homens a permanência, continuidade e plenitude realmente efetivas. [Por isso] o trabalho humano enquanto modo do ser dos homens não pode ser desvinculado do homem, nem mesmo em seu “produto”. Quando o objeto do trabalho se torna independente e se separa do ser do trabalhador, necessariamente o próprio ser do trabalhador também se converte em objeto: sua existência se exterioriza e se aliena, convertendo-se para ele num poder alheio, subtraído à própria liberdade, contrapondo-se a ele (p. 35, 42-43).

Em Alves (2003) também encontramos reflexões nessa direção de problematizar o sentido do trabalho para o ser que trabalha. Este autor apresenta uma perspectiva cujas formulações distinguem profissão de vocação:

Profissão e vocação são coisas diferentes. Profissão é o que se faz para ganhar dinheiro. [...] Profissão é coisa que se ensina e se aprende. Algumas se aprendem nas escolas, como é o caso dos médicos, dentistas, engenheiros e advogados. Outras se aprendem artesanalmente, como é o caso dos barbeiros, dos amoladores de faca, dos pedreiros, dos cozinheiros. As profissões são ensinadas de fora para dentro. São escolhidas ou por

razões práticas, ou por imposições externas, ou por ilusões. [...] Vocação é coisa completamente diferente. Não pode ser ensinada. Não se aprende. Nasce com a gente. Brota de dentro do corpo/alma, como fonte. A palavra vem do verbo *vocare*, que quer dizer “chamar”. É uma voz interior que chama e indica uma direção a ser seguida. [...] Ela é o nosso caso de amor com algo que se faz. A diferença entre quem trabalha por profissão e quem trabalha por vocação: o primeiro trabalha pelo ganho; o segundo seria capaz de pagar para poder fazer o seu trabalho. Trabalha como quem faz amor, como quem brinca (p. 107-109).

Todas essas elaborações auxiliam na **compreensão do processo de construção da identidade profissional, na perspectiva do desenvolvimento e transformação do ser trabalhador pelo fazer**, na medida em que possibilitam buscar dimensionar o lugar do trabalho para o ser humano trabalhador. Conforme os dados do estudo empírico revelaram, os psicólogos ressignificaram sua profissão sucessivas vezes, no sentido do redimensionamento referente ao projeto de vida e de futuro que essa profissão veio a lhes representar, por meio de suas demandas.

Marx já lembrava a dupla relação de transformação entre o homem e a natureza possibilitada pelo trabalho. Ao trabalhar, o ser humano modifica a natureza à sua volta e, simultaneamente, é transformado pelo exercício de seu trabalho. Por meio do trabalho, esses psicólogos transformaram o seu ser, sua própria natureza, a partir do modo como se apropriaram das atividades profissionais e as desenvolvem, cotidianamente. **Essa transformação se expressa nas referências de como a profissão “impregnou” sua vida pessoal, produzindo modificações em sua percepção de mundo, em seus valores e na própria postura diante da vida.**

Merecem referência as considerações de Codo (1996), apontando que a relação que o ser humano estabelece com o seu trabalho é geradora de significado. Diferenciando uma ação qualquer do ato de trabalho, esse autor esclarece:

na ação vulgar, o sujeito se transforma ao transformar o objeto e vice-versa. No trabalho, o circuito se abre para uma terceira relação, um signo que fica (*signo-ficare*), o significado, o qual por sua vez se transforma e é transformado pela ação recíproca do sujeito e/ou do objeto. O significado se define pela permanência além e apesar da relação com o objeto, ou seja, define-se pela transcendência à relação sujeito-objeto (p. 26).

Os psicólogos apresentados neste estudo, de modo geral, manifestaram encontrar prazer e satisfação cotidianamente no seu trabalho. Considera-se que isso é possível porque **conseguem continuar agregando significado àquilo que fazem**. Nas palavras de Codo (1996), “o circuito sujeito-objeto-significado, quanto mais completo, mais complexo, mais implica em prazer no trabalho” (p. 37).

O desenvolvimento da identidade profissional, para esses psicólogos, portanto, guarda relação com a possibilidade de, no papel de trabalhadores, vivenciar o “circuito de construção de significados” a que se refere Codo e, deste modo, viver um ciclo do trabalho realizador, compositor e repositivo de sua identidade.

Essa questão ganha outro componente em sua análise se nos reportamos à natureza e ao objeto de trabalho principal da Psicologia enquanto ciência e profissão, focalizados na busca da compreensão e da ajuda ao ser humano: a especificidade dessa atividade exercida e os resultados por ela gerados foram considerados fatores importantes para a satisfação encontrada no seu trabalho, tanto que os profissionais apontaram como os maiores motivos de satisfação casos ou situações em que a ajuda efetivamente pôde ser prestada, ou seja, quando puderam concretizar os propósitos da profissão.

Isso indica o quanto, no âmbito da representação do trabalho como “gerador de satisfação”, o significado de determinada profissão para o trabalhador transcende o valor econômico resultante de seu exercício, já que a própria prática profissional cotidiana pode promover realização pessoal e profissional, seja pelo prazer e felicidade que a atividade em si lhe proporciona, seja pelas repercussões sociais do produto do seu trabalho (PATRÍCIO; CASAGRANDE, 1999).

Construir a identidade profissional, para os trabalhadores que participaram desta pesquisa, consistiu, então, nesse **processo que envolveu um movimento constante de construir-desconstruir-reconstruir significados para o seu trabalho**. A multiplicidade de métodos e práticas da Psicologia, de um lado, e a singularidade das trajetórias, de outro, fizeram com que para cada psicólogo essa construção tenha se constituído de um jeito peculiar, conforme a singularidade do envolvimento com os “fazer” da profissão e a atribuição de significados que isso gerou.

Esse processo implicou reconhecer e assimilar as transformações que foram ocorrendo nesses significados ao longo do percurso profissional, e também em seu próprio ser, no imbricamento com o fazer. Tal assimilação apareceu claramente, por exemplo, quando os profissionais se referiram às modificações na concepção de ajuda ao outro que traziam inicialmente: Lia, por exemplo, entende que sua noção de ajuda hoje está diferente, não se expressando mais de um jeito onipotente; Mário referiu perceber hoje o quanto a evolução de um processo psicoterapêutico depende também do paciente; Mariana compreende hoje que sua ajuda profissional restringe-se a facilitar e mostrar caminhos às pessoas que atende em seu consultório. **Às significações produzidas a partir do “fazer” aglutinaram-se aquelas que resultaram do “saber” da profissão, formando um outro**

conjunto de significados, o “saber-fazer”, que lhes possibilita outra compreensão de sua intervenção.

Foi apontado pelos trabalhadores que eles se sentem, atualmente, num momento de maturidade pessoal e profissional. Essa maturidade permitiu o abandono de “uma visão ingênua do que significa ser psicólogo” e também o crescimento das suas possibilidades de intervenção, a partir de uma maior segurança experimentada na relação com o outro e com a própria profissão, a qual, no momento presente, é sentida como “um ninho”, “um território conhecido”, onde se sentem à vontade para transitar, embora outros impasses continuem a se apresentar, cotidianamente, na própria dinâmica do processo de viver.

A transformação do ser foi ocorrendo a partir das transformações nas significações atribuídas à sua profissão, possibilitadas pelo seu exercício profissional cotidiano. Na medida em que os trabalhadores vêm aproveitando seu processo de trabalho para se aperfeiçoarem e buscarem ser profissionais melhores, não somente transformam o seu ser, mas também contribuem de modo mais efetivo para a transformação do outro, considerando que a essência da contribuição da Psicologia para os seres humanos não reside em outra coisa senão em mostrar-lhes a possibilidade dessa contínua transformação.

Finalizando, é preciso considerar que **todo esse processo constitutivo da identidade profissional, do qual resultaram transformações no próprio ser, em função do significado atribuído ao que se faz, requereu desse grupo de trabalhadores uma postura dinâmica e aberta às “metamorfoses do caminho”**, contrapondo-se à configuração da sociedade atual com seus “valores e pressupostos na formação da identidade cristalizada que apresenta comportamentos fixos, repetitivos, estereotipados, obliterando o desenvolvimento dos indivíduos, incapazes de serem autores de sua própria história, autônomos nas suas próprias decisões e opções” (LANE; ARAÚJO, 1999, p. 115).

Todo esse processo exigiu-lhes também que fossem cotidianamente criativos, na perspectiva trazida por Lane e Araújo (1999), segundo a qual “a criatividade não se restringe apenas à elaboração de obras de arte, mas se expressa também na própria identidade. Ela é a capacidade do ser humano de se recriar, de se transformar, em oposição à cristalização, característica da mesmice, consequência da reprodução mecânica dos papéis definidos pelas instituições sociais” (p. 16).

Em sua prática cotidiana, portanto, os trabalhadores psicólogos foram cada vez mais imprimindo uma “marca pessoal” às suas atividades profissionais, caracterizando um movimento progressivo de identificação, vivido com satisfação e expandido para outras dimensões do seu processo de viver individual-coletivo.

7 SÍNTESE FINAL E RECOMENDAÇÕES

*Diante dos cenários que o
conhecimento nos abre, os olhos e
a alma ficam abobalhados de
assombro.*
(Rubem Alves, 1999)

Entrar no mundo do trabalho para exercer uma profissão pode ser comparado a sair para fazer uma viagem, para a qual se prepara e se conduz uma determinada bagagem. Durante a viagem, essa bagagem, mas também seu portador, vão se modificando pelas circunstâncias que se apresentam: alguns elementos são abandonados, outros permanecem esquecidos no fundo da bagagem, a outros se recorre diariamente, muitos outros são buscados e acrescentados, e de muitos outros ainda existe a necessidade, mas ainda não foram encontrados. Com essa dinâmica, após um certo percurso viajado, terá havido uma intensa transformação no viajante e em sua bagagem, a partir das interações que se estabeleceram nos contextos por onde a viagem ocorreu. Foi mais ou menos assim que sucedeu com os trabalhadores que participaram deste estudo...

Conforme os dados e reflexões trazidos nos dois capítulos anteriores mostraram, a construção da identidade profissional dos psicólogos, que envolve a pessoa, em sua historicidade e subjetividade, agregou contribuições desde os momentos da escolha profissional e da formação acadêmica, nesta última principalmente no que concerne à aquisição de competências e habilidades, e desenvolveu-se efetivamente a partir do exercício da profissão, cotidianamente.

Esse processo de construção correspondeu a um caminho de transformações que teve diferentes momentos, cada um com seus aspectos constitutivos e com as ressignificações decorrentes, porém que não se esgotam em si mesmos numa seqüência rígida; antes, caracterizam um movimento contínuo, uma vez que o querer ser, o saber, o fazer, o saber-fazer e o ser são condições que se entrelaçam e que se apresentam com simultaneidade no cotidiano de trabalho, sendo a separação trazida aqui mero recurso didático que permitiu mostrar que num dado momento cada uma ocorre de modo mais diferenciado e marcante.

Num **primeiro momento, houve a escolha pelo curso**, pautada em idealizações e estereótipos e na idéia da ajuda ao outro, em função do desconhecimento acerca da Psicologia como ciência e profissão.

Como um **segundo momento ocorreu a formação acadêmica**, da qual emergiu o impasse entre o querer ser aquele profissional e o saber da profissão. A vivência desse momento apontou a necessidade de rever o significado de ser psicólogo construído quando da escolha profissional e possibilitou a atribuição de novos significados ao processo de vir-a-ser psicólogo. Essa experiência exerceu um papel mediador no processo de construção da identidade profissional, na medida em que gradualmente fez aproximações entre o sujeito que escolheu a profissão e a profissão escolhida. Nesse período, professores representaram modelos de identificação para os estudantes no que se refere à atuação profissional. Mesmo assim, formou-se uma visão idealizada a respeito do que seria o exercício profissional e percebeu-se que a estrutura e a dinâmica de funcionamento das atividades acadêmicas não instrumentalizaram a contento o psicólogo para a prática profissional subsequente, exceto quando favoreceram e anteciparam a inserção nessa prática, por meio de estágios e outras formas de contato diversificado.

O **terceiro momento**, correspondente à **trajetória de exercício profissional no campo da Psicologia**, fez emergir o impasse entre o saber recebido da academia e o fazer demandado pela realidade de trabalho. Caracterizaram esse momento: insegurança e despreparo na estréia profissional, associados à falta de clareza quanto a que direção tomar; necessidade de buscar “ferramentas” para complementar e/ou aperfeiçoar a formação, as quais acabaram mediando a transição para o papel profissional, permitindo que se assumisse e desenvolvesse uma postura profissional; necessidade de iniciar um processo de diferenciação e “abertura para o mundo do trabalho”, descobrindo um jeito próprio de ser profissional – para tanto foi preciso ressignificar o saber adquirido sobre a profissão durante a formação acadêmica; novo processo gradual de aproximação, entre o profissional e a prática da profissão, em direção ao saber-fazer, o que exigiu novas descobertas, novas aprendizagens, e a recriação e reformulação de conceitos e práticas, recriando as possibilidades de atuação profissional; necessidade de assimilação das possibilidades e limitações do mercado de trabalho, mediante o enfrentamento das dificuldades e dos desafios encontrados no “caminho de ser psicólogo”. A trajetória profissional possibilitou a conquista do saber-fazer, entendido como o domínio das condições para o exercício profissional e o livre trânsito pelos referenciais e práticas da profissão: houve a apropriação do fazer e com ela, a transformação do ser.

A identidade profissional, cujas bases assentam-se na especificidade dos conhecimentos e práticas da profissão, construídos historicamente, conforme pontuado no Capítulo Introdutório deste trabalho, no conjunto de normas orientadoras e disciplinadoras do exercício profissional, na formação acadêmica, bem como em elementos da história pessoal do trabalhador, resultou efetivamente da experiência cotidiana de trabalho, em que se concretizou a possibilidade de continuidade do exercício profissional, da atribuição de significados à profissão, da identificação de um sentido da profissão para a vida pessoal e também da internalização de uma auto-imagem como profissional.

A construção dessa identidade profissional aconteceu, portanto, no ir e vir dos movimentos do fazer, levando à transformação do ser, dialeticamente. Essa transformação se expressa nas referências acerca de como a profissão impregnou a vida pessoal dos trabalhadores, modificando a sua percepção do mundo, seus valores, sua ética e sua postura diante da vida. Foi um processo que envolveu um movimento constante de construir-desconstruir-reconstruir significados para o seu trabalho, e que implicou reconhecer e assimilar as transformações que foram ocorrendo nesses significados ao longo do percurso profissional e também em seu próprio ser, no imbricamento com o fazer.

Resgatando os pressupostos traçados ao se iniciar o presente estudo, os achados empíricos indicaram a preponderância do lugar ocupado pelo trabalho no processo de viver dos trabalhadores e na construção de sua identidade profissional. Para esse grupo de trabalhadores, **a construção dessa identidade adquiriu maior consistência no dia-a-dia do exercício do seu trabalho**, a partir das possibilidades, limitações e perspectivas ali encontradas, apoiando, assim, o pressuposto de que a identidade profissional se desenvolve, se fortalece e é posta em cheque na concretude e nos desafios da prática de trabalho cotidiana.

As vivências de trabalho foram significativas na construção da identidade profissional dos psicólogos que apresentamos neste estudo também por terem apontado a necessidade da busca constante de desenvolvimento profissional, de reconhecer e lidar com “questões internas” que se misturavam à atuação e, ainda, de “bançar” a postura e o lugar da Psicologia nos contextos de trabalho na sociedade.

Essa construção, que continua acontecendo cotidianamente, é moldada não apenas de acordo com as suas vivências como ser humano trabalhador, mas também com a conjuntura macrosocial em que se insere a atividade profissional, que por sua vez a constitui.

A tarefa de compreender como os profissionais psicólogos constroem sua identidade profissional mostrou a importância e o profundo entrelaçamento desse sistema identitário com a constituição da identidade pessoal, na medida em que os dados mostraram “o saber-fazer transformando o ser”, ou seja, o trabalho modificando a pessoa em seus conceitos e em sua postura diante da vida.

É preciso considerar e refletir também a respeito das profundas mudanças em curso no cenário social, desafiando os trabalhadores a se flexibilizarem para o exercício de diferentes papéis.

Estamos participando neste momento histórico de enormes transformações, em nível mundial, que mobilizarão a identidade ocupacional dos atuais e futuros trabalhadores – tanto em sua formação quanto no processo constante do seu desenvolvimento. Globalização, automação e desemprego estrutural como conseqüência dessas mudanças estão, desde já, determinando uma **profunda reflexão sobre a formação e o desenvolvimento da identidade ocupacional**, uma vez que a compreendamos como vinculada ao social, como pertencente a um ser que se desenvolve a partir dos grupos com os quais convive, pelos quais é influenciado, aos quais, enfim, pertence (LISBOA, 1997, p. 121-122, grifo da pesquisadora).

Nesse sentido, os dados encontrados, indicando a necessidade de os profissionais, ao adentrarem no mundo do trabalho, ressignificarem sua formação acadêmica, constituem-se em elementos de reflexão a serem considerados por parte das agências formadoras, a fim de reavaliarem como vem se desenvolvendo essa formação e, principalmente, que vinculações com a realidade do exercício da profissão os graduandos têm podido estabelecer, de modo a que sejam reconsiderados os saberes necessários à prática profissional, atendendo às novas demandas colocadas.

As grades curriculares, bem como os estágios, como elementos centrais nesse processo formativo, merecem ser particularmente reconsiderados à luz dos dados aqui apresentados, procurando-se antecipar as práticas supervisionadas nas diversas áreas de atuação ou, pelo menos, viabilizar a aproximação dos estudantes a estas.

Considera-se fundamental, também, que os achados deste estudo possam ser levados para reflexão junto à realidade acadêmica cotidiana, na expectativa de que possam vir a contribuir a um conhecimento mais aprofundado a respeito da realidade da profissão Psicologia, com suas possibilidades e limitações.

De outro lado, considera-se que aos Conselhos Profissionais também possam interessar as informações oriundas deste estudo, de modo a diversificarem seus parâmetros no que concerne ao seu papel fiscalizador e orientador do exercício da profissão.

Os dados apontando o desconhecimento das pessoas no momento de escolha da profissão exigem atenção, o que reforça a importância da orientação profissional como área de atuação, com a busca de recursos para disponibilizar informação profissional diversificada, de modo a subsidiar e fortalecer esse processo de escolha.

No que diz respeito à Ergonomia, os elementos aqui trazidos reforçam a importância de que essa área busque cada vez mais considerar a questão da identificação entre o trabalhador e o seu trabalho, que transcende o contorno das tarefas, como forma de aprofundar sua compreensão a respeito da relação homem-trabalho. Parafraseando Codo (1996), “é tempo de prestar mais e mais atenção nas condições psicossociais para o desenvolvimento da subjetividade no trabalho e um diagnóstico, se já era sensato, tornou-se obrigatório” (p. 37).

A compreensão, pela Ergonomia, de quanto a experiência de trabalhar contribui para que o ser humano desenvolva sua identidade profissional – a qual lhe fornece referências e lhe permite situar-se cenário ocupacional – possibilita que essa área considere de modo cada vez mais efetivo, em suas análises, os aspectos subjetivos do ato de trabalhar.

Este estudo, pela riqueza dos dados produzidos, pode ser entendido também como uma contribuição às metodologias ergonômicas, que, em sua multiplicidade, preocupam-se em compreender a relação homem-trabalho. Privilegiando o uso da palavra, em que os próprios sujeitos trabalhadores atribuíram significado às suas tarefas, a metodologia aqui empregada, com as devidas adaptações, pode ser transposta a outras categorias profissionais, que contem inclusive com uma história mais consolidada e com um “lugar social” mais legitimado do que a Psicologia, como forma de compreender como se processa a construção da identidade profissional nesses contextos.

Outra questão que ainda merece ser trazida à reflexão refere-se à possibilidade de os profissionais psicólogos construir uma identidade profissional, quando a própria profissão que ocupam encontra dificuldades de formular uma identidade profissional para si, em função de sua história recente e também da multiplicidade de abordagens, métodos e técnicas que abriga. Os dados revelaram, no entanto, uma construção idiossincrásica, o que quer dizer que cada um foi traçando e desenvolvendo o seu caminho profissional, de um jeito próprio, a partir das referências do saber da profissão, das interações estabelecidas no cotidiano de trabalho e das demandas apresentadas por esse mesmo cotidiano.

Os elementos das trajetórias narradas, portanto, se por um lado apontaram dificuldades em se conhecer uma identidade profissional para a Psicologia, por outro

possibilitaram compreender que cada trabalhador psicólogo tem essa identidade construída no processo intrínseco de se relacionar com o seu trabalho, de percebê-lo inserido na realidade social mais ampla e de transformar-se a partir do seu exercício cotidiano. Pode-se ponderar, nesse ponto, que, tal qual a identidade dos psicólogos, configurada como um processo em construção e que se transforma o tempo inteiro, a identidade da própria Psicologia seguiria o mesmo curso, não estando nunca pronta, pela necessidade de refletir e acompanhar o movimento e a complexidade da realidade onde está inserida.

Com o entendimento de que a publicação é uma parte fundamental do processo de pesquisa, consistindo na forma pela qual o grande público poderá ter acesso às informações geradas no processo de produção de conhecimento científico, cabe registrar a pretensão de poderem ser publicados, posteriormente, os achados deste estudo.

Algumas questões a respeito da importância do exercício cotidiano das atividades de trabalho no desenvolvimento e sustentação da identidade profissional não puderam ser respondidas aqui. Considera-se pertinente, contudo, apresentá-las, a título de reflexão e recomendação de que possam ser investigadas como objeto de outros estudos:

- no que se refere à Psicologia, especificamente, e considerando-se que não há suficiente clareza sobre o papel do psicólogo na sociedade (nem para o profissional nem para a própria sociedade), até que ponto a construção da identidade profissional dos psicólogos foi afetada pelo fato de pertencerem a uma profissão cuja história e inserção no cenário ocupacional é não apenas recente, mas também carregada de estereótipos e distorções no que se refere a seus propósitos e métodos de trabalho?
- com relação a repercussões de situações de desemprego nessa dimensão identitária, cabe nos perguntar, por exemplo: condições de não-exercício profissional, em função de desemprego, colocam em xeque a identidade profissional dos trabalhadores, uma vez que se encontram destituídos do vínculo cotidiano com as atividades, e são estas que alimentam sua identidade profissional?
- e ainda: uma vez que a identidade profissional possui fundamentos no saber da profissão, como este estudo mostrou, o que acontece com essa base identitária no caso de profissionais que se formaram em determinadas profissões e nunca a exerceram ou tiveram que deixar de exercê-la?

Sugere-se que outras pesquisas sobre identidade profissional sejam desenvolvidas, buscando compreender essas e outras questões.

Os dados empíricos trouxeram ainda elementos que por um lado apontaram o quanto as vivências profissionais cotidianas de trabalho são geradoras de prazer e sofrimento no trabalho e por outro, como os trabalhadores, sobretudo as mulheres, buscam equilibrar as suas atividades profissionais e suas demandas pessoais. Tais elementos, embora não tenham sido aqui focalizados, sugerem que outros estudos se desenvolvam, nos campos da saúde mental e trabalho e de gênero e trabalho, respectivamente.

Finalizando, cabe comentar que esta tese, considerada como um ato de criação, desde a concepção do projeto, embora tenha possibilitado um conjunto de reflexões e sínteses a respeito da temática pesquisada, pelo seu caráter instigativo, bem como em função da flexibilidade do método adotado para o desenvolvimento do estudo, talvez tenha gerado bem mais perguntas que respostas. Não nos preocupemos com isso, porque é assim que o conhecimento é produzido. Com Rubem Alves (2000), vale lembrar: “quem se move em meio às coisas humanas está proibido de ter certezas [...] Parece que, aqui, a gente só pode ser sábio depois que as coisas acontecem” (p. 106).

REFERÊNCIAS

- ABDALLA, Ively G. **Ter equilíbrio para dar equilíbrio – profissão psicólogo?:** um estudo sobre as representações sociais dos alunos de um curso de psicologia. São Paulo: Arte e Ciência, 1998.
- ALVES, Rubem. **O amor que acende a lua.** Campinas: Papyrus, 1999.
- _____. **Filosofia da ciência:** Introdução ao jogo e a suas regras. São Paulo: Loyola, 2000.
- _____. **Entre a ciência e a sapiência:** o dilema da educação. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2001.
- _____. **Conversas sobre educação.** Campinas: Verus, 2003.
- ANDRADE, Ângela N. de. O acolhimento à processualidade: entre a multiplicidade da Psicologia e a multiplicidade do psicológico. In: SOUZA, Lídio de; FREITAS, Maria de F. Q. de; RODRIGUES, Maria M. P. (Orgs.). **Psicologia:** reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 109-126.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?:** ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 8. ed. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 2002.
- _____. O mundo precarizado do trabalho e seus significados. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho.** São Paulo, ano 2, n. 1, p. 55-59, 1999.
- BARBETA, Pedro A. **Estatística aplicada às Ciências Sociais.** 2. ed. Florianópolis: EdUFSC, 1998.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.
- BASTOS, Antonio V. B.; ACHCAR, Rosemary. Dinâmica profissional e formação do psicólogo: uma perspectiva de integração. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo brasileiro:** práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. cap. 5.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade.** 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BERNARDES, Anita G.; HOENISCH, Júlio C. D. Subjetividade e identidades: possibilidades de interlocução da Psicologia Social com os Estudos Culturais. In: GUARESCHI, Neuza M. de F.; BRUSCHI, Michel E. (Orgs.) **Psicologia Social nos Estudos Culturais:** perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 95-126.
- BIASOLI-ALVES, Zélia M. M. A pesquisa em Psicologia: análise de métodos e estratégias na construção de um conhecimento que se pretende científico. In: ROMANELLI, Geraldo; BIASOLI-ALVES, Zélia M. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa.** Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p. 135-157.

BOCK, Ana M. B. **Aventuras do Barão de Münchhausen na Psicologia**. São Paulo: EDUC/Cortez, 1999.

BOCK, Ana M. B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia**. 8. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari K. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHOSLAVSKY, Rodolfo. **Orientação vocacional: a estratégia clínica**. 11. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BONAZINA, Maria Cristina R. **A construção do processo de trabalho dos gerentes nas relações do cotidiano de uma organização hospitalar**. 1999. 133 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

BRASIL. Conselho Nacional da Saúde. **Resolução nº 196**, de 16 de outubro de 1996. Disponível em <<http://conselho.saude.gov.br/deliberacoes/resolucoes.htm>>. Acesso em: 22 mar. 2003.

BRESCIANI, Luís P. Panorama da reestruturação produtiva. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 39-44, 1999.

CAON, José L. **A identidade legal e a identidade profissional: duas práticas aprendentes específicas**. Disponível em: <www.estadosgerais.org/encontro/a_identidade_legal.shtml>. Acesso em: 12 set. 2002.

CARDOSO, Jorge M. M.; PAULA, Evanise H. de. O psicólogo em desenvolvimento na busca da identidade profissional. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 4, n.1, p. 148-149, jan./jun. 1999. Edição especial.

CERISARA, Ana Beatriz. **A construção da identidade das profissionais de educação infantil**. 1996. 239 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

CIAMPA, Antonio da C. Identidade. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. (Orgs.). **Psicologia Social: o homem em movimento**. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 58-75.

_____. **A estória do Severino e a história da Severina: um ensaio de psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido do mundo moderno. **Interações**, São Paulo, v. III, n. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.

CBO – CLASSIFICAÇÃO BRASILEIRA DE OCUPAÇÕES. Brasília, Ministério do Trabalho e Emprego/Secretaria de Políticas Públicas de Emprego, 2002. Livro 1.

CODO, Wanderley. Um diagnóstico do trabalho: em busca do prazer. In: TAMAYO, Álvaro; BORGES-ANDRADE, Jairo E.; CODO, Wanderley. **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996. cap. 1.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J. C. (Orgs.). **Sofrimento psíquico nas organizações**: saúde mental e trabalho. Petrópolis: Vozes, 1995.

CODO, Wanderley; SAMPAIO, José J.; HITOMI, Antonio H. **Indivíduo, trabalho e sofrimento**. Petrópolis: Vozes, 1994.

COPERVE – COMISSÃO PERMANENTE DO VESTIBULAR/UFSC. **Guia de cursos**. Disponível em <www.coperve.ufsc.br/vestibular2005/guia.htm>. Acesso em: 18 out. 2004.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Quem é o psicólogo brasileiro?** São Paulo: Edicon, 1988.

_____. **Psicólogo brasileiro**: construção de novos espaços. Campinas: Átomo, 1992.

_____. **Psicólogo brasileiro**: práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Resolução nº 16**, de 20 de dezembro de 2000. Disponível em <http://www.pol.org.br/arquivos_pdf/resoluções/2000>. Acesso em: 14 dez. 2002.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Sistema Conselhos - Quem somos**. Disponível em <www.pol.org.br/cfp/quem_somos/quemsomos.cfm>. Acesso em: 08 abr. 2003a.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Normatização**. Disponível em <www.pol.org.br/normatização/codigo_etica.cfm>. Acesso em: 23 abr. 2003b.

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA – 12ª Região. **Guia CRP 12 de Orientação e Fiscalização do Exercício Profissional do Psicólogo**. CRP/12ª Região – SC. Florianópolis, 2002.

COUTINHO, Maria C. Trabalho e construção da identidade. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 4, n.1, p. 29-43, jan./jun. 1999. Edição especial.

CRUZ, Roberto M. Distúrbios musculoesqueléticos, processos de trabalho e cultura organizacional. In: TAMAYO, Álvaro (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004. cap. 10.

CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. cap 3.

DEJOURS, Christophe. La charge psychique de travail. In: SOCIÉTÉ FRANÇAISE DE PSYCHOLOGIE. **Psychologie du travail**: équilibre ou fatigue par le travail? Paris: Entreprise Moderne d'Édition, 1980.

DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 5. ed. São Paulo: Cortez/Oboré, 1992.

_____. A carga psíquica do trabalho. In: DEJOURS, C.; ABDOUCHELI, E.; JAYET, C. **Psicodinâmica do trabalho**. São Paulo: Atlas, 1994.

_____. **A banalização da injustiça social**. 3. ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2000.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em Ciências Sociais**. São Paulo: Atlas, 1985.

EIZIRIK, Marisa F. Psicologia hoje: uma análise do *que-fazer* psicológico. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 8, n. 1, p. 27-33, 1988.

FARIA, Terezinha M. de A. et al. “Entrar-Ficar-Sair do Campo”: o processo ético-estético nas pesquisas do Transcriar. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DO BRASIL DE PESQUISA QUALITATIVA, 1., 2004, Taubaté, SP. **Anais...** Taubaté, SP: Tec Art, 2004. 1 CD-ROM.

FERREIRA, Mário C. Bem-estar: equilíbrio entre a cultura do trabalho prescrito e a cultura do trabalho real. In: TAMAYO, Álvaro (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004. cap. 8.

FERREIRA, Aurélio B. de H. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. p. 287.

FERREIRA, Maria Cristina; ASSMAR, Eveline M. L. Cultura, satisfação e saúde nas organizações. In: TAMAYO, Álvaro (Org.). **Cultura e saúde nas organizações**. Porto Alegre: Artmed, 2004. cap. 5.

FIGUEIREDO, Luiz C. Sob o signo da multiplicidade. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 89-95, mar./ago. 1993.

_____. **Revisitando as psicologias**: da epistemologia à ética das práticas e discursos psicológicos. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Educ, 1996.

FRITZEN, Silvino J. **Exercícios práticos de dinâmica de grupo**. Petrópolis: Vozes, 1994. v. II.

GALDINI, Danilca R.; BERZIN, Juliana. O sofrimento do jovem psicólogo na busca do primeiro emprego: uma análise psicossocial da exclusão. In: OZELLA, Sérgio. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 315-345.

GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GOMES, William B. Pesquisa e prática em Psicologia no Brasil. In: YAMAMOTO, Oswaldo H.; GOUVEIA, Valdiney V. (Orgs.). **Construindo a Psicologia brasileira**: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. cap. 1.

GROSSEMAN, Suely. **Satisfação com o trabalho**: do desejo à realidade de ser médico. 2001. 282 f. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

GUARESCHI, Neuza M. de F. et al. Psicologia Social e Estudos Culturais: rompendo fronteiras na produção do conhecimento. In: GUARESCHI, Neuza M. de F.; BRUSCHI, Michel E. (Orgs.). **Psicologia Social nos Estudos Culturais**: perspectivas e desafios para uma nova psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 23-49.

GUÉRIN, F. et al. **Compreender o trabalho para transformá-lo**: a prática da Ergonomia. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

HAGUETTE, Teresa M. F. **Metodologias qualitativas na Sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 5. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HUTZ, Cláudio S.; BANDEIRA, Denise R. Avaliação psicológica no Brasil: situação atual e desafios para o futuro. In: YAMAMOTO, Oswaldo H.; GOUVEIA, Valdiney V. (Orgs.). **Construindo a Psicologia brasileira**: desafios da ciência e prática psicológica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. cap. 10.

JACQUES, Maria da Graça C. Identidade e trabalho: uma articulação indispensável. In: TAMAIO, Álvaro; BORGES-ANDRADE, Jairo E.; CODO, Wanderley. **Trabalho, organizações e cultura**. São Paulo: Cooperativa de Autores Associados, 1996. cap. 2.

JAPIASSU, Hilton. **A psicologia dos psicólogos**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

KRAWULSKI, Edite. **Evolução do conceito de trabalho através da história e sua percepção pelos trabalhadores de hoje**. 1991. 124 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

_____. A Orientação Profissional e o significado do trabalho. **Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 5-19, 1998.

LANE, Sílvia T. M.; ARAÚJO, Yara. (Orgs.). **Arqueologia das emoções**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LEITE, Márcia. **O futuro do trabalho**: novas tecnologias e subjetividade operária. São Paulo: Scritta/FAPESP, 1994.

LEME, Maria Alice V. da S.; BUSSAB, Vera S. R.; OTTA, Emma. A representação social da Psicologia e do psicólogo. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 9, n. 1, p. 29-35, 1989.

LEPLAT, J. L'analyse psychologique du travail. **Revue de Psychologie Appliquée**, Paris, v. 36, n. 1, p. 9-27, 1986.

LISBOA, Marilú D. **Orientação vocacional/ocupacional**: projeto profissional e compromisso com o eixo social. 1995. 250 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

_____. Ser quando crescer...: a formação da identidade ocupacional. In: LEVENFUS, Rosane S. et al. **Psicodinâmica da escolha profissional**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. cap. 7.

_____. A formação do orientador profissional e a utilização de técnicas em OP. **Revista da Associação Brasileira de Orientadores Profissionais**, Florianópolis, v.3, n. 1, 1999, p. 59-68.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Mauro de O. et al. Eu quero ajudar as pessoas: a escolha vocacional da psicologia. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 21, n. 9, p. 10-27, 2001.

MALVEZZI, Sigmar. Empregabilidade e carreira. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 64-68, 1999.

_____. Reflexões sobre a profissionalização do psicólogo. **Jornal do Conselho Regional de Psicologia – 12ª Região**, Florianópolis, ano IV, n. 39, p. 6-7, set. 2000.

MARCUSE, Herbert. **Cultura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. vol II.

MARTIN-BARÓ, Ignacio. **Acción e ideología**: psicología social desde Centroamérica. 2. ed. San Salvador: UCA Editores, 1985.

MARTINS, Joel; BICUDO, Maria A. **A pesquisa qualitativa em Psicologia**. São Paulo: EDUC/PUC-USP, 1989.

MATTOSO, Jorge E. L. O novo e inseguro mundo do trabalho nos países avançados. In: OLIVEIRA, Carlos A. de et al. (Orgs.). **O mundo do trabalho**: crise e mudança no final do século. São Paulo: Página Aberta, 1994. p. 521-562.

MAY, Rollo. **O homem à procura de si mesmo**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

MELLO, Sylvia L. de. **Psicologia e profissão em São Paulo**. São Paulo: Ática, 1983.

MERLO, Álvaro R. C.; JACQUES, Maria da G. C.; HOEFEL, Maria da G. L. Trabalho de grupo com portadores de LER/DORT: relato de experiência. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 253-258, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. Rio de Janeiro: ABRASCO; São Paulo: HUCITEC, 1992.

MINAYO, Maria Cecília de S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, Maria Cecília de S. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. cap. 1.

MONTMOLLIN, Maurice. **A Ergonomia**. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

MORÉ, Carmen L. O. O. **Mulher – entre a tradição e a mudança**: um estudo exploratório da identidade feminina. 1992. 186 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1992.

MOREIRA, M. C. N. A Fundação Rockefeller e a construção da identidade profissional de enfermagem no Brasil da Primeira República. **História, Ciências, Saúde**, Manguinhos, v. 3, p. 621-645, nov. 1998/fev. 1999. Disponível em: www.coc.fiocruz/hscience/vol5n3/moreirap.html. Acesso em 12 set. 2002.

MORENO, Jacob L. **Psicodrama**. São Paulo: Cultrix, 1982.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

_____. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1996.

_____. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 6 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NAFFAH NETO, Alfredo. O psicólogo clínico. In: LANE, Silvia T. M.; CODO, Wanderley. **Psicologia Social**: o homem em movimento. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 181-194.

OLIVEIRA, Carlos R. de. **História do trabalho**. São Paulo: Ática, 1987.

OLIVEIRA, Cristiane P.; ONESTI, Lydia A. Psicólogo do trabalho: reflexões sobre seu papel e compromissos sociais. **Terra e Cultura**, Londrina, ano XVI, n. 31, p. 82-90, jul./dez. 2000.

PABST, Maria A. É possível propor um processo de orientação vocacional através de técnicas corporais? In: LASSANCE, Maria C. (Org.). **Técnicas para o trabalho de orientação profissional em grupos**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1999. p. 87-113.

PARAGUAY, Ana I. B. B.; MARTINEZ, Maria C. A Análise Ergonômica do Trabalho no estudo das relações entre os fatores psicossociais e a satisfação no trabalho. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ERGONOMIA, 11, 2001, Gramado. **Anais de Resumos...** Gramado: Abergó, 2001. p. 9-10.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. **A dimensão felicidade-prazer no processo de viver saudável individual-coletivo**: uma questão de bioética numa abordagem holístico-ecológica. 1995. 215 f. Tese (Doutorado em Filosofia da Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995.

PATRÍCIO, Zuleica Maria. **Ser saudável na felicidade-prazer**: uma abordagem ética e estética pelo cuidado holístico-ecológico. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 1996.

_____. Qualidade de vida do ser humano na perspectiva de novos paradigmas: possibilidades éticas e estéticas nas interações ser humano-natureza-cotidiano-sociedade. In: PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAÚJO, Marízia F. de (Orgs.). **Qualidade de vida do trabalhador**: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999a. p. 19-88.

_____. Qualidade na pesquisa: a qualidade dos movimentos de reconstrução do conhecimento e do ser humano pesquisador. In: SIMPÓSIO DE PRODUÇÃO E VEICULAÇÃO DO CONHECIMENTO EM EDUCAÇÃO FÍSICA, 2., 1999, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 1999b. p. 27-36.

PATRÍCIO, Zuleica Maria et al. Apresentação: informando e conspirando em favor da qualidade de vida através de um produto de ensinar-aprender participante. In: PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAÚJO, Marízia F. de. (Orgs.). **Qualidade de vida do trabalhador**: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Ed. do Autor, 1999. p. 9-15.

PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L. A busca de satisfação no processo e no produto viver: a qualidade de vida do trabalhador na complexidade das interações do cotidiano. In: PATRÍCIO, Zuleica M.; CASAGRANDE, Jacir L.; ARAÚJO, Marízia F. de (Orgs.). **Qualidade de vida do trabalhador**: uma abordagem qualitativa do ser humano através de novos paradigmas. Florianópolis: Ed. Do Autor, 1999. p. 339-368.

PESSOTTI, Isaias. Dados para uma história da Psicologia no Brasil. **Psicologia**, São Paulo, ano 1, n. 1, p. 1-14, 1975.

PIMENTA, Selma G. Formação de professores: identidade e saberes da docência. In: PIMENTA, Selma G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. p. 15-34.

PPGEP – PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO. **Ergonomia**: caracterização da área. Disponível em: <www.stela.ufsc.br/ppgep/42.htm>. Acesso em: 24 jan. 2003.

SAINSAULIEU, Renaud. **L'Identité au travail**. Paris: Presses de la Fondation Nationale des Sciences Politiques, 1988.

SANTOS, Boaventura de S. **Pela mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

_____. **Um discurso sobre as ciências**. 13. ed. Porto: Afrontamento, 2002.

SANTOS, Elaine F. dos. **As instituições formadoras e a identidade profissional da enfermagem**: mimetismo ou metamorfose? 2001. 107 f. Dissertação (Mestrado em Medicina Social) – Curso de Pós-Graduação em Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2001.

SANTOS, Manoel A. dos. **O empório da intimidade**: a psicologia que o aluno deseja encontrar no curso de formação. 1994. Trabalho apresentado no II Encontro Estadual de Clínicas-Escola, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1994.

SANTOS, Manoel A. dos; MELO-SILVA, Lucy L. “Será que era isso que eu queria?": a formação acadêmica em Psicologia na perspectiva do aluno. In: MELO-SILVA, Lucy L. et al. (Orgs.). **Arquitetura de uma ocupação**: orientação profissional – teoria e prática. São Paulo: Vetor, 2003. v. 1, p. 387-406.

SCHEIN, Edgar H. **Identidade profissional**: como ajustar suas inclinações a suas opções de trabalho. São Paulo: Nobel, 1996.

SELIGMANN-SILVA, Edite. **Desgaste mental no trabalho dominado**. Rio de Janeiro: Cortez, 1994.

SILVA, Tomaz T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 2.

SOARES, Dulce H. P. Técnicas para grupos de reorientação profissional. In: LEVENFUS, Rosane S.; SOARES, Dulce H. P. **Orientação vocacional ocupacional**: novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa. Porto Alegre: Artmed, 2002a. cap. 22.

_____. **A escolha profissional**: do jovem ao adulto. São Paulo: Summus, 2002b.

SOARES-LUCCHIARI, Dulce H. P. **Choix professionnel**: projet des parents – projet des adolescents. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Louis Pasteur, Strasbourg, França, 1996. Publicada pelas Editions du Septentrion, em 1997.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VALORE, Luciana A. A problemática da escolha profissional: possibilidades e compromissos da ação psicológica. In: SILVEIRA, Andréa F. et al. (Orgs.). **Cidadania e participação social**. Porto Alegre: ABRAPSOSUL, 1999. p. 77-87.

VEINSTEIN, Silvia B. G. de. **La eleccion vocacional ocupacional**: estratégias técnicas. 2. ed. Buenos Aires: Marymar, 1994.

VILELA, Ana M. J. **Formar-se psicólogo**: como ser livre como um pássaro. 1996. 173 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

WEBER, L. N. D.; RICKLI, J. D.; LIVISKI, J. D. Atuação e formação do psicólogo como fatores que influenciam a representação social da Psicologia. **Psicologia Argumento**, Curitiba, ano XV, p. 71-88, 1994.

WISNER, Alain. **A inteligência no trabalho**: textos selecionados de ergonomia. São Paulo: FUNDACENTRO, 1994.

WOODWARD, Kathryin. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz T. da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2004. Cap. 1.

YIN, Robert K. **Applications of case study research**. Califórnia, USA: Sage Publications, 1993.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção. In: ZAGO, Nadir; CARVALHO, Marília P. de; VILELA, Rita A. T. **Itinerários de pesquisa**: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANELLI, José C. Movimentos emergentes na prática dos psicólogos brasileiros nas organizações de trabalho: implicações para a formação. In: CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Psicólogo brasileiro**: práticas emergentes e desafios para a formação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1994. cap. 2.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

ABREU FILHO, Antonio G. A questão da identidade profissional do psicólogo. **Psic-Revista da Vetor Editora**, São Paulo, ano I, n. 2, p. 12-16, abr. 2000.

ANTUNES, Mitsuko A. M. O processo de autonomização da psicologia no Brasil. **Psicologia & Sociedade**, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 16-26, jan./jun., 1999.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

ARAÚJO, Marízia F. de. **Bases teórico-práticas para um programa empresarial de qualidade de vida do ser humano**. 1998. 171 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: sumário: estruturação. Rio de Janeiro, 1987.

_____. **NBR 6024**: numeração progressiva das seções de um documento: procedimento. Rio de Janeiro, 1989.

_____. **NBR 6028**: resumos: redação e apresentação. Rio de Janeiro, 1990.

_____. **NBR 6023**: informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002a.

_____. **NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002b.

_____. **NBR 14724**: informação e documentação: trabalhos acadêmicos: apresentação. Rio de Janeiro, 2002c.

BETTOI, Waldir; SIMÃO, Livia M. Profissionais para si ou para outros?: algumas reflexões sobre a formação dos psicólogos. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, ano 20, n. 2, p. 20-31, 2000.

BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana M. N. (Orgs.). **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações. Florianópolis: Editora da UFSC; São Paulo: Cortez, 2002.

BOCK, Ana M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 4, n. 2, jul./dez. 1999.

COLOMBO, Ciliana R. **A qualidade de vida de trabalhadores da construção civil numa perspectiva holístico-ecológica**: vivendo necessidades no mundo trabalho-família. 1999. 203 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

DEJOURS, Christophe; ABDOUCHELI, Elisabeth. Itinéraire théorique en psychopathologie du travail. **Prevenir**, Paris, n. 20, p. 127-149, 1. sem. 1999.

FARIA, Terezinha Maria de Andrade de. **A qualidade de vida de profissionais de saúde no cotidiano de trabalho de uma maternidade hospitalar**: possibilidades e limites numa teia de múltiplas interações. 2001. 130 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

FREITAS, Lenita de A. **E uma carreira profissional sólida se desmancha no ar**: um estudo psicossocial da identidade. Taubaté: Cabral, 1997.

HELOANI, Roberto. A identidade do psicólogo do trabalho em tempos de globalização. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 48-51, 1999.

KRAWULSKI, Edite. **O processo de construção da identidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de trabalho**. Projeto de Tese aprovado em Exame de Qualificação como requisito parcial à obtenção do título de doutor. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina – Área de Concentração Ergonomia, Florianópolis, 2003.

LUNA, Iúri N. Realização pessoal e realização coletiva: a responsabilidade da orientação profissional na construção da identidade profissional. In: MELO-SILVA, Lucy L et al. (Orgs.). **Arquitetura de uma ocupação**: orientação profissional – teoria e prática. São Paulo: Vetor, 2003. v. 1, p. 91-96.

LUNA, Iúri N.; BAPTISTA, Lavínia C. Identidade profissional: prazer e sofrimento no mundo do trabalho. **Psicologia Revista**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 39-51, 2001.

MAIA, Paulo R. D. **A qualidade de vida de uma equipe de saúde no atendimento a pessoas com Aids**: ressignificando a subjetividade nas interações. 1999. 72 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MANCEBO, Deise. Modernidade e produção de subjetividades: breve percurso histórico. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 22, n. 1, p. 100-111, 2002.

MIGLIACCIO FILHO, Rubens. Reflexões sobre o homem e o trabalho. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 18-32, mar./abr., 1994.

MORA, José F. **Dicionário de Filosofia**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 356-362.

OLIVEIRA, Beatriz G. R. B. de. **A construção da identidade profissional da enfermeira**: a passagem pelos espelhos. 2000. 217 f. Tese (Doutorado em Enfermagem) – Curso de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem Anna Nery, Rio de Janeiro, 2000.

PESSIS-PASTERNAK, Guitta. **A ciência: deus ou diabo?** São Paulo: Editora UNESP, 2001.

PERES, Rodrigo S.; SANTOS, Manoel A. dos; CARVALHO, Ana M. R. de. Precarização das relações de trabalho, desemprego e desigualdade social: desafios para a Psicologia na economia globalizada contemporânea. In: MELO-SILVA, Lucy L. et al. (Orgs.). **Arquitetura de uma ocupação: orientação profissional – teoria e prática.** São Paulo: Vetor, 2003. v. 1, p. 173-185.

PFEIFER, Adolfo K.; KRAWULSKI, Edite; BAIBICH, Maria Esther S. **Psicologia do Trabalho e Ergonomia: buscando a complementaridade das dimensões sofrimento e prazer do ato de trabalhar.** 2001. Trabalho apresentado como requisito parcial para aprovação na Disciplina Ergonomia e Psicologia do Trabalho, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

SILVA, Andréa da. **O processo de trabalho de prostituição e a qualidade de vida de prostitutas de rua de Florianópolis: as possibilidades e limitações no processo de viver.** 2000. 89 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SIQUEIRA, Maria Juracy T. Sobre o trabalho das mulheres: contribuições segundo uma analítica de gênero. **Revista Psicologia: Organizações e Trabalho**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 11-30, jan./jun. 2002.

SOUZA, Lídio de; FREITAS, Maria de F. Q. de; RODRIGUES, Maria M. P. (Orgs.). **Psicologia: reflexões (im)pertinentes.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

STREY, Marlene N. et al. **Psicologia Social contemporânea.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003. Livro texto.

APÊNDICES

APÊNDICE A

CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

CARTA DE APRESENTAÇÃO E SOLICITAÇÃO DE PARTICIPAÇÃO

Florianópolis, _____ de _____ de 2004.

Eu, EDITE KRAWULSKI, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção – Área de Concentração Ergonomia da Universidade Federal de Santa Catarina e integrante do Transcriar-UFSC: Núcleo de Estudos Participantes sobre o processo de viver e ser saudável, apresento minha proposta de pesquisa para a elaboração de tese, sob a orientação da Profa. Dra. Zuleica Maria Patrício.

Meu estudo, intitulado “O processo de construção da identidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de trabalho”, visa compreender como os psicólogos constroem sua identidade profissional a partir de suas experiências de trabalho desenvolvidas cotidianamente. A pesquisa será desenvolvida sob uma perspectiva qualitativa e os dados serão coletados por meio de entrevistas e, complementarmente, pela elaboração de um gráfico da vida profissional.

Ressalto que o projeto de pesquisa foi apreciado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da UFSC conforme Parecer nº 146/03, onde foi destacada a “preocupação constante da pesquisadora em relação aos cuidados éticos”. Com este intuito, nos procedimentos metodológicos a serem adotados comprometo-me a obedecer aos preceitos éticos implicados em pesquisas envolvendo seres humanos, conforme normatizado pelas Resoluções 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e 16/2000 do Conselho Federal de Psicologia. Estes preceitos incluem:

- a manutenção do sigilo quanto à identidade dos participantes;
- sua liberdade de adesão voluntária ao estudo, cientes da sua natureza e objetivos, assegurado o direito de desistência de participação a qualquer momento;
- a não publicação de informações sem o consentimento dos participantes;
- a garantia de utilização dos dados tão somente para os fins deste estudo.

Isto posto, solicito sua participação em minha pesquisa, ao tempo em que me disponibilizo para prestar todo e qualquer esclarecimento que se faça necessário.

Atenciosamente,

Doutoranda

Telefones 234-0232 / 9963-8718 E-mail: edite@cfh.ufsc.br

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____,
aceito participar da Pesquisa da Doutoranda Edite Krawulski, de forma livre e espontânea,
observados o conteúdo informado e o compromisso firmado pela pesquisadora na “Carta
de Apresentação e Solicitação de Participação” anexa.

Data: ____/____/____

Sujeito da Pesquisa

APÊNDICE C

FORMULÁRIO DA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

UFSC/Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/Área de Ergonomia
Pesquisa: “O processo de construção da identidade profissional do psicólogo no seu
cotidiano de trabalho”

Doutoranda: Edite Krawulski

Orientadora: Profa. Dra. Zuleica Maria Patrício

ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

Sujeito (nome fictício): _____	Entrevista n°: _____
Data: ____/____/____	Horário: Início: _____ Término: _____
Local: _____	

PARTE 1 – Informações sobre os sujeitos

Estado civil: _____ Sexo: _____

Tempo de Formado: _____ Instituição/Local onde se formou: _____

Formação complementar à graduação em Psicologia? Sim () Não () Qual(is)? _____

Atividade principal/local/clientela: _____

Carga de trabalho semanal como psicólogo: _____ horas

Outra(s) atividade(s) laboral(is)? Sim () Não () Qual(is)? _____

Carga de trabalho semanal dedicada a outra(s) atividade(s): _____ horas.

PARTE 2 – Questões norteadoras

1. O significado de ser psicólogo. O que é ser psicólogo.

2. O processo de escolha da profissão de psicólogo.

3. A trajetória profissional como psicólogo.

4. O cotidiano de trabalho atual como psicólogo.

5. A interferência e o significado das vivências cotidianas de trabalho na construção da identidade profissional.

6. Informações complementares.

APÊNDICE D**SUBSÍDIOS ÀS QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA**

SUBSÍDIOS ÀS QUESTÕES NORTEADORAS DA ENTREVISTA

QUESTÃO 1 – O significado de ser psicólogo. O que é ser psicólogo.

- O que significa ser psicólogo para você? O que é ser psicólogo para você hoje?
- E ao iniciar na profissão, recém-formado, o que significava, o que era ser psicólogo para você?
- O que mudou no significado de ser psicólogo para você? O que gerou esta mudança?

QUESTÃO 2 – O processo de escolha da profissão de psicólogo.

- Quando e como começou, de onde surgiu a idéia de ser psicólogo? Como foi a escolha? Houve algum tipo de influência?
- O que pensava que era então ser psicólogo, o que imaginava sobre esta profissão?
- Como se sentiu em relação à escolha por Psicologia durante a faculdade?

QUESTÃO 3 – A trajetória profissional como psicólogo.

- Que expectativas tinha quanto à estréia profissional?
- Como e por onde começou?
- Como se sentia nessa estréia como profissional? Como se percebia como psicólogo naquele momento?
- Que dificuldades encontrou, relacionadas ao preparo acadêmico, à maturidade pessoal/necessidade de psicoterapia, à inserção no mercado de trabalho?
- No seu percurso profissional, que acontecimentos ou momentos destacaria, por terem sido particularmente marcantes e/ou significativos (positivos/ negativos)?
- Tem coisas que gostaria de ter feito e não fez? Qual (is)? Por quê?

QUESTÃO 4 – O cotidiano de trabalho atual como psicólogo.

- Como é o teu dia-a-dia de trabalho atualmente? Quais as principais tarefas que desenvolve? Como você o avalia?
- Que vivências você destacaria no seu cotidiano atual de trabalho?
- Como você se sente em relação ao seu exercício profissional hoje (incluindo expectativas e/ou perspectivas em relação a ele)?
- Como você se percebe como psicólogo hoje?

QUESTÃO 5 – A interferência e o significado das vivências cotidianas de trabalho na construção da identidade profissional.

- O que você entende por identidade profissional?
- Como você percebe a contribuição das tuas experiências de trabalho na construção da tua identidade profissional? De que modo se deu essa interferência?
- Que significado tiveram as vivências do dia-a-dia de trabalho para você construir sua identidade profissional como psicólogo? Que vivências profissionais foram mais importantes neste processo?
- Como você avalia o seu processo de construção de uma identidade profissional como psicólogo?

QUESTÃO 6 – Informações complementares.

- Tem mais alguma colocação que você queira fazer sobre estas questões que conversamos, sobre a tua experiência de ser psicólogo?

APÊNDICE E

FORMULÁRIO PARA REGISTROS DA PESQUISADORA

UFSC/Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção/Área de Ergonomia

Pesquisa: “O Processo de construção da identidade profissional do psicólogo no seu cotidiano de trabalho”

Doutoranda: Edite Krawulski

Orientadora: Profa. Dra. Zuleica Maria Patrício

REGISTROS DA PESQUISADORA

(Anexo ao formulário da entrevista)

Sujeito (nome fictício): _____

Data: ____/____/____

Horário: _____

Local/contexto: _____

Objetivo: registrar ocorrências, impressões, percepções, *insights* e sentimentos durante a aplicação dos instrumentos de coleta de dados.

REGISTRO	ANÁLISE

ANEXOS

ANEXO A

PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS
PARECER CONSUBSTANCIADO – PROJETO Nº 146/2003

I – Identificação

Título do Projeto: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DO PSICÓLOGO NO SEU COTIDIANO DE TRABALHO.

Pesquisador Responsável: Dra. Zuleica Maria Patrício (orientadora).

Pesquisador Principal: Edite Krawulski (doutoranda pós-graduação em Eng. de Produção).

Instituição onde se realizará: Prog. De Pós-Graduação em Eng. de Produção – Ergonomia.

Data de apresentação ao CEP: 07/07/03

II – Objetivos:

Geral: Compreender como o psicólogo constrói sua identidade profissional no cotidiano de seu trabalho, tendo em vista as vivências enquanto ser humano trabalhador e os significados que atribui à sua profissão.

Específicos:

Identificar o que é ser psicólogo para os sujeitos do estudo.

Identificar junto a psicólogos o modo como se deu o processo de escolha pela profissão.

Identificar as vivências do cotidiano de trabalho de psicólogos e o significado destas na construção de sua identidade profissional.

III – Sumário do Projeto

Trata-se de projeto de pesquisa para doutoramento que será desenvolvida por metodologia qualitativa, cujo principal instrumento será a entrevista semi-estruturada complementada pela técnica da Linha da Vida (para registro cronológico/simbólico da trajetória profissional dos sujeitos), com estudos de casos múltiplos, buscando, através de relatos orais dos sujeitos, as informações sobre sua trajetória profissional e os significados atribuídos à experiência de ser psicólogo.

A amostra será composta por 15 a 20 psicólogos, sorteados a partir de uma lista fornecida pelo Conselho Regional, oriundos de diversos contextos de trabalho, com 5 anos ou mais de formados, que tenham registro profissional da categoria e que desenvolvam suas atividades em Florianópolis, desde que aceitem participar e assinem o TCLE.

Os dados serão rerepresentados aos sujeitos após transcrição das fitas, para validação e, em um segundo momento, durante a apresentação da tese, após análise e categorização, para que confirmem a validação antes da publicação final dos resultados, atendendo, assim, aos preceitos éticos da pesquisa qualitativa.

IV – Comentários do relator frente à Resolução CNS 196/96 e complementares:

O tema tem relevância, uma vez que poderá contribuir no estreitamento da interface entre a Ergonomia e o campo da Psicologia envolvido com as questões do trabalho humano, principalmente em relação ao que se refere aos trabalhadores psicólogos. Espera, ainda, oferecer subsídios para reflexões sobre a formação acadêmica de psicólogos e reformulações curriculares, além de poder auxiliar as ações no campo da orientação profissional para pessoas que pretendem escolher a Psicologia como profissão.

O projeto está muito bem elaborado, com conteúdo adequado, percebendo-se, durante toda a leitura, a preocupação constante da pesquisadora em relação aos cuidados éticos. O protocolo foi apresentado com toda a documentação e informações necessárias para avaliação por este comitê. Questiona-se, apenas, se o cronograma foi reformulado com relação ao início da coleta de dados, uma vez que o item “Ficando no Campo” já estaria ocorrendo a partir de Junho/03, estendendo-se até setembro/03, o que tornaria desnecessária a avaliação por este comitê. Solicita-se, então, uma declaração, assinada pelas pesquisadoras responsável e principal, afirmando, caso seja esta a verdade, que a coleta de dados ainda não foi iniciada; juntamente com as alterações cabíveis no cronograma.

V - Parecer

- Aprovado
- Aprovado “ad referendum”
- Aprovado e encaminhado ao CONEP
- Com pendências**
- Reprovado

VI- Data da Reunião: Florianópolis, 28 de Julho de 2003

Em 25/08/03 as pesquisadoras, responsável e principal, justificaram e atenderam às solicitações feitas por este comitê, permitindo, desta forma, sua aprovação.

V- Parecer

- Aprovado
- Aprovado “ad referendum”**
- Aprovado e encaminhado ao CONEP
- Com pendências
- Reprovado

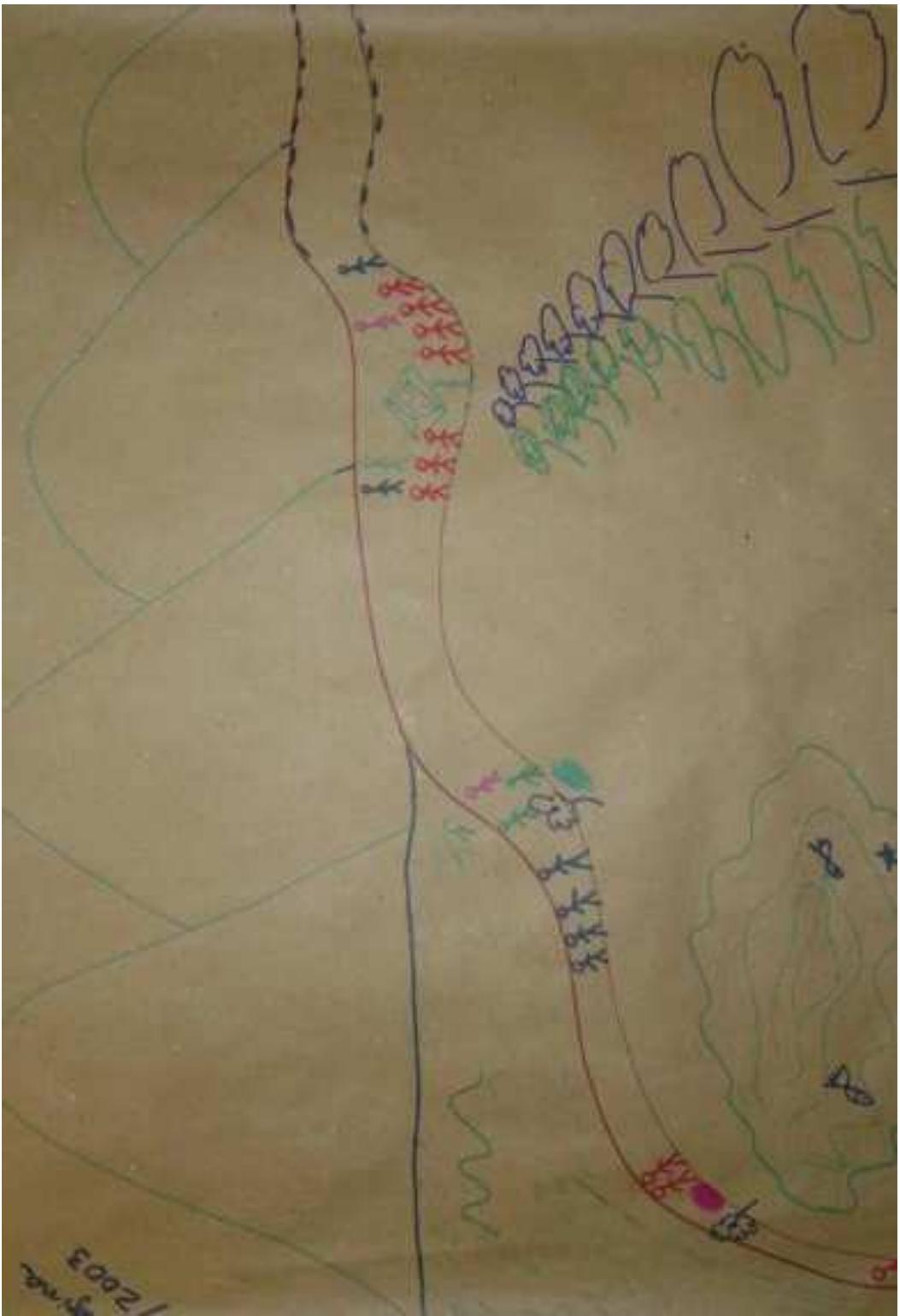
VI- Data da Reunião: Florianópolis, 25 de agosto de 2003

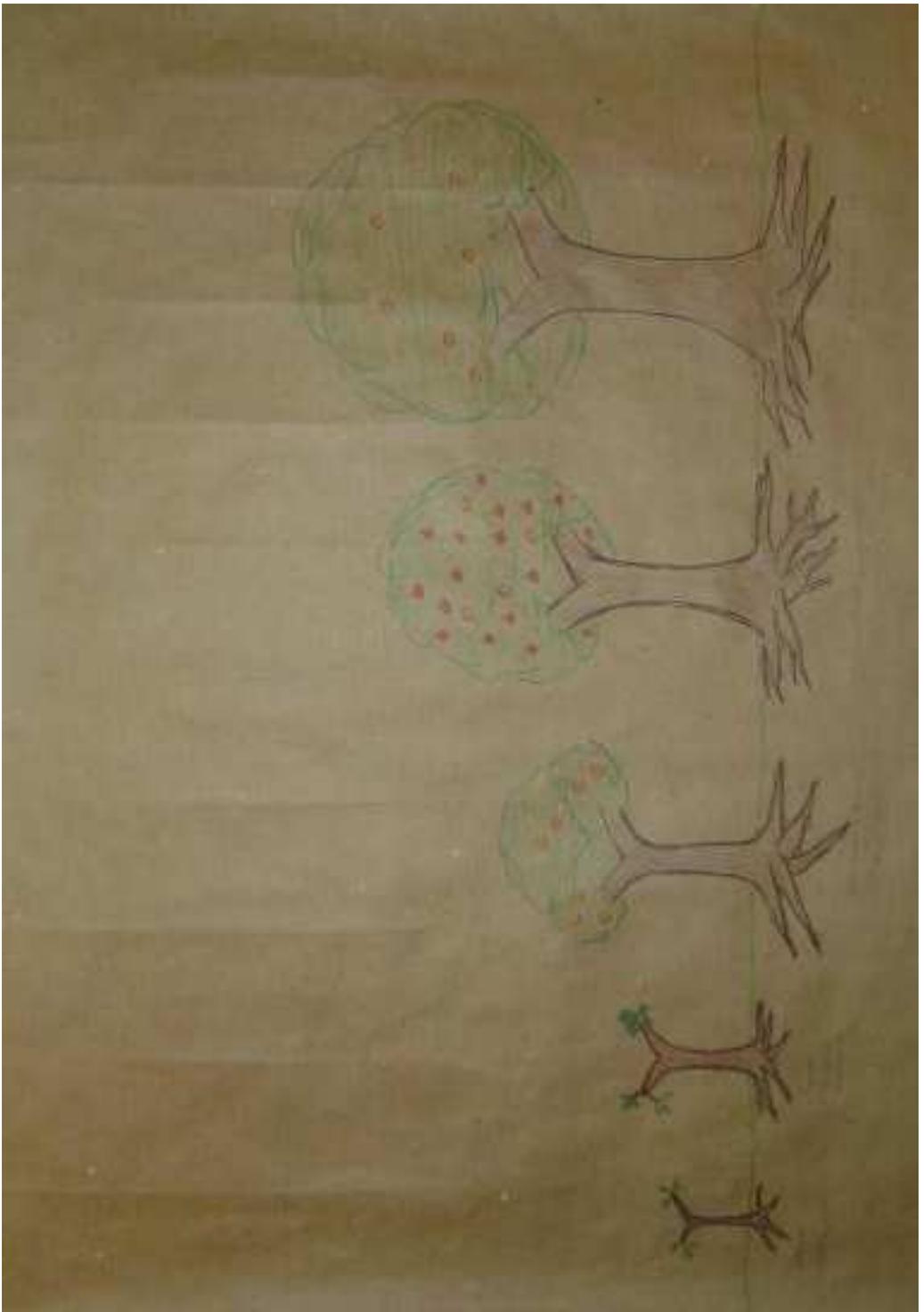
Washington Portela de Souza
Sub-Coordenador do CEPESH

Fonte: CONEP/ANVS – Resoluções 196/96 e 251/97 do CNS.

ANEXO B

REPRESENTAÇÕES GRÁFICAS DA TRAJETÓRIA PROFISSIONAL PRODUZIDAS
POR PSICÓLOGOS DO ESTUDO





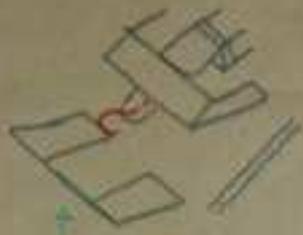
SATH



FLORIPA
Autismo



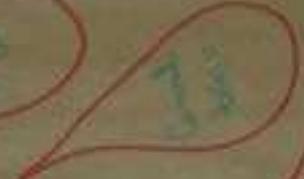
1990-1996
9867-0867

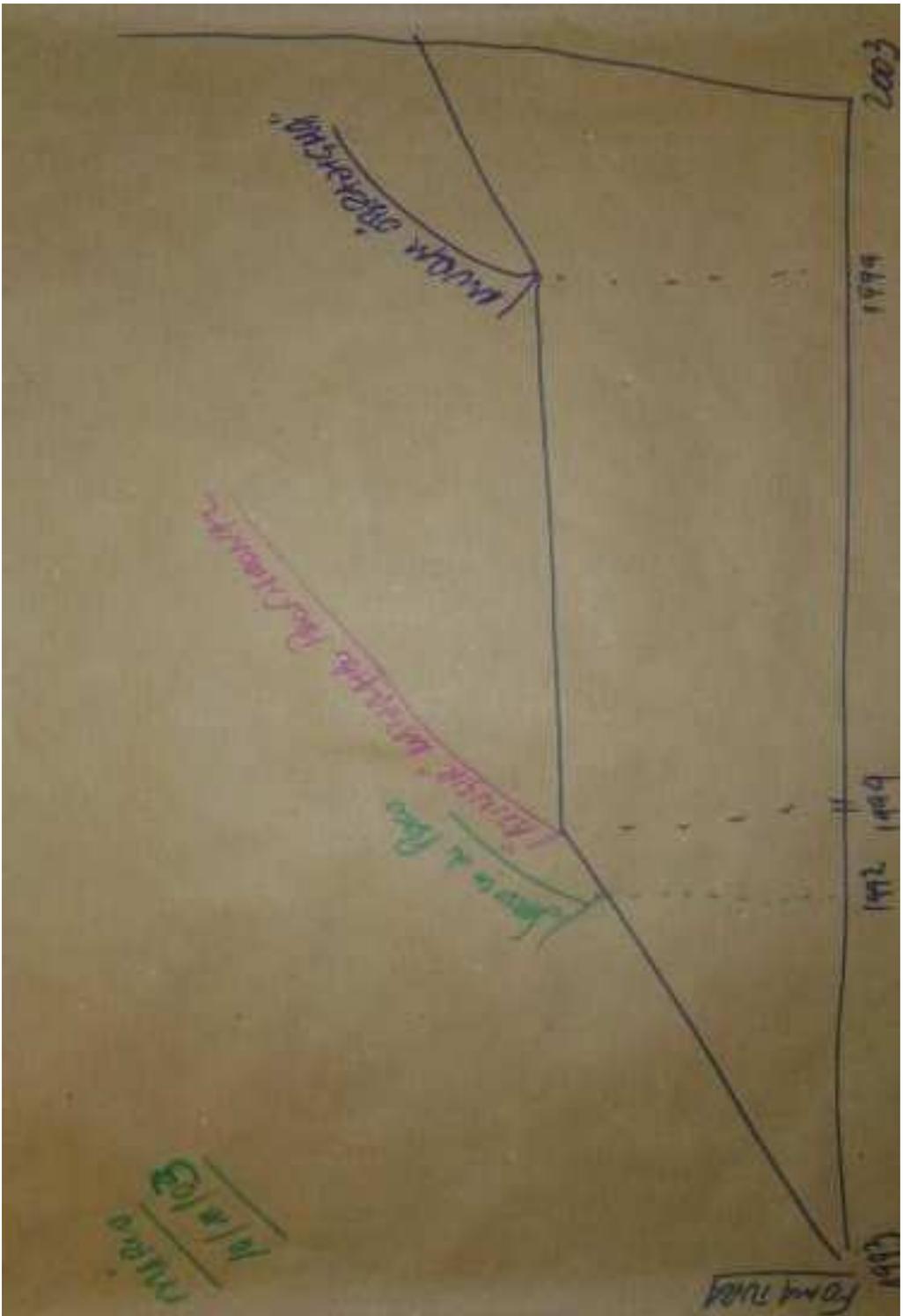


Notas
Mentorias

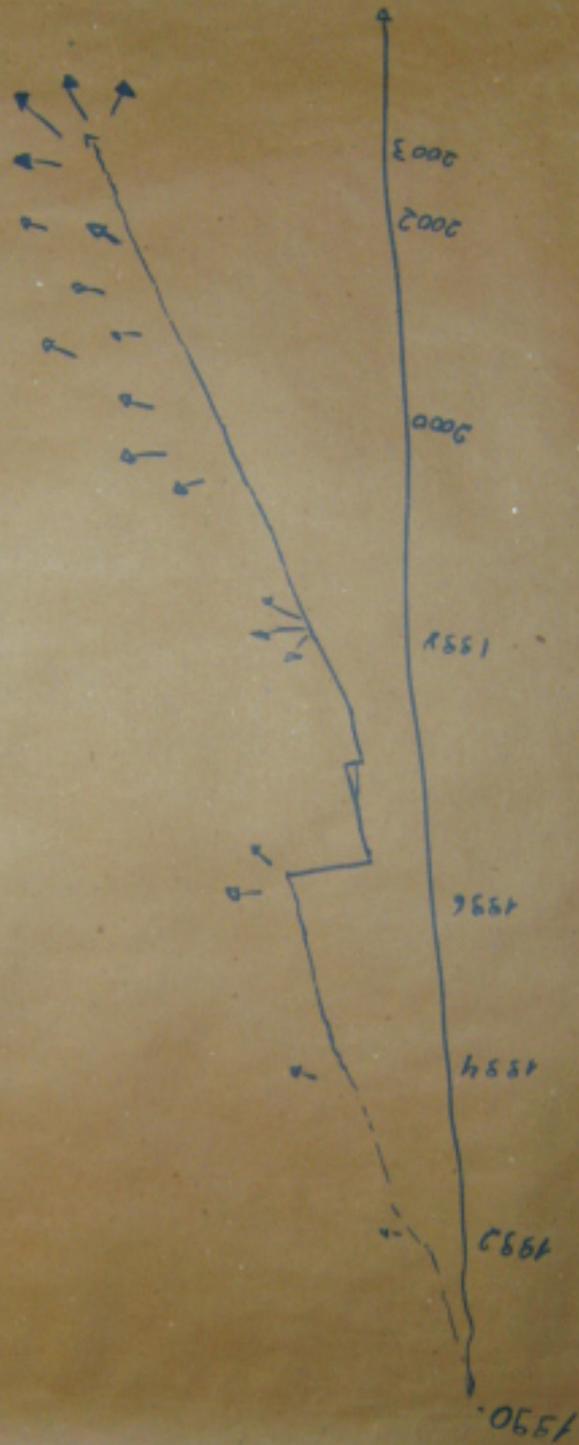


Curriculum
Aprendizaje
Sociedade





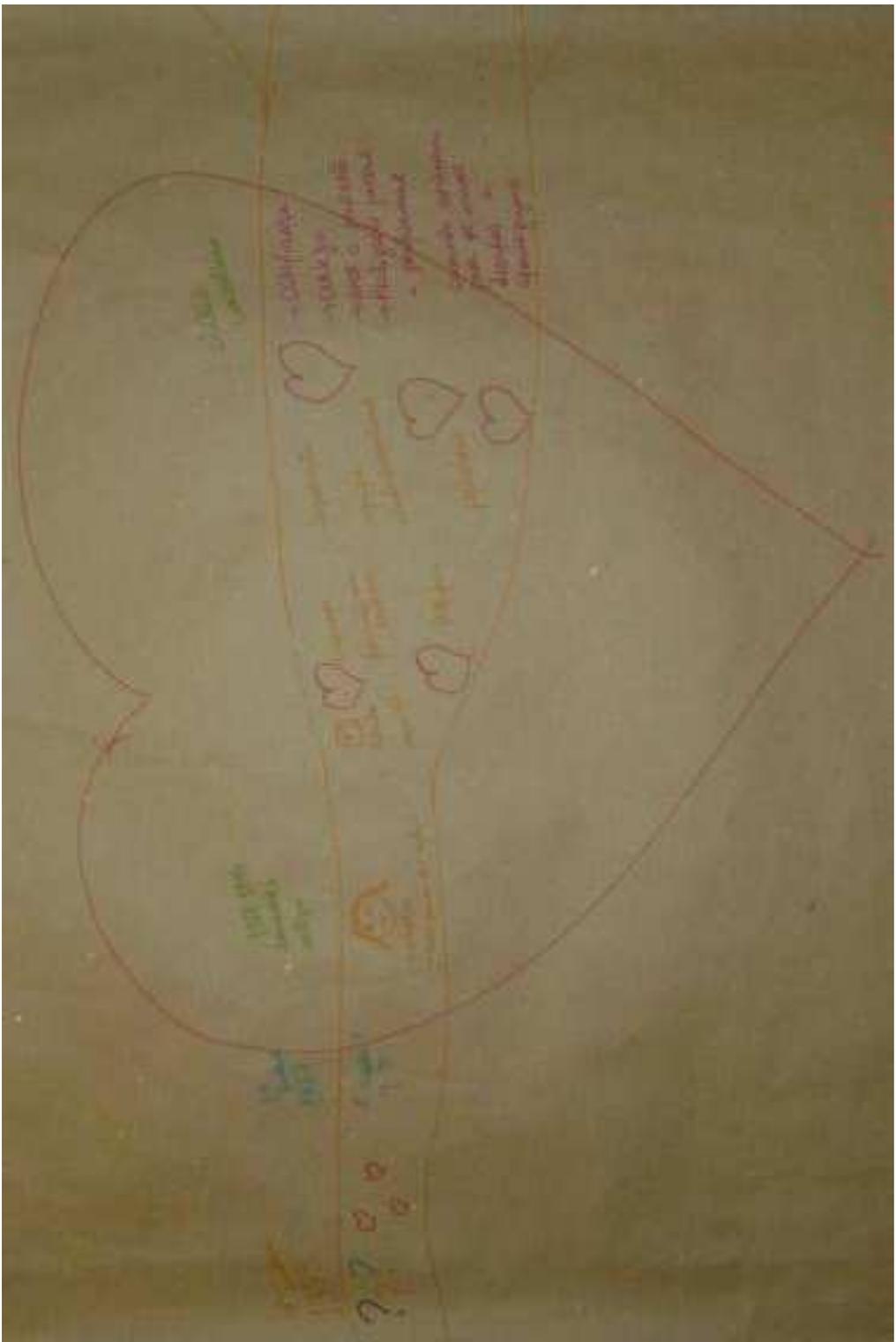
CRISTINA
2012/103



15/12/2003

CARLOS









Nase
20/11/17